**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E
LINGUÍSTICA GERAL**

MARIANA SANTOS DE RESENES

**A SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES SEMICLIVADAS E
PSEUDOCLIVADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

exemplar revisado

**SÃO PAULO
2014**

MARIANA SANTOS DE RESENES

**A SINTAXE DAS CONSTRUÇÕES SEMICLIVADAS E
PSEUDOCCLIVADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Semiótica e Linguística Geral do Departamento de
Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo como requisito
parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão.

exemplar revisado

De acordo: _____
Prof^a. Dr^a. Esmeralda V. Negrão (orientadora)

**São Paulo
2014**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Resenes, Mariana Santos de.

A Sintaxe das Construções Semiclivadas e Pseudoclivadas do Português Brasileiro / Mariana Santos de Resenes; orientadora: Esmeralda Vailati Negrão. - São Paulo, 2014.
290f.

Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2014.

1. semiclivadas. 2. pseudoclivadas. 3. predicação. 4. inversão de predicado.
5. cópula. 6. foco. I. Negrão, Esmeralda Vailati. II. Título.

RESENES, M. S. **A Sintaxe das Construções Semiclivadas e Pseudoclivadas do Português Brasileiro**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovado em: 06/05/2014

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão (presidente)

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcel den Dikken

Graduate Center, City University of New York.

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof. Dr. Carlos Mioto

Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina.

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Evani Viotti

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Esta pesquisa foi apoiada por:

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Processo nº: 08/58233-2.

*As quatro pessoas mais importantes da minha família,
meus pais, minha avó e meu marido,
por tudo o que significam para mim.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha força maior.

Agradeço aos meus pais e à minha avó por serem os meus “anjos-da-guarda”; muito obrigada pela força, compreensão e apoio constantes e, sobretudo, pelo amor imenso e incondicional que me deram e me dão. Pai, mãe, obrigada pelas mudanças, pelo cuidado, pela presença, pelo carinho e pelo grande conforto emocional, entre tantas outras coisas.

Agradeço ao Fi (Felipe), pela resistência à distância, por acreditar em mim, pela paciência, respeito e compreensão enormes em seu companheirismo de muitos anos. Muito obrigada pelos sorrisos, pelos abraços, pelo otimismo e energia boa que sempre me transmitiu, sobretudo quando me faltaram. Obrigada por respeitar e apoiar minhas escolhas e não me deixar esquecer do essencial da vida humana. Obrigada pelo seu amor!

Agradeço à minha querida orientadora, professora Esmeralda Vailati Negrão, por tudo o que me ensinou nos meus anos de USP, pela sua postura ética, engajada e generosa como profissional e pela sua presença humana encantadora. Obrigada, professora, por me acolher tão bem quando “bati à sua porta” pela primeira vez, pela convivência harmoniosa e rica, por tudo o que me ensinou, pelo interesse no meu trabalho, pela leitura cuidadosa desta tese e pelo tratamento profundamente respeitoso e compreensivo que sempre me concedeu (sobretudo na fase final). O seu apoio (inclusive emocional) e as suas atitudes encorajadoras foram absolutamente essenciais para mim. Muito obrigada!

Agradeço ao professor Marcel den Dikken, por me aceitar como sua *visiting student* na CUNY e me proporcionar um estágio tão rico. Quero expressar meu profundo agradecimento pela sua dedicação, atenção e enorme paciência comigo. Muito obrigada por me fazer sentir bem-vinda em NYC, por cada atendimento presencial ou não, durante e após meu estágio na CUNY, pelas questões e sugestões valiosas para o meu trabalho, pelo seu interesse nele, pela parceria de

trabalho que muito me motivou, pela sua preocupação com a minha formação e conquistas acadêmicas. *Dank je wel!* Não tenho como fazer maior justiça a seu papel nesta tese sem repetir as palavras do nosso querido Sibaldo (seu primeiro *brazilian visiting student*): *if there is something right in this thesis, it is certainly due to Marcel.*

Agradecimento especial também faço a quem me iniciou na pesquisa linguística, meu primeiro orientador (de Iniciação Científica e de Mestrado), professor Carlos Miotto. Muito obrigada por tudo o que fez por mim desde então e por me incentivar a fazer o doutorado em São Paulo.

Agradeço também à professora Mary Kato, que desde o meu mestrado acompanha a minha pesquisa, pelo seu interesse, pelas indicações de bibliografia relevante, etc. Agradeço especialmente sua indicação de sanduíche com o prof. Marcel den Dikken e, inclusive, de residência em NYC.

Agradeço aos professores Jairo Nunes e Marcello Modesto, por participarem da minha banca de qualificação, pela leitura atenta e crítica, que me fez “enxergar” muito além.

Agradeço a todos os demais professores do Departamento da USP, em especial ao professor Marcos Lopes e às professoras Evani Viotti e Ana Paula Scher, pelo acolhimento, pelas boas conversas, sugestões e ao Marcos Lopes também pelas caronas!

Agradeço aos tantos amigos que a USP me deu a oportunidade de conhecer e de com eles conviver, como Marcus Lunguinho, Indaiá Bassani, Júlio Barbosa, Rafael Minussi, Lídia Lima, Marcus Avelar, Roberlei Bertucci, Lara Frutos, Renato Lacerda, Vítor Nóbrega, Fernanda Rosa, Fernanda Nogueira, Fernanda Canever, Livia Oushiro, Aline Roderio, Paula Armelim, Ivan Rocha, João Vinícius, Ivanete Nascimento, Eneida Leal, Fátima Almeida, entre tantos outros. Obrigada por todo o tipo de parceria gostosa que tivemos juntos, acadêmicas e não-acadêmicas!

Agradeço especialmente ao Marcus Lunguinho, por ter sido o meu “braço-direito” nos anos em que ambos morávamos em São Paulo, muito obrigada por tudo Marquinhos; ao meu querido Marcus Avelar, por ter sido tão maravilhoso comigo no tempo em que morei em NYC; à minha

querida Lídia, pela imensa ajuda e apoio que me deu em momentos delicados e cruciais; à minha linda amiga Inda, pela amizade madura, generosa, pelo carinho e preocupação tão especiais nos momentos da escrita final desta tese; aos queridos Rafa, Vitor e Júlio, por me acolherem tão bem em suas casas em algumas idas a São Paulo; Rafa, obrigada pelo seu exemplo!

Agradeço aos funcionários do Departamento de Linguística da USP, Érica, Ben Hur e Robson, por toda a ajuda com inúmeras questões, dúvidas e pela paciência comigo.

Agradeço também a outros amigos especiais fora da USP, como Sabrina Casagrande, a minha “veterana”, pelas várias ajudas (sobretudo com relação à Fapesp); ao Carlos Felipe Pinto, pela leitura atenta de parte do meu trabalho; ao Marcelo Sibaldo, pelo compartilhamento de materiais, informes sobre o sanduíche e pela motivação alegre que transmite; à querida Ana Kelly, Letícia Gritti e Denise Martins pelo apoio e força em momentos especiais e à Nara Juscely, pela acolhida carinhosa. Agradeço aos meus vizinhos mineiros em Sampa, Débora e Leandro Bueno que, mais do que vizinhos, foram e são amigos muito queridos. Sou profundamente grata também ao casal Roberto Antonelli e Hulda, que me acolheram como uma filha em São Paulo (adoro vocês!)

Agradeço também às lindas amigadas que a minha nova residência me proporcionou construir ou reconstruir: Naiana Bernardi, Carla Reinki, Letícia Costa, Gabriela, Mariana e Rose Nascimento. Agradeço, ainda, à Josi Formighieri, ao Rodrigo Riefel (e nosso grupo de Pathwork), à Cibeles e à Giu (do Projeto Amanhecer), pelo auxílio extremamente humano, revigorante e reconfortante que me concederam - sou extremamente grata a todos vocês.

Agradeço às minhas “irmãs-de-alma”, Júlia Orié Yamamoto e Rachel Leal, por elas serem, cada uma a seu modo, pessoas iluminadas, que enriquecem muito a minha vida e alegram o meu espírito sempre! Lindas, sou muito grata por nossas vidas terem se cruzado de modo tão significativo! Obrigada por tudo, por cada palavra, cada gesto, cada momento compartilhado ou em sintonia!

Por fim, agradeço a toda a minha família, a biológica e aquela “de coração” (a família do Fi, que também considero como minha), pelo apoio, carinho, força, compreensão e respeito. Obrigado

especial aos meus queridos sogros, que me querem e que eu quero tão bem; obrigada seu Benício (*in memoriam*) pelo acolhimento, pelos abraços e pela felicidade compartilhada no cumprimento do meu trabalho - gratidão e amor!

RESUMO

RESENES, M. S. **A Sintaxe das Construções Semiclivadas e Pseudoclivadas do Português Brasileiro**. 290f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Esta tese tem por objetivo descrever e analisar, com base na Teoria Gerativa, as construções semiclivadas e pseudoclivadas no português brasileiro. Reconhecemos, para ambas as construções, a necessidade de uma análise dual, que identifica dois tipos. Quanto às semiclivadas, um tipo (e este é o grande grupo) recebe uma análise monoracional e independente das pseudoclivadas, são as chamadas semiclivadas verdadeiras, e o outro, bem delimitado e restrito, recebe uma análise bioracional, como uma versão reduzida das pseudoclivadas. Em nossa proposta de uma análise monoracional para a sintaxe das semiclivadas verdadeiras, a cópula, que imediatamente precede o foco, é a realização de uma categoria funcional envolvida no estabelecimento de relações de predicação, um RELATOR ou LINKER, seguindo a sintaxe da predicação desenvolvida em Den Dikken (2006a). Explorando a aplicação de Inversão de Predicado, com suas implicações, como a emergência de uma cópula, o congelamento do sujeito da predicação (que fica *in situ*) para manipulações sintáticas, e que recebe, invariavelmente, a interpretação de foco nas interfaces, alargamos o tratamento conferido à sintaxe da predicação, tratando inclusive a relação ‘objeto de’ como uma relação essencialmente predicacional. Por sua vez, quanto às pseudoclivadas, os dois tipos reconhecidos recebem ambos análises bioracionais (contra análises monoracionais e de reconstrução). A proposta de uma análise dual para as pseudoclivadas, em tipo A e tipo B, na esteira de Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000), se fundamenta na heterogeneidade dos dados em nossa língua - sobretudo com relação às diferenças entre os dois padrões dessas construções (com oração-wh inicial e final) e ao tipo de oração-wh que pode ocorrer em cada qual (interrogativa ou relativa livre) - que resistem a um tratamento único, inteiramente homogêneo. Essa análise dual tem alcance interlinguístico, parcial ou total, de acordo com as características das línguas. Procuramos mostrar como orações-wh diferentes estão relacionadas a padrões diferentes de pseudoclivadas, cada qual com uma estrutura sintática particular, bem como algumas decorrências que delas surgem e que contrastam entre si, conforme

previsto. Mostramos, ainda, dentre os polêmicos efeitos de conectividade que as pseudoclivadas podem exibir, quais merecem tratamento sintático e quais não. Conectividades envolvendo anáfora e pronomes ligados são melhor tratadas sob uma perspectiva semântica, haja vista sua ocorrência mesmo em copulares especificacionais não-clivadas, independentemente da ordem entre os termos pré e pós-cópula, e para as quais mesmo um tratamento via reconstrução (última chance de um tratamento ainda sintático) é, às vezes, impossível. Crucialmente, as conectividades envolvendo IPN (itens de polaridade negativa) e Caso são as distintivas para a análise das pseudoclivadas em dois tipos. As pseudoclivadas do tipo A recebem uma análise bioracional com elipse, na qual a oração-wh é uma interrogativa e o contrapeso, uma resposta sentencial completa para essa pergunta, sujeita à elipse preferencial do material repetido. Assim, em analogia aos *question-answer pairs*, essas pseudoclivadas são chamadas de *self-answering questions*, com uma estrutura ‘tópico-comentário’, cuja ordem é rígida, resultando somente no padrão com oração-wh inicial (pergunta<resposta). Já as pseudoclivadas do tipo B, por sua vez, têm uma estrutura predicacional como base, uma *small clause*. Elas recebem uma análise também bioracional, mas do tipo WYSIWYG (*what you see is what you get*), em que a oração-wh, aqui uma relativa livre, é o predicado, e o XP, seu sujeito, necessariamente o foco da sentença. A relativa livre, na qualidade de um predicado nominal, está sujeita à Inversão de Predicado; consequentemente, a ordem das pseudoclivadas do tipo B é mais flexível, produzindo tanto o padrão com oração-wh inicial, quanto final. Por fim, resgatamos o segundo tipo de semiclivadas, o pequeno grupo restrito que é uma versão reduzida das pseudoclivadas, como evidenciado pelos fatos relativos à concordância do verbo lexical. A ocorrência dessas semiclivadas é limitada às semiclivadas de sujeito. Em face de dois tipos de pseudoclivadas, mostramos que somente as do tipo A permitem ‘redução’. Colaboram para isso a rigidez na ordem, característica das semiclivadas e apenas das pseudoclivadas do tipo A, e a possibilidade de omissão do pronome wh (‘wh-drop’), possível em interrogativas (como uma opção disponível na Gramática Universal), mas nunca em relativas livres. Sendo essas pseudoclivadas reduzidas restritas às de sujeito, seu wh nulo (ocorrência de ‘wh-drop’) é reanalisado como pro_{wh} nas línguas românicas que dispõem dessas construções.

Palavras chave: semiclivadas, pseudoclivadas, predicação, inversão de predicado, cópula, foco.

ABSTRACT

RESENES, M. S. **The Syntax of Semiclefts and Pseudoclefts Constructions in Brazilian Portuguese**. 290f. Doctoral Dissertation. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

This dissertation aims to describe and analyse semiclefts and pseudoclefts constructions in Brazilian Portuguese, with the background of Generative Theory. Given the heterogeneity of the facts analysed, we propose an approach that divides both constructions in two types. Regarding the semiclefts, one type (and this is the big group) receives a monoclausal analysis, independent of pseudoclefts, which are called true semiclefts, whereas the other, well delimited and restricted, receives a biclausal analysis, as a reduced version of pseudoclefts. In our proposal of a monoclausal analysis to the syntax of true semiclefts, the copula, which immediately precedes the focus, is the spell out of a functional category involved in the establishment of predication relations, either a RELATOR or a LINKER, following the syntax of predication developed in Den Dikken (2006a). Exploring the application of Predicate Inversion, with its implications, such as the emergence of a copula, the freezing of the subject of predication to syntactic manipulations which stays *in situ* and receives, invariably, the focus interpretation at the interfaces, we enlarge the approach given to the syntax of predication, treating also the ‘object of’ relation as an essentially predication relation. As for the pseudoclefts, the two types recognized receive both a biclausal analysis (*contra* monoclausal and reconstruction analyses). The proposal of a dual analysis to pseudoclefts, in type A and type B, *a la* Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000), is based on the heterogeneity of the data in our language - especially regarding the differences attested between the two patterns of these constructions (with *wh*-clause initial or final) and regarding the type of *wh*-clause that can occur in each of them (an interrogative or a free relative) - data that resist a single fully homogeneous treatment. This dual analysis has crosslinguistic (partial or total) scope, according to the characteristics of the languages. We tried to show how different *wh*-clauses are related to different patterns of pseudoclefts, each of them with its particular syntactic structure, as well as some consequences that they give rise to and that contrast with each other, as predicted. We also claim that, among the polemic connectivity effects that

pseudoclefts can have, some deserve a syntactic account, whereas others do not. Connectivity effects related to anaphors and bound pronouns are better accounted for by a semantic account, given their occurrence even in simple (non-cleft) specificational copular sentences, regardless of the order between the pre and postcopular terms, and for which even an analysis via reconstruction (last chance to still have a syntactic treatment) is sometimes impossible. Crucially, connectivity effects related to NPI (negative polarity items) and Case are the relevant ones to distinguish the pseudoclefts in two types. Type A pseudoclefts receive a biclausal analysis with ellipsis, in which the *wh*-clause is an interrogative and the counterweight is a full sentence, the complete answer to the question, subject to (strongly favoured) ellipsis of the repeated part. In analogy to the *question-answer pairs*, these pseudoclefts are called *self-answering questions*, with a ‘topic-comment’ structure, whose order is rigid, resulting only in the *wh*-clause-initial pattern (question<answer). On the other hand, type B pseudoclefts are based on a predication structure, a *small clause*. They also receive a biclausal analysis, but one of the WYSIWYG (*what you see is what you get*) kind, in which the *wh*-clause, here a free relative, is the predicate, and the XP, its subject, necessarily the focus of the sentence. The free relative, as a predicate nominal, is subject to Predicate Inversion; consequently, the order of type B pseudoclefts is more flexible, resulting in both patterns, *wh*-clause-initial or final. Finally, we go back to semiclefts, more specifically, to its the second type, the limited group that is a reduced version of pseudoclefts, as indicated by the facts related to the agreement in the lexical verb. The occurrence of such semiclefts is restricted to the subject semiclefts. In face of two types of pseudoclefts, we show that only type A allow ‘reduction’. Factors that contribute to this are the rigid order, characteristic of semiclefts and only of type A pseudoclefts, and the possibility of omission of the *wh* pronoun (‘*wh*-drop’), possible in interrogatives (as an available option in Universal Grammar), but never in free relatives. Since these reduced pseudoclefts are limited to the subject ones, their null *wh* (an instance of ‘*wh*-drop’) is reanalysed as a *pro*_{wh} in the romance languages that have these constructions.

Keywords: semiclefts, pseudoclefts, predication, predicate inversion, copula, focus.

*Vivendo, se aprende;
mas o que se aprende, mais,
é só a fazer outras maiores perguntas.*

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

*A expressão vocabular humana não sabe ainda
e provavelmente não o saberá nunca,
conhecer, reconhecer e comunicar
tudo quanto é humanamente experimentável e sensível.*

(José Saramago, *A caverna*)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
-------------------	----

CAPÍTULO I - CONSTRUÇÕES SEMICLIVADAS

1.1 Introdução	21
1.2 Descrição: comparação com as pseudoclivadas	22
1.3 Análises prévias	29
1.3.1 Costa & Duarte (2001)	29
1.3.2 Mito (2008)	32
1.3.3 Kato (2010b)	34
1.3.4 Bosque (1999)	38
1.3.5 Camacho (2006)	39
1.3.6 Mendez-Vallejo (2012)	44
1.4 Nossa análise	45
1.4.1 A sintaxe da predicação	46
1.4.2 O papel dominante da predicação na sintaxe	55
1.4.3 A sintaxe monoracional das semiclivadas	60
1.4.3.1 Semiclivadas com foco no modificador de VP: modificação como predicação	61
1.4.3.2 Semiclivadas com foco no objeto: A sintaxe predicacional da relação ‘objeto de’	66
1.4.3.3 Semiclivadas com predicados secundários	69
1.4.3.4 Semiclivadas com foco no sujeito : concordância de traços-phi e restrições de transitividade	80
1.4.3.4.1 Concordância de traços-phi	81
1.4.3.4.2 Restrições de transitividade	87
1.5 Considerações Finais	92
1.6 Resumo do Capítulo	102

CAPÍTULO II – CONSTRUÇÕES PSEUDOCATIVADAS

2.1 Introdução	104
2.2 O que é e o que não é pseudocativada	107
2.3 Pseudocativadas e a conectividade	113
2.4 Análises	118
2.4.1 Primeiras análises	118
2.4.1.1 Análises transformacionais	119
2.4.1.1.1 Análises de apagamento	119
2.4.1.1.2 Análises de extração	120
2.4.1.2 Análises de ‘geração na base’	121
2.4.2 Análises posteriores	131
2.4.2.1 Análises bioracionais	131
2.4.2.1.1 WYSIWYG	131
2.4.2.1.2 com elipse	133
2.4.2.2 Análises monoracionais	136
2.4.2.2.1 via <i>it-clefts</i>	136
2.4.2.2.2 via cópia parcial	139
2.4.2.2.3 via ‘XP-complexo’	143
2.4.2.3 Análises de reconstrução	151
2.4.2.3.1 Movimento em LF	151
2.4.2.3.1 Redução- <i>t</i> pós-LF	158
2.5 Pseudocativadas: padrões distintos e orações-wh distintas	168
2.6 Nossa análise	178
2.6.1 Pseudocativadas do tipo A	179
2.6.2 Pseudocativadas do tipo B	200
2.7 Considerações Finais	228
2.8 Resumo do Capítulo	237

CAPÍTULO III – PSEUDOCATIVADAS REDUZIDAS

3.1 Introdução	241
3.2 Concordância de traços-phi em semicativadas de sujeito revisitada: o quadro completo	242
3.3 Nem toda pseudocativada pode ser reduzida	253
3.4 Sobre a restrição de ‘wh-drop’ como pro_{wh}	258
3.5 Resumo do Capítulo	270

CONSIDERAÇÕES FINAIS	273
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	278
---	------------

INTRODUÇÃO

O objetivo desta tese é propor uma análise sintática para as construções semiclivadas e pseudoclivadas no português brasileiro (PB), dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa. Essas construções pertencem à família das clivadas, sentenças designadas para focalizar, que deixam explícita a divisão entre foco (informação nova ou não-pressuposta) e pressuposição (focal) ou informação compartilhada (o *background*). Para tal, elas empregam elementos que colaboram para formar um “arranjo sintático” em prol da focalização de um constituinte específico: esses elementos são a cópula nas semiclivadas, como em (1), e a cópula e um pronome *wh* nas pseudoclivadas, como em (2):

- (1) O João comprou foi um carro.
- (2) O que o João comprou foi um carro.

A pesquisa sobre essas sentenças no PB se justifica uma vez que não há consenso sobre a sintaxe dessas construções, tampouco houve uma análise capaz de dar conta do conjunto de propriedades que elas apresentam, da heterogeneidade dos dados e dos contextos em que podem figurar. Em geral, nos trabalhos sobre o PB (com pouquíssimas exceções), essas sentenças são tratadas como uma parte das construções de focalização e não como o objeto central do trabalho, daí a carência de estudos que aprofundem sua investigação nessa língua.¹

Apoiando-nos na Teoria Gerativa, pretendemos averiguar como os dados do PB podem contribuir para o debate acerca dessas construções a fim de entendermos que mecanismos sintáticos são utilizados pela gramática das línguas para construir sentenças semiclivadas e

¹ Para mostrar como o tema é polêmico e complexo, reproduzimos um trecho que corresponde ao parágrafo final de um dos trabalhos de Ross (Ross 2004), autor que se dedicou por várias décadas às sentenças pseudoclivadas. *While some of the conclusions about pseudoclefts that I have advanced would seem to me to have a strongish claim to validity (especially the bisentential analysis [...]), I am considerably less sanguine about anything that I have said about clefts. I have been messing about with (pseudo)clefts for far too long now, I would have thought, to remain as much in the dark as I still am. But that is well and truly where I in fact am, which I take as a kindly hint from the universe to the effect that I should be a lot more cautious about anything that I try to say emphatically.* Apesar de não perdemos de vista essa cautela, esperamos que a presente tese possa contribuir para o entendimento da sintaxe dessas construções.

pseudoclivadas e, mais especificamente, qual é a análise compatível com os dados do PB, em sua heterogeneidade, que dê conta das propriedades dessas sentenças e dos fenômenos que elas envolvem nessa língua em particular, sem perder de vista seu potencial alcance interlinguístico. Será base essencial para o desenvolvimento de nossa análise (ao longo de toda a tese) a sintaxe da predicação desenvolvida em Den Dikken (2006a), que destaca o papel das cópulas no estabelecimento das relações de predicação (com enfoque especial para os casos de Inversão de Predicado) e que toma tais relações como assimétricas.

Esta tese está organizada em três capítulos. O capítulo 1 é dedicado às construções semiclivadas (ex. (1)). Apresentamos, primeiramente, uma descrição dessas construções, com ênfase em seus contrastes com as pseudoclivadas (ex. (2)). Em seguida, esboçamos algumas análises já propostas na literatura para as semiclivadas, com sua revisão crítica. Defendemos que a grande maioria das semiclivadas necessariamente não pode ser derivada das pseudoclivadas, mas que há um pequeno grupo de semiclivadas que necessariamente é derivado das pseudoclivadas (este grupo será tratado no último capítulo da tese). Por fim, apresentamos nossa análise para o grande grupo, as semiclivadas monoracionais (cuja análise independe das pseudoclivadas) e que serão chamadas nesta tese de ‘verdadeiras (ou reais) semiclivadas’. Propomos para elas uma análise monoracional que faz uso crucial de uma nova proposta para a sintaxe da relação ‘ser objeto de’, tratada como predicação. Assim, procuramos mostrar como a existência das semiclivadas oferece uma nova perspectiva para a sintaxe da predicação, alargando, ainda mais, o tratamento conferido em Den Dikken (2006a).

O capítulo 2, por sua vez, é dedicado às construções pseudoclivadas. Primeiramente, delimitamos o que é e o que não é uma sentença pseudoclivada, apesar de, por vezes, haver aparente semelhança. Em seguida, discorremos sobre os efeitos de conectividade que elas exibem. Apresentamos os principais tipos de análise que receberam na literatura, com sua revisão crítica. Posteriormente, mostramos como os dados de pseudoclivadas em nossa língua resistem a um tratamento homogêneo. Essa heterogeneidade nos dados é forte base para a falta de consenso sobre a sintaxe dessas construções, com especial destaque para o estatuto de sua oração-wh e para as diferenças entre os seus padrões (com oração-wh inicial ou final) que, a nosso ver, revelam diferenças estruturais bastante significativas, até então não (ou pouco) exploradas no PB. Mostramos, ainda, dentre os efeitos de conectividade que as pseudoclivadas podem exibir, quais merecem tratamento sintático e quais não. Na sequência, apresentamos o tratamento que

propomos para essas construções, que explora dois tipos (ou grupos) de pseudoclivadas, o A e o B, ambos bioracionais. Mostramos fatos decorrentes previstos pela estrutura de cada tipo, e, por fim, fazemos menções a outras línguas, para as quais análise similar, total ou parcial, já foi (ou pode ser) defendida. Resgatamos, ainda, aquelas sequências superficialmente ambíguas, apresentadas inicialmente, a fim de confrontar suas sintaxes com as das pseudoclivadas e realçar suas diferenças.

Por fim, o capítulo 3 é dedicado ao pequeno grupo de semiclivadas que são, na verdade, pseudoclivadas reduzidas, diferenciando-o das verdadeiras semiclivadas, as monoracionais (discutidas no capítulo 1) - diferença motivada pelos fatos relativos à concordância do verbo lexical. Delimitamos o subgrupo de pseudoclivadas reduzidas a semiclivadas de sujeito. Na discussão acerca da distinção entre os dois tipos de semiclivadas, fazemos algumas considerações sobre o EPP, questionando seu atrelamento absoluto a um traço-D. Tendo em vista que as pseudoclivadas são construções bioracionais (conforme defendido no capítulo 2), as (semiclivadas que são) pseudoclivadas reduzidas igualmente o são. Além disso, em face de dois tipos de pseudoclivadas no PB, mostramos que tal redução só pode ser aplicada a um dos tipos, isto é, a uma estrutura específica e por quê. Em seguida, uma vez que essas pseudoclivadas reduzidas estão restritas àquelas com foco no sujeito, sua análise contém uma instância de *wh* nulo ('*wh-drop*', que ocorre em sentenças interrogativas em algumas línguas) reanalisado como *pro_{wh}* nas línguas românicas que dispõem de semiclivadas/pseudoclivadas reduzidas, a fim de dar conta da aparente ausência de um pronome (*wh*) nessas construções. Mostramos também como esse *pro_{wh}* é licenciado nas construções em questão. Por fim, chamamos a atenção para a distribuição interlinguística das semiclivadas, tanto as monoracionais quanto as bioracionais (pseudoclivadas reduzidas), negligenciada na literatura relevante, para o que apontamos algumas, ainda que poucas, considerações.²

² Uma nota sobre as referências: as referências porventura mencionadas em nota de rodapé, no decorrer dos capítulos, são de trabalhos apontados em outros, estes sim utilizados (citados direta ou indiretamente) por nós aqui. Somente as referências desses de que nos apropriamos, de fato, para o desenvolvimento desta tese, estão listadas na seção final referente às referências bibliográficas. Aquelas que aparecem na parte relevante de obras de que fazemos uso são, então, mencionadas em nota apenas para conhecimento pleno de possíveis leitores interessados.

CAPÍTULO I

CONSTRUÇÕES SEMICLIVADAS

1.1 Introdução

Abrimos a presente tese com as construções conhecidas na literatura como *semiclivadas*, subtipo das construções largamente conhecidas como *clivadas*. A discussão em torno das *semiclivadas* tratará, diretamente, da análise sintática das próprias, bem como da que envolve a *pseudoclivagem*, haja vista o debate que há envolvendo ambas as construções, *semiclivadas*, como exemplificado em (1a), e *pseudoclivadas*, em (1b):

- (1) a. O João comprou foi um carro.
- b. O que o João comprou foi um carro.
- c. O João comprou um carro.

As *semiclivadas* (ex. (1a)), são linearmente idênticas às *pseudoclivadas* (ex. (1b)), exceto pela ausência do elemento *wh*, e idênticas às sentenças simples (ex. (1c)), exceto pela presença da cópula. Essas construções são atestadas tanto em português brasileiro (PB), português europeu (PE), quanto em espanhol caribenho (espanhol falado na Venezuela, Equador, Panamá, Colômbia e República Dominicana). A discussão em torno das *semiclivadas* é saber se elas são uma versão reduzida das *pseudoclivadas* (1b) ou se se assemelham a uma estrutura simples (1c), recebendo portanto uma análise monoracional e, nesse caso, independente das *pseudoclivadas* (que são estruturas bioracionais). Dentre os autores que trataram do tema destacam-se Wheeler (1982), Toribio (1992, 2002), Bosque (1999), Costa & Duarte (2001), Camacho (2006), Kato (1996, 2010b), Mioto (2006a,b, 2008), Resenes (2009), Mendez Vallejo (2012), Kato & Mioto (2012) e Resenes & Den Dikken (2012). Desses, apenas Wheeler (1982), Toribio (1992, 2002), Kato (1996) e Costa & Duarte (2001) derivam as *semiclivadas* das *pseudoclivadas*; os demais as tratam

independentemente.³

Nosso objetivo aqui, entretanto, é mostrar que (i) a grande maioria das semiclivadas necessariamente não pode ser derivada das pseudoclivadas e (ii) há um pequeno grupo de semiclivadas que necessariamente é derivado das pseudoclivadas. Para os casos em (i), propomos uma análise monoracional que faz uso crucial de uma nova proposta para a sintaxe da relação ‘ser objeto de’, tratada como predicação. A sintaxe mais geral da predicação que nos serve de base é aquela desenvolvida em Den Dikken (2006a), que destaca o papel das cópulas no estabelecimento das relações de predicação (com enfoque especial para os casos de inversão de predicado) e que toma tais relações como assimétricas.

Organizamos este capítulo da seguinte forma: primeiramente, apresentamos uma descrição das construções semiclivadas, com ênfase em seus contrastes com as pseudoclivadas; em seguida, esboçamos algumas análises já propostas na literatura para elas, com sua revisão crítica; por fim, apresentamos nossa análise para as semiclivadas mencionadas em (i), aquelas cuja análise independente das pseudoclivadas e que chamaremos, nesta tese, de ‘verdadeiras (ou reais) semiclivadas’. O pequeno grupo de semiclivadas mencionados em (ii), que são, na verdade, ‘pseudoclivadas reduzidas’, será tratado no último capítulo da tese.

1.2 Descrição: comparação com as pseudoclivadas

Antes de mostrarmos as diferenças entre semiclivadas e pseudoclivadas, expomos primeiramente duas propriedades em comum bastante salientes. É sabido que tanto as semiclivadas quanto as pseudoclivadas não são sentenças neutras, mas construções especializadas para focalizar sintaticamente constituintes. Ambas as construções se aproximam por só permitirem uma leitura especificacional, como atestado pelos dados em (2):

- (2) a. O que o João quer ser é chique. (ambígua: pseudoclivada = ✓especif.; *predic.)
 b. O João quer ser é chique. (✓especificacional, *predicacional)

³ Com ressalva feita apenas a Resenes & Den Dikken (2012), que tratam dos dois casos (conforme será esclarecido adiante), embora a grande maioria das semiclivadas receba uma análise monoracional, portanto, não relacionada às pseudoclivadas.

(2a) é ambígua entre ser uma pseudoclivada (sempre especificacional) ou uma simples copular predicacional. Nunca é demais lembrar que nas sentenças copulares predicacionais, como em uma das interpretações de (2) ou em (3a) abaixo (em que não há ambiguidade), não há clivagem alguma, em claro contraste com a pseudoclivada (igualmente não-ambígua, apenas especificacional) em (3b):

- (3) a. Quem beijou a Maria foi esperto.
b. Quem beijou a Maria foi o João.

Enquanto em (3a), *esperto* é apenas uma propriedade que se aplica ao indivíduo identificado pela oração *quem beijou a Maria*, em (3b), *o João* é a própria identificação de *quem beijou a Maria*, é o constituinte que foi “clivado”.⁴

A segunda semelhança entre semiclivadas e pseudoclivadas é que em ambas as construções há harmonia temporal entre o tempo expresso no verbo lexical e na cópula, como mostram os exemplos em (4):

- (4) a. O que o João quer comprar é/*foi um carro.
b. O João quer comprar é/*foi um carro.

Passamos, agora, a examinar as diferenças entre semiclivadas e pseudoclivadas.⁵

(i) tipo de foco

Considere o contexto pergunta-resposta em (5):

- (5) a. O que o João comeu?

⁴ Para explorar a ambiguidade de sequências como (2a), que pode ser tanto uma pseudoclivada especificacional como uma simples copular predicacional, ver Higgins (1973) ou ainda Resenes (2009), que trabalha no PB muitas das diferenças mostradas por aquele autor.

⁵ As diferenças apontadas de (i) a (v) foram observadas por Bosque (1999) para o espanhol caribenho. Ilustramos aqui com dados do PB.

- b. #O João comeu PÃO.⁶
- c. #O João comeu foi pão.
- d. O que o João comeu foi pão.

Das alternativas em (5), só a pseudoclivada em (5d) serve para responder à pergunta wh em (5a), visto que pode veicular um simples foco de informação, como requerido. Por outro lado, o foco da semiclivada em (5c), é necessariamente contrastivo e, portanto, inadequado para responder à pergunta wh.

(ii) variação na ordem

Enquanto nas pseudoclivadas, o foco tanto pode estar em posição final, pós-cópula (6a), quanto em posição inicial, pré-cópula (7a), ou ainda, em segunda posição, seguindo imediatamente a cópula (8a), nas semiclivadas, ele sempre está em posição final, pós-cópula (6b), as demais opções, (7b) e (8b), são agramaticais:

- (6) a. O que o João comprou foi um livro.
b. O João comprou foi um livro.
- (7) a. Um livro foi o que João comprou.
b. *Um livro foi o João comprou.
- (8) a. Foi um livro o que o João comprou.
b.*Foi um livro o João comprou.

(iii) focalização de VP com proverbo

Não há possibilidade de focalizar o VP nas semiclivadas com proverbo (*fazer*), como mostra a agramaticalidade de (9b), em claro contraste com a possibilidade na pseudoclivada, em (9a):

⁶ As letras maiúsculas na sentença simples em (5b) indicam foco contrastivo.

- (9) a. O que o João fez foi cantar.
b. *O João fez foi cantar.

(iv) construções superlativas

Pseudoclivadas, como (10a), são capazes de apresentar tanto uma leitura superlativa (...*gosta mais do que tudo*), quanto uma comparativa (...*gosta mais do que x*). Caso o advérbio anteceda o verbo, como em (10b), a leitura superlativa parece ser a única disponível:

- (10) a. Do que o João gosta mais é de surfar.
b. Do que o João mais gosta é de surfar.

Diferentemente, as semiclivadas não apresentam a leitura superlativa, (11a), abaixo, tem apenas a leitura comparativa, e não há a opção de o advérbio preceder o verbo, (11b) é agramatical:⁷

- (11) a. O João gosta mais é de surfar.
b. *O João mais gosta é de surfar.

(v) concordância de traços-phi (I)⁸

Só as semiclivadas podem exibir concordância de traços-phi tanto da cópula *quanto do verbo lexical* com o sujeito focalizado, como vemos em (12); nas pseudoclivadas tal concordância não é possível (cf. (13)):

(Na peça...)

- (12) a. Caí fui eu. (e não o João)
b. Chorei fui eu. (e não o João)

- (13) a. *Quem caí fui eu.

⁷ Talvez o fato de que o tipo de foco envolvido nas semiclivadas seja sempre o contrastivo (*x e não y*) (diferentemente do que acontece nas pseudoclivadas), restrinja a leitura da semiclivada à comparativa.

⁸ Bosque (1999) chama esse ponto de “conectividade de pessoa”.

b. *Quem chorei fui eu.

(vi) concordância de traços-phi (II)

Nas semiclivadas, a concordância de traços-phi da cópula com o foco só é possível se o foco for o sujeito da sentença, como observamos pelo contraste entre as semiclivadas em (12) acima, cujo foco é o sujeito, e as em (14) abaixo, cujo foco não é o sujeito, mas o objeto. Por outro lado, nas pseudoclivadas, tal concordância cópula-foco não é limitada aos casos de foco sujeito, como mostram os dados em (15):

(14) a. O João convidou foi/*foram os meninos.

b. O João trouxe foi/*foram os salgados.

(15) a. Quem o João convidou foi/foram os meninos.

b. O que o João trouxe foi/foram os salgados.⁹

(vii) focalização de par ordenado¹⁰

Nas semiclivadas há possibilidade de focalizar um par ordenado, como em (16), formado pelo DP *um livro* e pelo PP *pra Maria*; já nas pseudoclivadas o mesmo não é possível, como podemos atestar em (17) (a menos que haja wh-múltiplos na oração-wh):

(16) O João deu foi um livro pra Maria. (e não uma revista pra Ana)

(17) a. *O que o João deu foi um livro pra Maria.

b. O que o João deu pra quem foi um livro pra Maria. (e não uma revista pra Ana)

Na perspectiva de que ambos DP e PP no complemento dos verbos conhecidos como bitransitivos constituam uma *small clause*, sendo toda essa *small clause* o argumento interno

⁹ Ainda que para alguns a concordância da cópula com o foco nesses exemplos de pseudoclivadas possa ser marginalmente possível, há um claro contraste com a total impossibilidade da mesma nas semiclivadas.

¹⁰ Essa diferença em (vii) foi apontada, primeiramente, por Costa & Duarte (2001) para o PE, e depois por Kato (2010b) para o PB.

desses verbos, o contraste atestado acima entre semiclivadas e pseudoclivadas é apenas recaracterizado para uma restrição somente nessas últimas à focalização de tais *small clauses*.

(viii) focalização do sujeito de verbos transitivos¹¹

A focalização do sujeito de verbos transitivos só é possível nas pseudoclivadas, como (18a), que contrasta claramente com a semiclivada em (18b):

- (18) a. Quem comeu o bolo foi o João.
b. *Comeu o bolo foi o João.

Poderíamos pensar que (18b) é degradada porque o PB é uma língua *pro-drop* parcial. Assim, apenas nos poucos casos em que a ordem VS ainda é permitida na língua, as semiclivadas são igualmente aceitas, como, de fato, ocorre:

- (19) a. Chegou foi a conta (pra eu pagar).
b. Nasceu foi uma menina!
c. Apareceu foi um policial.
d. Caiu foi uma chuvarada, isso sim!
e. Telefonou foi o rapaz da funerária (pra nossa surpresa!)
f. Correu rápido foi o João.

Entretanto, mesmo no PE, língua *pro-drop*, as semiclivadas de sujeito com verbo transitivo, como (18b) acima, igualmente não são possíveis, segundo mostram Costa & Duarte (2001) (ex. em (20) abaixo dos autores) – do que concluímos que essa restrição deva ser decorrente da própria estrutura das semiclivadas (e não algo particular do PB).

- (20) *Leu o livro foi o João.

(ix) verbos de alçamento, auxiliares e aspectuais¹²

¹¹ A diferença em (viii) foi relatada em Costa & Duarte (2001) e em Miotto (2006a, 2008).

Somente as semiclivadas permitem que verbos de alçamento, auxiliares e aspectuais sejam separados do verbo principal pela cópula, como mostram os exemplos em (a) de (21-23); as pseudoclivadas não toleram tal separação (cf. ex. em (b) abaixo):

- (21) a. A Maria parece é chorar.
b. *O que a Maria parece é chorar.
- (22) a. A Maria vai é viajar.
b. *O que a Maria vai é viajar.
- (23) a. A Maria anda é falando demais.
b. *O que a Maria anda é falando demais.

(x) verbos modais¹³

Enquanto nas semiclivadas os modais apresentam ambiguidade entre a leitura epistêmica (possibilidade, probabilidade) e a deôntica (dever, obrigação), o que é ilustrado nos dados em (24a,b) (mesma ambiguidade verificada na sentença simples correspondente em (24c)), nas pseudoclivadas não há tal ambiguidade, apenas a leitura deôntica é possível, como atestamos em (25):¹⁴

- (24) a. O João pode é cantar. (ambígua)
b. O João deve é cantar. (ambígua)
c. O João pode/deve cantar. (ambígua)
- (25) a. O que o João pode é cantar. (*epistêmica; ✓deôntica)
b. O que o João deve é cantar. (*epistêmica; ✓deôntica)

¹² Essa diferença foi mostrada primeiramente por Mioto (2006a, 2008) para os verbos de alçamento.

¹³ O tópico dos verbos modais nas sentenças clivadas foi primeiramente explorado em Resenes & Lunguinho (2010).

¹⁴ É interessante pontuar que o paralelo entre a semiclivada e a sentença simples favorece uma análise monoracional para elas, em detrimento de uma análise bioracional.

Após essa comparação entre semiclivadas e pseudoclivadas, apresentamos, brevemente, algumas análises propostas na literatura para as semiclivadas para, na seção subsequente, concentrarmo-nos na que defenderemos aqui.

1.3 Análises prévias

Nesta seção, expomos, em linhas gerais, algumas análises prévias propostas para as semiclivadas. Essas análises são polarizadas entre tratarem todas as semiclivadas como pseudoclivadas reduzidas ou todas como semiclivadas genuínas (aqui, entendidas como derivadas independentemente das pseudoclivadas). Começamos pela análise de Costa & Duarte (2001) como uma amostra da vertente da ‘redução das pseudoclivadas’; em seguida, mostramos algumas análises que derivam as semiclivadas autonomamente. Para essas últimas, apresentamos primeiramente os trabalhos feitos com base inicial no português e, na sequência, os em espanhol caribenho.

1.3.1 Costa & Duarte (2001)

Costa & Duarte (2001) analisam todas as construções da família das clivadas como tendo uma estrutura em comum, para eles todas são construções que envolvem uma relação operador-variável, sendo essa relação a responsável pela interpretação do foco. A estrutura subjacente que deriva tanto pseudoclivadas como semiclivadas, segundo os autores, é esta em (26):

(26) [IP {ser} [SC [CP O que / OP o João comeu] [DP o bolo]]]

De acordo com eles, a oração-wh das pseudoclivadas é uma relativa livre, cujo pronome wh é substituído por um operador nulo nas semiclivadas (por eles chamadas de *semi-pseudoclivadas básicas*). Ilustrando as semiclivadas do PE com os exemplos abaixo, Costa & Duarte (2001) chegam à generalização de que o foco das semiclivadas só pode ser constituintes menores que VP máximo:

(27)	O João comeu foi o bolo.	(OD)
(28)	O João deu o livro foi à Maria.	(OI)
(29)	Ele discursou foi muito bem.	(advérbio de VP)
(30)	O João deu foi o livro à Maria.	(VP-shell)
(31)	O João pôs foi o livro na prateleira ontem.	(VP-shell com advérbio)
(32)	*O João fez foi ler o livro.	(VP máximo)
(33)	*Leu o livro foi o João.	(sujeito)
(34)	*Ele discursou foi provavelmente.	(advérbio sentencial)

Os autores propõem que as semiclivadas estão restritas a línguas que permitem objeto nulo – o que confirmam para o Chinês, com os dados em (35):¹⁵

- (35) a. Wo mingtian yao mai de shi neiben shu.
eu amanhã querer comprar DE ser este livro

- b. Zhangsan chi de shi bing
Zhangsan comer DE ser bolo
Zhangsan eat DE be cake
'Zhagsan come é o bolo.'

Eles dizem que o mesmo ocorre em Japonês, que também admite objeto nulo. De fato, de acordo com Kato (2010b), o Japonês tem a estratégia da semiclivada para focalizar constituintes. Os dados mostrados em Kato (2010b), e reproduzidos abaixo, são de Matsuda (1996,¹⁶ *apud* Kato

¹⁵ Costa & Duarte (2001) atribuem o dado em (35a) a Huang (1982) e o em (35b) a Lisa Cheng (p.c.). HUANG, J. 1982. *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. PhD diss, MIT.

¹⁶ MATSUDA, Y. A. 1996. Syntactic analysis of focus sentences in Japanese. *MIT Working papers in Linguistics*, v. 31, p. 291-310.

2010b) que, assim como Costa & Duarte (2001), também assume um operador nulo nessas sentenças:¹⁷

- (36) [CP Yoku nemuru no]-wa Fido-ga da.
Well sleep Comp TOP Fido –Nom is
‘Dormiu bem foi o Fido’

- (37) [CP Mary-ga NY-ni itta no]-wa kionen dessu.
Mary Nom NYobl went Comp TOP last year was
‘A Maria foi pra NY foi no ano passado.’

A análise de Costa & Duarte (2001) para as semiclivadas leva a considerar que as construções de objetos nulos envolvam outros constituintes além do objeto direto. O problema é que, sendo assim, tudo o que pode ser o foco de uma semiclivada deve poder figurar como um objeto nulo (um “x” nulo) em uma relação operador-variável e isso é bastante complicado para se manter. Em outras palavras, para dar conta da variedade de constituintes que podem ser focalizados nessas construções (rever dados de (27) a (31)), os autores têm que estipular dependências de ‘operador nulo - variável’ em muitos casos, mesmo onde se sabe que não é possível, como em (38), abaixo, em face da existência de semiclivadas com foco no objeto indireto ou advérbio, por exemplo, (cf. (28) e (29) acima):

- (38) a. *Pra Maria é difícil de dar um livro.
b. *Muito bem é difícil de se comportar.

¹⁷ No entanto, se as sentenças entre colchetes dos exemplos acima puderem ser analisadas como relativas livre (independentemente na língua), então não é claro por que as sentenças são chamadas de semiclivadas e não de pseudoclivadas. Se (i) abaixo é gramatical tanto quanto (ii), há suspeita de que (36) e (37) sejam pseudoclivadas.

(i) Maria-wa [João-ga tanonda no]-o katta
Maria-TOP [João-NOM pedir-PASS]-ACC comprar-PASS
A Maria comprou [o que o João pediu]

(ii) Maria-wa [João-ga tanonda mono]-o katta.
Maria-TOP [João-NOM pedir-PASS coisa]-ACC comprar-PASS.

Os dados em (i) e (ii) foram fornecidos por Julia Orie Yamamoto (c.p.).

Além disso, se fôssemos derivar sua semiclivada em (31), por exemplo, de acordo com a análise proposta (cf. (26)), *O João pôs* seria o conteúdo ‘físico’ do CP sujeito da *small clause* e o operador nulo deveria representar a *gap* que segue *pôs*; mas este material referente à *gap*, a saber, *o livro na prateleira ontem*, não é nem mesmo um constituinte. No entanto, na análise dos autores, ele teria que ser um constituinte, objeto de *pôr*, relacionado ao operador nulo. Se assim fosse, deveria ser gramatical uma sentença como (39), contrariamente aos fatos:

(39) **[O livro na prateleira ontem] é difícil de pôr.*

Além dos problemas apontados acima na análise de Costa & Duarte (2001) para as semiclivadas como uma versão reduzida das pseudoclivadas, há o problema de que essa análise não dá conta de algumas das distinções existentes entre semiclivadas e pseudoclivadas, mostradas na seção 1.2. Sobre tais distinções, o fato de afirmarem que o foco nas semiclivadas não pode ser VPs não-máximos (diferentemente das pseudoclivadas, que os admitem), como uma generalização aos fatos de (27) a (34), consiste apenas em uma constatação empírica, mas carece de uma explicação analítica que fundamente tal constatação. Por fim, a análise dos autores é baseada na análise prévia de que toda oração-wh de pseudoclivadas é uma relativa livre – o que também consideramos problemático, já que se sabe que relativas livres não admitem um operador nulo no lugar de seu wh:

- (40) a. O João comprou *(o que) a Maria pediu.
b. *(O que) a Maria fez encantou o João.

1.3.2 Mito (2008)

Mito (2008), diferentemente de Costa & Duarte (2001), se posiciona contra a análise da redução das pseudoclivadas em semiclivadas. Dados interessantes do PB fornecidos pelo autor estão em (41). Nessas semiclivadas, a focalização de diferentes constituintes no domínio pós-verbal ocorre de acordo com a posição da cópula. Em outras palavras, o que muda em (41),

abaixo, é somente a posição da cópula, e o que é focalizado em cada caso é sempre o constituinte que imediatamente a sucede:

- (41) a. O João quer é *dançar* na Portela no carnaval de 2008. (não *cantar* na Portela)
 b. O João quer dançar é *na Portela* no carnaval de 2008. (não *na Mangueira*)
 c. O João quer dançar na Portela é *no carnaval de 2008*. (não *no carnaval de 2009*)

Examinando as sentenças em (41), ele verifica que a cópula “flutua” pela área pós-verbal da sentença, assim como o *não* que encabeça o contraste do foco. Baseado na “mobilidade da cópula” e no fato de que o foco é sempre contrastivo nas semiclivadas, Miotto (2008), tomando a cópula *ser* como a contraparte afirmativa do *não*, sugere que ambos sejam combinados da mesma maneira na sentença: como *adjunto do constituinte focalizado*. Sendo assim, a cópula só focaliza constituintes dentro do predicado sem provocar nenhum rearranjo sintático na sentença simples de base - muito diferente da complexidade envolvida na sintaxe das sentenças pseudoclivadas.

Contudo, aqui também há problemas. Nesta análise não é explicado por que a cópula está limitada (a se combinar) ao domínio pós-verbal da sentença? Sabemos que o resultado nos mostra que a cópula nas semiclivadas sempre aparece nesse domínio, porém como dar conta disso dentro da análise? Como essa análise produz tal resultado é o que falta nesta proposta, assim como na de Costa & Duarte (2001), apresentada anteriormente.

Outro problema que notamos consiste no tratamento dado à cópula. Miotto (2008) trata a cópula, que é um núcleo (X^0), como um adjunto do constituinte focalizado (que é um XP); no entanto, sabemos que núcleos se adjuntem a núcleos e não a categorias máximas. Mesmo conferindo à cópula sua própria projeção, se fosse adjunto do constituinte que a sucede, [*é/foi* XP] deveria formar um constituinte, entretanto, os dados, como (42b), nos mostram o contrário. O mesmo se aplica à negação, com que o autor estabelece a comparação, a qual tampouco é um adjunto do constituinte que precede – [*não* XP] não é um constituinte, se fosse, (43b) deveria ser gramatical e não é:

- (42) a. O João comeu foi uma pera, não uma maçã.
 b. *Foi uma pera o João comeu, não uma maçã.

- (43) a. O João comeu uma pera, não uma maçã.
 b. *Não uma maçã o João comeu, mas uma pera.

1.3.3 Kato (2010b)¹⁸

Outra análise esboçada aqui que, assim como Bosque (1999) e Mioto (2008), posiciona-se contra a vertente da redução das semiclivadas a partir das pseudoclivadas é a de Kato (2010b). Para a autora, a numeração de uma semiclivada envolve a de uma sentença não marcada, acrescida de um núcleo funcional F(oco), de uma cópula (que se adunje a um I^o matriz) e do traço +F associado ao VP. As etapas gerais de sua análise envolvem: (i) a focalização do VP residual, isto é, do que resta do VP após o movimento do verbo para I^o (que inclui a focalização de advérbios adjuntos a VP); (ii) o *merge* da cópula e a projeção do IP raiz; (iii) o movimento do IP residual subordinado para o TopP da sentença matriz, onde obtém leitura de pressuposição da sentença. Abaixo reproduzimos duas derivações de semiclivadas apresentadas pela autora:

- (44) O João leu foi o livro.

a. *alçamento do verbo de V para I*

[_{IP} O João leu_v [_{t_v} o livro]_{+F}]

b. “*merge*” de F e o movimento do VP residual para Spec de FP

[_{FP} [_{VP} t_v o livro]_{+F} F [_{IP} o João leu_v [_{t_{VP}}]]]

c. *inserção da cópula, projeção do IP matriz*

[_{IP} foi [_{FP} [_{VP} t_v o livro]_{+F} F [_{IP} o João leu t_{VP}]]]

d. *movimento do IP subordinado residual para TopP*

[_{TopP} [_{IP} o João leu t_{VP}]_{IP} [_{IP} foi [_{FP} [_{VP} t_v o livro]_{+F} F [_{IP} t_{IP}]]]]]

|_____|

pressuposição

|_____|

foco

- (45) Chegou foram os ovos. (não as batatas)

a. *alçamento do verbo de V para I*

[_{IP} Expl [_I chegou_v [_{VP} t_v [_{VP} os ovos]]]]]

¹⁸ A análise de Kato & Mioto (2012) para as semiclivadas é, essencialmente, igual à análise anterior de Kato (2010b).

b. *Focalização do VP residual*

[_{FP} [_{VP} t_V OS OVOS] F [_{IP} Expl [_I chegou_V [_{VP} t_{VP}]]]]

c. *Inserção da cópula, projeção do IP matriz e concordância via AGREE*

[_{IP} foram [_{FP} [_{VP} t_V OS OVOS] F [_{IP} Expl [_I chegou_V [_{VP} t_{VP}]]]]]

d. *Topicalização do IP residual*

[_{TopP} [_{IP} Expl [_I chegou_V [_{VP} t_{VP}]]] [_{Top'} Ø [_{IP} foram [_{FP} [_{VP} t_V [_{DP} OS OVOS]] [_{F'} Ø[_{IP} t_{IP}]]]]]]]

Levantamos alguns pontos potencialmente problemáticos na análise de Kato (2010b). Um ponto questionável da análise é a assunção de que focalização envolve um VP residual. Por que o traço F é sempre aplicado ao VP residual e por que só pode ser aplicado a ele? Não há nenhum argumento conceitual a esse favor. Quanto ao argumento empírico, ainda que haja dados compatíveis com essa análise (como pode ser o caso das semiclivadas), isso não é garantia (absoluta) da mesma. Sabemos que processos de focalização não se restringem a VPs residuais, muito pelo contrário, seu alcance é vasto. Tal restrição não é verdadeira nem mesmo apenas para o grupo das línguas que dispõem das construções semiclivadas.¹⁹ Não há dúvidas de que alguns casos, como o exemplo de Costa & Duarte (2001) em (30), repetido aqui em (46), podem ser fruto do movimento residual de VP para focalização:

(46) O João deu foi o livro à Maria.

Entretanto, não é óbvio que quando o foco na semiclivada seja, por exemplo, apenas de um objeto, o que foi focalizado tenha sido, na verdade, um VP residual. É improvável que focalização seja sistematicamente obtida através de movimento residual de VP.²⁰ Como contra-exemplos, podemos mencionar casos inequívocos de DPs movidos e focalizados, como em

¹⁹ Ainda, se não nos limitarmos a essas línguas e olharmos para o fenômeno de focalização de maneira mais geral, perceberemos que uma análise que condicione focalização à movimento residual do VP, ou a um *beheaded* VP (como é chamado o VP depois que seu núcleo foi movido), enfrenta problemas, como por exemplo, com as línguas V2 (como as germânicas). Se *beheaded* VPs podem ser livremente deslocados (movidos para o domínio A-barras), deveria ser possível, a princípio, vários constituintes precederem o verbo nas línguas V2, já que o VP residual/*beheaded* pode conter além dos argumentos, vários adjuntos. No entanto, sabemos que nas sentenças matrizes das línguas V2 é proibido mais de um constituinte preceder o verbo. Portanto, a restrição de focalização a movimento de um *beheaded* VP é, ela própria, muito restrita.

²⁰ O comentário de den Dikken, na defesa desta tese, foi ainda mais forte: *as a matter of fact, it is typically impossible to focus a VP whose head has been extracted from it.*

(47a,b), licenciando *parasitic gaps* ou como em (47c), em que a presença do *que* deixa claro que o DP *a Maria* foi movido:

- (47) a. QUE LIVRO a Maria arquivou sem ler *pg*?
 b. O CARRO a Maria vendeu sem limpar *pg* (e não a casa)
 c. A MARIA que vai casar com o João (e não a Ana)

Outro ponto problemático na análise de Kato (2010b) refere-se ao *Agree* proposto entre a cópula e foco, tal como em (45c) acima. Naquele ponto da derivação, propõe-se que a cópula no núcleo do IP matriz estabelece uma relação de *Agree* com o DP *os ovos*, integrante do VP que foi combinado com o núcleo Foc. O problema é que no ponto em que o DP *os ovos* está na periferia esquerda da sentença, ele já checkou todos os seus traços, portanto não é mais um alvo ativo para contrair relações de concordância de traços- ϕ i. Crucialmente, o traço que deixa DPs ativos para esse tipo de concordância, o traço não-interpretável de Caso, já foi checkado nesse DP antes do movimento do VP para a periferia esquerda. Portanto, não há meios sintáticos para dar conta dessa concordância; o suposto *Agree* em (45c) não funciona. Talvez esse problema fique mais evidente em semiclivadas com a concordância também no verbo lexical, como *Cai fui eu*, *Chegaram foram os ovos* e *Telefonaram hoje foram os meninos* (este último exemplo extraído de Kato & Mito 2012). Ainda sobre a concordância, não é comentado na análise da autora por que a referida concordância com a cópula não é possível quando o foco não é o sujeito, como mostramos pelos dados em (14) acima, repetidos abaixo em (48). A princípio, se o *Agree* alegado em (45c) fosse possível, então também deveria ser para as semiclivadas em (48), contrariamente aos fatos:

- (48) a. O João convidou foi/*foram os meninos.
 b. O João trouxe foi/*foram os docinhos.

Por outro lado, se entendemos que o foco, quando movido para o domínio A-barra, já não mais é um alvo ativo para contrair relações de *Agree*, o problema da sobregeração da concordância com a cópula em dados como (48) (ou seja, em semiclivadas cujo foco não é o sujeito) não ocorre. Entretanto, a referida concordância da cópula, esta sim possível, em semiclivadas cujo foco é o

sujeito, como as exemplificadas no parágrafo acima ou no exemplo de Kato em (45), fica, ainda, sem tratamento.

Por fim, gostaríamos apenas de considerar o que tanto Kato (2010b) quanto Kato & Mito (2012) falam sobre os casos de focalização do sujeito nas semiclivadas. A literatura mostra que enquanto a focalização do sujeito em semiclivadas com verbo intransitivo é possível, há variação entre as línguas quando o verbo é transitivo: no PB, no PE e em algumas variedades do espanhol caribenho, como o espanhol dominicano, estudado por Toribio (1992), tais semiclivadas são agramaticais (cf. (49)),²¹ mas em outros dialetos do espanhol caribenho, como os estudados por Sedano (1988a,b; 1990,²² *apud* Camacho 2006:14), tais semiclivadas são possíveis (cf. (50)):

- (49) a. *Leu o livro foi o João.
 b. *Canta muy bien es Juan.
 c. *Ganó el premio fue el estudiante cubano.

- (50) a. Compró los libros fue Pedro.
 b. Compró papas fue Juan.

Para Kato (2010b) e Kato & Mito (2012), tal variação é atribuída à restrição de peso imposta ao movimento remanescente do IP (que relacionam ao movimento prosódico de Zubizarreta 1998). Portanto, a focalização pós-verbal do sujeito com verbos inacusativos é possível e com verbos transitivos não. Mas, como eles mesmos apontam, se o complemento do verbo for um clítico, o IP remanescente, que será movido para uma posição de tópico em sua análise, fica mais leve, tornando a focalização do sujeito pós-verbal possível. Abaixo, reproduzimos os exemplos mostrados em Kato & Mito (2012), dos quais (51d) deve-se à Wheeler (1982):

- (51) a. Chegou foi o professor.

²¹ O exemplo em (49a) é de Costa & Duarte (2001) e os em (49b,c) são de Toribio (1992, *apud* Bosque 1999: 9 e Kato 2010b: 64, respectivamente).

²² SEDANO, M. 1988a. Presencia o ausencia de relativo: Explicaciones funcionales. Amsterdam, 45 *Congreso Internacional de Americanistas*. SEDANO, M. 1988b. Yo vivo es en Caracas: Un cambio lingüístico. In M. R. Hammond and M. C. Resnick, editors, *Studies in the Caribbean Spanish Dialectology*, 115–123. Georgetown University Press, Washington. SEDANO, M. 1990. Hendidias y otras construcciones con ser en el habla de Caracas. *Cuadernos del Instituto de Filología Andrés Bello*.

- b. Telefonou foi o cliente das 10:00.
- c. *Fez a trapalhada foi o João.
- d. Me ajudou muito foi o psicólogo.

Porém, a análise dos autores enquanto dá conta de tal variação tanto para o PB quanto para as variedades do espanhol caribenho, não dá conta dos mesmos fatos no PE que, nas sentenças simples admite sujeito pós-verbal, mas nas semiclivadas não (como atestam Costa & Duarte 2001 (cf. ex. (49a)). Adiante veremos que a consideração de Camacho (2006) a esse respeito também é infeliz para o PE.

1.3.4 Bosque (1999)

Bosque (1999) é contra a análise da redução para as semiclivadas. De acordo com ele, (52) abaixo não é uma pseudoclivada, mas uma sentença simples em que um constituinte é imediatamente precedido por um marcador de foco *in situ*: a cópula. A cópula é, para ele, um item funcional cuja função é focalizar constituintes contrastivamente. “The verb *be* is – in these cases – the head of a focus projection inside a VP” (p.1). A estrutura sintática que o autor propõe para (52) é esta em (53):

- (52) Juan comía era papas. (semiclivada)
O João comia era batatas.

- (53) [IP Juan_i [VP t_i [V comía [FP [[F era] papas.]]]]]

Contudo, sua análise sintática em (53) não está isenta de problemas. Como podemos notar, a categoria FP é tomada como um argumento do verbo. No entanto, apesar de Bosque (1999) afirmar que o foco das semiclivadas deve estar no domínio de VP (o que, assim como em Costa & Duarte (2001), é apenas descrição dos fatos), o autor não explica qual é a restrição que impede FP acima de ser combinado na estrutura como o argumento externo do verbo, por exemplo. Se para ele a categoria FP é um argumento, o que impede de esse argumento ser o externo (além do interno)? E mais, sabemos que o foco das semiclivadas não está restrito a argumentos do verbo,

(CP-focus)

(VP-focus)²³

(VP-focus)

(CAMACHO 2006: 22)

Restringindo-nos à proposta do autor para as semiclivadas em (56b), o CopP (=IP), nucleado pela cópula e analisado como adjunto do VP (que, por sua vez, é nucleado pelo verbo lexical da semiclivada), tem por complemento o constituinte focalizado. Mais especificamente, Camacho (2006) propõe que haja uma categoria vazia como sujeito da cópula, em SpecIP e uma outra categoria vazia como complemento do verbo lexical – ambas coindexadas entre si e também com o foco no complemento da cópula, como ilustrado abaixo em (58) para a semiclivada em (57):

- (57) Los pájaros se comieron fue las migas.
os pássaros el comeram foi as migalhas

(58)

(CAMACHO 2006: 19)

Segundo o autor, essa estrutura sintática espelha diretamente a estrutura informacional em (59b),

²³ FCS simboliza para o autor *Focus in Caribbean Spanish* - o que chamamos nesta tese de *semiclivadas*.

proposta por Zubizarreta (1998):

- (59) a. John bought *potatoes*.
 b. John bought *x* & the *x* that John bought = potatoes

Sendo assim, em (58), a parte alta da árvore (o IP matriz) denota a pressuposição da sentença *los pájaros se comieron x* e a parte mais baixa, o IP adjunto, confere o valor à variável presente na pressuposição, *x = las migas*. Como para Camacho (2006) o IP adjunto (CopP) é uma sentença equativa, o sujeito da cópula é igualado ao seu complemento (o foco) e, porque o primeiro é coindexado ao argumento interno nulo do verbo lexical (a variável na pressuposição em (59b)), esse argumento nulo é, então, identificado com o valor do foco.²⁴

Com essa análise, Camacho (2006) dá conta da impossibilidade de extração do foco das semiclivadas – crítica que faz à análise de Bosque (1999), a qual prevê que tal extração seja possível, como mostrado acima em (55). Sendo o foco parte de uma estrutura em adjunção em (58), explica-se sua impossibilidade de extração. Porém, somente isso não é suficiente para garantir a análise de Camacho (2006). Essa análise tem um custo um tanto alto: ela postula a existência de duas categorias vazias, uma dentro do VP (*e*) e outra no sujeito do IP-adjunto (*x*), cuja natureza não é sequer identificada (ou discutida) pelo autor. Portanto, não há, na análise, suporte para tais categorias vazias.

Outro ponto problemático na análise do autor é quanto à relação direta que estabelece entre a estrutura de asserção em (59b) e a estrutura sintática das semiclivadas, tal como proposta em (58). (59b) representa um simples foco de informação, a “A1” de Zubizarreta (1998); mas sabemos que o foco das semiclivadas é sempre um foco exaustivo e contrastivo, o que não é capturado se (58) espelha a informação que temos em (59b), como defende Camacho (2006) (que não recorre à “A2” (específica para o foco contrastivo) de Zubizarreta 1998). Contudo, na parte final do seu texto, o autor reconhece que o foco das semiclivadas é exaustivo/contrastivo e atribui isso à presença da cópula. Essa não é, contudo, uma solução muito simples, uma vez que não é

²⁴ Apesar de Camacho (2006) dizer explicitamente que o sujeito da cópula é coindexado ao argumento interno nulo do verbo lexical (*The argument of the main verb is null, and it is coindexed with the null subject of the copular verb.* p. 18), na estrutura que apresenta para as semiclivadas, reproduzida acima em (58), o autor usa índices apenas no argumento interno do verbo lexical e no complemento da cópula, o foco, deixando o sujeito do IP adjunto (o *x* em (58)) não-indexado.

verdade que cópulas sempre atribuem exaustividade, ou estão relacionadas a ela. Consideremos, por exemplo, as sentenças abaixo:

- (60) a. A Maria parece ser uma pessoa legal.
b. A Maria parece uma pessoa legal.

- (61) Um bom exemplo disso é o casamento.

Não há exaustividade alguma na sentença (60a); a presença da cópula ali não a deixa, informacionalmente, diferente de (60b), versão sem a cópula. Em (61), por sua vez, o próprio uso de *um (bom) exemplo* já evidencia a ausência de exaustividade, logo *o casamento* não é interpretado como o “único” bom exemplo nessa sentença. É fato que a presença do artigo indefinido nos exemplos acima contribui para a não-exaustividade. Entretanto, apenas para reforçar o ponto de que a presença da cópula não implica, necessariamente, exaustividade, mesmo se o predicado no caso de (60) fosse definido, como em (62), não veríamos, mais uma vez, diferença informacional quanto à exaustividade entre as sentenças em (a), com a cópula, e (b), sem a cópula:

- (62) a. A Maria parece ser a minha irmã.
b. A Maria parece a minha irmã.

A questão de como dar conta da exaustividade nas semiclivadas não é tão simples, como faz parecer Camacho (2006). Voltaremos a comentar este ponto na seção 1.4, quando apresentamos nossa análise. O que queremos destacar aqui é que a presença da cópula, por si só, não é garantia de exaustividade.

Um outro problema na análise do autor é apontado em Kato & Mito (2012) quanto à impossibilidade de derivar uma semiclivada como (63) abaixo, extraída de Camacho (2006: 20):

- (63) *Marta le compró fué [_{VP} pan a su abuela]. (no galletas a su hermana)
Marta cl comprou foi pão a sua avó (não bolachas a sua irmã)

Segundo a análise do autor, (63) deveria ser possível, já que o foco está no domínio de *vP*, e ele mesmo diz explicitamente que nas semiclivadas a cópula só toma constituintes internos a *vP* no seu escopo.²⁵ Entretanto, (63) é agramatical no dialeto do espanhol caribenho estudado por Camacho (2006). Para tal, posteriormente, ele assume uma restrição no foco das semiclivadas a apenas um constituinte em posição final.²⁶ Porém, o autor parece ignorar outras línguas que dispõem de semiclivadas como (63): esse é o caso tanto do espanhol colombiano (que aceita (63), como garante Mendez-Vallejo 2012), quanto do PE (como relatam Costa & Duarte 2001) e do PB:

- (64) a. O João deu foi um livro pra Maria. (e não uma revista pra Ana)
 b. O João pôs foi o livro na prateleira. (e não a revista na mesa)

Além disso, a restrição usada por Camacho (2006) de que as semiclivadas toleram apenas um constituinte no foco como justificativa para a má-formação de (63) não se aplica se levarmos em conta análises como a de Hoekstra (1988, 2004), que toma o complemento de verbos como *put* (pôr) e *give* (dar) como formando um constituinte, que conhecemos como *small clause*.

Por fim, com relação à variação observada na possibilidade de focalizar o sujeito de verbos transitivos nas semiclivadas no espanhol caribenho, como mostrado acima nos dados em (49) e (50), Camacho (2006) aposta no paralelo com a sentença simples. Assim, segundo ele, se determinada variedade do espanhol caribenho admite a sentença simples sob a ordem VOS, a semiclivada nessa mesma variedade também admitirá e vice-versa. Contudo, mais uma vez, o PE é problemático nessa perspectiva, uma vez que admite o sujeito posposto com verbos transitivos na sentença simples, mas não o admite nas semiclivadas. Nessa questão, portanto, o PE é a “pedra no sapato” das análises, pois resiste, ao menos até aqui, aos tratamentos propostos (como já comentado anteriormente para a análise de Kato 2010b e Kato & Miotto 2012).

²⁵ In *FCS*, the copular verb only takes *vP*-internal constituents in its scope (Camacho, 2006: 15).

²⁶ *FCS* affects a single, domain-final constituent in the relevant domain (typically the clause) (p. 20).

1.3.6 Mendez-Vallejo (2012)

Mendez-Vallejo (2012), estudando particularmente o espanhol colombiano, observa que as semiclivadas focalizam sempre constituintes no domínio de T. A fim de dar conta desse fato, a autora utiliza a periferia baixa de Belletti (2004), em que há uma projeção de foco na periferia esquerda de vP e, assim, propõe a seguinte estrutura para as semiclivadas:

(65) Morfossintaxe

→

Spell-out/PF

(MENDEZ-VALLEJO 2012: 17)

O problema mais evidente nessa estrutura é quanto à posição da cópula. Em Belletti (2004), a periferia interna à sentença é proposta para abrir uma posição de especificador para o constituinte focalizado, justamente o SpecFocP, configurando-se, assim, uma relação Spec-núcleo do XP foco com o núcleo Foc, segundo as linhas do modelo cartográfico. Todavia, na análise de Mendez-Vallejo (2012), reproduzida acima em (65), é a cópula que é inserida na posição de especificador de FocP. Ocorre que a cópula é um núcleo e a posição em que ela é realizada em PF, conforme a análise em (65), é uma posição de XP e não de núcleo. Assim, apesar de a autora tentar capturar a generalização dos fatos de que nas semiclivadas é impossível a focalização de qualquer constituinte em posição pré-verbal ou mesmo de um verbo localizado em T, o que faz pela adoção de uma projeção de foco interna a T, sua análise nos parece inviável devido à mudança radical no tratamento conferido à cópula.

1.4 Nossa análise²⁷

Vimos na seção 1.2 dez diferenças entre as construções semiclivadas e as pseudoclivadas. Todas essas diferenças suportam uma análise que derive as primeiras independentemente das últimas. É uma análise como essa que será apresentada nesta seção. Em outras palavras, a presente seção é dedicada ao que chamamos de ‘verdadeiras (ou reais) semiclivadas’, que recebem aqui uma análise monoracional. Antes, porém, é preciso fazer uma ressalva: apesar das várias distinções mostradas anteriormente, um exame mais completo de uma delas particularmente, a saber, a concordância de traços-phi (mencionada no item (v)), indica que um pequeno grupo de semiclivadas deva ser reduzido das pseudoclivadas recebendo, assim, uma análise bioracional. Este pequeno grupo consiste de algumas semiclivadas com foco no sujeito. O último capítulo desta tese é dedicado especialmente a essas ‘pseudoclivadas reduzidas’. Lá delimitaremos sua distribuição e explicaremos como esse processo de ‘redução’ da pseudoclivada ocorre (sob que condições, em que estruturas é permitido, etc.).²⁸ Gostaríamos apenas de dizer que, desse modo, nossa análise já se diferencia de qualquer análise anterior proposta na literatura para as construções semiclivadas, uma vez que todas as consideram como um bloco homogêneo, ou só inteiramente analisado como independente das pseudoclivadas ou só como derivado dessas. Passamos, agora, a tratar especificamente das verdadeiras semiclivadas.

Nesta tese, defendemos uma análise monoracional para as reais semiclivadas,²⁹ que se fundamenta, sobretudo, no tratamento original que confere à sintaxe da relação ‘ser objeto de’, tratada como predicação. Segundo nossa análise, as construções semiclivadas se apresentam como uma evidência empírica para a representação do objeto como sujeito de uma predicação, sendo combinado na estrutura de forma similar ao sujeito prototípico, isto é, como o especificador de uma categoria funcional. Nessa visão, posições temáticas são especificadores de

²⁷ A análise defendida aqui segue as linhas da análise proposta em Resenes & Den Dikken (2012), que se completa com a análise do último capítulo para as semiclivadas que são versões ‘reduzidas’ de pseudoclivadas.

²⁸ A escolha para tratar das restritas semiclivadas que são reduzidas de pseudoclivadas somente no último capítulo da tese se deve ao fato de que, àquela altura, já teremos tratado das pseudoclivadas (assunto de todo o capítulo 2).

²⁹ Daqui por diante, chamadas apenas de semiclivadas, já que o pequeno grupo “desviante” constitui-se de pseudoclivadas reduzidas, como será mostrado em maior detalhe no último capítulo.

núcleos funcionais e tudo o que é combinado como complemento de um núcleo é constituinte não-tematicamente marcado por esse núcleo.

Nossa análise utiliza fundamentalmente a relação sintática de predicação *a la* Den Dikken (2006a) e inova na forma de expressar a relação sintática não só entre os objetos e os verbos que os selecionam, bem como entre os modificadores adverbiais e os constituintes que eles modificam, realçando o largo papel da predicação na sintaxe. Antes, porém, de começarmos a explorar essa análise monoracional para as semiclivadas, apresentamos, em linhas gerais, a sintaxe da predicação que lhe serve de base.

1.4.1 A sintaxe da predicação

Den Dikken (2006a) defende uma sintaxe da predicação configuracionalmente assimétrica e não-direcional.³⁰ As relações de predicação, são, para o autor, sempre mediadas por uma categoria funcional abstrata: o RELATOR. O RELATOR é um núcleo funcional abstrato que atua como um *placeholder*³¹ para qualquer núcleo funcional que seja o mediador em uma relação de predicação entre dois termos/constituintes, como, por exemplo, a cópula, uma preposição, *v*, ou a categoria tempo.³² RELATOR *is a cover for anything that may be used to connect a predicate to its subject [...]. It is explicitly not proposed to represent a syntactic category [...]* (Den Dikken 2006a: 251). A natureza do RELATOR fica ainda mais clara no seguinte trecho do autor (p. 29):

The RELATOR is a general-purpose connective between predicates and their subjects, not a particular functional or lexical category, and not confined to the A-domain. A particular RELATOR can certainly have a highly specific bundle of features of its own, but those features are a reflex of its syntactic environment (for instance, *v* has tense, phi-, and Case features because it is selected by T,

³⁰ As línguas consideradas em sua análise para a sintaxe da predicação são várias, entre elas, inglês, francês, espanhol, catalão, português, italiano, holandês, alemão, norueguês, sueco, russo, húngaro, hebraico, tailandês, chinês mandarim, galês, islandês, luhya, chichewa, rotumano e niueano.

³¹ Talvez seja interessante incluímos, aqui, a definição empregada na Lógica e na Matemática para o termo *placeholder*, a fim de termos uma melhor ideia do que se trata o RELATOR. *Placeholder* é um símbolo em uma expressão que pode ser substituído pelo nome de qualquer elemento do conjunto.

³² Quanto ao *v*, como Den Dikken (2006a: 55) mesmo pontua, tratá-lo como um RELATOR representa um avanço em relação ao tratamento de Chomsky (1995), que mantinha um estatuto híbrido (em parte funcional, em parte lexical) para essa categoria. Como um RELATOR, sua natureza é sempre e somente funcional.

licenses or identifies a V, and Case-checks a phi-agreeing noun phrase in its complement), not the inherent baggage of a RELATOR category.³³

Dessa maneira, Den Dikken (2006a) se opõe diretamente a Bowers (1993), que assume a categoria mediadora nas relações de predicação como uma nova categoria funcional, rotulada como “Pr” (em alusão à “predicação”), a qual, como explicitamente afirma esse autor, não pode ser identificada com nenhuma outra categoria categoria do léxico.

A perspectiva de Den Dikken (2006a) é, portanto, muito diferente. Sendo o RELATOR um núcleo funcional abstrato que pode ser “encarnado” por qualquer núcleo funcional já existente no inventário lexical,³⁴ o RP, estrutura de uma predicação canônica, tal como ilustrada em (66), consiste em uma configuração sintática ao invés de uma afirmação sobre o léxico:

Como vemos em (66), uma relação de predicação simples, conhecida como *small clause*, tem uma estrutura assimétrica, nucleada por um RELATOR. Dessa forma, outras duas oposições ficam evidentes aqui. Uma delas é à análise de Stowell (1981, 1983), que concebia *small clauses* como projeções do núcleo do predicado. A outra é à análise de Moro (2000), que assume que *small clauses* são “nuas” e simétricas. Essa última análise é baseada em exemplos como (67):³⁵

(67) a. Gianni è (*come) il colpevole.

³³ “O RELATOR é um conectivo de propósito geral entre predicados e seus sujeitos, não uma categoria funcional ou lexical particular, e não é confinado ao domínio A. Um determinado RELATOR pode certamente ter um feixe de traços próprios altamente específicos, mas esses traços são um reflexo do seu ambiente sintático (por exemplo, *v* tem traços de tempo, -phi e de Caso, porque é selecionado por T, licencia ou identifica um V e checa Caso de um sintagma nominal concordante em traços-phi no seu complemento), não a bagagem inerente de uma categoria RELATOR” (tradução nossa).

³⁴ Aqui, o autor destaca que ‘Agr’ é descartado como possibilidade de ser esse núcleo funcional, uma vez que, como já apontado por Moro (1997), o sujeito e o predicado nominal de uma *small clause* podem diferir em número, como em *The children are a problem* (“As crianças são um problema”). Além disso, Chomsky (1995) mostra o equívoco em tratar ‘Agr’ como um núcleo funcional: concordância é, crucialmente, uma relação e não uma categoria.

³⁵ (67a) foi extraído de Moro (2000) e (67b,c) de Den Dikken (2006a).

- Gianni é (*como) o culpado
- b. Brian is (*as) a singer.
Brian é (*como) um cantor
- c. Imogen is (*for) a woman.
Imogen é (*como) uma mulher.

Como se pode observar também pela versão dos exemplos em português, não é possível haver um elemento funcional mediando essas predicções – o que sustenta a defesa de Moro (2000) de que a cópula *ser* toma *bare small clauses* como complemento. Todavia, Den Dikken (2006a) mostra com os exemplos reproduzidos em (68) que é sim possível haver elementos funcionais (como aqueles de (67)) mediando relações de predicação semelhantes:

- (68) a. This butterfly is [big for a butterfly].
Esta borboleta é [grande para uma borboleta]
- b. Brian is [skinny for an American].
Brian é [magro para um americano]
- c. Imogen is [popular as a singer].
Imogen é [popular como uma cantora]

Ora, a pergunta então é: por que em (67) tais elementos são proibidos e em (68) eles são aceitos? A generalização aqui é bastante direta: o número de elementos funcionais mediando relações de predicação na sentença, isto é, o número de RELATORS, é equivalente ao número de relações de predicação existentes na mesma sentença. Em (67), há apenas uma relação de predicação, portanto só pode haver um único RELATOR que, no caso, é realizado pela própria cópula, já que a predicação está em um contexto temporal e é preciso um elemento verbal compatível com traços desse tipo. Em (68), por outro lado, há duas relações de predicação: uma primeira entre os elementos entre colchetes (cujo contexto não é marcado por tempo, daí o RELATOR ser realizado por formas como *as* e *for*) e uma segunda entre o sujeito da sentença e todo o material entre colchetes (um contexto temporal, daí o RELATOR ter a forma de uma cópula). Como nesse caso há duas predicções, há, então, dois RELATORS. Em (69), abaixo, reproduzimos a estrutura de (68a), conforme Den Dikken (2006a: 63):

(69) [RP₂ [DP *this butterfly*] [R:is=RELATOR₂ [RP₁ [AP*big*] [R:for=RELATOR₁ [DP_a *butterfly*]]]]]

Segundo o autor, é importante salientar que a escolha do RELATOR se dá em função do contexto em que a predicação se encontra. No caso de *small clauses* complementos, como é o caso das predicções entre colchetes em (68) (= RP₁ de (69)), ou destas abaixo em (70), se o RELATOR permanece vazio ou é realizado por itens como *as*, *for* ou *like* depende inteiramente das especificações lexicais do verbo que seleciona o RP em questão.

- (70) a. Imogen treats [him *(like) a fool].
 b. Imogen takes [him *(for) a fool].
 c. Imogen takes [this *(as) a sign of economic recovery].
 d. Imogen regards [him *(as) a fool].
 e. Imogen considers [him (as) a fool].

Com os exemplos de (68-70) em mente e para a exposição ficar completa, aproveitamos para expor uma outra característica da sintaxe da predicação na análise de Den Dikken (2006a), mencionada no início. As relações de predicação para esse autor, além de serem assimétricas e sempre mediadas por um núcleo funcional, são também não-direcionais. Portanto, além de estruturas canônicas como (66), denominadas “estruturas predicado-complemento”, ele também concebe estruturas de predicação reversa, em que o sujeito da predicação é combinado como o complemento do RELATOR e o predicado como o seu especificador, tal como em (71):

Estruturas como (71) são chamadas de “estruturas predicado-especificador” e, conforme o autor mostra, têm papel importante na sintaxe da predicação nominal, adjetival e adverbial (além de possibilitar análises de passivas e algumas causativas em línguas românicas). Retomando as sentenças em (68), vemos que elas têm ocorrências de predicação reversa, representado pelo R₁

em (69). Exemplificamos aqui a estrutura de predicação reversa, contrastando-a com a predicação canônica, com apenas mais um caso, visto que esse assunto foge do foco desta tese. Assim, enquanto a sentença em (72a), abaixo, tem a estrutura da predicação canônica representada em (72b), a da sentença em (73a) está representada em (73b), com a predicação mais baixa como um caso de predicação reversa (os exemplos foram extraídos de Den Dikken 2006a):

(72) a. Imogen is beautiful.

b. $[_{RP} [Imogen] [RELATOR=be [beautiful]]]$

(73) a. Imogen is a beautiful dancer.

b. $[_{RP} Imogen [RELATOR=be [_{DP} a [_{RP} [_{AP} beautiful] [RELATOR [_{NP} dancer]]]]]]]$

Para concluir nossa menção a esse caso, como o autor ainda mostra, (74a), abaixo, é uma variante mínima de (73a), acima, portanto, igualmente há um caso de predicação reversa com o mesmo significado, mas agora há um DP pleno no complemento do RELATOR mais baixo e *as* lexicalizando esse núcleo:

(74) a. Imogen is beautiful as a dancer.

b. $[_{RP} Imogen [RELATOR=be [_{RP} [_{AP} beautiful] [RELATOR=as [_{DP} a [_{NP} dancer]]]]]]]$

Para finalizar nossa exposição da sintaxe da predicação segundo Den Dikken (2006a), além do RELATOR, outro elemento importante na proposta do autor é o LINKER. LINKER é um elemento funcional usado para estender o domínio mínimo de uma predicação, possibilitando a ocorrência da Inversão do Predicado (*Predicate Inversion*). Ele é assim chamado porque provê o “link” entre o predicado alçado e a *small clause* da qual ele saiu, que contém o seu sujeito. Como consequência da Inversão de Predicado, há sempre a emergência de uma cópula, que lexicaliza o LINKER, por isso ele é geralmente identificado como a cópula (em Latim, *copula* literalmente significa “união”, “ligação” ou, precisamente, “link(er)”). Os exemplos em (75-77) ilustram aplicações de Inversão de Predicado:

(75) a. I consider John (to be) the best candidate.

b. I consider the best candidate_i *(to be) John t_i.

- (76) a. Eu considero o João como (sendo) o meu melhor amigo.
 b. Eu considero o meu melhor amigo como *(sendo) o João.
- (77) a. A retirada da tropa parece (ser) a melhor solução.
 b. A melhor solução parece *(ser) a retirada da tropa.

Como podemos observar, nas sentenças em (a), que contêm predicções na ordem canônica, a presença da cópula é facultativa; já nas suas versões em (b) com Inversão de Predicado, a presença da cópula é obrigatória. Essa cópula, que realiza o LINKER, pode ser de natureza verbal, *ser* nos exemplos em (b) de (75-77), ou de natureza nominal, a chamada “cópula nominal”, como *of (de)* em *a jewel of a village* (uma jóia de vila), *a horror of a story* (um horror de história). Em todos esses exemplos houve Inversão de Predicado. Portanto, o LINKER (materializado pela cópula) é visto como uma ‘ajuda sintática’ para que o predicado possa inverter sobre o seu sujeito respeitando as condições de localidade no movimento.³⁶ Sobre essas, Den Dikken (2006a, 2007) discorre longamente fundamentando-se na ideia-chave que defende: *small clauses* são fases.

Den Dikken (2006a, 2007), baseado na propriedade definidora de fase para Chomsky (2001) em (78), defende que *small clauses* são fases.

- (78) Phases (Φ) are propositional.

Assim como vP, elas se qualificam como um Complexo Funcional Completo e são, para o autor, fases inerentes:

- (79) *Inherent Phase*
 an *inherent* phase is a *predication* (subject–predicate structure) (DEN DIKKEN 2007:1)

Sendo *small clauses* (=RPs) fases, há problemas imediatos para viabilizar a Inversão de

³⁶ O uso tanto do RELATOR quanto do LINKER sempre em *small caps* é uma escolha deliberada do autor para indicar que esses elementos não são novos itens no inventário lexical, mas antes posições sintáticas, realizadas por elementos existentes independentemente, que cumprem papel no estabelecimento de relações de predicação. A questão aqui não é propor novas categorias lexicais, mas tomar uma posição sobre a sintaxe da predicação.

Predicado, exemplificada em (75-77) acima. A princípio parece ser impossível extrair o predicado, que está no domínio da fase, cruzando a fronteira dessa fase. Essa restrição ficou conhecida pelo termo PIC (*Phase Impenetrability Condition*) de Chomsky (2001):

(80) *Phase Impenetrability Condition*

In a phase α with head H, the domain of H is not accessible to operations outside α , but only H and its edge.³⁷

Além disso, na Inversão de Predicado, o movimento do predicado para uma posição A superior a RP, ocorre ‘por cima’ do sujeito, que o c-comanda também em posição A, portanto em desrespeito à Minimalidade Relativizada. Para solucionar esses problemas, Den Dikken (2006a, 2007) propõe uma operação sintática chamada por ele de “extensão de fase”, elaborada tal qual em (81):

(81) *Phase Extension*

syntactic movement of the *head* H of a phase α up to the head X of the node β dominating α *extends* the phase up from α to β ; α loses its phasehood in the process, and any constituent on the edge of α ends up in the domain of the derived phase β as a result of Phase Extension.³⁸

A extensão da fase é, então, o que viabiliza a Inversão de Predicado, em respeito às condições de localidade no movimento. Aqui, o LINKER desempenha papel crucial. A presença do LINKER, combinado na estrutura com o RP (a *small clause* básica), que é uma fase inerente, torna possível a subida do RELATOR, que a ele se adjunge, estendendo, assim, a fase inicial do *Relator Phrase* (RP) para o *Linker Phrase* (representado como FP) – como retratado abaixo:

³⁷ “Condição de Impenetrabilidade de Fase:

Em uma fase α com um núcleo H, o domínio de H não é acessível para operações fora de α , mas somente H e sua borda”. (tradução nossa)

³⁸ “Extensão da Fase:

O movimento sintático do núcleo H de uma fase α até o núcleo X do nó β que domina α estende a fase de α até β ; α perde sua qualidade de fase no processo, e qualquer constituinte na borda de α termina no domínio da fase derivada β como um resultado da Extensão da Fase” (tradução nossa).

- (82) Movement of the head of a phase to a higher head F *extends the phase* to FP.
- (83) a. $[_{RP} \text{ SUBJECT } [_{\text{RELATOR}} [_{\text{PREDICATE}}]]]$
 Φ
 b. $[_{FP} \text{ F+R}_i [_{RP} \text{ SUBJECT } [t_i [_{\text{PREDICATE}}]]]]$
 $\Phi \leftarrow \Phi$
 c. $[_{FP} \text{ PREDICATE}_j [_{\text{F+R}_i} [_{RP} \text{ SUBJECT } [t_i t_j]]]]$
 Φ (DEN DIKKEN 2006a: 115)

O crucial é que com a subida do RELATOR para F (junto ao LINKER, a próxima posição de núcleo funcional na estrutura), as propriedades de fase de RP passam à FP, logo o movimento do predicado é lícito, visto que ele não mais cruza uma fronteira de fase. É interessante salientar que mesmo no caso de *small clauses* complemento, a subida do RELATOR se dá sempre para a próxima posição de núcleo funcional na estrutura, o LINKER. Esse núcleo mais alto não poderia ser o verbo matriz, porque V é um núcleo lexical e, de acordo com o modelo proposto em Den Dikken (2006a) e adotado nesta tese, núcleos lexicais não têm especificadores. Aqui, argumentos temáticos são sempre especificadores de núcleos funcionais, cujo complemento hospeda o seu predicado, em conformidade com a concepção de que toda relação de predicação é mediada por um RELATOR.

Assim, para operar a Inversão de Predicado, uma vez estendida a fase, Den Dikken (2006a, 2007) sustenta-se na teoria minimalista de localidade original de Chomsky (1995, cap. 3), que trabalha com noções de *domínio* e *domínio mínimo*.

- (84) a. The *domain* $\delta(\text{CH})$ of $\text{CH}=(\alpha, t)$ is the set of categories included in $\text{Max}(\alpha)$ that are distinct from and do not contain α or t .³⁹ (CHOMSKY 1995: 178)
 b. The *minimal domain* $\delta_{\text{MIN}}(\text{CH})$ of $\text{CH}=(\alpha, t)$ is the largest subset S of $\delta(\text{CH})$ such that

³⁹ O domínio $\delta(\text{CH})$ de $\text{CH}=(\alpha, t)$ é o conjunto de categorias incluídas em $\text{Max}(\alpha)$ que são distintas de e não contém α ou t .

none of S's members is dominated by any member of $\delta(\text{CH})$.⁴⁰

(DEN DIKKEN 2006a: 114)

Como para a extensão da fase o movimento relevante é o de núcleo (do RELATOR para o LINKER), Den Dikken (2006a: 114; 2007: 3) oferece a seguinte ‘atualização’ da definição de *domínio mínimo*:

(85) The *minimal domain* $\delta_{\text{MIN}}(\text{CH})$ of a chain resulting from head-adjunction of α to β is $\delta_{\text{MIN}}(\alpha) \cup \delta_{\text{MIN}}(\beta)$.⁴¹

Com tal definição, uma vez feita a extensão da fase (cf. (83)), o sujeito da *small clause* (em SpecRP) e a posição alvo do predicado (SpecFP) passam a ficar no mesmo domínio mínimo. Como membros do mesmo domínio mínimo, essas posições são, portanto, *equidistantes*. Sendo equidistantes, o movimento do predicado para SpecFP, acima do sujeito em SpecRP, não viola Minimalidade. Dessa maneira, a Inversão de Predicado ocorre em respeito às condições de localidade dos movimentos.

Uma consequência da Inversão de Predicado que nos interessará em nossa análise para as construções semiclivadas é o efeito que tem em LF e PF quanto à estrutura informacional da sentença. A Inversão de Predicado literalmente inverte a estrutura informacional da sentença, fazendo com que o predicado seja interpretado como o tópico e o sujeito, que permanece *in situ* (em SpecRP), como o foco estreito. Como tal, em PF, o sujeito recebe acento forte. Mais detalhadamente, com a inversão, a posição final do predicado passa a ser SpecTP, a posição de sujeito estrutural, que é justamente a posição-A canônica de tópico (a posição natural para constituintes focalizados é no domínio de VP (cf. Zubizarreta 1998)). Como o predicado é

⁴⁰ “O domínio mínimo $\delta_{\text{MIN}}(\text{CH})$ de $\text{CH}=(\alpha, t)$ é o maior subconjunto S de $\delta(\text{CH})$ tal que nenhum dos membros de S é dominado por nenhum membro de $\delta(\text{CH})$ ” (tradução nossa). Essa definição de domínio mínimo (em (84b)) é uma reformulação equivalente que Den Dikken (2006a) faz da definição original de Chomsky (1995: 178), por esta ser bem mais complexa, ‘pesada’.

⁴¹ “O domínio mínimo $\delta_{\text{MIN}}(\text{CH})$ de uma cadeia resultante de adjunção de núcleo de α a β é $\delta_{\text{MIN}}(\alpha) \cup \delta_{\text{MIN}}(\beta)$ ” (tradução nossa).

‘desfocalizado’, o sujeito, que fica sendo o constituinte mais encaixado e, portanto, recebe o acento nuclear da sentença, ganha a interpretação de foco.⁴²

Com isso, encerramos nossa exposição da sintaxe da predicação tal como em Den Dikken (2006a). Antes, porém, de passarmos diretamente para nossa análise das construções semiclivadas - o “foco” do presente capítulo -, precisamos apresentar a extensão que fazemos da sintaxe da predicação proposta pelo autor às relações de predicação em geral na sentença – o que será crucial para a análise que propomos às semiclivadas. A próxima seção é dedicada a esse assunto.

1.4.2 O papel dominante da predicação na sintaxe

⁴² Um fato interessante aqui é o contraste que Den Dikken (2006a: 82-83) mostra quanto à possibilidade de propagação do foco em sentenças com e sem Inversão de Predicado. Ao contrário dos casos em que o foco recai sobre o constituinte mais encaixado da sentença, nos quais ele pode propagar (o que é conhecido na literatura como “projeção do foco” (cf. Selkirk 1995)), o foco estreito sobre o sujeito final, em sentenças com Inversão de Predicado, não permite projeção. Isso é entendido como consequência da Inversão de Predicado que, para ser viabilizada, requer, previamente, a extensão da fase de RP para FP, como mostramos anteriormente. Dessa forma, o sujeito em SpecRP, que antes estava na borda da fase, com a extensão da fase para FP, passa a ficar no domínio da nova fase estendida (um domínio opaco), portanto, fica sintaticamente ‘congelado’ – daí não ser possível a propagação do foco nesse caso. A título de ilustração, reproduzimos o contraste entre as sentenças em (i) e em (ii), abaixo, oferecido pelo autor. Enquanto em (i), em que há uma predicação canônica, é possível propagar o foco do último constituinte acentuado para constituintes mais altos na estrutura sintática, em (ii), em que há Inversão de Predicado, o foco é confinado ao sujeito:

- (i) Imogen considers Brian to be the best CANDIDATE.
 - a. She does not consider him to be the best [MAGISTRATE].
 - b. She does not consider him to be the [DEVIL INCARNATE].
 - c. She does not consider him to [HAVE THE BRAINS TO GRADUATE].
 - d. She does not consider [THE COUNTRY TO NEED ANOTHER WATERGATE].
 - e. She does not [THINK THAT THE TEST RESULTS WOULD BE EASY TO REPLICATE].
- (ii) Imogen considers the best candidate to be BRIAN.
 - a. She does not consider the best candidate to be [RYAN].
 - b. *She does not consider the best candidate to [HAVE BEEN LYING].
 - c. *She does not consider [THIS PILOT TO BE PARTICULARLY GOOD AT FLYING].
 - d. *She does not [THINK THOSE ALLEGATIONS ABOUT HER SEX LIFE ARE WORTH DENYING].

Como exposto acima, o sujeito de um predicado que sofreu inversão fica sintaticamente congelado no domínio da nova fase estendida, não só para projeção de foco (cf. (ii)), como também para qualquer tipo de manipulação sintática, como extração-wh:

- (iii) a. I think the best candidate is this man.
- b. *Which man do you think the best candidate is t?

(Den Dikken, 2006a: 83)

Para mais detalhes, ver Den Dikken (2006a, cap. 4) e as referências lá citadas.

Apresentamos na seção anterior a sintaxe da predicação *a la* Den Dikken (2006a), adotada nesta tese. Nesta seção, como último “ingrediente” antes de entrarmos propriamente na nossa análise para as semiclivadas, apresentamos a extensão que fazemos da análise do autor para todas as relações de predicação na sentença. Assim, para nós, todas as relações de predicação são mediadas por uma categoria funcional, um RELATOR, em cujo especificador está o sujeito da predicação relevante e em cujo complemento está o seu predicado.

A configuração da predicação envolvendo o sujeito prototípico e seu predicado, o VP, já é a que queremos. Desde Kratzer (1996) e Chomsky (1995), o sujeito e seu predicado estão relacionados por um RELATOR, o *v*:⁴³ o sujeito é combinado na estrutura como o especificador desse núcleo e o VP (seu predicado) como o seu complemento.⁴⁴ Quanto aos verbos inacusativos, há duas opções: (i) se for assumido com Chomsky (1995) que *v* só está presente na projeção estendida de verbos transitivos e inergativos, mas não em verbos inacusativos, o papel do RELATOR em estruturas com esses últimos pode ser, então, desempenhado pelo núcleo T, que serve plenamente como um RELATOR; (ii) se for assumido com Chomsky em seus trabalhos mais recentes (2001, 2008), e também com a perspectiva da Morfologia Distribuída, segundo a qual as raízes são categorialmente neutras e o verbo leve *v* é o ‘categorizador’ da raiz lexical verbal, estruturas inacusativas têm sim um *v*⁴⁵ que, portanto, executa o papel do RELATOR.

Quanto à configuração da predicação envolvendo o objeto, e é aqui que a nossa proposta se diferencia, queremos propor que também essa seja mediada por um RELATOR. Assim, o objeto não é tratado como o complemento do verbo lexical, mas como o especificador de um RELATOR que o relaciona com o seu predicado (o VP), esse, por sua vez, localizado no complemento do RELATOR. Nessa visão, posições argumentais (temáticas) são sempre posições de especificadores e sempre especificadores de núcleos funcionais (como é o RELATOR), já que categorias lexicais nunca têm especificadores no modelo adotado. Esse modo de analisar a relação ‘objeto de’ não é totalmente novo, entretanto. Já em Larson (1988) e Hale & Keyser (1993), verificamos ocorrências em que objetos foram introduzidos em posição de especificador, como é o caso das

⁴³ Aqui, Chomsky (1995) seguiu a ideia de Kratzer (1996) de que há um núcleo (*v*-)*Voice* que introduz o argumento externo em seu especificador.

⁴⁴ Veremos, mais à frente, que o VP, que aqui chamamos de predicado do sujeito, pode conter uma predicação internamente a ele. Nesses casos, esse VP é, em nossa análise, um RP.

⁴⁵ Esse *v* nos inacusativos seria ‘defectivo’ e, assim, não se caracteriza como um núcleo de fase (forte).

construções bitransitivas⁴⁶:

(86) a. John put the book on the shelf.

b. [_{VP} [_V ec] [_{VP} [the book] [_{V'} put [_{PP} on the shelf]]]]

Em (86), o objeto, *the book*, na posição de especificador de um VP mais interno e parte do ‘VP-shell’, é o sujeito de uma predicação. A ideia de introduzir objetos como especificadores do verbo também esteve presente em outros autores, como por exemplo, Bowers (1993) e Kratzer (1996), que seguiu aquele autor a esse respeito.⁴⁷ Bowers (1993), após mencionar Jespersen (1965), que já revelava ‘parentescos’ entre o sujeito e o objeto,⁴⁸ cita vários paralelos traçados entre esses constituintes na literatura até então:

- a. The subject c-commands everything else in the clause; the object c-commands everything but the subject (Barss and Lasnik 1986)
- b. Both subject and object are assigned structural Case (Chomsky 1981)
- c. Both subject and object can agree with the verb
- d. Both subject and object control PRO subject of infinitive and SC complements
- e. Both subject and object are possible positions. (Postal and Pullum 1988)⁴⁹

(BOWERS 1993: 598)

⁴⁶ (86b) representa só o ‘VP-shell’ e exclui o argumento externo.

⁴⁷ *In the spirit of Bowers (1993), we may now assume that, quite generally, heads syntactically realize their arguments in their specifier position at D-structure: external arguments are arguments of Voice, and hence are base-generated in SPEC of VoiceP. Direct objects (of verbs) are arguments of V, and hence are base-generated in SPEC of VP.* (KRATZER, 1996: 120).

⁴⁸ Jespersen (1965) afirmava que *both subject and object are primary members, and we may to some extent accept Madvig’s dictum that the object is as it were a hidden subject, or Schuchardt’s that ‘jedes objekt ist ein in den schatten gerücktes subjekt’...* In many ways we see that there is some kinship between subject and object [...], the frequency of shifting from one to the other in the course of time, [...] sentences without a formal subject, but with an object [...] (JESPERSEN 1965: 60, *apud* Bowers 1993: 597-598). JESPERSEN, O. 1965. *The philosophy of grammar*. New York: W. W. Norton.

⁴⁹

- a. O sujeito c-comanda tudo na sentença; o objeto c-comanda tudo exceto o sujeito. (Barss & Lasnik 1986)
- b. Tanto para o sujeito quanto para o objeto é atribuído Caso estrutural. (Chomsky 1981)
- c. Ambos sujeito e objeto podem concordar com o verbo.
- d. Ambos sujeito e objeto controlam PRO sujeito de infinitivo e de SC complemento.
- e. Ambos sujeito e objeto são posições possíveis. (Postal & Pullum 1988)

(tradução nossa)
(BOWERS 1993: 598)

Tais paralelos levaram o autor a assumir que objetos são, assim como o sujeito, gerados na posição de especificador de VP, chamando aqueles, por vezes, de *secondary subjects*. Para as construções bitransitivas, Bowers (1993) adota a mesma estrutura do VP mais interno de Larson (1988) e Hale & Keyser (1993) (cf. (86b) acima): [_{VP} [*the book*] [_V *put* [_{PP} *on the shelf*]]]. A mudança na análise desses autores reside no VP mais externo, inexistente na análise de Bowers (1993). Para Bowers (1993), imediatamente acima do VP (equivalente ao VP mais interno de Larson 1988 e Hale & Keyser 1993) está a projeção do seu postulado “Pr”, em cujo especificador está o argumento externo e, em cujo complemento, o referido VP (único em sua análise).

Contudo, apesar de sermos favoráveis, ou ainda mais, de defendermos a visão de que os objetos são introduzidos na estrutura como especificadores, divergimos na configuração da estrutura de predicação tal como proposta em (86b). A análise dos autores reproduzida, em linhas gerais, acima, encontra problemas, sobretudo nas relações de predicação estabelecidas no VP mais interno de (86b). Den Dikken (2006a: seção 2.4), que segue Hoekstra (1988), Mulder (1992),⁵⁰ e Den Dikken (1995), critica a mediação do verbo lexical na relação de predicação entre o objeto direto (DP) e o predicado secundário (PP). Para esses autores, verbos como *put* (pôr) e *give* (dar) não têm nem o DP nem o PP como seus argumentos temáticos; antes, o DP é argumento do PP, o chamado predicado secundário. Den Dikken (2006a) baseia-se também em Rothstein (1983),⁵¹ que afirma que um constituinte que serve como predicado não pode receber papel temático de um predicator: ou se é argumento, ou se é predicado, mas não as duas funções simultaneamente. Portanto, há problemas com (86b), já que nessa estrutura o PP é, ao mesmo tempo, predicado do DP e argumento do verbo. Diferentemente, Den Dikken (2006a) propõe, em consonância com sua sintaxe da predicação, que a predicação entre o DP e o PP seja mediada por um RELATOR e o que verbo, então, ocupe uma posição externa à essa *small clause* [DP[Rel[PP]]] (posição correspondente ao VP mais externo do ‘VP-shell’). Essa análise para as construções com predicação secundária segue, *mutatis mutandis*, as linhas da análise das ‘*small clauses* resultativas’ de Hoekstra (1988, 2004).

O que é crucial para nós aqui (e esta é a visão que queremos defender ao longo desta tese)

⁵⁰ MULDER, R. 1992. *The Aspectual Nature of Syntactic Complementation*. Tese de doutorado, University of Leiden/HIL.

⁵¹ ROTHSTEIN, S. 1983. *The Syntactic Forms of Predication*. Tese de doutorado, MIT; distribuída por IULC in 1985.

é que objetos, assim como sujeitos, sejam introduzidos no especificador de uma categoria funcional - o RELATOR relevante em cada contexto - esse sim, sempre o mediador em qualquer relação de predicação da sentença. Em Bowers (2010), encontramos uma visão mais parecida com a nossa: o autor, nesse seu trabalho mais recente, introduz todos os argumentos, uniformemente, em especificadores de núcleos funcionais, ao invés de alguns em projeções de categorias lexicais. Mas, embora afirme explicitamente que *every argument is merged as the specifier of a functional category of a particular type* (p. 1), ele não toma a relação ‘objeto de’ como uma relação predicacional, contrariamente ao que defendemos nesta tese.

Em síntese, apesar das particularidades da nossa análise, esperamos ter deixado claro que a proposta de introduzir o objeto em uma posição de especificador, tal qual o sujeito, bem como ser esse objeto, ele próprio, um sujeito de uma predicação, já encontrava suportes na literatura. Assim, expandimos essa visão mesmo para as sentenças transitivas simples, como (1c), analisada em (87) abaixo:

(87) $[_{vP} \text{ o João } [_{v'} v [_{RP} \text{ um carro } [_{R'} \text{ RELATOR } [_{VP} \text{ comprou}]]]]]$

Em (87), há duas relações de predicação. Na primeira, o VP, nucleado pelo verbo, é predicado do objeto *um carro* (o objeto é o ‘sujeito’ do VP) – predicação que é, sistematicamente, mediada por um RELATOR. Na segunda, o constituinte formado por essa estrutura de predicação (=RP) é subsequentemente predicado do sujeito da sentença, *o João*; tal predicação, por sua vez, é mediada pelo *v*, o RELATOR nesse caso. Voltaremos à análise de (87) adiante.

Com essa forma de expressar os objetos, há um ganho em uniformidade na maneira de conceber a natureza da posição estrutural de complemento. Sabemos que, na abordagem

tradicional que nos é familiar, os complementos de categorias funcionais são diferentes dos de categorias lexicais: só os últimos são tematicamente dependentes da categoria de que são complementos. Como não há muitas categorias lexicais na estrutura, mas, por outro lado, há muitas funcionais, sabemos também que há muito mais complementos não-tematicamente marcados do que tematicamente marcados.⁵² Então, sendo a maioria dos complementos uma posição estrutural não-temática, nossa mudança consiste em concebê-los todos nessa condição; com isso, a única posição temática na estrutura fica reservada à posição de especificador. Em outras palavras, ao invés de termos uma teoria em que a posição estrutural de complemento é às vezes uma posição temática e às vezes não-temática, queremos uma teoria na qual a posição estrutural de complemento seja sempre não-temática e todo e qualquer argumento de um verbo ou de uma categoria lexical, ou melhor, de qualquer predicado em geral, seja sistematicamente introduzido na posição estrutural de especificador (especificador da categoria funcional que relaciona o predicado a seu sujeito em cada caso).

Como última observação sobre o largo papel da predicação na sintaxe, fazemos menção ao caso dos modificadores adverbiais. Também entre eles e os constituintes que modificam há uma relação de predicação, estruturada nos mesmos moldes de todas as demais (cf. esquema genérico em (66)). Assim, por exemplo, para um modificador de VP, teremos o VP, sujeito da predicação realizada pelo modificador, no especificador de um RELATOR, e o modificador, por sua vez, predicado do VP, no complemento desse núcleo. Na seção seguinte, começaremos a análise das construções semiclivadas com dados de foco no modificador adverbial e então mostraremos a derivação completa desse caso.

Finalmente, uma vez apresentada essa visão larga da sintaxe da predicação, que a estende para as relações envolvendo objetos e modificadores adverbiais, passamos a analisar os fatos empíricos – dados de semiclivadas.

1.4.3 A sintaxe monoracional das semiclivadas

Nossa análise para a sintaxe das construções semiclivadas é uma análise monoracional, na qual a cópula, que antecede o foco dessas sentenças, é a realização de uma categoria funcional

⁵² Também o complemento de verbos de alçamento e de modais epistêmicos, por exemplo, não é tematicamente dependente desses verbos.

envolvida no estabelecimento de relações de predicação entre dois termos: ou um RELATOR ou um LINKER. Vejamos como a derivação ocorre caso a caso.

1.4.3.1 Semiclivadas com foco no modificador de VP: modificação como predicação

Em nossa análise, modificadores são vistos como predicados – predicados do constituinte que eles modificam. De acordo com a estrutura de predicação adotada (em (66) acima, repetida abaixo em (88)), quando o foco das semiclivadas recai sobre o predicado, como este é o elemento em posição final dentro da estrutura da predicação, temos o caso mais simples: a cópula simplesmente realiza o RELATOR entre o sujeito da predicação e seu predicado:

No caso de semiclivadas com foco no modificador de VP, como (89a), abaixo, o sujeito da predicação é todo o VP, e seu predicado, o modificador desse VP, que fica *in situ*. Em (89a), *na USP* é o predicado do VP nucleado por *trabalha* (o trabalho acontece na USP) e o RELATOR é realizado como a cópula (cf. (90)). Notamos que se o RELATOR permanecer vazio, ao invés da semiclivada, é derivada a sentença simples equivalente sem a cópula (89b):

- (89) a. O João trabalha é na USP. (e não na PUC)
 b. O João trabalha na USP.

- (90) $[_{VP} \text{ o João } [_{V'} V [_{RP} [_{VP} \text{ trabalha}] [_{R'} \text{ RELATOR} = \{\emptyset / \text{é}\} [_{PP} \text{ na USP}]]]]]$ ⁵³

⁵³ Representamos aqui (e na análise das demais semiclivadas subsequentes) só a parte relevante da estrutura.

Então, a única diferença entre a estrutura sintática das sentenças em (89a) e (89b) é a lexicalização do núcleo RELATOR na primeira. Poderíamos pensar, como sugerem Resenes & Den Dikken (2012), que o caráter de foco exaustivo obrigatório na semiclivada (por exemplo, em (89a) *versus* (89b)) está relacionado à lexicalização do RELATOR em PF. Assim, o efeito do *spell-out* do RELATOR como a cópula na interpretação do seu complemento é diretamente tratado no componente PF, nas linhas de Esteschik-Shir (2007: 214), que considera a estrutura informacional como parte da computação fonológica. Contudo, como já ponderamos quando comentamos a análise de Camacho (2006) (cf. seção 1.3.5 acima), a presença da cópula, por si só, não é *garantia* de exaustividade. Mesmo para as semiclivadas derivadas via Inversão de Predicado (o que será mostrado a partir da próxima seção), ainda que uma consequência dessa operação seja a condição de foco para o sujeito (*in situ*) da predicação (como mostramos no final da seção 1.4.1, quando expomos a sintaxe da predicação de Den Dikken 2006a, 2007), nem sempre é o caso de que esse foco é exaustivo. Apesar de geralmente ser esse o caso, há contra-exemplos: a sentença em (61), *Um bom exemplo disso é o casamento* (mencionada na seção 1.3.5 acima), ilustra exatamente um caso de Inversão de Predicado em que o foco, *o casamento*, não é exaustivo. Sem esgotar a discussão, mas para, de alguma forma, concluí-la aqui para as semiclivadas, parece-nos apropriado afirmar que a questão da exaustividade está relacionada a diversos fatores que a *favorecem* (mas não a determinam), como a definitude, a presença da cópula, o processo sintático de inversão de predicação, etc.

Retomando os casos de modificação como predicação, nesta seção mostramos modificadores de VP figurando no foco das semiclivadas. Contudo, é interessante notar que nem todo modificador de VP pode ser foco nessas sentenças. Os advérbios de VP terminados em *-mente* apresentam variação entre os falantes; alguns aceitam (91a), outros não:

- (91) a. %O João correu foi rapidamente.
 b. O João correu rapidamente.

Da nossa perspectiva sobre a cópula na estrutura monoracional das semiclivadas, essa variação é bastante interessante. Tendo em vista nossa análise para casos como o de (89) acima, propomos a estrutura em (92) para as sentenças em (91). Nela, o AP é o predicado do VP, predicação que encontra correspondência na paráfrase *a corrida (do João) foi rápida*.

- (92) $[_{VP} \text{ o João } [_{V'} v [_{RP} [_{VP} \text{ correu}] [_{R'} \text{ RELATOR } [_{AP} A]]]]]$

Essa estrutura em (92) nos permite dar conta da variação entre os falantes acerca da aceitabilidade de (91a) do seguinte modo. Assumimos que, para alguns falantes, *-mente* é um elemento sintático autônomo, é a lexicalização do núcleo RELATOR da parte da estrutura que associa o modificador (predicado) ao VP (seu sujeito).⁵⁴ Sendo o *spell-out* do RELATOR em (92), *-mente* está em distribuição complementar com a cópula (cf. (93a)), já que essa também é vista como o *spell-out* desse núcleo; logo a derivação em (93a) para a semiclivada em (91a) é impossível, compatível com os julgamentos dos falantes que rejeitam semiclivadas desse tipo. Se nossa análise da distribuição complementar entre *-mente* (como o *spell-out* do RELATOR) e a cópula nas sentenças semiclivadas estiver no caminho correto, ela dá suporte a um tratamento da cópula nas semiclivadas como a lexicalização do RELATOR, núcleo da predicação. Por outro lado, os falantes que aceitam a semiclivada em (91a), acima, tratam *-mente* não como um elemento sintático autônomo, mas como um sufixo, ligando-o diretamente ao adjetivo: $[A+mente]$ formam, portanto, uma unidade, predicado do VP, como ilustrado em (93b):

- (93) a. $[_{VP} \text{ o João } [_{V'} v [_{RP} [_{VP} \text{ correu}] [_{R'} \text{ RELATOR}=\{-mente/*foi\} [_{AP} \text{ rápida}]]]]]$

⁵⁴ Para Den Dikken (2006a: 31), *-ly* (que corresponde ao nosso *-mente*), pode ser analisado como um RELATOR. Essas duas formas têm uma história similar: *-mente* deriva da palavra latina *mens* (mente) e *-ly*, da palavra germânica *lic* (corpo).

b. [_{vP} o João [_v v [_{RP} [_{VP} correu] [_R RELATOR={∅/foi} [_{AP} rapida+-mente]]]]]

Se tomarmos advérbios mais altos para ser o foco de uma semiclivada, veremos que o resultado é unânime e agramatical: todos rejeitam semiclivadas cujo foco é um advérbio orientado para o falante, como em (94a):

- (94) a. *A Maria saiu foi infelizmente/provavelmente.
 b. A Maria saiu, infelizmente/provavelmente.

Mais uma vez, entendemos esse fato da perspectiva da nossa análise para as semiclivadas. Advérbios orientados para o falante são modificadores, portanto aqui *predicados*, de uma parte

alta da estrutura, o CP,⁵⁵ conforme (95):

(95) [RP [CP C [TP a Maria [T' T saiu]]] [R' RELATOR=*foi [AP infelizmente]]]

De acordo com (95), a causa da agramaticalidade da semiclivada em (94a) acima se deve ao fato de o RELATOR não ser c-comandado por T, logo a cópula, que é o *spell-out* do RELATOR, não consegue ter seu valor para o traço de tempo checado. O traço de tempo do RELATOR-cópula é inerentemente não-valorado, seu valor não é ‘determinado autonomamente’, segue em acordo a isso o fato de que a cópula das semiclivadas ‘adota’ sempre o mesmo tempo do verbo lexical (cf. ex. (4b)) - daí a necessidade de estar sob o c-comando de T. Notar que se o RELATOR não for lexicalizado pela cópula, isto é, se ficar vazio, não há problema com a derivação em (95) que, nesse caso, tem como resultado a sentença simples em (94b). Vejamos esse contraste mais detalhadamente. Em (94a), há traços morfológicos (traços de tempo e traços-phi) presentes no RELATOR - traços que, em PF, serão realizados sob a forma da cópula; esses traços dependem de c-comando por T para seu licenciamento formal (por checagem/valoração) - o que não ocorre (cf. estrutura em (95)) violando, portanto, o Princípio de Interpretabilidade Plena (*Full Interpretation*). Mesmo se encaixássemos a semiclivada em (94a) em um verbo finito, como em (96) abaixo, o resultado permaneceria agramatical, uma vez que havendo restrições de localidade nessas relações de checagem/valoração de traços, o T matriz não seria capaz de checar/valorar o traço de tempo da cópula da semiclivada encaixada. Por outro lado, em (94b), acima, o RELATOR não é dotado de traços-phi e de tempo (daí a ausência de uma forma verbal copular), logo, não há

⁵⁵ Resenes & Den Dikken (2012) mencionam que a literatura recente sobre a representação do falante na sintaxe (Baker 2008, Bianchi 2008, Giorgi & Pianesi 2001, Giorgi 2010, Sigurðsson 2004) mostra que o lugar do falante está no sistema-C. Dessa forma, entendendo que advérbios orientados para o falante devem ser predicados do constituinte que tem o falante nele representado, esses advérbios são, portanto, predicados de CP, como retratado em (95) acima.

nenhuma necessidade de T c-comandá-lo na estrutura para a boa-formação da sentença.⁵⁶

(96) *O João disse que a Maria saiu foi infelizmente.

1.4.3.2 Semiclivadas com foco no objeto: A sintaxe predicacional da relação ‘objeto de’

A semiclivada de objeto em (1a), repetida abaixo em (97a), é derivada em nossa análise pela abordagem predicacional para a relação ‘objeto de’, tal como apresentada anteriormente na seção 1.4.2.

(97) a. O João comprou foi um carro.

b. O João comprou um carro.

A emergência de uma cópula entre o verbo lexical e o objeto em (97a) é, então, explicada nos moldes de nossa análise: a cópula é, mais uma vez, a lexicalização de uma categoria funcional envolvida no estabelecimento de relações de predicação, aqui entre o objeto (*um carro*), o ‘sujeito’ da predicação ‘mais baixa’, e o VP, seu predicado. Em (98), retomamos a estrutura proposta em (87):

(98) [_{VP} o João [_{V'} v [_{RP} um carro [_{R'} RELATOR [_{VP} comprou]]]]]

⁵⁶ É sabido que advérbios altos não podem ser focalizados em nenhum tipo de construção da família das clivadas, como atestamos em (i):

(i) a. *Foi infelizmente que a Maria saiu.

b. *Como o João saiu foi infelizmente.

Entretanto, essa restrição geral das (pseudo)clivadas quanto à focalização de tais advérbios altos não invalida e não deve ser confundida com a explicação acima conferida às semiclivadas monoracionais, que *não* se derivam das (pseudo)clivadas. Em outras palavras, a causa da agramaticalidade nas semiclivadas monoracionais e nas (pseudo)clivadas é diferente: nessas últimas, não há operador que possa produzir a oração-wh; nas primeiras, por outro lado, não há nenhuma relação operador-variável envolvida, como argumentado anteriormente (rever revisão crítica da análise de Costa & Duarte 2001, seção 1.3.1); portanto, a ‘raiz’ do problema é distinta e nossa análise monoracional para as semiclivadas, apresentada neste capítulo, deriva essa restrição. Nosso ponto no corpo do texto acima foi justamente prover uma explicação para dar conta da impossibilidade da focalização de advérbios do tipo de *infelizmente* na semiclivada monoracional em (94a), em oposição à sua possibilidade na sentença simples em (94b), haja vista que ambas têm a mesma base derivacional, em oposição às (pseudo)clivadas, construções bioracionais. Já as semiclivadas bioracionais, que são, na verdade, pseudoclivadas reduzidas (cf. capítulo III), essas sim compartilham a mesma ‘raiz’ da restrição em questão que as (pseudo)clivadas em (i) acima ilustram, como não poderia ser diferente.

Porém, diferentemente de quando o foco da semiclivada recai sobre o predicado da relação de predicação relevante, como é o caso de *na USP* em (89a) (= *O João trabalha é na USP*), aqui em (97a) o foco recai sobre o sujeito da predicação relevante, (o objeto) *um carro*. No primeiro caso (cf. sua estrutura em (90)), o RELATOR da referida predicação é realizado como a cópula, resultando na semiclivada em (89a), cujos constituintes da predicação mais baixa (o VP sujeito *trabalha* e o seu predicado *na USP*) permaneceram *in situ*. Já no segundo caso, a semiclivada de objeto em (97a), se o RELATOR da predicação relevante (cf. (98)) for realizado como a cópula, deixando os constituintes dessa predicação *in situ*, o resultado não será gramatical:

(99) *O João um carro foi comprou.

Há uma explicação simples para a impossibilidade de o RELATOR em (98) ser lexicalizado independentemente como uma forma da cópula: o verbo finito *comprou* deve se amalgamar com *v* no curso da derivação, movimento que ocorre via núcleo RELATOR. Com V movendo-se para *v*, por meio do RELATOR, esta última posição fica ocupada por um vestígio (ou cópia silenciosa de V), portanto não pode ser lexicalizada independentemente como a cópula. Aliás, essa é justamente a maneira pela qual a sentença simples não-semiclivada em (97b) é derivada, já que a estrutura das relações de predicação básicas ilustradas em (98) é comum a essa e à sua versão semiclivada, em (97a).

Sendo assim, percebemos que alguma operação a mais deve ser executada no curso da derivação da semiclivada em (97a). Aqui é que entra, então, a chamada *Inversão de Predicado*, apresentada na seção 1.4.1. A Inversão de Predicado é aplicada ao VP, que é justamente o predicado de *um carro*. Mais especificamente, o VP predicado é alçado para uma posição A sobre o objeto, como retratado em (100), forçando a presença de um LINKER cujo *spell-out* é, como sabemos, a cópula:

(100) [_{VP} o João [_v v [_{FP} [_{VP} comprou]_i [F+RELATOR=foi [_{RP} um carro [_R' t_{REL} t_{VP}]]]]]]⁵⁷

⁵⁷ Apenas para facilitar a representação, usamos *t* (*trace*) ao invés de cópias dos constituintes ou núcleos.

Exatamente da forma como apresentamos a Inversão de Predicado na seção 1.4.1, ela é aplicada aqui: a Extensão de Fase (com o movimento do núcleo R para F, a fase é estendida de RP para FP), torna lícito o movimento do predicado por cima do sujeito, em respeito às condições de Minimalidade, uma vez que a posição deste último e a posição alvo do predicado (SpecFP) passam a fazer parte do mesmo domínio mínimo, isto é, tornam-se equidistantes. Como consequência da Inversão de Predicado, há sempre a presença de uma cópula, que lexicaliza o complexo F+RELATOR (cf. ex. (75-77), na seção 1.4.1). Assim, com a Inversão de Predicado, o constituinte que imediatamente segue a cópula é agora o objeto *um carro*, que, consequentemente, passa a ser o foco da sentença. Dessa forma, é derivada a semiclivada em (97a). Em resumo, sobre a diferença entre a semiclivada em (97a) e sua versão simples em (97b), sempre que o VP inverte com o seu sujeito (o objeto), há a emergência de uma cópula e o objeto ganha o estatuto de foco da sentença; por outro lado, quando não há Inversão de Predicado, V sobe para o RELATOR (em (98)) e depois para v , produzindo o *output* simples VO de (97b).

É importante destacar aqui que a existência dessas semiclivadas de objeto constitui um argumento empírico para a representação do objeto como o ‘sujeito’ do VP, no especificador de uma categoria funcional que relaciona os termos dessa predicação. E sendo assim, como um resultado do nosso tratamento para a relação ‘objeto de’, observamos também que a estrutura em (98), que retrata tal relação, origina diretamente a ordem OV como base, sendo a ordem VO derivada via alçamento do verbo para v . Portanto, essa análise dispensa o movimento à esquerda

do objeto para produzir a ordem superficial OV nas línguas de núcleo final, já que tal ordem é resultado imediato da configuração dos constituintes na estrutura, com objeto e verbo *in situ*.⁵⁸

Para finalizar esta seção, fazemos um breve resumo das ideias centrais apresentadas até aqui: (i) todas as relações de ‘ser argumento de’ são estruturalmente representadas como predicação; (ii) se os constituintes da predicação ficam *in situ*, a cópula realiza o núcleo dessa predicação (o RELATOR) e o foco recai sobre o predicado, constituinte que segue a cópula - dessa forma as semiclivadas com foco no modificador de VP são derivadas; (iii) se o predicado inverte sobre o sujeito da predicação, dando origem à emergência de uma cópula (o LINKER), o foco recai sobre o sujeito (*in situ*) dessa predicação, que segue imediatamente a cópula – dessa forma as semiclivadas de objeto são derivadas; (iv) a ordem OV é diretamente produzida (“gerada na base”) e a ordem VO resulta do movimento de V para v.

1.4.3.3 Semiclivadas com predicados secundários

Nesta seção tratamos de semiclivadas com predicados secundários, como estas em (101)-(103), abaixo, conforme a análise da sintaxe da predicação (configuracional, assimétrica) apresentada nas seções precedentes. Uma vez mostrado como são derivadas semiclivadas em sentenças transitivas simples, como (97a), acima, temos condições de passar à análise de casos mais complexos, como as conhecidas bitransitivas em (101)-(102) e as com verbos de percepção em (103) - todas envolvendo uma predicação secundária:

(101) a. O João pôs o livro na mesa.

⁵⁸ Para línguas em que v e V têm como *spell-out* elementos distintos e independentes, a estrutura sintática em (98) também traz benefícios. Resenes & Den Dikken (2012) mostram que ela resulta diretamente na ordem superficial das chamadas ‘take’ serial verb constructions, como a sentença do Yorùbá em (i), extraída de Stahlke (1970):

- (i) a. mo mú iwé wá ilé
 I took book came house
 ‘I brought a book home’
 b. [_{VP} mo [_V v=mú [_{RP} iwé [_R RELATOR=Ø [_{VP} V=wá [_{PP} P_o ilé]]]]]]

Para obter a sentença do Yorùbá em (i) acima, v é realizado como *mú*, o verbo *wá* permanece em sua posição de base, no núcleo de VP, cujo complemento é um predicado secundário resultativo que forma com o verbo uma predicação complexa. Tal predicação tem como sujeito o objeto *iwé*, no especificador do RELATOR, o lugar dos sujeitos de predicação, segundo nossa análise. Essa forma de analisar predicados secundários será explorada na próxima seção, que trata de semiclivadas com esse tipo de predicado. STAHLKE, H. 1970. Serial verbs. *Studies in African Linguistics* 1. 60–99.

- b. O João pôs o livro foi *na mesa*.
- c. O João pôs na mesa foi *o livro*.
- d. O João pôs foi *o livro na mesa*.

- (102)
- a. O João deu o livro pra Maria.
 - b. O João deu o livro foi *pra Maria*.
 - c. O João deu pra Maria foi *o livro*.
 - d. O João deu foi *o livro pra Maria*.

- (103)
- a. O João viu a Maria cantando.
 - b. O João viu a Maria foi *cantando*.
 - c. O João viu cantando foi *a Maria*.
 - d. O João viu foi *a Maria cantando*.

Observamos que das sentenças simples não-semiclivadas em (a), há três possíveis semiclivadas: ora com o foco no predicado secundário (b), ora com o foco no objeto (sujeito da predicação secundária) (c), e ora com o foco em toda a predicação secundária (d). Começemos a análise pelas bitransitivas.

É importante termos em vista duas coisas aqui: a crítica feita à análise do ‘VP-shell’ de Larson (1988) na seção 1.4.2, fundamentalmente contra o uso de um argumento servir, ele próprio, simultaneamente, como predicado e vice-versa, e a postura que defendemos nesta tese de que a posição de complemento é sempre uma posição não-temática, sendo as posições temáticas reservadas à de especificador. Com isso em mente, propomos as estruturas em (104) para as semiclivadas em (101)-(102) (tomamos as de (101) para exemplificação):

- (104)
- a. [_{VP} o João [_{v'} v [_{RP1} [_{RP2} o livro [_{R'} RELATOR2 [_{PP} na mesa]]] [_{R1'} RELATOR1 [_{VP} V=pôs]]]]]
 - b. [_{VP} o João [_{v'} v [_{RP} o livro [_{R'} RELATOR [_{VP} V=pôs [_{PP} na mesa]]]]]]]

Em ambas estruturas acima, o objeto *o livro* é o sujeito de uma predicação. E em ambas é possível derivar a sentença simples não-semiclivada em (101a), *O João pôs o livro na mesa*, bastando o verbo subir para *v* (via RELATOR (REL1, em (104a)). Ainda que as duas estruturas

possam dar origem ao mesmo *output*, a existência das semiclivadas de (101b) a (101d) para a sentença (101a), é fundamental para o nosso olhar sobre a sintaxe das construções de predicação secundária. Como para nós, a cópula é o *spell-out* de uma categoria funcional envolvida no estabelecimento das relações de predicação na sentença (o RELATOR, *in situ* ou movido para um núcleo funcional acima, RELATOR+LINKER), a distribuição superficial dessa cópula nas semiclivadas é significativa para a análise que propomos para a estrutura das construções com predicação secundária. Comentamos, na sequência, cada um dos casos.

Na estrutura em (104a), a *small clause* (=RP2), formada pelo objeto *o livro* e pelo PP *na mesa*, é o argumento interno do verbo *pôr*, por isso, em nossa análise, ela ocupa o especificador do RELATOR (RELATOR1) que a relaciona com o seu predicado, o VP nucleado pelo verbo *pôr*. Nessa *small clause*, o objeto é o sujeito do PP, portanto é desse PP que o objeto recebe papel temático; cabendo ao verbo predicar sobre a *small clause* resultante da predicação do PP sobre o DP.⁵⁹ Em outras palavras, em (104a), a *small clause* (=RP2), que encerra uma predicação, (predicação do PP *na mesa* sobre o DP *o livro*) é, ela própria, sujeito de uma outra predicação (=RP1), realizada pelo VP, nucleado pelo verbo *pôr*. Assim, no movimento trivial do verbo para

⁵⁹ Hoekstra (2004), por exemplo, ao argumentar que o PP em construções bitransitivas com verbos como *put* e *give* é predicado do DP objeto e não argumento do verbo, menciona, entre outros, o contraste abaixo (originalmente mostrado por Den Dikken 1995) entre o PP de (i) e o de (ii): em (i), o PP (*to John*), é predicado do DP (*a book*) e não argumento do verbo *give*, podendo, assim, sofrer Inversão de Predicado (ib); por outro lado, o PP de (ii) (*of my innocence*), que não é o predicado do DP objeto (*a man*), mas sim um argumento do verbo (*convince*), não pode:

- (i) a. I gave a book to John.
b. To John was given a book.
- (ii) a. I convinced a man of my innocence.
b. *Of my innocence was convinced a man.

Outro exemplo que exhibe a mesma inversão de (ib) é mostrado por Coopmans (1989):

- (iii) On the table was put a valuable book.

Além disso, Hoekstra (2004) usa o posicionamento de PPs no holandês como evidência para esse constituinte ser um predicado nas construções bitransitivas mencionadas. Segundo ele, PPs (incluindo objetos preposicionados, adjuntos preposicionados e PPs advérbios) podem ocorrer em holandês tanto antes quanto depois do verbo, exceto quando o PP é o predicado em uma *small clause*, nesse caso, ele deve sempre preceder o verbo, como podemos atestar pelo contraste entre (iii) e (iv) abaixo (dados extraídos de Hoekstra 2004):

- (iii) *dat Jan over het weer praat / praat over het weer*
that John about the weather talks / talks about the weather
- (vi) *dat ik de pan op de tafel zette/*zette op de tafel*
that I the pan on the table put / put on the table

Para mais detalhes, ver Hoekstra (2004) e referências lá citadas para mais detalhes.

T, ele passa, em seu caminho, pelo RELATOR1, daí segue para *v* e, por fim, para T. Dessa forma, o único candidato a realizar a cópula é o RELATOR2 (já que no RELATOR1 há um vestígio ou cópia de V) - do que resulta a semiclivada em (101b), *O João pôs o livro foi na mesa*, com o foco sobre o constituinte que imediatamente segue a cópula, como esperado:

(105) [_{vP} o João [_{v'} V+REL1+v=pôs [_{RP1} [_{RP2} o livro [_{R'} REL2=foi [_{PP} na mesa]]] [_{R1'} t_{REL1} [_{VP} t_v]]]]]

Além da semiclivada em (101b), a estrutura em (104a) também pode derivar outro padrão de semiclivada, a saber, aquela em (101d). Assim como vimos em (98) e (100) para a semiclivada de objeto, também é possível aplicar Inversão de Predicado em (104a). Dessa forma, o VP, predicado da *small clause* (todo o RP2), inverte com o seu sujeito, do que decorre a emergência de uma cópula no LINKER e a interpretação de foco nas interfaces para o constituinte que segue a cópula, todo o RP2 (*o livro na mesa*), já que esse é o sujeito (que fica *in situ*) do predicado invertido (cf. seção 1.4.1). Como resultado, temos precisamente a semiclivada em (104d), *O João*

pôs foi o livro na mesa, cuja leitura fica mais clara com uma continuação como *...e não a revista na estante*. A derivação dessa semiclivada está retratada em (106) abaixo:⁶⁰

(106) [_{vP} O João [_{v'} v [_{FP} [_{VP} pôs] [F+REL1=foi] [_{RP1} [_{RP2} o livro [REL2[_{pp} na mesa]]] [_{R1'} t_{REL1} t_{VP}]]]]]]

Vimos até aqui que, a partir da estrutura em (104a), podemos obter a semiclivada em (101b), *O João pôs o livro foi na mesa*, cujo foco recai sobre o predicado secundário (o PP *na*

⁶⁰ Uma questão que poderia ser levantada aqui é quanto à realização do RELATOR2, interno à *small clause* RP2, em (106) acima. O problema com essa lexicalização do REL2 diz respeito à estrutura informacional da sentença. Apesar de a presença da cópula não ser, simplesmente, a única responsável pelo foco identificacional (como já discutido na seção 1.4.3.1, em face de exemplos como *Um bom exemplo disso é o casamento*, cujo foco, claramente, não é exaustivo), é um fato empírico que o constituinte que segue a cópula nas semiclivadas é interpretado como foco identificacional. E, como sabemos que não é possível haver mais de um foco por sentença (ainda mais do tipo identificacional), a presença de duas cópulas (no caso de o REL2 ser lexicalizado) geraria um problema nas interfaces para a estrutura informacional, pois implicaria dois focos: “...foi [o livro] foi [na mesa]”. *O livro* e *na mesa* são sim o foco da semiclivada em (101d) (*O João pôs foi o livro na mesa*), mas juntos (um único foco=RP2) e não separados em dois. Assim, a única cópula da semiclivada em (101d) se refere, necessariamente, ao REL1+LINKER de (106). Essa cópula (=LINKER) é necessária em (106), sem o que não é possível viabilizar a Inversão de Predicado, respeitando-se as condições de localidade.

mesa), e aquela em (101d), *O João pôs foi o livro na mesa*, via Inversão do Predicado VP, com o foco em todo o argumento interno do verbo (toda a *small clause*, ‘*o livro na mesa*’). Dos três padrões de semiclivadas possíveis sobre a sentença simples em (101a), resta derivar um, a saber, aquele em (101c), *O João pôs na mesa foi o livro*, cujo foco recai sobre o DP objeto, *o livro*. No entanto, essa semiclivada não pode ser derivada da mesma estrutura em (104a), uma vez que essa estrutura não está sujeita à Inversão de Predicado dentro do argumento interno de verbos como *pôr*. Apesar de não entendermos bem por que até o presente momento, é fato que Inversão de Predicado não é uma opção universalmente disponível dentro da *small clause* argumento desses verbos, como notamos pela agramaticalidade de **John put on the shelf (to) be the book* (*versus* a gramaticalidade de dados como *I consider the best candidate *(to be) John*, em que a Inversão de Predicado é perfeitamente possível dentro da *small clause* argumento de *considerar*).⁶¹ Assim, (101c) deve ter uma outra derivação, para a qual oferecemos a possibilidade em (104b).

A estrutura em (104b) explora a análise do predicado complexo (proposta, a seu modo, inicialmente por Chomsky (1975 [1955])). Em (104b), há um predicado complexo formado pelo verbo mais o PP (= *pôs na mesa*) e o objeto *o livro* é o sujeito desse predicado complexo, no especificador do RP relevante. Nota-se que o PP, como parte do predicado complexo, portanto (parte do) predicado de *um livro*, não é, simultaneamente, argumento do verbo (como o era na análise larsoniana), uma vez que se encontra no complemento desse, em (104b) e, de acordo com o que vimos defendendo aqui, a posição de complemento é uma posição *não*-temática (o verbo e qualquer categoria lexical estabelecem relações temáticas com seus argumentos somente via predicação). Se deixarmos (104b) tal como está, com os constituintes da predicação (RP) *in situ*, não teremos uma semiclivada como *output* pelas mesmas razões que não tínhamos em (98) acima: no movimento trivial do verbo para *v* e depois para *T*, ele passa pelo núcleo RELATOR, deixando ali seu vestígio ou cópia silenciosa e, conseqüentemente, impede que esse seja realizado como a cópula - do que resulta a sentença simples em (101a), e não a semiclivada em (101c). Mas, assim como em (98) pudemos aplicar Inversão de Predicado e derivar a semiclivada em

⁶¹ Pode-se alegar que a agramaticalidade de **John put on the shelf (to) be the book* se deva ao fato de que *put* não seleciona infinitivos, mas, crucialmente, esse exemplo permanece agramatical qualquer que seja a forma da cópula e ainda que seja nula. Os únicos casos possíveis sob a ordem verbo+PP+DP são os casos em que há *heavy NP shift* como *John put on the shelf [the book that he had received from Mary as a birthday gift]*, casos que não envolvem Inversão de Predicado (não há cópula).

(97a), aqui também podemos recorrer a essa operação no RP de (104b) e derivar a semiclivada em (101c), como ilustrado em (107) abaixo:⁶²

(107) [_{VP} o João [_{v'} v [_{FP} [_{VP} pôs [_{PP} na mesa]] [_{F+RELATOR=foi} [_{RP} o livro [_{R'} t_{REL} t_{VP}]]]]]]]

Como vemos em (107), o predicado complexo, inicialmente no complemento do RP, inverte com o seu sujeito subindo para o especificador de um LINKER, o qual é obrigatoriamente realizado como a cópula, derivando, assim, a semiclivada em (101c), *O João pôs na mesa foi o livro*. Com a Inversão de Predicado, o sujeito da predicação, que fica *in situ*, ganha a interpretação de foco da sentença nas interfaces (cf. seção 1.4.1).

Uma vez percorrido sobre as semiclivadas com predicação secundária com verbos bitransitivos, passamos àquelas com os verbos de percepção, exemplificadas anteriormente em (103). Para essas sentenças, exemplos como (108) abaixo deixam claro que o DP objeto não é

⁶² Podemos dizer que a estrutura que explora o predicado complexo em (104b) é uma versão atualizada, de acordo com nossa perspectiva aqui, da análise larsoniana. Segundo Resenes & Den Dikken (2012), ela permite analisar os casos de *heavy NP shift*, mencionados na nota anterior, como um movimento A-barrado do predicado complexo *put on the shelf* para uma posição abaixo de *v* (um tipo de *scrambling*) e, assim, evitar o problema da reanálise de Larson (1988) de *V'* como um núcleo, na qual o *V'* que domina *put on the shelf* é reanalisado como *V°* e alçado ao núcleo do VP mais externo do ‘VP shell’.

argumento do verbo de percepção, pois não é dependente tematicamente dele, mas sim do verbo não-finito encaixado (o chamado predicado secundário):

- (108) a. Eu vi a fé curar as pessoas.
 b. Eu vi o amor de mãe nascer.
 c. Eu ouvi o pai batendo na criança.

Em exemplos como (108), o que é percebido não é o DP objeto, mas a eventualidade denotada por [DP+VP(não-finito)]: em (108a) e (108b), tanto *a fé* quanto *o amor de mãe* são invisíveis; em (108c), por sua vez, muito provavelmente o que é ouvido (percebido) predominantemente são os gritos e choro da criança e não qualquer barulho ou som da parte do pai. Uma vez mostrado que a relação do verbo não é com o objeto diretamente, mas com a *small clause* formada entre o DP objeto e o verbo não-finito (o primeiro sujeito do segundo), passamos à análise das semiclivadas em (103) formadas com esse tipo de verbo.

Propomos para as semiclivadas em (103), uma análise similar à das semiclivadas em (101)-(102), mas ainda mais “enxuta”, pois aqui bastará explorarmos a estrutura com *small clause* como argumento interno do verbo de percepção para derivar os três padrões de semiclivadas, a com foco no verbo encaixado não-finito - o predicado secundário em (103b), no DP objeto em (103c) e em toda a predicação [DP+VP(não-finito)] em (103d). Mostraremos, na sequência, cada caso, bem como por que só uma estrutura nos moldes de (104a), em que a predicação que segue o verbo é analisada como uma *small clause* argumento (evento) desse (portanto, em uma posição de especificador do RELATOR que os relaciona), é suficiente para derivar as semiclivadas com verbos de percepção em (103). Em (109), abaixo, esboçamos a referida estrutura:

- (109) [_{VP} o João [_{v'} v [_{RP1} [_{RP2} a Maria [_{R2'} REL2 [_{VP} cantando]]] [_{R1'} REL1 [_{VP} V=viu]]]]]

Assim como na análise das semiclivadas com predicação secundária em (101) e (102), aqui também fica garantido que o objeto *a Maria* seja o sujeito de uma predicação, bem como que seja possível derivar a sentença simples não-semiclivada em (103a), *O João viu a Maria cantando*, bastando o verbo (matriz) subir para *v* (via RELATOR1). Quanto às semiclivadas, na opção mais

simples, tal como vimos em (105), basta mantermos os constituintes da *small clause* (RP2) *in situ*, mover o verbo para T, via RELATOR1 e *v*, e realizar o RELATOR2 como a cópula. Com isso, obtemos a semiclivada em (103b), *O João viu a Maria foi cantando*, cujo foco recai sobre o constituinte que segue a cópula, o predicado secundário (*cantando*), tal como ilustrado em (110) abaixo:

(110) [_{VP} o João [_{v'} V+REL1+v=viu [_{RP1} [_{RP2a} Maria [_{R'} REL2=foi [_{VP} cantando]]] [_{R1'} t_{REL1} [_{VP} t_v]]]]]

Como uma segunda alternativa para explorar a estrutura em (109), assim como proposto em (106) acima para as construções bitransitivas, podemos recorrer à Inversão de Predicado na predicação maior, o RP1. Desse modo, conforme ilustrado em (111) abaixo, o VP-finito inverte com o seu sujeito, a *small clause* (RP2), *a Maria cantando* e, como é o caso geral da Inversão de Predicado, uma cópula realiza o núcleo LINKER, que liga o predicado alçado ao seu sujeito *in situ*. Esse sujeito, portanto, é interpretado nas interfaces como o foco da sentença - o que resulta exatamente na semiclivada em (103d), *O João viu foi a Maria cantando* (cuja leitura fica mais clara com uma continuação como ...*e não a Ana dançando*).

(111) [_{VP} o João [_{v'} v [_{FP} [_{VP} viu] [_F+REL1=foi [_{RP1} [_{RP2a} Maria [_{REL2} [_{VP} cantando]]] [_{R1'} t_{REL1} t_{VP}]]]]]]]

Porém, diferentemente da *small clause* argumento de verbos como *pôr*, dentro da *small clause* argumento de verbos como *ver* é possível a ocorrência de Inversão de Predicado, como atestamos pelos exemplos do inglês, norueguês e português brasileiro, respectivamente, abaixo.⁶³

- (112) a. Everyone saw the most reasonable proposal to be this.
(Everyone saw this to be the most reasonable proposal.)

b. jeg sa °brevet bli klistret frimerker på °(Norwegian)

I saw letter-the be pasted stamps on

⁶³ A sentença do inglês em (i), abaixo, também vale como exemplo de Inversão de Predicado no complemento do verbo de percepção se se considera o *there* como o predicado invertido, em análises como a de Moro (1997) e de Belvin & Den Dikken (1997), entre outras:

(i) I've never seen there be so many complaints from students before.

O dado do inglês em (i) é, originalmente, de Safir (1993) e o do norueguês em (112b), acima, foi extraído de Den Dikken (2006a). SAFIR, K. 1993. Perception, Selection, and Structural Economy. *Natural Language Semantics* 2, 47-70.

- c. Eu cresci vendo o queridinho da mamãe ser você.
 (Eu cresci vendo você ser o queridinho da mamãe.)

A sentença em (112b) do norueguês ilustra um caso de Inversão Locativa *beheaded*. É chamada *beheaded*, porque o núcleo *pa*° (“on”) do locativo *pa*° *brevet* (“on letter-the”), que é o predicado de *frimerker* (“stamps”), é movido para fora do PP antes de esse ser invertido. As sentenças em (112a) do inglês e (112c) do PB também comprovam a Inversão de Predicado internamente à *small clause* argumento do verbo de percepção, como fica claro pela comparação com as versões entre parênteses sem a referida inversão. Portanto, se há Inversão de Predicado no argumento dos verbos de percepção fora do ‘terreno’ das semiclivadas, isto é, independentemente delas, como mostram os casos acima, também podemos aplicá-la na *small clause* argumento de *ver* na estrutura em (109), e, com isso, derivar a semiclivada em (103c), *O João viu cantando foi a Maria*:

- (113) [_{VP} O João [_{v'} V+REL1+v=viu [_{RP1} [_{FP} [_{VP} cantando] [_{F'} REL2+F=foi [_{RP2a} Maria [_{R'} t_{REL2} [_{tVP}]]]]]] [_{R1'} t_{REL1} [_{VP} t_v]]]]]

Em (113), o predicado *cantando* é movido sobre o seu sujeito *a Maria*, o que desencadeia a emergência de uma cópula, como o LINKER nessa estrutura, e também a interpretação de foco nas

interfaces para o sujeito da *small clause* (*a Maria*), que permanece *in situ*. Assim, pela possibilidade de Inversão de Predicado no complemento de verbos como *ver*, uma análise como a do predicado complexo, mostrada em (104b), não se faz necessária nesse caso.

Em suma, a mesma estrutura em (109) é potencialmente capaz de derivar os três padrões de semiclivadas com predicação secundária em (103): (i) quando não há nenhuma Inversão de Predicado, o resultado é (103b), com foco no predicado secundário (predicado da *small clause*), o verbo não-finito; (ii) quando há Inversão de Predicado na predicação maior, isto é, inversão do VP-finito, o resultado é (103d), com foco sobre todo o sujeito dessa predicação, isto é, sobre toda a *small clause* argumento do verbo de percepção; e, por fim, (iii) quando há Inversão de Predicado internamente à *small clause* argumento do verbo de percepção, o resultado é, então, (103c), com o foco apenas sobre o sujeito da *small clause* (sujeito do verbo não-finito que integra essa *small clause*).⁶⁴ Passamos, agora, a tratar das semiclivadas com foco no sujeito, a última seção deste primeiro capítulo.

1.4.3.4 Semiclivadas com foco no sujeito: concordância de traços-phi e restrições de transitividade

⁶⁴ Antes de encerrarmos esta seção, gostaríamos de mencionar um último grupo de construções com predicado secundário, em (i) abaixo, que apresenta paradigma similar ao das construções comentadas nesta seção, sendo o paralelo mais evidente com as construções formadas com verbos de percepção em (103).

- (i) a. O João considera a Maria inteligente.
- b. O João considera a Maria *é inteligente*.
- c. O João considera inteligente *é a Maria*.
- d. O João considera *é a Maria* inteligente.

As derivações para (i) são as mesmas reportadas anteriormente para as construções em (103) com o verbo *ver*. Assim, as sentenças em (i) são derivadas a partir de uma estrutura como (109), em que a *small clause* (aqui *a Maria inteligente*) é, ela toda, o argumento interno do verbo, ou seja, é o sujeito da predicação feita pelo VP, nucleado por *considerar*. Para (ib), os constituintes dessa *small clause* ficam *in situ*; para (ic), ocorre Inversão de Predicado internamente a essa *small clause* argumento de *considerar*, haja vista a possibilidade de tal operação no argumento interno desse verbo, independentemente das semiclivadas (cf. *I consider the best candidate *(to be) John; Eu considero o meu melhor amigo como *(sendo) o João*); por fim, para (id), há Inversão de Predicado na predicação maior - inversão do VP sobre o seu sujeito, toda a *small clause* '*a Maria inteligente*'. No entanto, há aqui uma diferença: enquanto em (103d), *O João viu foi a Maria cantando* (bem como nas construções com bitransitivos em (101d) e (102d)), o foco recai sobre toda a *small clause* sujeito do VP, seu predicado invertido, conforme o esperado, em (id), acima, o mesmo não é possível: nessa última, o foco é restrito apenas ao sujeito da *small clause*, *a Maria*. Contudo, não sabemos exatamente como dar conta dessa restrição verificada apenas na sentença em (id) - fato que requer pesquisas futuras.

As semiclivadas de sujeito trazem argumentos cruciais para uma análise monoracional. Esses argumentos se baseiam na concordância de traços-phi e na restrição de transitividade que elas exibem. Na sequência, abordaremos ambos os pontos.

1.4.3.4.1 Concordância de traços-phi

Na semiclivada em (114a), tanto a cópula quanto o verbo lexical mostram concordância de traços-phi com o sujeito focalizado (*eu*). Pelo contraste com (114b), vemos que quando o verbo principal concorda com o sujeito, a cópula deve concordar com ele também.^{65 66}

(Na peça...)

(114)	a. <i>Caí fui eu.</i>	(e não o João)	a'. <i>Chorei fui eu.</i>	(e não o João)
	b. */?? <i>Caí foi eu.</i>		b'. */?? <i>Chorei foi eu.</i>	

A gramaticalidade de (114a) deixa claro que uma análise que trate as semiclivadas uniformemente como pseudoclivadas reduzidas está incorreta. Como podemos observar em (115), o verbo lexical das pseudoclivadas não pode concordar com o foco (sujeito em primeira pessoa do singular), concordando invariavelmente com o pronome *wh*, que é terceira pessoa do singular (*quem caiu*; *quem chorou*):

(115)	a. * <i>Quem caí fui eu.</i>	a'. * <i>Quem chorei fui eu.</i>
	b. * <i>Quem caí foi eu.</i>	b'. * <i>Quem chorei foi eu.</i>

⁶⁵ Bosque (1999) atesta dado semelhante no espanhol caribenho, com respeito à concordância de traços-phi nas semiclivadas de sujeito, como (i):

(i) *Llamé fui yo.*
Chamei fui eu.

⁶⁶ O mesmo paradigma se mantém se o sujeito focalizado for de terceira pessoa do plural, embora aqui a versão em (ib) seja mais aceitável do que em (114b) acima ou, em outras palavras, em (114b) a falta de concordância na cópula é mais saliente do que em (ib) abaixo:

(i) a. <i>Caíram foram os meninos.</i>	c. <i>Caiu foram os meninos.</i>
b. ? <i>Caíram foi os meninos.</i>	d. <i>Caiu foi os meninos.</i>

Isso deve ser um reflexo do nosso atual sistema de concordância: a flexão de primeira pessoa é a mais resistente à perda, a mais ‘sólida’.

Já nossa análise monoracional para semiclivadas de sujeito, como as em (114), dá conta da concordância de traços-phi exibida. Em (116) abaixo apresentamos a estrutura que propomos para essas semiclivadas:

- (116) a. [T [_{VP} eu [_{v'} v [_{VP} V=caí]]]]
 b. [_{TP} eu_i [_{T'} V+v+T=caí [_{VP} t_i [_{v'} t_v [_{VP} t_v]]]]]
 c. [_{TP} [_{VP} caí] [_v+T=cópula [_{VP} eu [_{v'} t_v t_{VP}]]]]
-

(116a) é o ponto de partida da derivação tanto para a sentença simples *Eu caí*, como para a semiclivada em (114a). O argumento interno (*eu*) do verbo inacusativo *cair* é o sujeito de uma predicação - a predicação feita pelo VP nucleado por esse verbo, por isso ele é combinado como o especificador do RELATOR relevante, aqui o *v*.⁶⁷ Assim, a sentença simples é derivada trivialmente pelo movimento do verbo para *v* e, em seguida, para T e pelo movimento do argumento do verbo (o sujeito da predicação) para SpecTP, tal como em (116b). Por sua vez, a semiclivada de sujeito é derivada em (116c), acima (com a respectiva representação arbórea abaixo), via Inversão de Predicado:

⁶⁷ À primeira vista, poderia ser apontado um problema com a estrutura em (116a), já que o único argumento de um verbo inacusativo teria a mesma posição estrutural (no primeiro *Merge*) que o argumento de um verbo inergativo, assemelhando esses dois conjuntos de verbos, contrariamente ao comportamento sabidamente diferente de ambos. Aqui fazemos duas considerações em favor de garantir a boa formação da estrutura proposta em (116a). Sendo o RELATOR em (116) um *v*, estamos considerando aqui que mesmo nas estruturas com verbos inacusativos há um *v*, de acordo com Chomsky (2001, 2008) e com a perspectiva da Morfologia Distribuída. Esse *v* é ‘defectivo’, não é um núcleo de fase, em contraste com o *v**, este sim um núcleo de fase, dos verbos transitivos e inergativos. Além disso, assumimos a perspectiva de Hale & Keyser (em vários trabalhos) de que verbos inergativos são, na verdade, transitivos ocultos. Sendo assim, um verbo inergativo, como “rir” (= “rir uma risada”, com objeto cognato), por exemplo, se assemelharia a verbos transitivos, como “ler” (= “ler um livro”). Dessa forma, a distinção que há entre “cair” (verbo inacusativo) e “rir” seria equivalente à mesma distinção que há entre “cair” e “ler”.

Como uma alternativa para satisfazer o EPP de T, podemos recorrer ao alçamento do VP (tal como na análise de Massam (2001) para o niueano), caracterizando uma ocorrência de Inversão de Predicado: o VP predicado inverte com seu sujeito (em SpecvP) movendo-se para SpecTP. Da Inversão de Predicado resulta o aparecimento de um elemento copular em T - núcleo funcional que aqui atua como o LINKER, ligando o predicado alçado (no seu especificador) ao seu sujeito (no especificador de seu complemento). Como sabemos, além da presença de uma cópula no LINKER, outra consequência da Inversão de Predicado é o estatuto de foco conferido ao sujeito da predicação (que fica sempre *in situ*): esse sujeito é interpretado como o foco da sentença nas interfaces, resultando exatamente no padrão de semiclivada que temos em (114a).

Quanto à concordância, o complexo T+v concorda, via *Agree*, com o sujeito de primeira pessoa do singular no SpecvP e com o verbo principal V (que, antes da Inversão de Predicado, está no domínio de c-comando de T). A cópula, então, lexicaliza T (o LINKER aqui), logo, igualmente realiza os traços-phi de T, exibindo a mesma concordância com o sujeito. Portanto, a derivação em (116c) garante que tanto o verbo quanto a cópula manifestem concordância de traços-phi com o sujeito focalizado: (114a) é bem formada, (114b) não. Uma questão que pode ser levantada aqui é a aparente (e somente aparente) dissociação entre *Agree* com T e movimento para o especificador de T, já que em (116c), apesar de T entrar em *Agree* com o sujeito, é o VP que é movido para SpecTP. Contudo, como apontamos acima, T (que concorda com o sujeito em SpecvP e, assim, valora seus traços-phi), concorda com o v que, por sua vez, concorda com V (notar que esse *Agree* entre v e V está em vigor antes mesmo do *merge* de T). Dessa forma, assim que T entra na derivação, essas relações de concordância de traços-phi são desencadeadas no seu domínio de c-comando. Como resultado, T concorda tanto com o sujeito (em SpecvP), quanto com V(P), simultaneamente. Portanto, a derivação de (116c), com Inversão de Predicado do VP

para SpecTP, está em acordo com a associação entre movimento para SpecTP e concordância entre T e o constituinte movido para essa posição. Além disso, não há como alegar nenhum problema de localidade aqui: não se pode dizer que o sujeito está mais perto de T do que o predicado VP, uma vez que o movimento de *v* (o RELATOR em (116c)) para T (o LINKER nessa mesma estrutura), que corresponderia ao que chamamos de *Extensão de Fase* na seção 1.4.1, justamente torna sujeito e predicado ambos alvos *equidistantes* de T.^{68 69}

Outro aparente problema está diretamente relacionado ao ‘famigerado’ EPP. Se entendemos que EPP precisa ser associado a um traço-D (como Chomsky (1995), que reduz o EPP a um traço-D forte em T), nossa análise em (116c) para semiclivadas de sujeito não deveria ser possível, já que se baseia na Inversão de Predicado, predicado que é o VP, do que resulta que o constituinte que ocupa SpecTP seja um constituinte que, a princípio, não contém um traço-D. Como uma alternativa para esse (aparente) problema, poderíamos mencionar a hipótese de que verbos finitos nas línguas pro-drop são providos de um traço-D, muito embora o PB não seja uma língua pro-drop plena, mas apenas parcial. Contudo, ao invés de uma saída como essa, cuja validade é, no mínimo, duvidosa, dado o *status* parcial do PB quanto ao parâmetro pro-drop, preferimos contestar o próprio problema, questionando que EPP seja, *a priori*, sempre atrelado a um traço-D - daí termos chamado inicialmente o problema de “aparente”. No último capítulo desta teste, quando tratarmos das pseudoclivadas reduzidas, teremos a oportunidade de explorar

⁶⁸ A concordância de traços-phi do VP com T é obrigatória nas semiclivadas de sujeito, conforme nossa análise em (116c). Quando não há tal concordância, como em (i) abaixo, a derivação é totalmente outra; como argumentaremos no último capítulo desta tese, o exemplo em (i), abaixo, caracteriza um caso de pseudoclivada reduzida (*Quem telefonou {foi/fui} eu*) e não de uma (verdadeira) semiclivada, como as tratadas neste capítulo sob uma análise monoracional.

(i) Telefonou {foi/fui} eu.

⁶⁹ Apesar de, em geral, observarmos a associação entre movimento para SpecTP e *Agree* entre T e o constituinte movido para seu Spec, essa associação não está isenta de (potenciais) “problemas”, haja vista casos como (ia-c), abaixo (além de (ia’-d’), os casos esperados), em que apesar de T concordar com o sujeito *in situ*, o constituinte que ocupa a posição de seu especificador é o predicado movido:

(i) a. O maior problema <i>são</i> as crianças.	a’. O maior problema <i>é</i> as crianças.
b. O melhor candidato <i>sou</i> eu.	b’. O melhor candidato <i>é</i> eu.
c. De beste kandidaat <i>ben</i> ik.	c’. The best candidate <i>is</i> me.
‘the best candidate am I’	d’. The biggest problem <i>is</i> the children.

Exemplos como (ia-c) acima (na coluna esquerda) nos fazem ao menos repensar aquela associação que se tinha como ‘uniforme’ entre movimento para SpecTP e *Agree* com T. Certamente, não entendemos (e aqui nos referimos ao campo integral da Linguística) por completo essa associação, que levanta questões envolvendo o ‘famigerado’ EPP e relações de *Agree*. Sobre a concordância em (ia-c) ver também capítulo 2, seção 2.6.2.

um pouco o ‘famigerado’ EPP. Lá, tentaremos mostrar que EPP não necessariamente tem de estar vinculado a um traço-D, requerendo que a categoria que ocupa o especificador do núcleo que o contém (no caso, SpecTP) porte tal traço. Como hipótese, não há problema na relação de EPP a um traço-D, mas é sobretudo uma questão empírica verificar a validade integral e permanente dessa hipótese e, como mostraremos no último capítulo, nem sempre esse é o caso.⁷⁰ Por ora, fazemos referência ao último capítulo, onde a questão será discutida, além de relembrarmos a análise de Massam (2001) para o niueano, na qual é justamente o VP o constituinte movido para SpecTP. Portanto, não consideramos problemática a Inversão de Predicado realizada em (116c) para nossa análise das semiclivadas de sujeito.⁷¹

Ainda com relação à concordância, mas voltando-nos, agora, às semiclivadas cujo foco não é o sujeito, vemos que sua cópula não concorda em traços-phi com nenhum elemento da sentença; ela assume, então, a forma *default* (terceira pessoa do singular). Nas semiclivadas em (117a) e (118a), abaixo, (discutidas nas seções precedentes), isso não é imediatamente óbvio, haja vista que o sujeito de ambas (*O João*) e o objeto (*um carro*), que é o foco de (118a), também têm traços-phi de terceira pessoa do singular, portanto compatíveis com os da cópula. No entanto, se manipularmos os traços tanto do sujeito em (117b) e (118b), quanto do objeto foco em (118c), mudando-os para plural, verificamos que, de fato, a cópula não concorda com nenhum deles:

⁷⁰ Ver também os trabalhos de Viotti, entre eles os de 1999 e 2005, por exemplo, nos quais a autora discute o traço EPP e os traços-D de T no PB.

⁷¹ Sabemos que a posição de sujeito gramatical no PB (e não só nessa língua) aceita outros constituintes diferentes do sujeito prototípico (o argumento externo). Um exemplo comum são os casos de Inversão Locativa, em que sintagmas locativos, incluindo PPs, podem ocupar a posição SpecTP, como em (i) abaixo:

- (i) a. Ele disse que naquela loja vende livros.
- b. Naquela loja parece vender bastante sapato.
- c. Na casa do João cozinha todos os dias.
- d. Nas cidades do interior não parece sequestrar tanto como nas grande capitais.

No entanto, esses casos não poderiam ser usados aqui como contra-exemplos à hipótese de que EPP esteja atrelado a um traço-D (caso em que SpecTP deve ser ocupado por um constituinte cujo núcleo tenha um traço-D), já que é possível assumir que haja um pro(locativo) encabeçando esses PPs na posição de sujeito gramatical, como na análise de Avelar (2009), que toma esse pro(loc) como uma categoria nominal. Os dados de Inversão Locativa em (i) foram extraídos de Avelar & Cyrino (2008), que relacionam esses fatos à influência das línguas bantu no PB, línguas que contam com variados casos de Inversão Locativa. Segundo esses autores, essa influência das línguas bantu aliada ao enfraquecimento do paradigma flexional no PB viabilizaram uma reanálise do sintagma locativo, que passou a poder figurar na posição de sujeito gramatical em nossa língua.

(117) a. O João trabalha *é* na USP. (= 89a)

b. Eles trabalham *é/*são* na USP.

(118) a. O João comprou *foi* um carro. (= 97a)

b. Eles compraram *foi/*foram* um carro.

c. O João comprou *foi/*foram* muitos carros.

(117b) e (118b) mostram que a cópula não concorda com o sujeito quando ele não é o foco da sentença e (118c) mostra que ela não concorda com o foco quando ele não é o sujeito. Em suma, a única possibilidade de concordância da cópula é com o sujeito quando ele é o foco da sentença, como em (114a). Retomamos, abaixo, as análises mostradas anteriormente (em (90) e (100)), para as semiclivadas acima em (117) e (118), respectivamente:

(119) [_{VP} o João [_{v'} v [_{RP} [_{VP} trabalha] [_{R'} RELATOR={Ø/é} [_{PP} na USP]]]]]

(120) [_{VP} o João [_{v'} v [_{FP} [_{VP} comprou]_i [F+RELATOR=foi [_{RP} um carro [_{R'} t_{REL} t_i]]]]]]]

Sabemos que T sempre concorda com o núcleo lexical no ‘pé’ da sua projeção estendida, isto é, com V (via v, que, é o verbalizador). Nas semiclivadas de sujeito, vimos que a cópula lexicaliza o núcleo T, logo acaba mostrando concordância de traços-phi com o sujeito e com o verbo lexical, que também concorda com T (cf. análise em (116c)). Diferentemente dessas, nas semiclivadas cujo foco não é o sujeito, a cópula é a realização dos núcleos RELATOR ou LINKER (que não coincidem com T), conforme observamos nas estruturas em (119) e (120) acima. Como as línguas românicas não têm concordância com o objeto, não há nem a possibilidade de o RELATOR concordar com o objeto *um carro*, foco de (120). Em (119), também não há possibilidade alguma de concordância, uma vez que o foco é um PP, que nem conta com traços-phi. Desse modo, em (119)-(120), os núcleos RELATOR e LINKER, baixos na estrutura (abaixo de V), não têm traços-phi, logo a cópula que os lexicaliza só pode assumir a forma *default*. Assim, além de dar conta da concordância exibida na semiclivada de sujeito em (114a), analisada em (116c), nossa análise monoracional também explica a impossibilidade de concordância da cópula com o sujeito se esse não é o foco ((117b) e (118b)), bem como com o foco se esse não é o sujeito (118c).

Além dos fatos envolvendo concordância de traços-phi, outro tópico importante nas

semiclivadas de sujeito diz respeito às restrições de transitividade, que trataremos na sequência.

1.4.3.4.2 Restrições de transitividade

É sabido que o PB, em geral, não permite sujeitos pós-verbais com verbos transitivos.⁷² Tal opção está restrita aos verbos monoargumentais e, ainda, com preferência para os inacusativos dentro desse grupo. Por outro lado, é sabido que o PE permite VS, contando, assim, com a chamada “inversão livre” do sujeito inclusive em sentenças transitivas. Entretanto, quando passamos para o domínio das semiclivadas, observamos que tanto o PB *quanto o PE* rejeitam semiclivadas de sujeito com verbo transitivo.⁷³

(121) *Li o livro fui eu.

O fato de semiclivadas como a em (121) serem agramaticais mesmo em PE requer uma explicação. Segundo a análise defendida aqui para a relação ‘objeto de’, o objeto temático não é parte do VP, ele é introduzido como o especificador de um RELATOR que toma o VP predicado do objeto como seu complemento, e este sintagma nucleado pelo RELATOR (*Relator Phrase*), por sua vez, é o predicado do sujeito. Assim, partindo da estrutura básica para a sentença transitiva em (122), se nós aplicarmos Inversão de Predicado ao predicado do sujeito, isto é, ao RP em

⁷² Ver Pilati (2002, 2006) para exceções em certos contextos, como em sentenças formadas com “predicados previsíveis” e com verbos leves, como em (i):

- (i) a. Participa do programa o cantor Leonardo.
- b. Arriscou o chute Diego Tardelli.
- c. Pega a bola o goleiro do Flamengo.
- d. Ganha a partida o jogador que fizer mais pontos.
- e. Chama atenção especial o elevado número de ocorrências do verbo existencial existir.
- f. Tomou posse o novo ministro.
- g. Também faz parte da revista o escritor Alexandre Pilati.
- h. Tem a palavra a Senadora Heloísa Helena.

Os dados acima foram extraídos de Pilati (2006), que os analisa como casos de inversão locativa, em que SpecTP é ocupado ou por um locativo explícito ou por um pro^{loc} para lá movido, e o sujeito pós-verbal permanece *in situ*, interpretado como o foco identificacional da sentença. Para mais detalhes, ver Pilati (2002, 2006).

⁷³ Fato atestado por Costa & Duarte (2001); exemplo em (i) extraído dos autores:

- (i) *Leu o livro foi o João.

(122), abaixo, movendo-o para o SpecTP, não chegaremos a (121), mas a (123), também agramatical:

(122) [_{VP} eu [_{V'} v [_{RP} o livro [_{R'} RELATOR [_{VP} li]]]]]

(123) *[o livro li] fui eu.

Que (123) seja agramatical já é esperado, uma vez que caracteriza um caso que é parte de uma restrição mais geral a movimento de RPs, aqui compreendendo tanto *small clauses* (predicações que excluem tempo) quanto TPs (predicações que incluem tempo). É um fato empírico que RPs, que são predicações mínimas, ou seja, predicações contendo apenas o sujeito, seu predicado e a categoria funcional que os relaciona, não se movem integralmente, como podemos atestar nos exemplos abaixo, em (124) com o RP sendo uma *small clause* e em (125), uma *tensed clause*:

(124) a. Eu considero [_{RP} a Maria (como) a melhor candidata].

b. *[_{RP} A Maria (como) a melhor candidata], eu considero.

c. I consider [_{RP} John (to be) the best candidate].

d. *[_{RP} John (to be) the best candidate], I consider.

(125) a. O João disse que [_{TP} a Maria é a melhor candidata].

b. *[_{TP} A Maria é a melhor candidata], o João disse que.

c. I think that [_{TP} John is the best candidate].

d. *[_{TP} John is the best candidate], I think that.

Apesar de não haver uma explicação consistente e uniforme para esses fatos (problema que não é

só nosso, mas geral),⁷⁴ a generalização empírica permanece. Desse modo, uma vez que RPs são ‘inelegíveis’ para movimento, a Inversão de Predicado não pode ser aplicada ao RP que inclui o verbo e o objeto em (123) acima.

Assim, a única maneira de derivar a sequência linear em (121) é aplicando Inversão de Predicado duas vezes, a primeira no VP (predicado do objeto), como retratado em (126a), abaixo, e a segunda no FP (*Linker Phrase*) resultante dessa Inversão de Predicado (no complemento de v), já que FP é o predicado do sujeito *eu* (no especificador de v), alçando-o para SpecTP, como retratado em (126b). O problema com esta derivação é que ela envolve dupla aplicação de Inversão de Predicado dentro de uma única sentença, resultando em uma estrutura informacional absurda: cada aplicação de Inversão de Predicado produz uma articulação Tópico-Foco, mas uma única sentença não pode ter dois focos (que seriam, aqui, *o livro* e *eu*); foco é único por sentença, igualmente, a Inversão de Predicado é única por sentença. Portanto, o *output* em (126b) não converge nas interfaces.

(126) a. [_{VP} eu [_{v'} v [_{FP} [_{VP} li] [F+RELATOR=foi [_{RP} o livro [_{R'} t_{REL} t_{VP}]]]]]]]

b. *[_{TP} [_{FP} [_{VP} li] [_{t_F} [_{RP} o livro [_{R'} t_{REL} t_{VP}]]]] [_{T'} T+[v + [F+REL]]]=fui [_{vP} eu [_{v'} t_v t_{FP}]]]]]

Sendo assim, é importante salientar que, no final das contas, mesmo nas línguas românicas que dispõem de inversão livre nas suas sentenças transitivas, semiclivadas do tipo em (121) são

⁷⁴ Ver a esse respeito, Den Dikken (a sair), que faz uma revisão do problema, com menções a tentativas de tratamento na literatura, porém sem sucesso para explicar, no atual estágio da teoria, os fatos apontados. Como exemplo, Stowell (1981) atribui a impossibilidade de movimento de *small clauses* e *to-infinitivals* a um problema de Caso: quando esses constituintes (aqui, RPs) são movidos, seus sujeitos não têm possibilidade de receber Caso de uma fonte externa, por isso o resultado é agramatical. Contudo, como ressaltado por Den Dikken, essa explicação baseada na falta de Caso é falha na era *Agree*, já que entre o sujeito da *small clause* (ou RP, genericamente) e a fonte externa que checará/valorará/eliminará o seu traço Caso pode haver uma relação de *Agree* antes mesmo do movimento do RP (*small clause*) ocorrer. Sem respostas, o autor termina o seu texto com a seguinte pergunta: *If indeed the ban on movement of bare predications should receive a unified account, what is it?*

impossíveis, em acordo com nossa análise monoracional.^{75 76}

Para finalizar essa discussão, cabe nos perguntar sobre as semiclivadas em (127), abaixo, com expressões idiomáticas [verbo+objeto]: seriam elas problemáticas para a conclusão que

⁷⁵ Há, porém, um caso possível de semiclivada com focalização do sujeito na presença de verbo e objeto, a saber, quando esse objeto é um clítico, como no exemplo em (ia) de Wheeler (1982), e em (ib) de Barbosa (2013), este apenas para o PE (visto que o PB perdeu clíticos de 3ª pessoa):

- (i) a. Me ajudou muito foi o psicólogo.
- b. Ajudou-o foi a Maria.

Se clíticos devem sempre estar cliticizados ao verbo de que são argumentos, a possibilidade dessas semiclivadas decorre, em nossa análise, se tomarmos o clítico como adjunto do verbo. Assim, o predicado do sujeito é apenas o VP (em (ia), por exemplo, o VP *me ajudou*) que, quando invertido com seu sujeito (*o psicólogo*, em (ia)), implica o aparecimento de uma cópula, resultando na semiclivada. Em outras palavras, sendo o objeto um clítico (que funciona como um ‘reductor’ de argumento), a derivação das semiclivadas em (i) corresponde à derivação de semiclivadas com verbo monoargumental. Por outro lado, se ao invés do clítico, houver um DP pleno como objeto, como em (ii), as semiclivadas são barradas, de acordo com a mesma restrição mostrada acima, no corpo do texto, para (121).

- (ii) *Ajudou a Maria foi o psicólogo.

⁷⁶ Outra observação importante a se fazer aqui ainda sobre a focalização do sujeito em semiclivadas diz respeito à comparação da impossibilidade de semiclivadas de sujeito com verbos transitivos *versus* sua possibilidade com verbos monoargumentais, dentre os quais nos interessam particularmente os verbos inergativos, já que esses podem ser tratados como ‘transitivos ocultos’, como nos trabalhos de Hale & Keyser, conforme já assumido nesta tese (cf. nota 67). Os questionamentos em torno desse ponto foram levantados por den Dikken, durante a defesa desta tese. Dada essa semelhança entre esses tipos de verbos, cabe-nos responder por que só em semiclivadas com os transitivos explícitos não é possível a focalização do sujeito, mas com os chamados ‘transitivos ocultos’ é. Conforme apontado acima no corpo do texto para (121), o fato de RPs serem ineleáveis para movimento impossibilita derivar semiclivadas de sujeito com verbos transitivos, já que para tal seria preciso haver Inversão de Predicado (do predicado do sujeito) que, nesse caso, é um RP (formado por verbo+objeto), mas, como vimos no texto acima, RPs não se movem. Em face disso, a questão, então, é como permitir que nas semiclivadas com verbos inergativos a focalização do sujeito seja possível, se esses verbos são tomados como transitivos ocultos, logo se esperaria comportamento semelhante ao dos transitivos. Uma possibilidade que apontamos é argumentar que o objeto ‘oculto’/‘encoberto’ dos verbos inergativos não é representado da mesma forma que o objeto explícito/aberto dos verbos transitivos; em outras palavras, diferentemente do objeto dos verbos transitivos, o objeto dos verbos inergativos é representado internamente ao verbo (integrado a ele), não toma um RELATOR para o relacionar ao seu predicado, mas forma um predicado complexo único com o verbo (como compostos) e, como tal, a Inversão de Predicado sobre o sujeito é lícita, já que este predicado não se trata de um RP (uma predicação), mas de um único predicado (complexo). Uma outra possibilidade alternativa para responder a questão nos foi sugerida, em seguida, por Den Dikken, ainda na defesa desta tese, e está baseada no efeito de intervenção defectiva (cf. Chomsky (2000), com base em fatos do islandês). Em linhas gerais, para os exemplos em discussão aqui, o traço de Caso do objeto de um verbo transitivo (mesmo que já checado) torna esse objeto um ‘interventor defectivo’ para a checagem/valoração do traço de Caso do sujeito, assim que ocorre a Inversão de Predicado, do predicado do sujeito, que inclui o objeto. Assim, porque o sujeito não consegue checar/valorar seu traço de Caso devido à intervenção (defectiva) do objeto, a derivação fracassa e não é possível se obter uma semiclivada de sujeito com verbo transitivo (nota-se aqui que, com essa via de explicação, não é preciso recorrer à ineleabilidade de movimento de RPs. RPs continuam sendo ineleáveis para movimento, mas isso passa a ser secundário para barrar a derivação de uma semiclivada de sujeito com verbo transitivo, uma vez que há intervenção defectiva do objeto atuando independentemente no caso em questão). Por outro lado, nas semiclivadas com verbos inergativos (‘transitivos ocultos’), não há tal efeito: como o objeto cognato dos verbos inergativos não é pronunciado (não tem matriz fonológica), ele não é dependente de Caso (não tem traço de Caso) e, portanto, não se caracteriza como um interventor defectivo para a checagem/valoração de Caso do sujeito - daí que a derivação dessas semiclivadas com foco no sujeito segue sem problemas.

acabamos de mostrar?

- (127) a. Negou fogo *foi* o João.
 b. Bateu as botas *foi* o João.
 c. Quebraram o pau *foram* esses caras.

A resposta aqui é *não*! Na verdade, elas suportam a análise aqui defendida. Ao contrário das combinações composicionais de verbo e objeto (como na estrutura em (122)), nas expressões idiomáticas o objeto não é argumento temático do verbo, mas parte do predicado, logo, em nossa análise, ele não é gerado como argumento do VP, mas sim como complemento do verbo (lembrar que posições de complemento não são consideradas posições temáticas aqui). Sendo assim, a estrutura para semiclivadas como as de (127) está em (128) abaixo - estrutura que é diretamente o *input* para Inversão de Predicado (do predicado VP que, em (128), é expresso por *bateu as botas*):

- (128) [_{VP} o João [_{V'} v [_{VP} bateu [as botas]]]]

Como sabemos, essa operação de Inversão de Predicado tem por consequência a emergência de uma cópula e a interpretação de foco para o sujeito *in situ*, exatamente o que temos nas semiclivadas em (127) acima. Ao contrário dos casos em que o objeto é um argumento temático do verbo e forma com ele, portanto, uma predicação (RP), sobre a qual pesam restrições de movimento, como vimos anteriormente em (123), para os casos em que a sequência verbo+objeto forma uma expressão idiomática, esse objeto é, na verdade, parte integrante do predicado (VP) e, como tal, todo esse VP predicado pode ser movido. Em resumo, nossa análise explica por que semiclivadas sob a ordem V+O+cópula+S, como as em (127), são gramaticais *somente* quando a sequência V+O constitui uma expressão idiomática. O contraste entre semiclivadas como as em (121) e (127) justamente suporta nossa análise e reforça a distinção estrutural entre a posição de um objeto de expressão idiomática (no complemento de V) e a de um objeto genuíno (no

especificador do RELATOR que o relaciona com o VP, seu predicado).⁷⁷

1.5 Considerações finais

Nesta última seção do capítulo, uma vez já apresentada a nossa análise para as semiclivadas, faremos algumas considerações finais, no que se inclui uma breve revisão da comparação feita inicialmente na seção 1.2 entre as sentenças semiclivadas e as pseudoclivadas.

Começamos por destacar a extensão que nossa análise monoracional faz da sintaxe da predicação de Den Dikken (2006a), alargando-a para todas as relações de predicação na sentença, com destaque especial para a relação ‘objeto de’ - para a qual a existência das semiclivadas constitui um forte argumento empírico (cf. o aparecimento da cópula entre o verbo principal e o objeto nas semiclivadas de objeto). Nessa análise, a predicação que, na semântica se entende como a atribuição de uma propriedade, na sintaxe envolve uma estrutura assimétrica que inclui o predicado, seu sujeito e um elemento funcional (o RELATOR), o qual estabelece sempre a mediação na relação entre o predicado e seu sujeito.

Dessa forma, todos os constituintes e somente aqueles que podem plausivelmente ser tratados como estando em alguma relação de predicação são capazes de ‘ensanduichar’ a cópula das semiclivadas. Assim se entende por que a semiclivada em (9b) acima, repetida abaixo em (129b), é agramatical, já que *fazer* e *cantar* não estão em uma relação de predicação, em nenhuma direção: *fazer* não é o predicado nem o sujeito de *cantar*, mas sim o que poderíamos chamar de um *proverbo*, usado como um ‘coringa’ para substituir ou fazer referência a um verbo de ação. Mesmo se em (129b) não houvesse a cópula, a sentença continuaria agramatical (**O João fez cantar*), pelos mesmos motivos, já que a cópula não altera em nada as relações de predicação envolvidas, ela é apenas a realização dos núcleos RELATOR ou LINKER, mediadores nessas relações. Pelo fato de nossa análise ser monoracional, o resultado nem poderia ser

⁷⁷ Além disso, a impossibilidade de uma leitura literal (não-idiomática) para as semiclivadas em (127) acima contrasta-as, mais uma vez, com as sentenças pseudoclivadas, já que nessas últimas ambas as leituras, idiomática e literal, são possíveis:

- (i) a. Quem negou fogo foi o João.
- b. Quem bateu as botas foi o João.
- c. Quem quebrou o pau {foi/foram} esses caras.

diferente. Por outro lado, na pseudoclivada em (129a), a focalização do VP é possível, o que fica claro em uma análise bioracional para elas (cf. capítulo 2), de tal forma que o constituinte que antecede a cópula é uma oração sintaticamente independente e completa, na qual, aqui sim, *fazer* está envolvido em uma relação de predicação, integrando o predicado de *o João*.

(129) a. O que o João fez foi cantar.

b. *O João fez foi cantar.

Se em uma semiclivada com a sequência em (129b) (sujeito+verbo+cópula+foco), tivermos, ao invés de um proverbo, um verbo pleno, e se esse verbo for um verbo de *raising*, auxiliar ou aspectual, o contraste se inverte: a pseudoclivada é agramatical e a semiclivada é gramatical, como mostram os dados abaixo (repetidos da seção 1.2):

(130) a. A Maria parece é chorar.

b. *O que a Maria parece é chorar.

(131) a. A Maria vai é viajar.⁷⁸

b. *O que a Maria vai é viajar.

(132) a. A Maria anda é falando demais.

b. *O que a Maria anda é falando demais.

A explicação aqui é semelhante. Os verbos finitos acima não predicam sobre o sujeito da sentença; a relação predicacional nesses exemplos é estabelecida entre o sujeito (*A Maria*) e o predicado verbal não-finito no complemento do verbo finito (*chorar*, *viajar* e *falando demais*, em (130), (131) e (132), respectivamente). Assim, nas semiclivadas, uma cópula realiza o RELATOR que faz a mediação dessa predicação no complemento dos verbos finitos, cujo sujeito apenas é alçado a SpecTP, para a posição de sujeito gramatical. No caso de esse RELATOR não ser

⁷⁸ Para uma análise do verbo *ir* como aspectual de futuro no PB, ver Lunguinho (2011), que revisa sua análise anterior (Lunguinho 2005) propondo uma articulação de núcleos sintáticos [*woll*+T] (em que *woll* é uma categoria modal abstrata de futuro) para o verbo *ir* gramaticalizado.

lexicalizado como a cópula, simplesmente o resultado é a sentença simples não-semiclivada, igualmente bem formada - o que é esperado em nossa análise monoracional. Por outro lado, quanto às pseudoclivadas em (b) acima, entendemos sua agramaticalidade mais uma vez atribuindo a elas uma análise bioracional (cf. capítulo 2), de modo que o material que antecede a cópula seja uma oração plena e sintaticamente independente. O problema, então, é que o material que antecede a cópula nas pseudoclivadas em (b) de (130) a (132) justamente não forma uma oração plena: **O que a Maria parece*, **O que a Maria vai* e **O que a Maria anda* não são sentenças bem formadas, uma vez que os sujeitos (gramaticais) não têm um predicado, ou seja, não foram tematicamente marcados por nada, já que os verbos finitos não os selecionam, não predicam sobre eles.

Explicação similar, *mutatis mutandis*, também é atribuída ao contraste entre semiclivadas e pseudoclivadas envolvendo verbos modais. Em (133) e (134), abaixo, repetimos as sentenças fornecidas inicialmente em (24) e (25):

(133)	a. O João pode é cantar.	(ambígua)
	b. O João deve é cantar.	(ambígua)
	c. O João pode/deve cantar.	(ambígua)
(134)	a. O que o João pode é cantar.	(*epistêmica; ✓deôntica)
	b. O que o João deve é cantar.	(*epistêmica; ✓deôntica)

As semiclivadas em (133a,b), bem como a sentença simples correspondente em (133c), apresentam ambiguidade quanto à interpretação epistêmica e deôntica dos modais *poder* e *dever*, já as pseudoclivadas em (134) só admitem a interpretação deôntica. Sobre a relação da sintaxe dos modais com as suas interpretações (epistêmica e deôntica), seguimos Lunguinho (2011), que adota para o PB a hipótese de que cada leitura está atrelada a uma posição estrutural diferente na derivação. Assim, as diferentes leituras são o resultado de diferentes lugares onde os modais são combinados na estrutura. Em síntese, quando os modais *poder* e *dever* são diretamente inseridos em núcleos funcionais altos na estrutura, a interpretação que recebem é a epistêmica; já quando são inseridos em um domínio mais baixo na estrutura, como núcleos lexicais de uma projeção VP, a interpretação é a deôntica. Como os dados em (133) mostram, as semiclivadas admitem

ambas as leituras para os modais: na leitura epistêmica, o modal é caracterizado como um núcleo funcional alto na estrutura (um elemento de natureza puramente funcional), logo, o sujeito *o João* não pode ser argumento (temático) do modal, mas sim do verbo não-finito encaixado, de modo semelhante ao que vimos com os verbos de alçamento e auxiliares acima; por sua vez, na leitura deôntica, o modal se caracteriza como um elemento de natureza lexical que, na sintaxe, projeta um sintagma verbal (em uma porção mais baixa da estrutura), nesse caso, o modal predica sim sobre *o João*. Quanto às pseudoclivadas em (134), conforme análise bioracional para as mesmas, a oração-wh, que antecede a cópula, é uma oração completa, então só resta ao sujeito gramatical *o João* ser argumento do modal, já que no domínio dessa oração-wh não há outro candidato a predicar sobre esse argumento. Portanto, aqui o verbo modal tem natureza lexical, ele é núcleo de uma projeção VP, logo, sua interpretação só pode ser a deôntica, em acordo com a impossibilidade da leitura epistêmica para essas pseudoclivadas, conforme nossas intuições expressas em (134) acima. Assim, os argumentos do modal nas pseudoclivadas são representados por *o João* e *o que*, ou melhor, o primeiro é argumento do resultado da combinação do verbo modal e do pronome (objeto) *o que*, que também formam uma relação de predicação entre si.

Outra distinção mostrada entre semiclivadas e pseudoclivadas no início deste capítulo se refere à possibilidade de variação na ordem da sentença. Como ilustram os dados abaixo, as pseudoclivadas podem apresentar três possibilidades: com o foco em posição final, pós-cópula (135a), com o foco em posição inicial pré-cópula (135b) e com o foco em segunda posição pós-cópula (135c). Diferentemente, para as semiclivadas (ex. (136)) só resta uma possibilidade: o foco está sempre em posição final, imediatamente após a cópula:

- (135) a. O que o João comprou foi um livro.
 b. Um livro foi o que João comprou.
 c. Foi um livro o que o João comprou.

- (136) a. O João comprou foi um livro.
 b. *Um livro foi o João comprou.
 c. *Foi um livro o João comprou.

Nossa análise bioracional para as pseudoclivadas, exposta no próximo capítulo, dará conta da

variação na ordem exibida em (135). Por ora, limitamo-nos a comentar a restrição na ordem das semiclivadas, como observamos em (136). Conforme nossa análise monoracional, a cópula é a realização dos núcleos RELATOR ou LINKER que relaciona os dois termos de uma predicação. Assim, quando o foco recai sobre o predicado, nenhum movimento dos termos da predicação relevante ocorre, uma vez que o predicado já ocupa a posição final no complemento do RELATOR que o relaciona com o seu sujeito (que, por sua vez, encontra-se no especificador do mesmo RELATOR). Esse é o caso de semiclivadas com foco no modificador de VP ou no predicado secundário parte do argumento interno de verbos bitransitivos ou de verbos de percepção. Já quando o foco recai sobre o sujeito da predicação, há sempre Inversão de Predicado, cujo resultado deixa o sujeito (foco) em posição final; nesse caso, a cópula lexicaliza o núcleo LINKER (=REL+LINKER), necessário para viabilizar a operação. Como exemplo, estão as semiclivadas de sujeito e as de objeto (como essa em (136a) acima), já que esses constituintes são sempre sujeitos de uma predicação. Portanto, porque em nossa análise o foco sempre fica *in situ* (se há movimento é do predicado na Inversão de Predicado), ele é, invariavelmente, o constituinte na posição mais encaixada da sentença, posição natural para receber o acento nuclear. Ainda, no caso da semiclivada de objeto em (136a), como há Inversão de Predicado em sua derivação, o sujeito dessa predicação (=o objeto, foco) fica, *necessariamente*, congelado em sua posição original - o que decorre do próprio processo sintático de Inversão de Predicado, como vimos na seção 1.4.1 (lembrar que, com a Inversão de Predicado, o sujeito da predicação passa a fazer parte do domínio da fase, conseqüentemente, fica impossibilitado de sofrer qualquer manipulação sintática). Portanto, em nossa análise, não há meios para derivar as tentativas ilustradas em (136b,c), nas quais o foco aparece deslocado. Por outro lado, para as análises que recorrem a movimento do foco para a periferia esquerda da sentença, não é (tão) óbvio como bloquear os resultados agramaticais em (136b,c), em que claramente há movimento do foco *um livro*.

Dando continuidade à revisão das distinções entre semiclivadas e pseudoclivadas, retomamos o contraste quanto à focalização da *small clause* complemento de verbos bitransitivos como *dar* e *pôr*, ilustrado abaixo:

(137) O João deu foi um livro pra Maria. (e não uma revista pra Ana)

(138) a. *O que o João deu foi um livro pra Maria.

- b. O que o João deu pra quem foi um livro pra Maria. (e não uma revista pra Ana)
- c. O que o João deu? (**o que* = [*o livro pra Maria*])
- d. O que o João deu pra quem?
- e. O que o João deu é caro. (**o que* = [*o livro pra Maria*])

Partindo de uma análise em que *um livro e pra Maria* formam uma *small clause* que é sujeito da predicação efetuada pelo VP, nucleado pelo verbo *dar*, na semiclivada em (137), há ocorrência de Inversão de Predicado do VP sobre seu sujeito, a referida *small clause* (conforme mostramos na seção 1.4.3.3, sobre semiclivadas com predicação secundária). Como uma consequência da Inversão de Predicado, o sujeito dessa predicação, toda a *small clause* [*um livro pra Maria*] (que permanece *in situ*), ganha a interpretação de foco nas interfaces. Por outro lado, nas pseudoclivadas, a situação é bastante diferente. Não é possível pronominalizar toda a *small clause* apenas com *o que* na pseudoclivada (cf. 138a), sendo necessário empregar *wh* múltiplos, *o que* e (*pra*) *quem*, para se obter como resposta (como foco da pseudoclivada) ambos os constituintes integrantes da *small clause*, como retratado em (138b). A mesma situação ocorre em uma pergunta isolada: não se consegue ter o pronome *o que* como referência para toda a *small clause*, sendo necessário, mais uma vez, recorrer a *wh* múltiplos (cf. (138c) e (138d)). Igualmente, na relativa livre em (138e), *o que* não está relacionado a toda a *small clause* [*o livro pra Maria*]. No próximo capítulo, voltaremos a comentar sobre pseudoclivadas como (138b) e a má formação de (138a). Se observarmos outros contextos, nos quais o argumento interno do verbo é, sem dúvida, uma *small clause*, verificamos também a impossibilidade de pronominalizá-la na pseudoclivada, bem como na pergunta correspondente:

- (139) a. O João considera a Maria inteligente.
 b. *O que o João considera é a Maria inteligente.
 c. *O que o João considera? (**o que* = [*a Maria inteligente*])

No entanto, aqui, encontramos pelo menos alguma relação dessa impossibilidade com a impossibilidade de o foco recair sobre toda a *small clause*, (cf. última nota ao final da seção 1.4.3.3). Apesar de a impossibilidade de pronominalizar a *small clause* argumento dos verbos nas pseudoclivadas e nas perguntas em (138) e (139) por *o que* contrastar com a possibilidade em

outras, como em *O que o João viu? O que o João viu foi [a Maria dançando]*, a análise bioracional que iremos propor para as pseudoclivadas no capítulo seguinte prevê os casos de wh múltiplos, como em (138b), acima, bem como se vale da relação de que a mesma impossibilidade de pronominalização das referidas *small clauses* é atestada em interrogativas e em relativas livres correspondentes, que são justamente as duas possibilidades de análise para a oração-wh das pseudoclivadas, como veremos adiante. Portanto, uma vez que tanto em interrogativas, quanto em relativas livre, a pronominalização de toda a *small clause* argumento de verbos como *dar* e *considerar* é impossível, a pseudoclivada cuja oração-wh só pode ser ou uma interrogativa ou uma relativa livre igualmente exhibe a mesma impossibilidade. Inesperado seria se encontrássemos o contrário aqui, isto é, se apenas as pseudoclivadas se comportassem de maneira diferente - o que, como vimos, não é o caso. Em suma, em nossa análise temos como dar conta do fato de que semiclivadas como (137) são possíveis, sem com isso (sobre)gerar pseudoclivadas como as em (138a) e (139b), cuja agramaticalidade na leitura pretendida se evidencia independentemente nas interrogativas e relativas livres da língua.⁷⁹

Nossa análise para as semiclivadas de sujeito nos faz entender mais três dos contrastes mencionados entre semiclivadas e pseudoclivadas no início do capítulo, dois deles referentes à concordância de traços-phi e o outro à focalização do sujeito de verbos transitivos. Com relação aos primeiros, somente as semiclivadas podem exibir concordância de traços-phi tanto da cópula *quanto do verbo lexical* com o sujeito focalizado; nas pseudoclivadas o mesmo não é possível:

(Na peça...)

- (140) a. Caí fui eu. (e não o João)
b. Chorei fui eu. (e não o João)

⁷⁹ Não se deve tomar a impossibilidade de pronominalização da *small clause* argumento interno de verbos como *pôr* e *dar* por *o que* em perguntas, relativas livre e pseudoclivadas como uma evidência contra a análise desse argumento interno nos moldes de uma *small clause*. Além de, como mencionado acima, a mesma impossibilidade ser atestada com o argumento interno de *considerar*, para o qual uma análise de *small clause* é consensual na literatura, há possibilidade de elipse dessa *small clause*, como vemos em (ia,b) abaixo (tal qual em (ic)) e, como se sabe, elipse só é possível sobre constituintes:

- (i) a. O João deu o livro pra Maria e o Pedro deu também.
b. O João pôs o livro na mesa e o Pedro pôs também.
c. O João considera a Maria inteligente e o Pedro também considera.
d. O João viu a Maria cantando e o Pedro viu também.

- (141) a. *Quem caí fui eu.
b. *Quem chorei fui eu.

Ainda com relação à concordância de traços-phi, em semiclivadas que não de sujeito, a cópula não pode concordar com o foco; já nas pseudoclivadas a cópula pode, em geral, concordar com o foco, sem restrição aos casos de foco no sujeito:

- (142) a. O João convidou foi/*foram os meninos.
b. O João trouxe foi/*foram os salgados.
- (143) a. Quem o João convidou foi/foram os meninos.
b. O que o João trouxe foi/foram os salgados.

Os fatos mostrados acima de (140) a (143) são compreendidos segundo nossa análise, que restringe a única possibilidade de a cópula concordar com o foco à sua lexicalização em T - o que ocorre justamente só nas semiclivadas de sujeito. Nas demais, a cópula lexicaliza ou o RELATOR ou o LINKER que não coincidem com T, portanto, como núcleos baixos na estrutura, que não têm traços-phi, são lexicalizados por uma cópula que assume a forma *default*. Assim, se entende a impossibilidade de concordância da cópula com o foco nas semiclivadas em (142) e sua possibilidade nas semiclivadas em (140), nessas últimas, aliás, juntamente à concordância do verbo lexical com o sujeito foco. Quanto às pseudoclivadas, bioracionais, as referidas concordâncias são outras. Nas pseudoclivadas de sujeito em (141), a concordância do verbo lexical com o foco é impossível, visto que o sujeito do verbo não é o foco, mas o pronome wh, invariavelmente de 3ª pessoa do singular. Isso fica claro, já que a oração que antecede a cópula é completa e sintaticamente independente do material pós-cópula - muito diferente do que ocorre nas semiclivadas, como mostramos. Uma análise bioracional para as pseudoclivadas também é compatível com a possibilidade de concordância da cópula com o foco, como ilustrado em (143) acima - o que será comentado no próximo capítulo.

Por fim, há o contraste quanto à focalização do sujeito de verbos transitivos em semiclivadas e pseudoclivadas, reproduzido novamente abaixo:

(144) a. Quem comeu o bolo foi o João.

b. *Comeu o bolo foi o João.

A má formação de semiclivadas com focalização do sujeito de um verbo transitivo, como em (144b), é entendida dentro da análise monoracional que recebe, segundo nossa proposta. Inversão de Predicado é, seguramente, possível, como empregamos para derivar, por exemplo, semiclivadas de sujeito do tipo de (140) acima. Porém, Inversão de Predicado não é possível quando esse predicado é, ele mesmo, uma predicação, um RP (ou *small clause*) - o que cai na restrição mostrada para movimentos de predicações mínimas: *tensed clauses* (TPs) e *small clauses* (RPs) (cf. **A Maria morreu o João disse que*; **A Maria bonita o João considera*). Como apontado na seção 1.4.3.4.2, a única maneira de derivar uma sequência como (144b) é aplicando Inversão de Predicado duas vezes, uma no VP, predicado do objeto, e outra no FP resultante, predicado do sujeito. Porém, aqui também há problemas: duas ocorrências de Inversão de Predicado em uma mesma sentença produz uma estrutura informacional absurda para a mesma. Como cada aplicação dessa operação produz uma articulação Tópico-Foco, teríamos, como resultado, dois focos na mesma sentença (em (144b), *o bolo* e *o João*) - o que leva a um resultado não convergente nas interfaces, onde a estrutura de informação é computada. Por outro lado, não há problema algum para derivar pseudoclivadas como (144a). Segundo uma análise bioracional para essas, os constituintes de cada lado da cópula são sintaticamente independentes um do outro. Portanto, o foco pós-cópula *o João* de (144a), mesmo sendo o valor para a variável representada pelo pronome *wh* *quem* e, assim, ser relacionado a ele, não é, efetivamente, o sujeito da oração-*wh* que antecede a cópula (*quem* é o sujeito daquela oração); *o João* é analisado como o (ou parte do) constituinte superficialmente localizado em posição final, pós-cópula - o que ficará mais claro no próximo capítulo, quando tratarmos propriamente da análise das pseudoclivadas.

Concluindo, as diferenças revisadas aqui entre semiclivadas e pseudoclivadas por um lado suportam nossa análise monoracional para as primeiras e, por outro, suportam uma análise bioracional para as segundas, o que pretendemos explorar mais a fundo na sequência.

Antes de encerrarmos este capítulo, gostaríamos de fazer uma última observação sobre uma característica bastante saliente das semiclivadas e ainda não comentada: sua harmonia temporal, exemplificada em (145) abaixo:

(145) O João comprou *é/foi um carro.

A harmonia temporal entre o tempo expresso na cópula e aquele expresso no verbo lexical das semiclivadas é capturada em nossa análise monoracional para essas construções, uma vez que a cópula ou é o *spell-out* do próprio núcleo T (nas semiclivadas de sujeito) ou dos núcleos RELATOR ou LINKER (nas demais), núcleos que estão sempre no domínio de c-comando de T. Sendo nossa análise monoracional, há apenas um único traço de tempo na sentença; com isso se elimina qualquer possibilidade de marcação temporal independente pela cópula. Esse único traço de tempo é o responsável por valorar o tempo de todas as formas verbais finitas nas semiclivadas (construções monoracionais). Resenes & Den Dikken (2012) relacionam tal harmonia temporal a uma função de formação da cadeia-T (conforme Guéron & Hoekstra 1995), segundo a qual todos os núcleos funcionais na estrutura (o que inclui RELATORs e LINKERs) devem ter o mesmo valor para [tempo] até o ponto em que um valor diferente para [tempo] seja encontrado, este, então, encabeça uma outra cadeia-T. Dessa forma, nossa análise monoracional, ao contrário das bioracionais, em que um tratamento para a harmonia temporal verificada nas semiclivadas não é (pelo menos) imediato, tem a vantagem de assegurar a obrigatoriedade dessa harmonia temporal com uma única, digamos, cadeia-T.

Encerramos, aqui, nossa apresentação, discussão e análise das semiclivadas no PB, segundo uma proposta monoracional que as distancia das pseudoclivadas (bioracionais), só aparentemente correlacionadas. No entanto, ao contrário das análises disponíveis na literatura para as semiclivadas, que tratam todas de forma homogênea, sinalizamos que, no último capítulo desta tese, as semiclivadas voltam à cena, mas não o grande grupo de semiclivadas de que tratamos aqui, e sim apenas um pequeno subgrupo bem restrito que, ao contrário dessas, receberá uma análise bioracional. Esse subgrupo restrito de semiclivadas (só algumas com foco no sujeito) são, na verdade, derivadas de pseudoclivadas, por isso chamadas de “pseudoclivadas reduzidas” e merecedoras de uma análise bioracional. Essas pseudoclivadas reduzidas são, ainda, reduzidas de um tipo bem específico de pseudoclivada. Delimitaremos sua distribuição e explicaremos como esse processo de ‘redução’ ocorre (sob que condições, em que estruturas é permitido, etc.), bem como por que é restrito só a um subgrupo específico de semiclivadas de sujeito (como já antecipamos aqui). Porém, para tal, é preciso, antes, apresentar as construções pseudoclivadas, a discussão em torno delas e nossa análise para as mesmas no PB que, conforme anunciado, é o

tema do próximo capítulo. Somente após isso, teremos condições de discutir sobre a ‘redução’ de um grupo de pseudoclivadas bem preciso (o assunto do último capítulo).

1.6 Resumo do Capítulo

Neste capítulo foi apresentada uma análise monoracional para a sintaxe das construções semiclivadas, na qual a cópula, que imediatamente precede o foco, é a realização de uma categoria funcional envolvida no estabelecimento de relações de predicação, um RELATOR ou LINKER. A existência das construções semiclivadas, em que dois termos de uma predicação aparecem ‘ensanduichados’ por uma cópula, analisada como uma categoria funcional tal como mencionado acima, oferece uma nova perspectiva para a sintaxe das estruturas de predicação, na qual o objeto temático introduzido em uma posição de especificador (de um RELATOR) é o sujeito da predicação efetuada pelo VP mínimo. Assim, em nossa análise monoracional para as semiclivadas, alargamos o tratamento conferido à sintaxe da predicação (como em Den Dikken 2006a), tratando inclusive a relação ‘objeto de’ como uma relação essencialmente predicacional.

A análise que propusemos aqui para as semiclivadas deu conta dos fatos envolvendo concordância de traços-phi, das restrições de transitividade em semiclivadas de sujeito e das restrições em semiclivadas com modificador adverbial como foco; nesse último caso, em particular, deu conta da variação entre os falantes quanto à focalização de advérbios em *–mente*, bem como da unânime rejeição quanto à focalização de advérbios altos (advérbios orientados para o falante) - resultados todos difíceis de serem alcançados, de uma forma *explicativa*, pelas análises anteriores propostas na literatura para essas construções (cf. seção 1.3, na qual foi feita uma revisão crítica dessas análises). Além disso, nossa análise monoracional pode derivar todos os padrões de semiclivadas com predicação secundária, prevendo a distribuição da cópula e a localização do foco em cada variação dessas construções, com o foco ora no sujeito da predicação secundária, ora no predicado secundário, ora em toda a *small clause* que eles compõem. Aliás, a estrutura informacional das semiclivadas é diretamente consequência da sua estrutura sintática em nossa análise, uma vez que o foco fica sempre *in situ*, como o constituinte mais encaixado da sentença (no domínio natural de focalização), já garantindo, assim, o acento nuclear.

Sendo assim, esperamos ter mostrado que além da adequação empírica, a análise que apresentamos para as semiclivadas tem adequação explicativa, uma vez que não se trata de uma análise isolada, específica para um grupo particular de construções, mas se enquadra em uma análise da sintaxe da predicação bem mais geral (cf. Den Dikken 2006a), que já se mostrou eficiente para uma vasta gama de dados e de um conjunto variado de línguas.

CAPÍTULO II

CONSTRUÇÕES PSEUDOCATIVADAS

2.1 Introdução

O segundo capítulo desta tese é dedicado às construções pseudocativadas. Essas construções pertencem à família das clivadas, sentenças designadas para focalizar, que deixam explícita a divisão entre foco (informação não-suposta) e suposição (focal) ou informação compartilhada.⁸⁰ Qualquer sentença simples da língua pode conter um foco, como (1a) abaixo, por exemplo.⁸¹ As sentenças clivadas em (1b,c) diferem daquela, à primeira vista, por empregar elementos adicionais que colaboram para formar um “arranjo sintático” em prol da focalização de um constituinte específico: esses elementos são a cópula e o complementizador em (1b), uma clivada propriamente dita, e a cópula e o pronome *wh* em (1c), uma pseudocativada:

- (1) a. O João beijou A MARIA.
 b. Foi A MARIA que o João beijou.
 c. Quem o João beijou foi A MARIA.

Assim, enquanto na mesma sentença simples em (1a) há, em princípio, várias possibilidades de foco, que pode ser o objeto *a Maria* (como em resposta a *Quem o João beijou?*), o VP *beijou a Maria* (como em resposta a *O que o João fez?*), ou toda a sentença, *O João beijou a Maria* (como em resposta a *O que aconteceu?*), sem necessidade de haver nenhum rearranjo sintático ou

⁸⁰ O foco é comumente chamado de informação ‘nova’. Acima preferimos usar informação ‘não-suposta’, com o intuito de deixar mais claro que o foco pode ser uma informação que não é inédita no discurso (nesse sentido, ele pode ser uma informação ‘velha’, já mencionada no contexto), mas é uma informação não-suposta (ou ‘nova’) no sentido de que é determinado que é esse constituinte o valor que satisfaz a variável em questão, como no exemplo abaixo:

(i) A: A gente sabe que a Maria namorou com o João e com o Pedro. Mas com quem, afinal, a Maria casou?
 B: Com quem ela casou foi com o João.

⁸¹ O uso de letras maiúsculas indica o constituinte que porta o acento mais forte da sentença.

acentual para isso (cf. projeção do foco, Selkirk 1995), nas sentenças clivadas, o foco é inequívoco. No exemplo em (1b) de uma clivada, o foco é o constituinte “ensanduichado” entre a cópula e o complementizador; por sua vez, no exemplo em (1c) de uma pseudoclivada, ele é o constituinte pós-cópula - em ambos os casos, sempre e somente *a Maria*.

As sentenças (pseudo)clivadas apresentam variação na ordem superficial. Em (2) e (3), abaixo, mostramos todas as possibilidades de ordenação dessas sentenças:

- (2) a. Foi A MARIA que o João beijou.
b. A MARIA foi que o João beijou.
- (3) a. Quem o João beijou foi A MARIA.
b. Foi A MARIA quem o João beijou.
c. A MARIA foi quem o João beijou.

Das clivadas em (2), (2a) é chamada de clivada canônica ou básica, com o foco “ensanduichado” entre a cópula e o complementizador *que*, e (2b) de clivada invertida, porque o foco aparece à esquerda da cópula. Por sua vez, das pseudoclivadas em (3), (3a) é chamada de pseudoclivada canônica ou básica, porque apresenta a ordem mais comum de sua ocorrência, com a oração-wh em posição inicial; (3b) ficou conhecida como pseudoclivada “extraposta”,⁸² porque a oração-wh aparece à direita do foco, e (3c) é chamada de pseudoclivada invertida porque o foco aparece em primeira posição, precedendo a cópula. No entanto, uma vez que a terminologia referida não é

⁸² Terminologia de Modesto (2001). Na literatura de clivagem para o inglês, sentenças como (3b) são consideradas clivadas, parte das *it-clefts*, tanto as formadas com *that* (ia), quanto as com *who* (ib) (exemplos extraídos de Kiss 1998):

- (i) a. It is me that is sick.
b. It is me who is sick.

Aqui, seguiremos as análises do PB que consideram sentenças como (3b), acima, como pseudoclivadas. Dentre outras distinções, apontamos aqui uma delas quanto à concordância entre o verbo encaixado e o constituinte clivado - obrigatória nas clivadas propriamente ditas de sujeito no PB, como mostra o contraste entre (iia) e (iib), mas proibida nas pseudoclivadas de sujeito, de acordo com o contraste em (iic) e (iid). Nessas últimas, o verbo lexical concorda sempre com o pronome wh:

- (ii) a. Fui *eu* que beije*i* o João.
b. *Fui *eu* que beijou o João.
c. *Fui *eu* quem beije*i* o João.
d. Fui eu quem beijou o João.

neutra (os termos usados já foram cunhados na literatura), fazemos referência à própria ordem das (pseudo)clivadas para nos referirmos a elas nesta tese.

A literatura traz várias definições de clivagem, dentre as quais destacamos algumas. Para Haegeman & Guéron (1999: 49), “in a cleft sentence, we cut (‘cleave’) one constituent out of the sentence and place it in a position in which it will receive contrastive stress and in which it will function as a contrastive focus.”⁸³ Em Quirk et al (1972: 951), “a special construction which gives both thematic and focal prominence to a particular element of the clause is the cleft sentence, so called because it divides a single clause into two separate sections, each with its own verb.”⁸⁴ Já em Lambrecht (2001: 468) encontramos o seguinte:

A CLEFT CONSTRUCTION (CC) is a complex sentence structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.⁸⁵

Portanto, a clivagem destaca sempre um constituinte: prosodicamente, porque recebe o acento mais alto da sentença; sintaticamente, porque recebe uma determinada posição sintática na sentença, em relação aos outros termos; e pragmaticamente, porque é interpretado como a informação não-suposta da sentença (informação “nova”) (já em termos semânticos, a clivagem não parece causar alteração nas condições de verdade da sentença, como mencionado na definição de Lambrecht 2001).

Nesta tese, não trataremos das construções clivadas como (1b) e (2), acima, mas apenas das pseudoclivadas como (1c) e (3). Nosso objetivo mais geral neste capítulo é investigar que mecanismos sintáticos são utilizados pela gramática das línguas, e mais especificamente no PB,

⁸³ “Em uma sentença clivada, nós cortamos (‘clivamos’) um constituinte fora da sentença e o colocamos em uma posição na qual ele recebe acento contrastivo e na qual ele funciona como um foco contrastivo” (tradução nossa).

⁸⁴ “Uma construção especial que dá ambas as proeminências temática e focal a um elemento particular da oração é a sentença clivada, assim chamada porque divide uma oração simples em duas partes separadas, cada uma com seu próprio verbo” (tradução nossa).

⁸⁵ “Uma construção clivada (CC) é uma estrutura sentencial complexa que consiste em uma oração matriz encabeçada por uma cópula e uma oração relativa ou do tipo relativa, cujo argumento relativizado é coindexado com o argumento predicativo da cópula. Tomadas juntas, a oração matriz e a relativa expressam uma proposição simples logicamente, que também pode ser expressa sob a forma de uma oração simples sem mudança nas condições de verdade” (tradução nossa).

para construir as sentenças pseudoclivadas. Em outras palavras, qual é a análise compatível com os dados de pseudoclivadas do português brasileiro (PB) que dê conta das propriedades dessas sentenças e dos fenômenos que elas envolvem nessa língua em particular, sem perder de vista paralelos e contrastes com outras línguas. A pesquisa sobre essas sentenças no PB se justifica uma vez que não há consenso sobre a sintaxe dessas construções, com especial destaque para o estatuto de sua oração-wh e para as diferenças entre os seus padrões (exemplificados inicialmente em (3) acima), que podem revelar diferenças estruturais bastante significativas, até então não (ou pouco) exploradas no PB.

Organizamos este capítulo da seguinte forma: primeiramente, na seção 2.2, delimitamos o que é e o que não é uma sentença pseudoclivada, apesar de, por vezes, haver aparente semelhança. Em seguida, na seção, 2.3, discorremos sobre os efeitos de conectividade que elas exibem. Na seção 2.4, apresentamos os principais tipos de análise que receberam na literatura, com sua revisão crítica. Posteriormente, na seção 2.5, mostramos como os dados de pseudoclivadas em nossa língua resistem a um tratamento homogêneo. Por fim, na seção 2.6, apresentamos o tratamento que propomos para essas construções, com menções a outras línguas, para as quais análise similar, total ou parcial, já foi defendida (seção 2.7).

2.2 O que é e o que não é pseudoclivada

Nesta seção nos ocuparemos em definir que construções podem cair sob o escopo do termo pseudoclivada, dada a existência de sequências semelhantes, mas que não se caracterizam como sentenças pseudoclivadas. Assim, é necessário precisar a definição que adotaremos para elas, para determinar o alcance do emprego do termo. Para tanto, valemo-nos das seguintes citações de Akmajian (1970) e Higgins (1973):

The essential feature that distinguishes pseudo-cleft sentences from other copula constructions is that the initial clause of the pseudo-cleft contains what is essentially a semantic variable, a semantic ‘gap’ which must be ‘filled’ or specified by the focus item [...]. The focus item must specify a value for the variable of the clause, and it thus follows that the focus item must belong to the

appropriate semantic class, i.e., the class represented by the variable. (AKMAJIAN, 1970: 19)⁸⁶

There are two features of the pseudo-cleft construction which are by many authors taken as defining features: (i) a semantic kinship to cleft sentences, and a consequent semi-formal requirement that pseudo-cleft sentences should have a bipartite form, looking like a broken-up form of a simple sentence, with a ‘focal’ constituent which in some sense is being emphasized, and a remainder; (ii) a formal requirement that the sentence is a copular sentence having a subject that consists of a clause introduced by a *Wh*-item, usually *what*, this subject clause constituting the remainder of the simple sentence, and a portion which follows the copula and constitutes the focal constituent, the constituent which is being emphasized. (HIGGINS, 1973: 11-12)⁸⁷

Como observamos nas definições acima, as pseudoclivadas são sentenças complexas formadas por uma oração-wh, que é sempre interpretada como o conteúdo pressuposto, uma cópula e um constituinte interpretado como o foco da sentença (o constituinte clivado), que é o valor especificado para a *gap* interna à oração-wh. Essa caracterização básica é, na verdade, fundamental para um preciso reconhecimento dessas construções e é mantida nesta tese de maneira estrita. Sendo assim, (4), abaixo, mas não (5), é identificada como uma pseudoclivada:

- (4) Quem beijou a Maria foi o João.
- (5) Quem beijou a Maria foi inteligente.

Apesar de (5) ter uma sequência aparentemente igual à de (4), aquela é apenas uma simples copular predicacional. Enquanto em (4), o foco *o João* especifica o valor da variável representada por *quem*, isto é, informa a identidade do beijador, em (6) *inteligente* apenas confere um atributo

⁸⁶ “O traço essencial que distingue sentenças pseudoclivadas de outras construções copulares é que a oração inicial das pseudoclivadas contém o que é essencialmente uma variável semântica, uma ‘lacuna’ semântica, que deve ser ‘preenchida’ ou especificada pelo item foco [...]. O item foco deve especificar um valor para a variável da oração, e então segue-se que o item foco deve pertencer à classe semântica apropriada, i.e., à classe representada pela variável” (tradução nossa).

⁸⁷ “Há duas características das construções pseudoclivadas que são tomadas por muitos autores como características definidoras: (i) um parentesco semântico com as sentenças clivadas, e um consequente requerimento semi-formal de que as sentenças pseudoclivadas devem ter uma forma bipartida, parecendo uma forma fragmentada de uma sentença simples, com um constituinte ‘focal’ que em algum sentido está sendo enfatizado, e uma parte restante; (ii) um requerimento formal de que a sentença seja uma sentença copular tendo um sujeito que consiste de uma oração introduzida por um item-wh, usualmente *what*, esta oração sujeito constituindo a parte restante da sentença simples, e uma parte que segue a cópula e constitui o constituinte focal, o constituinte que está sendo enfatizado” (tradução nossa).

ao beijador, quem quer que ele seja, referido aqui pela oração-wh. Portanto, “we can say that a specificational clause does not tell us something *about* the referent of the subject NP, instead it says *who* or *what* the referent is” (Mikkelsen, 2005: 1, grifos da autora); por outro lado, as sentenças predicacionais, como (5), informam algo *sobre* o referente, sem informar sua identidade. Nessas, a oração-wh, usualmente classificada como uma relativa livre, é apenas *uma forma* (dentre outras possíveis) empregada para fazer referência a um indivíduo *x* no mundo (não revelado), ao qual se atribui o predicativo *inteligente* em (5).⁸⁸

Akmajian (1970) foi o pioneiro a reconhecer essas interpretações, cunhando como especificacional a de (4) e predicacional a de (5). Ele mostrou que há sentenças potencialmente ambíguas entre essas leituras, como é o caso de (6), abaixo, por exemplo:

(6) O que o João é é importante.

Na leitura especificacional, o adjetivo *importante* é um atributo direto de *o João*, predicação que é realizada por meio do elemento wh *o que*. O significado, nesse caso, é equivalente à sentença simples *O João é importante*. Já na leitura predicacional, *importante* predica sobre toda a oração-wh que, nesse caso, se refere ao *status* do João. Em outras palavras, o predicado aqui é uma propriedade de propriedades (cf. Alexiadou & Giannakidou 1998: 2), algo como *O João é x e ser x é importante*.

⁸⁸ Partee (1987, *apud* Hedberg 1993: 123), diferencia as pseudoclivadas especificacionais, como (4) acima, de predicacionais, como (5), pelo tipo semântico dos constituintes que as compõem (sem considerar ambiguidade nenhuma na cópula): nas especificacionais, a oração-wh é de tipo <X,t> e o constituinte pós-cópula é de tipo <X> (ou seja, aquela é predicado deste); nas predicacionais, por outro lado, a oração-wh é de tipo <X> e o constituinte pós-cópula, de tipo <X,t> (isto é, este é predicado daquela). Abaixo, ilustramos os tipos (generalizados pela autora pelo uso de “X” acima a fim de poderem relacionar quaisquer dois termos em relação de predicação nessas sentenças) para os exemplos em (4) e (5) acima:

(i) a. [Quem beijou a Maria] foi [o João].	(pseudoclivada especificacional)
<e,t> <e>	
b. [Quem beijou a Maria] foi [inteligente].	(predicacional)
<e> <e,t>	

Essa diferença nas relações de predicação básica são mantidas na maioria das análises para as pseudoclivadas, que as diferenciam, por conseguinte, das copulares predicacionais com sequência linear aparentemente semelhante, como mostrado aqui. PARTEE, B. H. 1987. Noun Phrase Interpretation and Type-Shifting Principles. In: *Studies in Discourse Representation Theory and the Theory of Generalized Quantifiers*, ed. by J. Groenendijk and M. Stokhof, Dordrecht: Foris. 115-143.

Higgins (1973), que reconhece e expande (por meio de vários testes distintivos)⁸⁹ a caracterização das leituras feita por Akmajian (1970), confere às sentenças especificacionais uma leitura de lista: o sujeito (para este autor, a oração-wh) introduz uma variável e funciona como o assunto da lista e o predicado (para ele, o foco) é um dos itens da lista, exatamente aquele que especifica ou dá o conteúdo daquela variável: *the heading of a list provides a 'variable', thereby delimiting a certain domain, to which the items on the list conform as 'values' of that variable* (Higgins, 1973: 95). A este sujeito, representado pela oração-wh nas pseudoclivadas, Higgins (1973) chama como *superscriptional* (entendido como o termo definidor do assunto/domínio da lista) e ao foco como o termo ‘especificacional’, porque é o que especifica o conteúdo da lista. Para esse autor, nenhum desses termos da pseudoclivada (especificacional) é referencial. Em oposição às sentenças especificacionais, as predicacionais recebem uma caracterização trivial: o autor diz que elas têm um sujeito referencial e um predicado que atribui uma propriedade aquele sujeito.

As distinções existentes entre as sentenças predicacionais e especificacionais⁹⁰ são importantes para ilustrar o escopo do termo *pseudoclivada*. Assim, seguimos Akmajian (1970) e deixamos de fora as sentenças predicacionais com sequência idêntica à de uma pseudoclivada, como (5) e a versão predicacional de (6), por não considerá-las pseudoclivadas. De fato, nas sentenças predicacionais, não há absolutamente clivagem alguma (cf. definições de clivagem apresentadas inicialmente). Contudo, na literatura, não é raro encontrarmos referência ao termo “pseudoclivada predicacional”. Há muitos autores, dentre eles o próprio Higgins (1973) e outros como Boskovic (1997) e Boeckx (2007), que apesar de reconhecerem a diferença entre pseudoclivadas especificacionais e sentenças copulares predicacionais com sequência semelhante à das pseudoclivadas (como é o caso de (5) acima), continuam empregando o termo “pseudoclivada predicacional” para se referirem a essas, isso porque, tradicionalmente, essas sentenças ficaram conhecidas sob esse rótulo, o termo foi assim cunhado na literatura. Muito mais importante do que uma questão de nomenclatura é, na verdade, a análise que essas sentenças recebem, e quanto a isso, sempre se procura distinguir as pseudoclivadas “genuínas”, como (4)

⁸⁹ Em Resenes (2009), retomo vários dos testes utilizados por Higgins (1973) e apresento outros para o PB.

⁹⁰ Para mais detalhes sobre essas distinções no PB, ver, entre outros trabalhos, Modesto (2001), Resenes (2009) e Kato & Mioto (2009).

acima, dessas predicacionais. Nesta tese, porém, seremos mais restritos mesmo com questões de nomenclatura e empregamos o termo “pseudoclivada” apenas às sentenças com leitura especificacional. Depois que tivermos apresentado a sintaxe das construções pseudoclivadas, na seção 2.7, iremos confrontá-la com a de sentenças copulares predicacionais como (5) acima, a fim de evidenciar sua distinção estrutural.

Além das copulares predicacionais como (5), há outras sentenças copulares, e desta vez, especificacionais, que aparentemente também se assemelham às pseudoclivadas. Aqui, voltamos às definições originais de Akmajian (1970) e Higgins (1973) para as construções pseudoclivadas, a fim de lembrarmos que a leitura especificacional e a composição por uma oração-wh, uma cópula e um outro constituinte são requisitos necessários mas não suficientes para definir uma pseudoclivada. As definições desses dois autores deixam claro que a oração-wh, que contém a variável, deve ser a informação velha (o *background*) e o valor para essa variável, a informação nova, o foco. Desse modo, (7) abaixo é ambígua entre ser uma pseudoclivada ou uma copular especificacional não-clivada. Vejamos cada caso.⁹¹

(7) A Maria é quem revisa textos.

(8) a. Quem é a Maria?

b. A Maria é quem revisa TEXTOS.

c. A Maria é a pessoa que revisa TEXTOS.

d. A Maria é A REVISORA.

(9) A: a. Quem revisa textos é a Ana.

B: b. A MARIA é quem revisa textos. (e não a Ana)

c. É A MARIA quem revisa textos. (e não a Ana)

d. Quem revisa textos é A MARIA. (e não a Ana)

Quando em um contexto como (8a), por exemplo, (7) é apenas uma copular comum (especificacional). Nesse caso, não há clivagem alguma, apenas se confere uma especificação para o sujeito *a Maria*, sem que seja clivado nenhum constituinte para isso. A forma utilizada

⁹¹ Novamente, o uso de letras maiúsculas indica o sintagma com o acento mais forte da sentença.

para informar essa especificação (ou ainda predicação, em um sentido mais geral), foi uma oração-wh (uma relativa livre) em (8b), mas poderia ser outra, como uma relativa com núcleo em (8c), ou um DP simples em (8d). Portanto, quando (7) é uma copular comum especificacional não-clivada, como em (8b), o foco não é o valor para a variável interna à oração-wh (representada pelo pronome wh), como é o caso nas pseudoclivadas (cf. definições de Akmajian (1970) e Higgins (1973) acima), mas é a própria oração-wh, da mesma forma em que é a relativa com núcleo em (8c), ou o DP simples em (8d).⁹² Por outro lado, quando no contexto em (9a), (7) é sim uma pseudoclivada, pois o XP que representa o valor para a variável instaurada dentro da oração-wh foi clivado: o DP *a Maria* corresponde a esse valor e é, portanto, o foco da sentença. Assim, a pseudoclivada com foco em posição inicial em (9b), uma das possibilidades de (7) (que, como vimos, é ambígua), é uma variação (um padrão) de pseudoclivada, sendo as demais variações mostradas em (9c,d). Notar que a outra possibilidade de (7), isto é, a sentença não-clivada em (8b), contrasta claramente com as pseudoclivadas em (9c,d).⁹³ Além de a estrutura informacional das duas possibilidades de (7) ((8b) e (9b)) ser diferente, o tipo de foco veiculado nelas também difere. Apenas em (9b), uma pseudoclivada com foco em posição inicial, o foco é necessariamente contrastivo, conforme atestam, por exemplo, Modesto 2001, Resenes 2009 e Braga, Kato & Miotto 2009 para o PB e Hartmann, Hegedüs & Surányi 2011 para o húngaro e o alemão. Já na copular comum em (8b), o foco (toda a oração-wh pós-cópula), pode ser um simples foco de informação; como o foco está em posição final (*in situ*) e não deslocado, é compatível com a interpretação de foco de informação. Por fim, assim como faremos em relação às copulares predicacionais não-clivadas vistas anteriormente (ex. (5) acima), para as copulares

⁹² Notar que para a relativa livre ser o foco (o constituinte clivado) de uma pseudoclivada, ao invés de (8b) deveríamos ter algo como (i):

(i) Quem recebeu aumento foi quem revisa textos.

Em (i), mas não em (8b) acima, a relativa livre é o valor para a variável interna à oração-wh (responde a *quem* dessa oração-wh), portanto é o constituinte ‘clivado’.

⁹³ Notamos, ainda, que há sentenças com a composição similar à de (7), [XP<cóp<or.wh], para as quais é bastante difícil uma interpretação como simples copular não-clivada, como no caso em (8b), com o foco como incidindo em toda a oração-wh. Exemplos desse tipo são as sentenças em (i), em que a versão pseudoclivada da sentença (foco pré-cópula, referente ao valor para o wh) é fortemente favorecida, se não a única:

(i) a. Escrever um artigo foi o que o João fez.
b. Orgulhosa da sua mãe é o que a Maria é.

especificacionais não-clivadas como (8b), também mostraremos que sua sintaxe difere da sintaxe das pseudoclivadas. Tal comparação será igualmente feita na seção 2.7, assim que tivermos apresentado a nossa proposta para a sintaxe das pseudoclivadas no PB.

Uma vez examinados casos superficialmente ambíguos e eliminadas as sentenças copulares predicacionais e especificacionais não-clivadas do grupo de pseudoclivadas (ainda que as respectivas estruturas sintáticas só vão ser confrontadas à frente), esperamos ter deixado claro o que reconhecemos como pseudoclivadas: sentenças complexas formadas por (i) um constituinte que contém uma variável, na forma de uma oração-wh, (ii) um constituinte que é ou contém o valor para aquela variável e (iii) uma cópula ligando os dois termos. Do ponto de vista discursivo, a oração-wh, que contém a variável, deve ser interpretada como informação velha, o *background*, e o valor para essa variável como informação nova, o foco. A definição acima é fiel ao significado do termo *clivagem*, uma vez que a sentença é entendida como dividida, bipartida (*clivar* literalmente significa dividir, fragmentar), e o foco é justamente o constituinte que foi ‘clivado’ na sentença, em concordância com a caracterização tradicional de Akmajian (1970) e Higgins (1973). O ponto de vista sintático para caracterizar essas construções será acrescentado à definição na parte final deste capítulo (seção 2.7), após termos apresentado nossa análise.

2.3 Pseudoclivadas e a conectividade

As construções pseudoclivadas há décadas despertam o interesse de linguistas, especialmente para estabelecer qual é a relação entre o constituinte pré e o pós-cópula. Essa relação fica evidente pelo parentesco íntimo que as pseudoclivadas têm com as sentenças simples a elas correspondentes, como apontado, por exemplo, por Peters & Bach (1968,⁹⁴ *apud* Akmajian 1970: 21), a quem se deve os exemplos em (10):

- (10) a. What John counted was the pigeons.
b. John counted the pigeons.

⁹⁴ PETERS, S. & E. BACH. 1968. *Pseudo-cleft sentences*. Ms., MIT.

Os autores salientam que as relações gramaticais e as restrições de seleção entre os termos na pseudoclivada (ex. (10a)) são as mesmas da sentença simples correspondente (ex. (10b)), de modo que violações nesta última igualmente se verificam naquelas; por exemplo, um nome singular não poderia ser o objeto do verbo em (10b) e tampouco poderia ser o constituinte pós-cópula em (10a). Sem dúvida, o paralelo mais famoso das pseudoclivadas com suas sentenças simples correspondentes diz respeito ao que foi inicialmente chamado de *grammatical connectedness* (Akmajian 1970; Higgins 1973) e que depois ficou rotulado como *connectivity effects* (“efeitos de conectividade”). Conectividade é o nome cunhado para a relação entre elementos do constituinte pré e pós-cópula de certas sentenças copulares especificacionais, nas quais se incluem as pseudoclivadas, que se comportam como se estivessem em relação de c-comando (em dependência gramatical) e, no entanto, não estão. Para ilustrar o caso, mencionamos os seguintes exemplos mostrados em Akmajian (1970: 22-23):

- (11) a. What John did was wash himself / *him / *herself.
 b. What John wants Mary to do is wash *himself / him / herself.
- (12) a. John washed himself / *him / *herself.
 b. John wants Mary to wash *himself / him / herself.

Como vemos, a distribuição dos reflexivos nas pseudoclivadas em (11) é a mesma das sentenças simples em (12) (as formas marcadas com “*” indicam que sua correferencialidade a um argumento da oração-wh é impossível). *Mutatis mutandis*, em PB também observamos o referido paralelismo entre a pseudoclivada e a sentença simples correlata:⁹⁵

- (13) a. O que o João_i fez foi se_i lavar / ele*_{i/j}.
 b. O que o João_i quer que a Maria_j faça é se*_{i/j} lavar / ele_{i/k}.
- (14) a. O João_i se_i lavou / ele*_{i/j}.

⁹⁵ Aqui optamos por usar índices apenas como uma forma de indicar a referência da anáfora *se*, já que nos exemplos em (13b) e (14b) ela pode, em princípio, se referir tanto ao *João* quanto à *Maria*, diferentemente do inglês, que dispõe de formas não-ambíguas, como vemos em (11)-(12) acima.

b. O João_i quer que a Maria_j se_{*i/j} lave / ele_{i/k}.

Conforme bastante relatado na literatura, a conectividade é uma característica exclusiva das sentenças especificacionais - o que as distingue das copulares predicacionais, nas quais a conectividade é impossível, como observamos nos seguintes exemplos em (15), extraídos de Declerck (1988: 51):

- (15) a. The job Fred has accepted is to write a book about himself.
b. The job Fred has accepted is a source of agony for him.

Em (16) temos versões modificadas desses exemplos em PB, que mostram essencialmente o mesmo contraste:⁹⁶

- (16) a. A tarefa da Maria é escrever um livro sobre si mesma / ela mesma.⁹⁷
b. A tarefa da Maria é uma fonte de agonia para *si mesma/ *ela mesma / ela.

Desse modo, como apontado por Higgins (1973), o exemplo ambíguo em (6) acima, repetido aqui em (17a') ((17a) é exemplo original em inglês), deixa de sê-lo nas construções em (18-19):

- (17) a. What John is is important.
a'. O que o João é é importante.
- (18) a. What John is is important to himself.
b. What John is is important to him.

⁹⁶ É interessante ressaltar que exemplos como (15) e (16) mostram que conectividade não é uma característica só das pseudoclivadas, mas das copulares especificacionais em geral, como mencionado inicialmente. Isso será explorado mais à frente nesta seção.

⁹⁷ Segundo Kato & Mito (2009), há duas anáforas complexas no PB, provavelmente sujeitas à variação dialetal: *si mesmo(a)* e *ele(a) mesmo(a)*. Não entraremos em uma investigação sobre as anáforas do PB atual, pois está fora do escopo desta tese. A esse respeito, ver, por exemplo, o estudo de Menuzzi (1999). Para nós é suficiente apontar a existência de conectividade com anáfora em sentenças copulares especificacionais, entre as quais estão as pseudoclivadas.

- (19) a. O que o João é é importante pra si mesmo / ele mesmo.
 b. O que o João é é importante para ele.

As sentenças em (18-19) são não-ambíguas: somente aquelas em (a) são pseudoclivadas especificacionais; as em (b) são copulares predicacionais. Parafraseando Hedberg (1993: 121), a especificacional (pseudoclivada) em (a) é uma resposta apropriada para uma pergunta sobre as características da personalidade do João, informando, talvez, que ele seja arrogante; por outro lado, a predicacional em (b) (na leitura em que o pronome (*him, ele*) seja correferencial ao sujeito da oração-wh) é uma resposta apropriada para uma pergunta a respeito das prioridades (ou ainda valores) do João.⁹⁸

Kato & Miotto (2009), explorando a morfologia nominal no PB, a qual distingue as leituras especificacional e predicacional, conforme primeiramente apontado por Miotto & Negrão (2007)⁹⁹, também fornecem contraste semelhante com os pares abaixo em (20-21):¹⁰⁰

- (20) a. O que a Maria é é indigna de si mesma / dela mesma.
 b. *O que a Maria é é indigno de si mesma / dela mesma.

- (21) a. *O que a Maria_i é é indigna dela_i.

⁹⁸ Além disso, como bastante conhecido na literatura, a cópula das pseudoclivadas tem restrições temporais: ela não pode expressar um tempo diferente do tempo expresso no verbo da oração-wh. Tal restrição temporal característica das pseudoclivadas (que são sentenças especificacionais) também as distingue das copulares predicacionais. Por exemplo, uma sentença ambígua como (17a') acima, repetida abaixo em (ia), deixa de sê-lo se manipulado o tempo marcado na cópula para um diferente daquele do verbo da oração-wh, logo, (ib) só pode ser uma predicacional (não-clivada):

- (i) a. O que o João é é importante. (ambígua)
 b. O que o João é foi importante. (só copular predicacional (não-clivada))

⁹⁹ Os exemplos originais de Miotto & Negrão (2007) são estes em (i):

- (i) a. O que a Maria é é escandalosa.
 b. O que a Maria é é escandaloso.

Em (ia), a concordância de gênero do adjetivo *escandalosa* com o sujeito da oração-wh, *a Maria*, faz com que a sentença tenha somente a interpretação especificacional (*A Maria é escandalosa*). Por outro lado, em (ib), a concordância do adjetivo é feita com toda a oração-wh, logo a interpretação disponível é somente a predicacional (*A Maria é x e ser x é escandaloso*).

¹⁰⁰ Kato & Miotto (2009) informam que esses exemplos foram criados por Sérgio Menuzzi (c.p.).

b. O que a Maria_i é é indigno dela_i.

Como mostram os dados dos autores em (20), a anáfora só é licenciada na sentença especificacional (só na pseudoclivada) (ex. (20a)). Na versão predicacional em (20b) (explícita pela forma masculina do adjetivo, cf. nota 99), o emprego da anáfora fracassa. Por outro lado, no par em (21), temos a oposição complementar a (20): a ocorrência do pronome só é possível na sentença predicacional - só em (21b).¹⁰¹

Além da conectividade de anáfora, ilustrada em vários exemplos acima, outros tipos de conectividade são atestados nas pseudoclivadas, como, por exemplo, a de itens de polaridade negativa (IPN) e a de pronomes interpretados como variáveis ligadas, como em (22-23) (os exemplos em (22) foram extraídos de Boskovic (1997: 236) e os em (23) de Kato & Mito (2009)):

(22) a. What *everyone* proved was *his* own theory.

b. What John didn't buy was *any* pictures of Fred.

(23) a. O que *cada criança* deve trazer é *sua* (própria) lancheira.

b. O que o João *não* quer é machucar *ninguém*.

c. O que o João *não* quer é que *ninguém* machuque a Maria.¹⁰²

Os itens destacados nessas pseudoclivadas se comportam como se estivessem em relação de c-comando e, no entanto, não estão. Nas sentenças em (a), acima, as expressões quantificadas internas à oração-wh vinculam pronomes no constituinte pós-cópula, que são interpretados como

¹⁰¹ Em (ii), abaixo, reproduzimos mais um par de exemplos relevantes apontados por Kato & Mito (2009), adaptado deste em (i), mencionado em Boskovic (1997), para o inglês:

(i) What John saw in the mirror was himself.

(ii) a. O que/Quem a Maria viu no espelho foi ela mesma.

b. *O que/Quem a Maria_i viu no espelho foi ela_i.

¹⁰² Kato & Mito (2009), em nota, esclarecem que *ninguém* na posição de sujeito do verbo *machucar* em (23c) se comporta como um item de polaridade negativa, como argumentado em Mito (1992): a sentença é interpretada como contendo uma única negação. MIOTO, C. 1992. *Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas.

variáveis ligadas e nas em (b), a negação dentro do material pré-cópula licencia itens de polaridade negativa no constituinte focalizado. Tais conectividades, mais uma vez, aproximam as pseudoclivadas das suas sentenças simples correspondentes, já que espelham o padrão verificado nessas:¹⁰³

- (24) a. Everyone proved his own theory.
b. John didn't buy any pictures of Fred.
- (25) a. Cada criança deve trazer sua (própria) lancheira.
b. O João não quer machucar ninguém.
c. O João não quer que ninguém machuque a Maria.

Assim, as semelhanças entre as pseudoclivadas e suas sentenças simples correspondentes, exemplificadas claramente quanto às restrições de seleção do foco (que tem a mesma função gramatical da *gap* interna à oração-wh) e à conectividade, motivaram várias análises na literatura desde, pelo menos, fins da década de 60 até os dias atuais, que podemos classificar em alguns grupos. Começamos a exposição pelas análises mais antigas, as transformacionais, seguidas das análises de geração na base. Na sequência, mostraremos as análises que se seguiram a essas até as mais recentes propostas para as construções pseudoclivadas.

2.4 Análises

2.4.1 Primeiras análises

As análises mais antigas propostas na literatura para as pseudoclivadas são divididas em dois grupos: análises transformacionais (nas quais se incluem as análises de apagamento e as de extração) e as análises de 'geração na base' (*base generation analysis*), as quais mostramos, na sequência, em linhas gerais.

¹⁰³ Para uma exposição detalhada de vários tipos de conectividade nas pseudoclivadas, ver, por exemplo, Den Dikken (2005, seção 3).

2.4.1.1 Análises transformacionais

As primeiras análises para as pseudoclivadas foram as transformacionais, que tentavam relacionar o constituinte pré e o pós-cópula das pseudoclivadas ou por meio de apagamento (Peters & Bach 1968; Ross 1972) ou por extração/movimento (Chomsky 1970; Emonds 1970; Akmajian 1970).¹⁰⁴

2.4.1.1.1 Análises de apagamento

Nas análises de apagamento, o constituinte pós-cópula era formado por uma sentença completa correspondente à que havia no constituinte-wh pré-cópula. Assim, o material idêntico era apagado no lado pós-cópula, restando apenas o foco e o resultado é uma pseudoclivada como geralmente a conhecemos. Por exemplo, de acordo com Ross 1972 (*apud* Higgins 1973: 33-34) uma pseudoclivada como (26) abaixo tinha a estrutura subjacente em (27) e segundo a regra transformacional, *Deletion Rule*, reproduzida aqui em (28), o material repetido era apagado sob identidade:

(26) What John is buying is a tie-press.

¹⁰⁴ Den Dikken (2005) cita ainda outros defensores das análises transformacionais, são eles: Clifton (1969) e Seuren (1985) para análises de apagamento e Moreau (1971), Grosu (1972, 1973) e Verkuyl (1972: 146) para análises de extração. CHOMSKY, N. 1970. Deep structure, surface structure, and semantic interpretation. In: R. Jakobson & S. Kawamoto, (eds.), *Studies in General and Oriental Linguistics presented to Shiro Hattori*, TEC, Tokyo, 52-91. CLIFTON, E. 1969. *The English pseudo-cleft*. Unpublished ms. EMONDS, J. 1970. *Root and structure-preserving transformations*. Ph.D. dissertation, MIT (distributed by the Indiana University Linguistics Club). GROSU, A. 1972. The strategic content of island constraints. *Working Papers in Linguistics* 13. Ohio State University. GROSU, A. 1973. On the status of the so-called right roof constraint. *Language* 49. 294-311. MOREAU, M.-L. 1971. *Trois aspects de la syntaxe de C'EST*. Ph.D. dissertation, Université de Liège. ROSS, J. 1972. Act. In Donald Davidson & Gilbert Harman (eds), *Semantics of natural language*. Dordrecht: Reidel. 70-126. SEUREN, P. 1985. *Discourse semantics*. Oxford: Blackwell. VERKUYL, H. 1972. *On the compositional nature of the aspects*. Dordrecht: Foris.

2.4.1.1.2 Análises de extração

Nas análises de extração, por sua vez, um dos constituintes da oração pré-cópula era extraído e movido para a posição pós-cópula, que era sempre projetada, inicialmente, como uma posição vazia (em (29) abaixo representada por Δ). Uma proforma resultante dessa extração aparecia no lugar do constituinte extraído com as especificações [+PRO, +WH]. Em seguida, essa proforma era alçada em sua sentença, produzindo a pseudoclivada como resultado. Nessa análise, o foco “nasce” como parte da sentença simples pré-cópula e a pseudoclivada é formada por duas regras: *Extraction Rule* e *WH-Fronting*. Abaixo, em (29), reproduzimos o esquema mostrado em Akmajian (1970: 30) para a análise de extração - uma das análises adotada por ele (originalmente proposta em Chomsky 1970 e em Emonds 1970) para as pseudoclivadas.¹⁰⁵ Na sequência, em (30), reproduzimos (de Higgins 1973: 34-35) a estrutura profunda para a mesma pseudoclivada em (26) acima, agora conforme a análise de extração:

¹⁰⁵ Mostraremos, adiante, a outra análise defendida por Akmajian (1970) para essas construções.

- (29) a. $[_s [X - A - Y]_s \text{ be } [\Delta]] \implies$
 b. $[_s [X - [+PRO, +WH] - Y]_s \text{ be } [A]]$

Essas análises transformacionais ‘desatualizadas’ no estágio atual da teoria, por fazerem uso de um modelo transformacional de regras (e com inserção transformacional de elementos, como no caso da análise de extração) foram ‘atualizadas’, de certa forma, em outras análises mais recentes que comentaremos mais à frente. É importante ressaltar que o que está por trás de todas essas análises ‘transformacionais’ é capturar o parentesco das pseudoclivadas com as sentenças simples correspondentes (especialmente no que diz respeito aos efeitos de conectividade) - fatos que, evidentemente, se mantêm, independentemente das mudanças internas à teoria. As análises transformacionais foram alvos de críticas na literatura subsequente, com destaque para Higgins (1973). O próprio Akmajian (1970) já percebeu o limite de uma análise transformacional e propôs, paralelamente àquela, o que ficou conhecido como *base generation analysis*, adotada também por Higgins (1973), mas por esse para todas as pseudoclivadas.¹⁰⁶

2.4.1.2 Análises de ‘geração na base’

Na *base generation analysis*, também uma análise bastante antiga para as pseudoclivadas, a estrutura profunda dessas construções é essencialmente idêntica à estrutura superficial - daí o

¹⁰⁶ Den Dikken (2005) cita também Blom & Daalder (1977) como outros defensores da *base generation analysis*.
 BLOM, A. & DAALDER, S. 1977. *Syntaktische theorie en taalbeschrijving*. Muiderberg: Coutinho.

nome. Nessa análise, para uma pseudoclivada como (31) abaixo, Akmajian (1970: 105) fornece a estrutura em (32):

(31) (The one) who Nixon chose was Agnew.

A razão para o autor adotar uma análise como essa (além da transformacional) é a constatação de que nem sempre há um paralelo entre pseudoclivadas e suas sentenças simples correspondentes: por exemplo, nem todas as restrições que pesam sobre as pseudoclivadas espelham (as mesmas) restrições na sentença simples relacionada (o que motivava as análises transformacionais), como mostram os exemplos abaixo em (33) (p. 26 do autor):

- (33)
- a. *What I forced was Bill to leave.
 - b. *What I forced Bill was to leave.
 - c. What I forced Bill to do was leave.

Nas adaptações dos referidos exemplos para o PB, observamos o mesmo contraste (em (34d) acrescentamos a sentença simples relevante no caso):

- (34)
- a. *O que eu forcei foi o João a sair.
 - b. *O que eu forcei o João foi a sair.
 - c. O que eu forcei o João a fazer foi a sair.
 - d. Eu forcei o João a sair.

Assim, casos como esse são contra-exemplos para análises transformacionais, que tentam derivar a pseudoclivada da sentença simples correspondente, a fim de capturar o comportamento paralelo

de ambas que, como acabamos de ver, nem sempre ocorre. De acordo com Akmajian (1970: 26), *the ungrammaticality of sentences such as (13a) and (13b) [aqui (33a) e (33b)] is a consequence of the fact that in any event there are no relative clauses of the following form:*¹⁰⁷

- (35) a. *What I forced.
b. *What I forced Bill.

Outro contra-exemplo para análises transformacionais mencionado em Akmajian (1970: 39) é o de pseudoclivadas com *there*: essas não podem receber uma análise transformacional, haja vista que a sentença simples a partir da qual a pseudoclivada é derivada é agramatical (os exemplos em PB estão (37)¹⁰⁸):

- (36) a. What there was in the car was my hat.
b. *There was my hat in the car.
- (37) a. O que tinha no carro era o meu chapéu.
b. ?Tinha o meu chapéu no carro.

Além desses, outro caso problemático para ser analisado por análises transformacionais é falta de paralelismo entre pseudoclivadas e as sentenças simples correspondentes quanto à concordância entre o constituinte focalizado e a anáfora interna à oração-wh da pseudoclivada, apontado em Akmajian (1970: 118-120), por exemplos como (38)-(39) abaixo:

- (38) a. The one who has to protect himself /*myself is me.
b. I have to protect myself /*himself.

¹⁰⁷ Mesmo em um outro tipo de análise bioracional, como a que trata as pseudoclivadas como *self-answering questions*, à semelhança de pares pergunta-resposta (como será mostrado adiante), a explicação é similar, já que tampouco há sentenças interrogativas como (35) acima.

¹⁰⁸ Não consideramos (37b) agramatical; se não for boa, é, no máximo, marginal. Podemos mencionar outros exemplos em que não se verifica efeito de definitude com essas existenciais, como:

- (i) a. (Não se preocupe, você não está sozinho!) Tem a Maria pra te ajudar.
b. Na sala, tem só a tv da Maria.

- (39) a. The one who cut himself /*myself so badly was me.
b. I cut myself /*himself so badly.

Como vemos nos exemplos acima, a anáfora permitida na pseudoclivada não é a mesma da sentença simples a ela relacionada. Se nas análises transformacionais, a sentença simples é parte da estrutura da pseudoclivada, a partir da qual ela é derivada, a incompatibilidade na opção de anáfora permitida é problemática, já que nas sentenças simples em (b), a anáfora só pode ser *myself*, mas nas pseudoclivadas em (a), ela só pode ser *himself*. Se, por outro lado, a oração-wh pré-cópula e o foco (pós-cópula) são constituintes independentes, como na *base generation analysis*, tal problema não se aplica. Em (40)-(41) adaptamos os dados para o PB, nos quais também se verificam possibilidades diferentes entre as formas admitidas nas pseudoclivadas e nas sentenças simples:¹⁰⁹

- (40) a. Quem tem que proteger a si mesmo /*a mim mesmo sou eu.
b. Eu tenho que proteger a mim mesmo /*a si mesmo.
- (41) a. Quem cortou a si mesmo/*a mim mesmo fui eu.
b. Eu cortei a mim mesmo/*a si mesmo.

¹⁰⁹ No entanto, o próprio Akmajian (1970: 120-122) reconhece que se a ordem dos constituintes da pseudoclivada for alterada, a anáfora *myself* passa a ser permitida, além daquela que já era (*himself*) ((ib) é tomada como uma *it-cleft*, derivada das pseudoclivadas na análise de Akmajian (1970) via extraposição da oração-wh):

- (i) a. I am the one who has to protect himself /myself.
b. It is me who has to protect himself /myself.
- (ii) a. Eu sou quem tem que proteger a si mesmo/mim mesmo.
b. Sou eu quem tem que proteger a si mesmo/mim mesmo.

Frente a isso, Akmajian (1970: 121-123) aventa a possibilidade de as formas reflexivas nesses exemplos (que não eram possíveis nas pseudoclivadas no corpo do texto com a oração-wh em posição inicial) resultarem de certas condições superficiais: *Thus, it seems to be the case that under certain conditions (which I do not understand) a rightmost occurrence of a pronoun is changed to a reflexive pronoun under identity with a pronoun on the left. This seems to relate to the fact that there is a succession of phonologically identical personal pronouns* (grifo nosso). Não exploraremos essa questão aqui. Até que seja demonstrado que as diferenças entre as opções de anáforas nas sentenças em (38-41) no corpo do texto não sejam, de fato, pertinentes para determinar o tipo de análise que as pseudoclivadas devam receber no caso em questão (notar que (no trecho citado) o próprio Akmajian reconhece que não entende muitos bem as “certas condições superficiais” a que se refere), consideramos tais dados como fatos empíricos contra análises transformacionais.

Por fim, mostramos exemplos de Akmajian (1970: 49-50) de sentenças copulares especificacionais não-clivadas que também exibem conectividade tal qual as pseudoclivadas (lembrar que a conectividade era um fator crucial para as análises transformacionais):

- (42) a. John_i's favorite possession is a book about himself_i.
 b. John_i's biggest worry is the/that photograph of himself_i which was taken last summer.
 c. The greatest source of embarrassment that John_i has to endure is that/the photograph of himself_i which was taken last summer.

Já tínhamos visto anteriormente exemplos desse tipo em (15a) para o inglês e (16a) para o PB. Em (43), abaixo, apontamos outros exemplos similares de copulares não-clivadas com conectividade no PB:

- (43) a. O maior problema da Maria é o medo de si mesma.
 b. O desejo deles agora é só beijar um ao outro sem parar.
 c. A atitude imediata do João foi se defender.
 d. O gesto da Maria todas as manhãs assim que acorda é se benzer.

Uma vez que não há análise transformacional para essas sentenças, como o autor aponta, sua estrutura é [*NP-be-NP*] e, ainda assim, elas exibem conectividade (que, nos exemplos acima, consiste na dependência (referência) das anáforas a um nome interno ao constituinte pré-cópula, sem que haja relação de c-comando entre eles), então, Akmajian (1970) conclui que também é legítimo assumir que pseudoclivadas semelhantes, como estas em (44) (exemplos (45-46) do autor, p. 47-48), podem ter uma estrutura do mesmo tipo: a *base generation analysis*.

- (44) a. What Bill_i read was a book about himself_i.
 b. What there was next to Bill_i was that/the photograph of himself_i which was taken last summer.

Aliás, para a pseudoclivada em (44b), segundo ele, a *base generation analysis* é mesmo necessária, haja vista a presença do *there*, que inviabiliza uma análise transformacional pela restrição à definitude na sentença simples que serviria de base. Já (44a), para ele, admitiria ambas as análises, uma transformacional e outra em que é gerada na base, tal como uma simples copular formada diretamente por dois constituintes nominais. Quanto à conectividade nessas pseudoclivadas, Akmajian (1970: 51) afirma que *pseudo-cleft sentences of the form NP-be-NP behave like other copula sentences of that general form, and require no special principles to account for coreferentiality relations which hold across the copula*. Em (45) também mostramos os exemplos de pseudoclivadas correspondentes às sentenças copulares não-clivadas em (43) acima, ambas com a mesma conectividade e que, portanto, faz a conclusão do autor ser bastante plausível: qualquer que seja o mecanismo responsável pela conectividade nas copulares não-clivadas, ele deve dar conta também dos mesmos fatos nas pseudoclivadas:¹¹⁰

- (45) a. O que é problemático para a Maria é o medo de si mesma.
 b. O que eles desejam agora é só beijar um ao outro sem parar.
 c. O que o João fez imediatamente foi se defender.
 d. O que a Maria faz todas as manhãs assim que acorda é se benzer.

Higgins (1973: 102) resume bem a posição de Akmajian (1970: 32-38) por uma segunda análise, a *base-generated analysis*, nos seguintes trechos:

- (i) Deep structures of the form [NP-be-NP] have to be generated by the grammar in any case.
 (ii) A free relative clause can appear in any environment in which any other kind of noun phrase can appear.
 (iii) Therefore pseudo-cleft sentences - which have a free relative clause as subject - can be generated by the base rules.

¹¹⁰ A pseudoclivada correspondente à copular especificacional não-clivada com conectividade mostrada no início desta seção em (16a), repetida abaixo em (ia), poderia ser como (ib):

- (i) a. A tarefa da Maria é escrever um livro sobre si mesma / ela mesma.
 b. O que a Maria tem que fazer é escrever um livro sobre si mesma / ela mesma.

(iv) Moreover, there is non-ad-hoc way of preventing this from happening.¹¹¹

Sendo assim, com base em alguns fatos empíricos problemáticos para análises transformacionais¹¹², além do paralelo entre sentenças copulares não-clivadas e pseudoclivadas quanto à conectividade, a conclusão de Akmajian (1970: 32; 50-51) é a de que *there is no non-ad-hoc way of preventing pseudo-cleft sentences from deriving from two [distinct syntactic] sources*. O autor então defende que algumas pseudoclivadas devam receber uma análise transformacional (como aquelas com conectividade mostradas em (11)), outras uma análise em que são geradas diretamente na base (por exemplo, as com *there*, como (44b)) e ainda que há pseudoclivadas para as quais ambas as análises são possíveis (como é o caso de (44a) acima). Akmajian (1970: 53) fornece o seguinte diagrama para ilustrar os dois tipos de análise que defende para as pseudoclivadas:

As pseudoclivadas na intersecção em C no diagrama acima admitem ser derivadas pelas duas formas. No entanto, é importante destacar, como o autor esclarece, que a distinção formal entre as duas estruturas para as pseudoclivadas não implica uma distinção semântica. Nas palavras do próprio autor, *for the subset of pseudo-clefts which derive from either source, no systematic semantic ambiguity can be associated with the derivational ambiguity* (p. 53-54); *it is not at all relevant in the determination of a significant portion of the semantic interpretation of clefted sentences (namely, focus-presupposition relations)* (p. 252), dado que as relações de foco-suposição, isto é *the information 'processing' (or mode of presentation) is determined by*

¹¹¹ (i) Estruturas profundas com a forma [NP-ser-NP] têm que ser geradas pela gramática em qualquer caso.
(ii) Uma oração relativa livre pode aparecer em qualquer ambiente em que qualquer outro tipo de sintagma nominal pode aparecer
(iii) Portanto, sentenças pseudoclivadas - que têm uma oração relativa livre como sujeito - podem ser geradas pelas regras de base
(iv) Além disso, não há modo não *ad-hoc* de evitar que isso aconteça. (tradução nossa)

¹¹² Em (33-41) mostramos três deles; ver Akmajian (1970) e Higgins (1973) para mais fatos. Den Dikken (2005, seção 6) também resgata outros mostrados na literatura relevante.

factors of (phonetically interpreted) surface syntactic structure (p. 189). Assim, a estrutura informacional das pseudoclivadas em qualquer das duas “fontes sintáticas” para análise será, ao final, fundamentalmente a mesma.¹¹³

Contudo, para Akmajian (1970), a *base generation analysis* só está disponível para pseudoclivadas cujo foco é um constituinte nominal, devido ao paralelo com copulares simples (isto é, não-clivadas), sob a forma [NP-be-NP], geradas na base. Entretanto, Higgins (1973) questiona essa limitação. Esse autor observa que a única distinção entre exemplos com conectividade que, para Akmajian (1970) só podem receber uma análise transformacional, como em (11) acima, e outros que podem também receber uma análise de geração na base, como em (44), é que nos primeiros o constituinte focalizado é um VP e nos últimos é um NP. Ora, como Higgins (1973: 114) mesmo critica:

This is inherently a rather strange answer. Why on earth should the distinction between verb phrases and noun phrases have such consequences? What could there be about a verb phrase that does not permit reflexivization across the copula, by comparison with a noun phrase, which does permit it? More importantly, is it likely that, when one has set up mechanisms to deal with reflexivization in the noun phrase case, they would not, in their most general formulation, deal with the verb phrase case as well? That is, is it not likely that one would have to complicate the mechanisms in order to restrict them to the noun phrase case? The only distinction that Akmajian is able to make between the noun phrase and the verb phrase examples is the false distinction that [...] there are no base-derived structures of the form NP-be-VP. (grifos do autor)¹¹⁴

Para mostrar que não deve haver tal distinção no referido contexto, Higgins (1973: 115; 146-148) mostra exemplos de sentenças copulares especificacionais não-clivadas com conectividade, sob a

¹¹³ A ideia de uma ambiguidade estrutural para as pseudoclivadas que, no entanto, têm a mesma interpretação, é importante e será resgatada quando da apresentação da nossa análise. É preciso salientar que, na defesa do autor de duas estruturas para uma mesma interpretação, não se está afirmando que o inverso seja também possível, isto é, que para duas interpretações distintas de uma mesma ‘sequência’, se possa atribuir uma única estrutura sentencial. Sabe-se bem que este não é o caso e Akmajian (1970) também pontua isso.

¹¹⁴ “Esta é uma resposta inerentemente muito estranha. Por que ‘cargas-d’água’ a distinção entre sintagmas verbais e sintagmas nominais deveria ter tais consequências? O que poderia haver sobre um sintagma verbal que não permite reflexivização para o outro lado da cópula, em comparação a um sintagma nominal, que a permite? Mais importante, é provável que, quando se estabelece mecanismos para lidar com a reflexivização no caso do sintagma nominal, eles não lidariam, na sua formulação mais geral, com o caso do sintagma verbal também? Ou seja, não é provável que teria que se complicar os mecanismos para restringi-los ao caso do sintagma nominal? A única distinção que Akmajian é capaz de fazer entre os exemplos do sintagma nominal e os do sintagma verbal é a falsa distinção de que [...] não há estruturas derivadas na base da forma NP-ser-VP” (tradução nossa)

forma [NP-be-VP], ou outras que não tenham um constituinte nominal na posição pós-cópula, como em (47), abaixo:

- (47)
- a. John's biggest worry is having to photograph himself without a tie on.
 - b. The greatest source of embarrassment that John has to endure is having to photograph himself without a tie on.
 - c. The aim they have set themselves is to exert themselves as little as possible.
 - d. The question we should be asking them is how to rid {ourselves/ them} of the rats.
 - e. Her best idea so far has been the idea of having herself elected to the beetle-drive committee.
 - f. There are two things I don't like doing; they are shaving myself and driving myself to work.
 - g. If I remember his aims correctly, they were to proclaim himself emperor and to march on Moscow.

Para Higgins (1973: 151), então, essas sentenças especificacionais com um constituinte nominal como o sujeito são iguais as que têm uma relativa livre nessa posição, as pseudoclivadas. O autor argumenta longamente contra uma análise transformacional para tais sentenças. Por exemplo, no caso de (47f-g), acima, não é possível defender que o pronome *they* teria o material pós-cópula como seu complemento, como deveria supor uma análise transformacional. Assim, Higgins (1973) defende para todas as pseudoclivadas, em analogia às copulares não-clivadas em (47), a *base generation analysis*, na qual as pseudoclivadas são geradas essencialmente como a sua forma superficial. Não é difícil citarmos exemplos similares em PB, como estes em (48):

- (48)
- a. A meta que eles se propuseram para o próximo ano é se exercitar pelo menos 3 vezes por semana.
 - b. A questão a ser feita agora é como nos livrar desses prejuízos.
 - c. Se eu me lembro bem dos objetivos da Maria para o próximo ano, eles eram se amar e se perdoar mais.

Inevitavelmente, a pergunta que, então, surge é: como Higgins (1973) trata os efeitos de conectividade nessa análise? Sabendo que a conectividade é uma particularidade das sentenças copulares especificacionais (as predicacionais não exibem conectividade, cf. discussão em torno dos exemplos em (15-21) acima), Higgins (1973: cap. 4) sugere um tratamento baseado na noção semântica da “especificação”: *the connectedness is in this analysis intimately related to the meaning of specification, since it is this meaning which provides the connectedness* (p. 161). Ele mesmo reconhece, já de início, que tal tratamento é bastante informal, mas uma vez que defende a análise de ‘geração na base’ (contra a pseudoclivada ter a sentença simples relevante em sua estrutura subjacente), a conectividade não pode ser atribuída a nenhum tipo de regra transformacional: *the meaning of specification is such that certain correlations will hold between phrases that form the terms of a specificational relationship.[...] These correlations are, however, precisely those that are involved in the syntactic connectedness argument* (p. 159). Higgins (1973), que sempre destaca a interpretação de lista para as pseudoclivadas, relaciona essa interpretação ao significado especificacional para tratar da conectividade, o que é ilustrado pelos seguintes exemplos (p. 156 do autor):¹¹⁵

- (49) a. The two things I forgot to do last night were to shave myself and to put the cat out.
b. I forgot to do the following two things last night: to shave myself and to put the cat out.

Apesar de o tratamento de Higgins (1973) para a conectividade como uma consequência direta do significado especificacional das pseudoclivadas e das sentenças copulares especificacionais em geral ser um tanto vago, é interessante a extensão que alcança para outras sentenças especificacionais, cujo verbo não é a cópula, como ele mostra ser o caso para os exemplos abaixo (p. 163 do autor) ((51) traz exemplos similares no PB, com outros verbos que não *ser*):¹¹⁶

¹¹⁵ A correspondência desses dados no PB é imediata:

- (i) a. As duas coisas que eu esqueci de fazer ontem à noite foram me barbear e pôr o gato para fora.
b. Eu esqueci de fazer as seguintes/estas duas coisas ontem à noite: me barbear e pôr o gato para fora.

¹¹⁶ Adiante mencionaremos outras análises que não levam em conta a relação de c-comando para tratar da conectividade, como as análises semânticas propostas na literatura para as pseudoclivadas.

- (50) a. The vital step she always forgets to take lies in convincing herself that no one else will be offended.
b. His genius consists in a supreme ability to adapt himself to their moods.
- (51) a. A genialidade do João se resume em uma habilidade extraordinária de se adaptar a qualquer circunstância.
b. A promessa de todo casal consiste em renovar diariamente a fidelidade um ao outro.

Assim, encerramos a apresentação das análises mais antigas para as pseudoclivadas: as transformacionais (por apagamento, como em Peters & Bach 1968, Ross 1972, ou por extração, como em Chomsky 1970, Emonds 1970, Akmajian 1970) e aquela que as gera diretamente na base (como em Akmajian 1970 e Higgins 1973). Passamos agora a apresentar análises posteriores, algumas das quais podem ser vistas, de certa forma, como ‘atualizações’ das primeiras análises. Vejamos cada uma delas brevemente.

2.4.2 Análises posteriores

As análises que sucederam as primeiras, comentadas anteriormente, podem ser divididas em alguns grupos pelas suas semelhanças internas, pelo tratamento que atribuem à conectividade, bem como pelo estatuto que conferem à oração-wh que compõe as pseudoclivadas.

2.4.2.1 Análises bioracionais

2.4.2.1.1 WYSIWYG (*what you see is what you get*)

As análises chamadas de “WYSIWYG” (*what you see is what you get*) são as mais comuns na literatura. É chamada de WYSIWYG porque não há estrutura “oculta”, isto é, de um lado da cópula há a oração-wh e do outro, no contrapeso,¹¹⁷ há apenas o foco estrito. Essa análise é similar à que vimos acima, a chamada *base generation analysis*, adotada por Akmajian (1970), para parte das pseudoclivadas, e por Higgins (1973), para todas - aproximando, assim, a sintaxe

¹¹⁷ O termo “contrapeso” se deve à Heycock (1994, *apud* Boskovic 1997) e será usado aqui em referência ao material que inclui ou é o próprio foco (já que, às vezes, o contrapeso não se resume ao foco estrito, mas inclui mais material junto a esse). HEYCOCK, C. 1994. *Layers of predication: the non-lexical syntax of clauses*. New York: Garland.

das pseudoclivadas da sintaxe das sentenças copulares especificacionais não-clivadas. Por outro lado, elas perdem um possível paralelo entre as pseudoclivadas e as sentenças simples relacionadas, precisando recorrer a outros meios que não o c-comando na sintaxe para dar conta dos efeitos de conectividade.¹¹⁸ Entre os adeptos posteriores desta análise estão Williams (1983), Heggie (1988), Hedberg (1993), Moro (1997), Iatridou & Varlokosta (1998), Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000) (doravante DMW) (para um grupo, que chamam de *Type B*), Modesto (2001), Kato & Ribeiro (2005), Costa & Duarte (2001), Lobo (2006), Rafal (2009) (este para parte das pseudoclivadas em ilocano (língua austronésia falada no norte das Filipinas), que denomina *ti-type*), Braga, Kato & Mioto (2009), Ribeiro & Côrtes Júnior (2009), Quarezemin (2009), Guesser (2011), Hartmann, Hegedus & Surányi (2011), Barbosa (para parte das pseudoclivadas em PE), entre outros. As análises desses autores têm em comum o fato de considerar sempre a oração-wh das pseudoclivadas como uma relativa livre que, com o foco, forma uma *small clause*. Mas elas têm diferenças internas quanto ao constituinte que corresponde ao sujeito da predicação e o que corresponde ao predicado (ou seja, se o foco da pseudoclivada é o sujeito e a relativa livre seu predicado ou o contrário), bem como diferem quanto à própria estrutura da *small clause* e, ainda, quanto aos movimentos que derivam as possíveis ordens superficiais das pseudoclivadas. A título de exemplificação, mostramos abaixo a estrutura da predicação básica, defendida em DMW (2000: 84), em que “XP” se refere ao constituinte focalizado (‘clivado’) e “wh-CP” à oração-wh que, nessa análise, é considerada uma relativa livre:

(52) ... be [_{FP=SC} XP [_{F⁰} wh-CP]]

Com relação à composição da *small clause* existente nessa análise, o sujeito da predicação é o constituinte focalizado e o predicado é a relativa livre. Essa opção para a formação da *small clause* é a mais comum nas chamadas análises WYSIWYG na literatura, incluindo Williams (1983), Heggie (1988), Hedberg (1993), Moro (1997), Iatridou & Varlokosta (1998), DMW (2000), bem como outras mais recentes, inclusive particularmente para o PB, como Modesto

¹¹⁸ Mas lembrar que mesmo sentenças copulares especificacionais simples, isto é, não-clivadas também exibem conectividade, como mostramos acima quando da exposição das análises de Akmajian (1970) e de Higgins (1973).

(2001), Braga, Kato & Miotto (2009) e, ainda, Hartmann, Hegedus & Surányi (2011) para o húngaro e o alemão.

2.4.2.1.2 com elipse

A análise bioracional para as pseudoclivadas com elipse remonta a antiga análise de apagamento de Peters & Bach (1968) e Ross (1972). Entre seus defensores atuais estão Ross (1992, s/d(a,b,c), 2000, 2004, 2011), DMW (2000) (para um grupo, que chamam de *Type A*), Schlenker (2003) e Romero (2005), bem como Grolla (2003) (especificamente para pseudoclivadas na língua de sinais americana), Rafal (2009) (para parte das pseudoclivadas em ilocano, essas denominadas *ket-type*), e Barbosa (2013) (para parte das pseudoclivadas em PE). Em linhas gerais, nessa análise o material pós-cópula é formado por uma sentença plena igual à oração-wh, com a única diferença de que no lugar da expressão wh, há o seu valor, o foco. Essa análise aproxima, então, as pseudoclivadas dos pares pergunta-resposta, uma vez que trata a oração-wh como uma interrogativa¹¹⁹ e a sentença pós-cópula como sua resposta completa que, opcionalmente, pode sofrer elipse da parte repetida na pergunta - daí as pseudoclivadas serem chamadas de *self-answering questions*. Essa análise bioracional com elipse também é conhecida como *question-in-disguise theory* ou ainda como *question plus deletion account*. Ross (1992; 2011), que parece ser o maior expoente deste tipo de análise, fornece exemplos como estes em (53b-d), todos analisados segundo a generalização reproduzida em (53a):

- (53) a. Question *be* Answer
 b. [What Terry is doing]_Q is [(she is) finishing her book]_A.
 c. What I like is (I like) tofu.
 d. O que o Sam está fazendo agora é (ele está) escrevendo para Al (agora).

¹¹⁹ Segundo Ross, Faraci (1971, *apud* Ross 1992) foi o pioneiro a tratar a oração-wh das pseudoclivadas como uma interrogativa. Para Schlenker (2003) e Romero (2005), mesmo que o constituinte pré-cópula seja nominal, eles o tratam semanticamente como uma pergunta, analisando-o como uma *concealed question*. Assim, os autores estendem essa mesma análise para outras sentenças especificacionais não-clivadas. FARACI, R. 1971. The deep question of pseudo-clefts. *English Linguistics* 6: 48-85.

A existência de exemplos como esses, que Ross (1992) atesta inclusive em PB ((53d) é um de seus exemplos nessa língua), serve de evidência para essa análise.¹²⁰ Outra evidência destacada pelo autor é a existência de wh múltiplos, possíveis em perguntas, mas não em relativas livres. Assim, a ocorrência de wh múltiplos na oração-wh de pseudoclivadas, como em (54), abaixo ((54a) extraída de Ross (2011)), suporta o tratamento dessa oração como uma interrogativa,¹²¹ logo o da pseudoclivada como uma *self-answering question*.¹²²

- (54) a. [Who was doing what]_{Q/*Free Rel} is Ed was editing and Whit was whittling]_A.
 b. Quem pediu o que foi o João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá.

¹²⁰ Geluykens (1984, *apud* den Dikken 2005) em seu estudo de *corpus* das clivadas do inglês também atesta dados semelhantes:

- (i) a. What you do is you look at the return.
 b. What you do is you go.

Seuren (1985: 297, *apud* Den Dikken 2005: 74) afirma que *[t]his construction type is extremely common in spoken English of all sociolinguistic levels, even though some who frequently use it will hotly deny that they do*. Não temos conhecimento de estudos quantitativos sobre essas pseudoclivadas no PB, mas concordamos com Ross em reconhecer que há variabilidade na aceitação de tais sentenças. Sobre isso, em seus trabalhos, Ross afirma que quando está presente o (pro)verbo agentivo *do* (*fazer*) na pergunta, como em (53b,d), a sentença é bem melhor e bastante popular, segundo ele, inclusive no PB. DMW (2000: 46) também percebem a melhor aceitação de pseudoclivadas com resposta completa (isto é, com uma sentença plena no contrapeso) sempre que o verbo da pergunta (a oração-wh) for *do*. Conforme comentam, há preferência massiva pela elipse na resposta sempre que o verbo for ‘recuperável’ na mesma sentença complexa (dentro da pseudoclivada), ou seja, se o mesmo verbo da resposta já estiver presente na pergunta, como no exemplo em (53c), acima. Para os falantes que rejeitam pseudoclivadas como essa em (53c) sem elipse, esses autores sugerem que a preferência pela elipse é tão forte que ela é considerada a única opção. Já quando o verbo no contrapeso não for recuperável do conteúdo da oração-wh, como é o caso com as pseudoclivadas em (53b,d), a elipse parece ser opcional para todos os falantes, segundo DMW (2000), ou acreditamos que seja, pelo menos, mais aceitável. GELUYKENS, R. 1984. *An empirical investigation into cleft and pseudo-cleft sentences*. MA thesis, Universitaire Instelling Antwerpen.

¹²¹ Para Ross (1992), a oração-wh das pseudoclivadas corresponde, mais especificamente, ao que ele chama de ‘pergunta conjuntiva’ (PC), em distinção às ‘perguntas disjuntivas’ (PD). Conforme esclarece (p. 36): “O primeiro tipo – PCs [perguntas conjuntivas] – consiste em perguntas cujas respostas são conhecidas; já o segundo tipo – PDs [perguntas disjuntivas] – consiste em perguntas cujas respostas não são conhecidas”.

¹²² Exemplos de pseudoclivadas com wh múltiplos não são raros na literatura. DMW (2000) fornecem exemplos desse tipo também para o alemão:

- (i) [wer hier wem geholfen hat] war [die Hilde dem Heinz] (und nicht umgekehrt)
 who here whom helped has was the Hilde the Heinz and not reversed
 ‘who helped who here was Hilde (helped) Heinz (not Heinz, Hilde)’

Em (55) abaixo, reproduzimos a estrutura fornecida por DMW (2000: 62), para exemplificar uma proposta atualizada de análise bioracional com elipse para as pseudoclivadas:

Na análise de DMW (2000), as pseudoclivadas refletem uma articulação tópico-comentário: a pergunta, expressa pela oração-wh, é combinada diretamente no especificador de TopP; a cópula, devido à sua natureza funcional e às suas restrições temporais, é combinada no núcleo funcional Top; e a resposta, “comentário”, consiste em uma sentença desenvolvida (*full IP*) que pode sofrer elipse do conteúdo repetido.

Para finalizar esta subseção, é conveniente esclarecermos a divisão interna das pseudoclivadas em dois tipos (A e B) quanto à análise que recebem, conforme propõem DMW (2000), já que na subseção anterior (2.4.2.1.1) informamos que esses autores também defendiam uma análise do tipo WYSIWYG. Em linhas gerais, uma análise bioracional de apagamento como (55), que trata as pseudoclivadas como *self-answering questions*, na qual a oração-wh é uma interrogativa, é atribuída somente para as pseudoclivadas com oração-wh em posição inicial (sob a ordem [or.wh<ser<IP]), que identificam como *Type A*. Por outro lado, a análise conhecida como WYSIWYG (cf. (52) acima) é atribuída somente às pseudoclivadas com foco em posição inicial (sob a ordem [XP<ser<or.wh]), identificadas como *Type B*; nessas, a oração-wh das pseudoclivadas é uma relativa livre, predicado do constituinte focalizado, em uma *small clause*. Esse reconhecimento de dois grupos distintos, que merecem, portanto, cada qual uma análise, segundo a proposta de DMW (2000), baseia-se nas diferenças atestadas entre pseudoclivadas com oração-wh inicial e as com oração-wh final - diferenças essas que serão apontadas e comentadas na seção 2.5, quando da discussão dos dados do PB.¹²³ É interessante notar que um tratamento assim não é inédito na literatura sobre as pseudoclivadas, haja vista a proposta dual de Akmajian

¹²³ Barbosa (2013) também reconhece, com base nessa distinção feita em DMW (2000), duas análises possíveis para as pseudoclivadas do PE. Porém, para as do tipo A, ela defende que a oração-wh não é uma simples interrogativa, mas uma pergunta-eco (intuição já apontada em Den Dikken (2005: 72)).

(1970) comentada previamente neste capítulo. Entretanto, enquanto Akmajian (1970) admitia a existência de pseudoclivadas ambíguas estruturalmente (cf. intersecção no diagrama em (46)), para DMW (2000) cada estrutura corresponde a um padrão de pseudoclivada. Contudo, à luz da ocorrência de Inversão de Predicado, não há nada que impeça que o mesmo processo (nos moldes de como descrito no capítulo 1 desta tese) ocorra em uma estrutura do “tipo B” (cf. (52)), com inversão da relativa livre, resultando no padrão de pseudoclivada com oração-wh em posição inicial¹²⁴ - possibilidade já reconhecida em Den Dikken (2006a; 2013) e que será retomada ainda neste capítulo.

2.4.2.2 Análises monoracionais

O principal fundamento das análises monoracionais consiste no paralelo entre pseudoclivadas e suas sentenças simples correspondentes (já comentado neste capítulo, particularmente quanto à conectividade). No grupo das análises monoracionais, destacamos a proposta de Meinunger (1997) via *it-clefts*, a de Boeckx (2007) via cópia parcial, e a de Kato & Mito (2009) via “XP-complexo”, as quais apresentamos brevemente na sequência.¹²⁵

2.4.2.2.1 via *it-clefts*

Meinunger (1997) defende uma análise monoracional tanto para as clivadas propriamente ditas, as chamadas *it-clefts*, quanto para as pseudoclivadas, também conhecidas como *wh-clefts*, derivando estas últimas daquelas.¹²⁶ Com base na estrutura que sugere para as *it-clefts*, reproduzida em (56b) abaixo, Meinunger (1997: 239) propõe que há a substituição do expletivo “it” (*it-replacement*), que ocupa SpecTopP na clivada, pelo complemento de Foc, isto é, o CP, que é alçado então àquela posição (*sentence topicalization*). Juntamente a isso, há o aparecimento

¹²⁴ DMW (2000: 85) aventam brevemente essa possibilidade, mas não a perseguem naquele trabalho.

¹²⁵ Essas análises monoracionais lembram a antiga análise transformacional de extração, que também partia da sentença simples correspondente à pseudoclivada; cada uma delas usa mecanismos/operações disponíveis a seu momento, sobretudo para dar conta da presença do elemento *wh*, ausente na sentença simples (além de outras modificações durante a derivação particulares a cada qual).

¹²⁶ O inverso do proposto em Akmajian (1970), que deriva as clivadas das pseudoclivadas.

de um pronome *wh* no SpecCP movido e, assim, tem-se a pseudoclivada em (57), cuja oração-*wh*, para o autor, é melhor analisada como uma interrogativa (e não como uma relativa livre):¹²⁷

- (56) a. It is John that Mary loves. *it-cleft* (clivada)

- (57) a. Who Mary loves is John. *wh-cleft* (pseudoclivada)
 b. $[_{TopP} [_{CP} \text{who } [_{IP} \text{Mary loves } t_j]]]_i \text{ is } [_{FocP} [_{SpecFoc} \text{John}_j] t_i]$

¹²⁷ Meinunger (1997) considera as construções pseudoclivadas como *self-answering questions*, denominação mantida em trabalho posterior em coautoria, Den Dikken, Meinunger & Wilder (2000). Embora a análise seja totalmente distinta, a intuição que expressava em seu trabalho de 1997 é mantida e muito mais aprofundada para as chamadas pseudoclivadas *Type A* no trabalho de 2000.

Sem discutir sua estrutura para as clivadas, pois foge dos limites desta tese, na análise do autor ela é derivada da sentença simples via movimento do constituinte focalizado para o domínio A-barra, conforme (56b). As pseudoclivadas, por sua vez, são resultado de um movimento adicional, o do CP para SpecTopP; porém nesse passo, não é trivial o aparecimento obrigatório do pronome *wh* em SpecCP quando da substituição do “*it*” pelo CP alçado. O autor alega que isso pode ser uma exigência de concordância de traços: *it can be argued that the head of the functional category is +wh. By spec-head agreement, the specifier, in our case the preposed sentence, must be specified for wh-morphology* (p. 239). Ele também comenta que sentenças prepostas devem ser sinalizadas por algum elemento da camada CP, tal como um complementizador ou um *wh*. Contudo, essas razões nos parecem problemáticas no caso em questão. Primeiramente, se há um núcleo funcional marcado [+wh] nas pseudoclivadas (que Meinunger (1997) usa para alegar uma concordância Spec-head, do que decorre a marcação por um elemento *wh* nesse constituinte preposto, segundo ele), por que o mesmo núcleo funcional não tem traços-*wh* nas clivadas, se as pseudoclivadas derivam daquelas? Se a estrutura dessas construções é composta por núcleos com especificações diferentes, não parece haver ganhos em se manter uma análise comum entre elas, pelo contrário, esta ganha em complicações. Além disso, é possível haver um *wh* nessas construções, sem que haja alçamento do CP (não há substituição do *it*), como ilustrado por (58) abaixo (exemplo (21) de Meinunger (1997: 239)):

(58) It's John who(m) Mary loves.

Por fim, não é claro por que a presença de *that* em C (que já está presente nas clivadas (cf. 56)) já não seria suficiente para sinalizar a sentença quando preposta, se o autor mesmo comenta que tanto um complementizador quanto um *wh* servem para tal ‘sinalização’. Assim, em face de sentenças deslocadas com C preenchido (e com seu especificador vazio), como *Que a Maria terminou a tese, a Ana me disse, mas se ela já defendeu, eu não sei.*, a obrigatoriedade do aparecimento do *wh* quando do alçamento do CP para o domínio A-barra, na análise para as pseudoclivadas em (57), é, no mínimo, duvidosa.

2.4.2.2.2 via cópia parcial

A análise monoracional que Boeckx (2007) propõe para as pseudoclivadas faz uso substancial da operação de cópia, mais precisamente, no caso, de cópia parcial do constituinte focalizado para resultar no pronome *wh* que constitui essas construções.¹²⁸ O ponto de partida para derivar uma pseudoclivada como (59) é sua sentença simples correspondente em (60a):

(59) What John is is important. (understood: not futile)¹²⁹

- (60) a. John is important.
 b. [_{FocP} important [_{IP} [_{VP} John is t_j]]]
 c. [_{TopP} [John is t_j] [_{FocP} important [_{IP} [_{VP} t_j]]]]
 d. [_{TopP} [What_i John is t_j] [_{FocP} important [_{IP} [_{VP} t_j]]]]
 e. [_{TopP} [What_i John is t_j] is [_{FocP} important [_{IP} [_{VP} t_j]]]]

Os passos seguintes na derivação incluem o movimento do elemento focalizado para SpecFocP, na periferia esquerda da sentença (cf. (60b)), seguido do movimento do VP remanescente (*John*

¹²⁸ Resenes (2010; 2011a,b) tentou perseguir análise similar via cópia parcial para as pseudoclivadas do PB, aproveitando também a proposta de Barbiers, Koenenman & Lekakou (2008) (para os casos de duplicação sintática não-idêntica de pronomes em dialetos do holandês), segundo a qual os pronomes possuem uma estrutura funcional elaborada e o mecanismo de cópia pode tomar como alvo qualquer camada dessa estrutura. A análise foi rejeitada posteriormente, em Resenes (2012), tanto por problemas específicos a ela, quanto por problemas gerais das análises monoracionais para as pseudoclivadas. Adiante, apontaremos alguns desses problemas.

¹²⁹ Aqui é desprezada a possível leitura predicacional.

is *t*) para SpecTopP,¹³⁰ acima de FocP (cf. (60c)), de acordo com o sistema proposto em Rizzi (1997). Nesse ponto, Boeckx (2007) argumenta que ocorre um processo de relativização em TopP, que reativa e lexicaliza parcialmente a cópia do constituinte focalizado (*important*) para criar a estrutura de predicação necessária. A lexicalização é parcial porque essa cópia só herda os traços formais (traços categoriais e traços- ϕ), segundo ele. Sendo assim, a cópia do foco é realizada como *what* e, uma vez ativa, ela é frontada na sentença, encabeçando o material em SpecTopP.

O autor sustenta esse processo tendo em vista o processo de predicação ocorrido nas relativas com núcleo. Ele segue Browning (1978,¹³¹ *apud* Boeckx, 2007), que argumenta que o alçamento do núcleo da relativa torna todo o sintagma um predicado (assumindo uma análise como a de Kayne 1994, em que o núcleo da relativa é alçado). No caso das pseudoclivadas, é o alçamento de *what*, cópia reativada do foco, que dá o efeito de predicação para o VP remanescente - uma predicação alta, visto que o sintagma se encontra em posição A-barra. Boeckx (2007) compara esse processo com casos de pronomes resumptivos tratados como lexicalização parcial da cópia do núcleo da sentença relativa, no irlandês (por McCloskey 1990) e no hebreu (por Shlonsky 1992).¹³² ¹³³ Ele ressalta que essa lexicalização da cópia não pode ser completa, mas sim parcial, presumidamente por razões de economia, como alega (podemos também pensar que para a linearização da cadeia formada em PF sem violação do LCA (cf. Nunes 2004)). Além disso, o autor se refere a Demirdache (1991,¹³⁴ *apud* Boeckx, 2007), que

¹³⁰ Como vimos, na proposta de DMW (2000) para as pseudoclivadas do tipo A, a oração-wh também ocupa o especificador de TopP, mas diferentemente de Boeckx (2007) que a move para lá, na análise desses autores, ela já é combinada na estrutura diretamente nessa posição.

¹³¹ BROWNING, M. 1987. *Null Operator constructions*. Doctoral dissertation, MIT.

¹³² Boeckx (2007) ilustra o caso com o seguinte exemplo do Hebreu:

(i) *Ha-yelet_i še rak ?et dalit hu_i ohev*
 the-boy that only dalit he loves (Pesetsky 1998:364)

PESETSKY, D. 1998. Some optimality principles of sentence pronunciation. In *Is the best good enough?*, P. Barbosa et al. (eds), 337–383. Cambridge, Mass.: MIT Press.

¹³³ MCCLOSKEY, J. 1990. “Resumptive pronouns, A’-binding, and levels of representation in Irish”. In *The syntax and semantics of modern Celtic languages*, R. Hendrick (ed.). San Diego: Academic Press. SHLONSKY, U. 1992. “Resumptive pronouns as last resort”. *Linguistic Inquiry* 22: 443–468.

¹³⁴ DEMIRDACHE, A. 1991. *Resumptive chains in restrictive relatives, appositives, and dislocation structures*. Doctoral dissertation, MIT.

mostrou que resumptivos podem ser fronteados no hebreu. Da sua análise do elemento *wh* como uma cópia parcial, um resumptivo do foco, segue-se que ele não é um operador (como o que forma as relativas livres), logo a oração-*wh* das pseudoclivadas não é uma relativa livre em sua análise.

Como vimos, o autor explica que em (60c), a cópia de *important* é reativada e lexicalizada parcialmente como *what* e que o fronteamento desse elemento garante a formação da sentença relativa, formação motivada pela função de predicação (*predication-driven relative clause formation*) que exerce o constituinte em SpecTopP nas pseudoclivadas. Assim, chega-se a (60d). A esse respeito, Boeckx (2007) esclarece em nota que diferentemente das sentenças relativas que, em geral, são *bare* CPs ou DPs/NPs que tomam CPs como seus complementos, nas pseudoclivadas a relativização não envolve um CP, mas uma projeção de VP. Contudo, há aqui um problema: em sua análise, o *wh* é combinado na estrutura internamente a um constituinte que não é um nó raiz, uma vez que o nó raiz em sua estrutura é Top e o *wh* é combinado internamente ao constituinte que ocupa a posição de especificador de Top, violando assim a *Condição de Extensão* (Chomsky 1995).¹³⁵ Por fim, para chegar ao resultado superficial da estrutura da pseudoclivada, o que falta a (60d) é apenas a cópula que, por ser um verbo funcional, é diretamente inserida em uma projeção funcional. Boeckx (2007), então, sugere que esse núcleo funcional seja Top. Assim, além de estar acima da projeção de tempo, com a cópula em Top, se configura uma relação Spec-head na projeção de tópico - o que dá conta da harmonia temporal entre a cópula das pseudoclivadas e o tempo marcado no verbo da oração-*wh*.¹³⁶ (60e) representa o estágio final da derivação.

Em relação às pseudoclivadas com oração-*wh* em posição final, como (61), abaixo, Boeckx (2007) apenas oferece em nota (a última nota do seu texto) um tratamento utilizando não mais a periferia esquerda da sentença, mas a periferia de VP.

(61) Important is what John is.

¹³⁵ Esse problema na análise do autor nos foi apontado por Mary Kato (c.p.).

¹³⁶ DMW (2000) também geram a cópula no mesmo núcleo, pelas mesmas razões.

Ele sugere, muito brevemente, que o foco nessas construções se move para o FocP baixo, localizado imediatamente acima de VP e que a oração-wh permanece *in situ*. Segundo ele, a oração-wh fica *in situ*, pois o TopP (baixo), interno à sentença e abaixo de FocP, não está disponível (de acordo com Cecilia Poletto (c.p.), ele diz que Paola Benincà mostrou que o TopP baixo no sistema de Rizzi (1997) está restrito a certos advérbios topicalizados). Quanto à cópula, o autor não esclarece a posição específica que ocupa nesse caso. Ele tampouco mostra qualquer razão que o leva a sugerir uma estrutura distinta para pseudoclivadas com oração-wh em posição final em relação àquelas com oração-wh inicial.

Alguns problemas que a análise monoracional de Boeckx (2007) tem, além da violação da *Condição de Extensão*, como apontado acima, são relativos à operação de cópia parcial do foco, central em sua análise. Uma primeira questão, ignorada no trabalho do autor (que discute a derivação das pseudoclivadas tratando apenas de um exemplo, aquele em (59)), é como garantir que o wh resultado da cópia seja o compatível com o constituinte focalizado se, segundo ele, só são copiados traços formais (traços categoriais e traços- ϕ) para tal. Em outras palavras, como assegurar que o resultado da cópia parcial seja *quem* em (62a) e *o que* em (62b) e não o contrário. A mesma pergunta se coloca para as pseudoclivadas em (62c) e (62d), cada qual admitindo apenas um wh específico, *onde* e *quando*, respectivamente:

- (62) a. *O que / Quem beijou a Maria foi o João.
 b. *Quem / O que o João comeu foi um pão.
 c. *Quando / Onde o João mora é em Floripa.
 d. *Onde / Quando o João chega é no sábado.

Além disso, analisar o elemento wh como uma cópia parcial do foco, um tipo de resumptivo, como faz Boeckx (2007), inclusive em comparação explícita com sentenças relativas com pronomes resumptivos, é contraditório ao fato de que focos, em geral, não admitem resumptivos, como ilustrado em (63):

- (63) ESSE LIVRO eu entrevistei todo mundo que leu (*ele).

Por fim, há um outro problema específico de uma análise monoracional via cópia parcial para a derivação de pseudoclivadas de sujeito, como (62a) acima. Em pseudoclivadas como essa, seguindo a análise de Boeckx (2007), *o João*, sujeito na sentença simples, deve ser movido para SpecFocP, seguido do movimento do VP remanescente (nada mudaria se for o vP , ou ainda o IP remanescente) para SpecTopP. Lá ocorre uma reativação da cópia do foco - cópia parcial - obtendo-se o *wh*, que é alçado e combinado com esse mesmo material que ocupa o especificador de TopP: o VP, em sua análise. Ora, se o alçamento do *wh* ocorre dentro do VP, como afirma explicitamente Boeckx (2007), e estando a cópia do sujeito (sujeito esse que é a “fonte” para a cópia parcial) no especificador dessa categoria, há um movimento “local” do *wh*: a cópia (o *wh*) do sujeito é combinada em uma posição de igual estatuto da do próprio sujeito - o que é problemático.¹³⁷ Afinal, qual seria a vantagem em se fazer uma cópia de um elemento para combiná-la em posição equivalente à que ela já ocupava? Não há razão lógica para isso.

2.4.2.2.3 via ‘XP-complexo’

A análise que faz uso do “XP-complexo” (também conhecido na literatura como *big-XP*) foi proposta para as pseudoclivadas por Kato & Mito (2009). Os autores se baseiam na análise de *doubling* à la Kayne (2002) para os pronomes nas construções de *clitic doubling* (CLDBL) ou *clitic left dislocation* (CLLD), como estas reproduzidas abaixo:

- (64) a. Le doy un libro a Juan. (CLDBL)
 b. A Juan, le doy un libro. (CLLD)
- (65) a. doy un libro [Juan le] →
 b. [Juan le]_i doy un libro t_i →
 c. Juan_j [t_j le]_i doy un libro t_i → merger of *a*
 d. a Juan_j [t_j le]_i doy un libro t_i CLLD →
 e. [[t_j le]_i doy un libro t_i]_k a Juan t_k CLDBL

¹³⁷ Nada muda se o *wh* for combinado como adjunto ou como especificador do VP, visto que adjuntos e especificadores são posições já geralmente tomadas como equivalentes.

Nessa análise de *doubling*, o clítico e seu associado nascem juntos como um único constituinte complexo e, subsequentemente, são separados. Kato & Miotto (2009), então, aplicam o mesmo mecanismo na análise das pseudoclivadas do PB.¹³⁸ Dessa forma, o elemento *wh* dessas construções não é um operador, mas um elemento resumptivo, anafórico ao foco; consequentemente, sua oração-*wh* não pode ser uma relativa livre, ou não pode ser “uma relativa livre verdadeira”, segundo os autores. A derivação de uma pseudoclivada como (66a) tem por *input* (66b). (67) mostra todos os passos da sua derivação:

(66) a. O que a Maria é é escandalosa.

b. A Maria é [o que escandalosa]

(67) a. [IP A Maria é [SC t_a Maria [AP o que escandalosa]]]

b. [FinP o que [IP a Maria é [SC t_a Maria [t_o que escandalosa]]]]

c. [FocP é [FinP o que [IP a Maria é [SC t_a Maria [t_o que escandalosa]]]]]

d. [FocP escandalosa é [FinP o que [IP a Maria é [SC t_a Maria [t_o que t_{escandalosa}]]]]]

d'. Escandalosa é o que a Maria é. → pseudoclivada [foco<cop<or.wh]

e. [TopP é [FocP escandalosa [FinP o que [IP a Maria é [SC t_a Maria [t_o que t_{escandalosa}]]]]]]]

e'. É escandalosa o que a Maria é. → pseudoclivada [cop<foco<or.wh]

f. [TopP [FinP o que [IP a Maria é [SC t_a Maria [t_o que t_{escandalosa}]]]] é [FocP escandalosa t_{FinP}]]

f'. O que a Maria é é escandalosa. → pseudoclivada [or.wh<cop<foco]

¹³⁸ Os autores fornecem exemplos de outras aplicações da mesma análise de Kayne (2002) e de Uriagereka (1995) para o fenômeno de *clitic doubling* do espanhol, como a análise de Kato & Raposo (2007) para as construções de *left dislocation* do português:

(i) a. Eu só encontrei [DP [DP este livro] o/ele] na FNAC.

b. [Este livro]_i [eu só encontrei [t_i [o/ele]]] na FNAC.

A análise de Kato & Mioto (2009) é econômica, porque por meio dos mesmos recursos básicos, dá conta de derivar os três padrões de pseudoclivadas do PB.¹³⁹ Ela é interessante porque consegue dar conta da conectividade,¹⁴⁰ já no estágio ilustrado em (67a), bem como da concordância atestada entre o foco (*escandalosa*) e o sujeito da oração-wh da pseudoclivada resultante (*a Maria*). Em (67b), *o que* é movido para FinP e em (67c) a cópula focalizadora é inserida no núcleo Foc. Em (67d), o elemento focalizado *escandalosa* é movido para Spec FocP e dessa forma é derivada a pseudoclivada com foco inicial, sob a ordem [foco<cop<or.wh]. Para derivar a pseudoclivada de ordem [cop<foco<or.wh], os autores, agora, inserem a cópula diretamente em Top, como vemos em (67e). Por fim, para derivar a pseudoclivada com oração-wh inicial, sob a ordem [or.wh<cop<foco], eles movem todo o FinP para SpecTopP, como reproduzido em (67f).

Contudo, essa análise monoracional não está isenta de problemas. Uma primeira pergunta que nos fazemos é que tipo de relação é essa que envolve os dois elementos no *big-XP* (“XP-complexo”). Que tipo de configuração é essa? E como garanti-la independentemente? Essa última pergunta ganha peso em face da ausência desse constituinte complexo independentemente nas línguas. O suposto *big-XP* não ocorre abertamente/visivelmente nas línguas, mesmo fora do “terreno das pseudoclivadas”; e mesmo dentro dele, não há dado em que [*o que scandalosa*] ou [*escandalosa o que*] figurem juntos (cf. (66b) acima), tampouco o clítico e seu associado nos exemplos do Espanhol tratados por Kayne (2002) (cf. (65a) acima) podem ocorrer juntos. Crucialmente, os elementos de tal constituinte complexo aparecem sempre separados um do outro.¹⁴¹ Ainda sobre essa falta de evidência independente do constituinte complexo figurando junto (o que, do contrário, daria substancial suporte para uma análise que se valha dele), consideremos as seguintes pseudoclivadas:

- (68) a. *O que* o João fez foi *ler um livro*.
 b. *O que* a Maria é é *esperta*.
 c. *Quem* comeu o bolo foi *o menino*.

¹³⁹ Mas, ver, adiante, a seção 2.5, na qual apontaremos diferenças entre os padrões de pseudoclivadas no PB.

¹⁴⁰ Porém, vimos anteriormente (cf. seção 2.4.1.2) que simples sentenças copulares especificacionais também exibem conectividade, sem que seja possível estabelecer uma relação de c-comando na sintaxe entre os termos relevantes.

¹⁴¹ Barbiers et al (2008) também levantam essa mesma crítica à análise do *big-XP*.

O problema aqui é que os constituintes que são gerados segundo a análise do *big-XP* nunca podem figurar assim na superfície: **O que ler um livro*; **O que esperta*; **Quem o menino* são combinações impossíveis! O que se tem, ao invés, como combinações possíveis são: *O que fazer*, *Quão esperto*, *Que/Qual menino*.¹⁴²

Menuzzi (2009) aponta um outro problema na análise de Kato & Miotto (2009), relativo à inserção lexical da cópula. Ao optar por inserir a cópula diretamente em uma categoria funcional, os autores dão conta da falta de autonomia temporal da mesma, o que é um ponto positivo. Entretanto, como salienta Menuzzi (2009), ao optar por inseri-la ora no núcleo Foc ora no núcleo ToP, uma questão é levantada: qual é a especificação funcional de *ser* quando inserido em Top ou Foc? É possível um mesmo item ter tanto traços de tópico como de foco (noções complementares) em versões das mesmas construções?¹⁴³ Menuzzi (2009) percebe que quando a cópula é inserida no núcleo Foc, o movimento do foco (*escandalosa*) para o seu especificador (cf. (67d)) é obrigatório, porque se o movimento não ocorrer, o resultado seria (67c), que não é uma estrutura sentencial possível em português (**É o que a Maria é escandalosa*). Mas, quando a cópula é inserida em Top, o movimento para o seu especificador não é obrigatório: ou nada ocupa

¹⁴² Para os exemplos equivalentes em inglês, também observamos a impossibilidade de um “XP-complexo” independente entre o *wh* e o foco das pseudoclivadas em (i):

- (i) a. *What John did was read a book.*
- b. *What Mary is is smart.*
- c. *?Who ate the cake was the boy.*

**What read a book*; **What smart*; **Who the boy* são combinações impossíveis. Por outro lado, combinações possíveis seriam: *What to do*; *How smart*; *Which boy*.

¹⁴³ Menuzzi (2009) ainda levanta o problema da extensão para o inglês da análise para as pseudoclivadas de ordem [cop.<foco<or.wh], como proposta por Kato & Miotto (2009) em (67e) acima, reproduzida novamente em (i):

- (i) [TopP é [FocP *escandalosa* [FinP o que [IP a Maria é [SC t_a Maria [t_o que t_{escandalosa}]]]]]]]

A pergunta do autor é: como inserir o expletivo “it” na estrutura acima, tendo em vista que pseudoclivadas com essa ordem em inglês contêm esse item? Segundo Menuzzi (2009), “teríamos que presumir que *it* pode, agora, ser inserido em SpecTopP? E, por correspondência, teríamos de presumir que, em português, na estrutura correspondente [...], na verdade, há um *pro* expletivo em SpecTopP?”. O exemplo do inglês em (ii) é fornecido por Menuzzi 2009:

- (ii) *It was John who told Mary to go.*

Essa questão se coloca somente se sentenças do inglês como (ii) devem mesmo ser analisadas nos moldes de pseudoclivadas e não de clivadas propriamente ditas. Não exploraremos esse ponto aqui.

o SpecTopP (cf. (67e)), ou a oração-wh em FinP é movida para o Spec TopP (cf. (67f)). Em outras palavras, o que Menuzzi (2009) ressalta é o fato de quando *ser* é inserido em Foc, ele ter que ser especificado para algum traço que precisa ser checado, requerendo, assim, o movimento do constituinte capaz de checar esse traço; mas que quando *ser* é inserido em Top, ele pode ser opcionalmente especificado para um traço dessa categoria funcional que exija checagem.¹⁴⁴

Ainda quanto à inserção da cópula em um núcleo funcional na periferia esquerda da sentença, outro problema levantado por Menuzzi (2009) não só para a análise de Kato & Mito

¹⁴⁴ O problema da inserção lexical da cópula em núcleos funcionais distintos (com consequentes movimentos ou obrigatórios ou opcionais) é evitado em uma versão posterior da análise dos autores, Kato & Mito (2012), que mantém a hipótese do XP-complexo, mas é modificada para uma análise bioracional. Nessa análise, a cópula é combinada como um verbo e nucleia uma projeção de tempo independente, o T matriz, além da presença do T encaixado, nucleado pelo verbo da oração-wh. Porém, dessa forma, com a cópula nucleando uma projeção de tempo independente (o T matriz), perde-se um modo de dar conta da dependência temporal da cópula em relação ao tempo marcado no verbo da oração-wh, já que ela, como núcleo do T matriz, deveria poder expressar um tempo diferente daquele expresso no verbo da oração-wh (T encaixado). Kato & Mito (2012) sugerem que a dependência temporal ocorre nas pseudoclivadas nessa análise bioracional via *Agree*: a cópula é o *probe* e o tempo encaixado, o *target*. Porém, algo específico às pseudoclivadas deve ser responsável por essa relação e por garantir sua obrigatoriedade, uma vez que sabemos que T matrizes podem marcar um tempo independente/diferente daquele do T encaixado. Em (ii), abaixo, reproduzimos a derivação da pseudoclivada em (i), conforme Kato & Mito (2012):

- (i) Quem Maria_i machucou foi A SI MESMA_F.
- (ii) a. Maria_i machucou [_{DP} **quem_i** [_{si mesma_i}]]
- movimento-wh para CP:
- b. [_{CP} [**quem_i**] [_{IP} Maria_i machucou [_{DP} ~~quem_i~~] [_{si mesma_i}]]]]
- Merge da cópula:
- c. [_{VP} **ser** [_{CP} [**quem_i**] [_{IP} Maria_i machucou [_{DP} ~~quem_i~~] [_{si mesma_i}]]]]]]
- movimento do foco para a posição de foco baixa (cf. Belletti 2004):
- d. [_{FocP} **si mesma_i** [_{VP} **ser** [_{CP} [**quem_i**] [_{IP} Maria_i machucou [_{DP} ~~quem_i~~] [**a si mesma_i**]]]]]]]]
- acréscimo da preposição *a*:
- e. [_{FocP} **a si mesma_i** [_{VP} **ser** [_{CP} [**quem_i**] [_{IP} Maria_i machucou [_{DP} ~~quem_i~~] [**a si mesma_i**]]]]]]]]
- V sobe para T e projeta o TP matriz:
- f. [_{TP} **foi** [_{FocP} **a si mesma_i** [_{VP} **ser** [_{CP} [**quem_i**] [_{IP} Maria_i machucou [_{DP} ~~quem_i~~] [**a si mesma_i**]]]]]]]]]]
- movimento do CP encaixado para TopP matriz:
- g. [_{TopP} [_{CP} [**quem_i**] [_{IP} **Maria_i machucou** [_{TP}]]]] [_{TP} **foi** [_{FocP} **a si mesma_i** [_{VP} **ser** [_{CP}]]]]]]]]

No entanto, notamos um problema nessa análise quanto à extração do constituinte focalizado, no estágio de (iic) para (iid). A pergunta que surge aqui é: É possível extrair livremente o DP foco *si mesma* de dentro do CP encaixado, cujo especificador está preenchido por um elemento wh (que com o foco formava o XP-complexo) sem violar Minimalidade? Se ter múltiplos materiais em SpecCP fosse possível, então extrações por cima de um CP com especificador preenchido também deveriam ser possíveis, mas não é esse o caso:

- (iii) a. Eu quero saber o que a Maria deu pro João.
- b. *Pra quem você quer saber o que a Maria deu?

A análise monoracional de Kato & Mito (2009) também tinha problema semelhante, já que move para o domínio A-barra o constituinte focalizado por cima da expressão-wh, que ocupa uma posição de especificador na periferia esquerda do IP, SpecFinP (cf. (67d) no corpo do texto) (Fin é um dos núcleos que compõem o sistema CP no modelo cartográfico proposto por Rizzi 1997).

(2009), bem como para outras análises monoracionais (no que se enquadram as análises de Meinunger 1997 e de Boeckx 2007), diz respeito à possibilidade de verbos auxiliares modais junto à cópula nas pseudoclivadas (também conhecido como *copula clusters*), ilustrado pelo exemplo do autor em (69B) abaixo:

(69) A: Quem (foi que) lavou a louça?

B: Quem lavou a louça {deve / só pode} ter sido o João: só ele deixa esta bagunça na cozinha.

Nas três análises monoracionais mencionadas aqui, como a cópula é analisada como um núcleo funcional do domínio A-barra (Top nas análises de Meinunger 1997 e de Boeckx 2007 e Top ou Foc na de Kato & Mioto 2009), não há espaço para o auxiliar modal, que deve estar em T. Além de casos como esse com verbo auxiliar modal junto à cópula nas pseudoclivadas, é possível também encontrarmos dados com verbos de alçamento, como (70) abaixo, que igualmente não têm lugar em uma análise monoracional para as pseudoclivadas.^{145 146}

¹⁴⁵ Há divergências sobre esse tipo de dado com auxiliares modais e também com verbos de *raising* na literatura, inclusive em inglês. Enquanto alguns são julgados como agramaticais, como estes em (i), abaixo ((ia) de Higgins (1973) e (ib) de Hankamer (1974)), outros são atestados como perfeitos, como os em (ii) ((ia,b) de Hedberg (1993), (iic-d) encontrados no Google e (iie-g) respectivamente de Gundel (1977), Culicover (1977) e Halvorsen (1978) (*apud* Hedberg 1993: 128):

- (i) a. *What John is can be proud.
b. *What he is appears to be important to himself.
- (ii) a. What Peter wanted must have been revenge.
b. What he's after seems to be her money.
c. What he wants may be HP itself, in order to better to compete with IBM.
d. What he wants may be a bigger chunk or, in this new era, to be invited on the board.
e. What he's asking appears to be whether there will be any beer.
f. What John is seems to be proud of himself.
g. What John wants seems to be never to be left alone.

Hedberg (1993: 128) assim comenta esses dados: *The good cases all appear to involve pseudoclefts whose semantic content is such as to make it plausible to mitigate or intensify the epistemic force of the specification performed by the pseudocleft. [...] Any deviance felt to be associated with the sentences in (16) [aqui sentenças como (i)] should thus be attributed to semantic or pragmatic rather than to syntactic factors.* Voltaremos a exemplos como os em (ii) e aqueles em (69B) e (70), no corpo do texto, adiante, na seção 2.6.2, quando da exposição de nossa análise. CULICOVER, P. W. 1977. Some Observations Concerning Pseudo-clefts. *Linguistic Analysis* 3:347-375. GUNDEL, J. K. 1977. Where do Cleft Sentences Come From? *Language* 53:543-559. HALVORSEN, K. 1978. *The Syntax and Semantics of Cleft Constructions*. PhD dissertation, University of Texas, Austin.

- (70) (Cuidado!) O que o João tá querendo parece ser só o teu dinheiro. (Ele sempre foi um cara muito interesseiro.)

Além disso, há outras pseudoclivadas que não recebem tratamento trivial em análises monoracionais, como por exemplo, as com focalização de VP, como (68a) acima, repetida aqui em (71a):

- (71) a. O que o João fez foi ler um livro.
 b. O João leu um livro.
 c. *O João fez ler um livro.¹⁴⁷

Essas pseudoclivadas com focalização de VP necessitam, para tal, do emprego do verbo *fazer*.¹⁴⁸ Para análises bioracionais (nesse caso, tanto as com elipse quanto as WYSIWYG), exemplos como (71a) não são problemáticos, visto que a oração-wh é um constituinte independente e, para ser bem formada, aliás, para poder ser uma oração, precisa de um verbo (cf.

¹⁴⁶ A presença de verbos auxiliares modais e verbos de *raising* adjacentes à cópula das pseudoclivadas também são problemáticos para a análise bioracional com elipse de DMW (2000), já que nessa análise a cópula também é combinada como um núcleo funcional do domínio A-barra, a saber, Top, com a oração-wh como seu especificador e com o contrapeso como seu complemento. No entanto, como de acordo com DMW (2000), há dois tipos de análise para as pseudoclivadas, esses dados podem ser tratados conforme a análise do tipo B - uma análise bioracional do tipo WYSIWYG, na qual é prevista tanto a possibilidade de auxiliares modais junto à cópula, quanto a de verbos de alçamento.

¹⁴⁷ (71c) só é possível como uma causativa, *O João fez a Maria ler um livro*, - irrelevante para a presente discussão.

¹⁴⁸ Notar que a existência de pseudoclivadas como (71a) acima frente à impossibilidade de clivadas do mesmo tipo, isto é, com focalização de VP, como observamos em (i) abaixo, é outro fator que desfavorece uma análise comum para essas construções, seja derivando as clivadas das pseudoclivadas (como Akmajian 1970) ou as pseudoclivadas das clivadas (como Meinunger 1997):

(i) a. *Foi ler um livro que o João fez. (versus: Foi ler um livro o que o João fez.)

**O que o João X O que o João fez*), assim, a presença do provérbio é natural.¹⁴⁹ Já para as análises monoracionais, o “surgimento” do provérbio na sentença não é (tão) ‘natural’, haja vista que a sentença simples, base para esse tipo de análise, não o contém, como observamos pelo contraste em (71b) e (71c) acima.

Outro problema para análises monoracionais é explicar por que, em face da ambiguidade da sentença simples em (72a) (sentença simples que é base das análises monoracionais, como o próprio nome diz), a pseudoclivada em (72b) não é ambígua, admitindo apenas a leitura deôntica.

(72)	a. O João pode cantar.	(✓epistêmica; ✓deôntica)
	b. O que o João pode é cantar.	(*epistêmica; ✓deôntica)

Para análises bioracionais, por outro lado, a diferença é natural. Nessas análises, os constituintes de cada lado da cópula são independentes. Assim, sendo a oração-wh uma oração plena, em (72b) para o modal *poder* ter interpretação epistêmica, o DP *o João* ficaria sem papel temático, já que não há outro predicado na oração-wh com o qual ele poderia ter uma dependência temática. Portanto, para a sentença ser bem-formada, a leitura deôntica é necessária.

Por fim, se o objetivo mais forte das análises monoracionais para as pseudoclivadas é realçar seu paralelo com as sentenças simples correspondentes (não-clivadas), especialmente por conta dos efeitos de conectividade, é importante lembrarmos, em contrapartida, os casos tratados na seção 2.4.1.2 (quando foi apresentada a análise de ‘geração na base’), que mostram que nem sempre restrições que pesam sobre as sentenças simples se verificam nas pseudoclivadas e vice-versa. Além disso, são relevantes os casos de sentenças copulares especificacionais não-clivadas que também exibem conectividade, para as quais não é possível reduzir um “nível de encaixamento”, de modo a ‘recuperar’ o c-comando sintático entre os termos envolvidos na

b. *Ler um livro foi que o João fez. (versus: Ler um livro foi o que o João fez.)

Ver, por exemplo, Lobo (2006) para mais distinções entre clivadas e pseudoclivadas.

¹⁴⁹ A escolha pelo provérbio *fazer* na referida oração-wh e não por outro verbo, como por exemplo *comer* (cf. **O que o João comeu foi ler um livro*), é, antes de tudo, uma função da especificação realizada pelas pseudoclivadas, como já apontado por Akmajian (1970) e bastante realçado posteriormente em Higgins (1973), na caracterização dessas construções: *The focus item must specify a value for the variable of the clause, and it thus follows that the focus item must belong to the appropriate semantic class, i.e., the class represented by the variable.* (AKMAJIAN, 1970: 19; grifo nosso). Como o conteúdo da variável (o wh) é determinado dentro da oração-wh a que pertence, daí a compatibilidade necessária entre esse conteúdo, que delimita o ‘domínio’ da variável, e o valor especificador para ela (o foco).

conectividade, pois elas já são sentenças simples. Portanto, o fato de mesmo em sentenças simples atestarmos a conectividade presente nas pseudoclivadas, bem como a quebra de paralelo entre sentenças simples e pseudoclivadas que, por vezes, pode ocorrer, reduz o peso das análises monoracionais.¹⁵⁰

2.4.2.3 Análises de reconstrução

As análises de reconstrução (assim como as monoracionais e as bioracionais com elipse) também enfocam os efeitos de conectividade presente nas pseudoclivadas e tentam resolvê-los restaurando a condição de c-comando entre os termos envolvidos nessa relação. Nessas análises, como o próprio nome indica, isso é feito via “reconstrução” da sentença simples correspondente à pseudoclivada em algum nível de representação, seja LF, seja pós-LF. Os defensores dessas análises são Boskovic (1997) e Heycock & Kroch (1999). Partindo, cada qual, de estruturas sintáticas distintas e por meio de recursos distintos, ambos propõem operações em algum nível de representação, LF para Boskovic (1997) e pós-LF para Heycock & Kroch (1999), que resgatam as sentenças simples correlatas às pseudoclivadas, restabelecendo, assim, o c-comando entre o elemento licenciador e o licenciado responsáveis pela conectividade.¹⁵¹ Vejamos, brevemente, cada uma delas.

2.4.2.3.1 Movimento em LF

A primeira das análises de reconstrução, a de Boskovic (1997), procura dar conta dos efeitos de conectividade que essas sentenças exibem postulando o movimento em LF do contrapeso (foco) para o interior da oração-wh, em substituição ao elemento wh, uma vez que

¹⁵⁰ Esses últimos fatos também reduzem o peso das análises bioracionais com elipse, já que nessas o contrapeso é formado pela sentença simples correspondente à pseudoclivada - correspondência que, como vimos, pode ser ‘quebrada’ e, quando o é, se perde a identidade (entre os constituintes pré e pós-cópula) que viabiliza a elipse. Notar que esses mesmos problemas são evitados nas análises bioracionais chamadas WYSIWYG, nas quais não há a formação da sentença simples em nenhum estágio da derivação (com exceção das análises que recorrem explicitamente à reconstrução dessa sentença simples, como veremos na subseção seguinte).

¹⁵¹ As análises de reconstrução trabalham, de certa forma, no sentido oposto ao das análises monoracionais e das primeiras transformacionais, já que nessas, da sentença simples era derivada a sentença complexa (a pseudoclivada) e naquelas, da sentença complexa se restaura (‘reconstrói’) a sentença simples, o que ocorre somente em um estágio posterior (sempre pós-*Spell-out*).

este é considerado anafórico do contrapeso. Desse modo, com o contrapeso ocupando o lugar da posição inicial do *wh*, a relação de c-comando entre os termos envolvidos na conectividade é restabelecida. É central para a proposta de Boskovic (1997) a análise que faz do elemento *wh* das pseudoclivadas (na verdade, ele trata apenas de *what*) como uma anáfora superficial (*surface anaphor*), em oposição às anáforas profundas (*deep anaphor*), baseando-se em Hankamer & Sag (1976).¹⁵² Como Boskovic (1997) destaca, a condição básica para um elemento ser uma anáfora superficial é ter um antecedente linguístico que, para o elemento *wh* das pseudoclivadas, é o contrapeso. Além disso, esse antecedente deve substituir a anáfora em algum nível de representação, o que novamente se ajusta à análise do autor, que postula que em LF o contrapeso substitui o *wh*. Apesar de reconhecer (como discutido por Hankamer & Sag (1976, *apud* Boskovic 1997: 254)) que anáforas superficiais, em geral, não têm matriz fonológica,¹⁵³ o autor considera o *what* das pseudoclivadas como tal, trazendo como evidência para isso suas similaridades com o norueguês *det*, item já estudado como anáfora superficial por Lødrup (1994,¹⁵⁴ *apud* Boskovic, 1997). Uma vez considerado o *what* das pseudoclivadas como uma anáfora superficial, o autor descarta a possibilidade de analisar a oração-*wh* como uma expressão referencial, logo ela não pode funcionar como uma relativa livre em sua análise (nesse ponto, ele segue a linha de Hankamer (1974), que também não trata a oração-*wh* das pseudoclivadas como uma relativa livre).

Uma vez analisado o *wh* das pseudoclivadas como uma anáfora de superfície que, como tal, deve ser substituída pelo contrapeso em LF, o tratamento que Boskovic (1997: 242) fornece para a conectividade nas pseudoclivadas é sempre resolvido em LF: com o referido movimento do contrapeso, nesse nível de representação, a sentença passa a ser simples, com o c-comando

¹⁵² HANKAMER, J. & SAG, I. Deep and surface anaphor. *Linguistic Inquiry* 7, p. 391-428, 1976.

¹⁵³ Em geral, são citados como exemplos de anáforas superficiais, a elipse de VP (O João vai elogiar o professor e a Maria também vai ~~elogiar o professor~~), *sluicing* (Alguém beijou a Maria, mas eu não sei quem ~~beijou a Maria~~), entre outros. O termo *sluicing* deve-se a Ross (1969) e faz referência à elipse em uma pergunta-*wh* encaixada, de modo que todo o material, exceto o sintagma-*wh*, é apagado. Esse conteúdo apagado é recuperado da sentença precedente. (i) abaixo ilustra um exemplo de *sluicing*, extraído de Ross (1969):

(i) He is writing something, but you can't imagine what.

¹⁵⁴ LØDRUP, H. Surface proforms in Norwegian and the definiteness effect. *Proceedings of NELS* 24, 305-315. Amherst, Mass: GLSA, U. of Massachusetts, 1994.

usual entre os termos envolvidos na conectividade, como já mencionado. A generalização que o autor fornece (p. 242) é reproduzida abaixo:

- (73) *Elements in the wh-clause can enter into a connectivity relation with an element in the counterweight except with traces created overtly*¹⁵⁵

De acordo com sua generalização acima, isto é, para defender que a conectividade entre termos de cada um dos lados da cópula só é lícita se não envolver relação entre antecedente e vestígio criada na “sintaxe visível”, mas apenas relações estabelecidas em LF (chamada de “sintaxe invisível”), Boskovic (1997: 240) apresenta os seguintes dados de pseudoclivadas agramaticais em (74a,b), nas quais há um tipo de conectividade criada na “sintaxe visível”, supondo que há um vestígio do verbo entre o DP e o PP, como na análise larsoniana, que ele adota para essas construções, de acordo com a qual teriam as estruturas em (75):

- (74) a. *What John gave was Mary a book.
b. *What John gave was a book to Mary.
- (75) a. *What John_i [_{VP} t_i gave_j [_{VP} Mary t_j a book]]
b. *What John_i [_{VP} t_i gave_j [_{VP} a book t_j to Mary]]

Como em sua análise a conectividade só é tratada em LF sem que envolva vestígios criados na “sintaxe aberta”, então exemplos como (74) são agramaticais porque a conectividade falha (*connectivity breakdown*). Adiante, em seu texto, Boskovic (1997: 249) menciona uma condição sobre movimentos adotada de Chomsky (1995: 365), reproduzida em (76) abaixo, que também será usada como responsável pela agramaticalidade de dados como (74) acima:

- (76) *α can be attracted by K only if it contains no trace.*¹⁵⁶

¹⁵⁵ “Elementos na oração-wh podem entrar em uma relação de conectividade com um elemento no contrapeso exceto com vestígios criados abertamente” (tradução nossa)

¹⁵⁶ “α pode ser atraído por K somente se não contém nenhum vestígio” (tradução nossa)

Segundo essa condição, não é possível mover constituintes contendo vestígios - o que ocorreria em (74), quando do movimento em LF do contrapeso (material pós-cópula) para o interior da oração-wh, segundo a análise de Boskovic (1997).

Quanto à estrutura sintática que serve de *input* para o movimento em LF do contrapeso, a proposta de Boskovic (1997: 268) é esta em (77):

- (77) a. [_{VP} [_{VP} wh-clause [_{V'} copula]] counterweight]
 b. [_{VP} [_{VP} What John likes [_{V'} is]] this car]

Em (77), observamos que a pseudoclivada é analisada como um *bare VP*: a oração-wh ocupa o especificador de VP; já o contrapeso se encontra adjunto a VP, para o que o autor diz seguir a assunção padrão de que o lugar-alvo de operações envolvendo movimento de itens focalizados (*heavy NP shift*, *right node raising*, *extraposition*) é aquele adjunto a VP, o que faz com que ele assuma que essa é a posição para o foco pós-verbal em inglês.

Com a ausência da categoria I (ou T) na estrutura das pseudoclivadas, Boskovic (1997) quer dar conta das restrições a que a cópula dessas construções está sujeita: a dependência temporal em relação ao tempo manifesto no verbo da oração-wh (ex. (78)), a impossibilidade de inversão sujeito-auxiliar (ex. (79)), a impossibilidade de *copula clusters* (ex. (80)) e a impossibilidade de alçamento da oração-wh (ex. (81)), exemplificados por ele com dados de Higgins (1973):¹⁵⁷

- (78) a. What John is is very tall.

¹⁵⁷ Contudo, como já apontado aqui (cf. nota 145), esses dados são controversos. Naquela nota, mencionamos dados de pseudoclivadas fornecidos por Hedberg (1993) (dados próprios e de outros autores) que contrariam as possibilidades negadas em (80)-(81) no corpo do texto, relativa à presença do modal junto à cópula (cf. também exemplo de Menuzzi (2009) para o PB em (69)). Quanto à inversão sujeito-auxiliar, Hedberg (1993: 126-127) também oferece dados que contrariam a possibilidade negada em (79) (os dados em (ia,b) devem-se à Culicover (1977)):

- (i) a. Will what John says be that we should all go home?
 b. Will what Mary does be to wash herself?
 c. Is what you're writing on clefts or pseudoclefts?
 d. Isn't where he's going San Francisco?

O que é indiscutível na literatura relevante é a falta de autonomia temporal da cópula das pseudoclivadas, retratada acima, no corpo do texto, pelos dados em (78).

- b. What John was was very tall.
- c. *What John is will be very tall.
- d. *What John is is being very rude.

- (79) *Is [what John is] proud
- (80) *What John is can be proud.
- (81) *What John is seems to be proud.

Todas as impossibilidades atestadas nos dados acima decorrem, segundo sua proposta, da ausência de I na estrutura das pseudoclivadas (cf. (77)). Dos dados em (78) Boskovic (1997) conclui que o verbo *ser* não tem qualquer conteúdo semântico nas pseudoclivadas. Levando isso em conta, mais a não interpretabilidade de traços semânticos em PF, juntamente com o Princípio de Procrastinação, considerado por ele, segundo o qual toda operação deve ocorrer o mais tarde possível, o autor defende que a cópula especificacional seja inserida somente em PF. E porque não há operações de *Move* em PF, essa cópula não pode sofrer movimento.^{158 159}

¹⁵⁸ Ainda que a cópula fosse inserida no curso da derivação sintática, a ausência de qualquer estrutura acima de VP, de acordo com a análise de Boskovic (1997) para as pseudoclivadas, já impossibilitaria o movimento da cópula.

¹⁵⁹ Segundo Boskovic (1997: 269-270), a estrutura proposta por ele em (77) se aplica somente às pseudoclivadas com oração-wh inicial. Para aquelas com oração-wh final, ele sugere a estrutura “superficial” reproduzida abaixo em (i) (quanto ao movimento do contrapeso em LF, ele é mantido para todos os padrões de pseudoclivadas e está ausente nas copulares predicacionais):

(i) [_{IP} This car_i is_j [_{VP} t_i t_j what John likes]]]

Para ele, o contrapeso nessas pseudoclivadas é combinado como o especificador de V e a oração-wh ou é um adjunto de VP ou está no complemento da cópula. Para chegar a (i), o autor se baseia em diferenças que atesta entre os padrões, por exemplo, quanto à inversão sujeito-auxiliar (iia), quanto à presença de modais junto à cópula (iib) e quanto ao alçamento do sujeito (iic):

- (ii) a. Is this car what John likes
- b. This car can be what John likes.
- c. Proud of himself seems to be what John is.

A análise de Boskovic (1997) foi alvo de várias críticas na literatura subsequente. A crítica mais recorrente a essa análise diz respeito ao tipo de movimento proposto pelo autor em LF, um movimento que viola restrições sintáticas, uma vez que movendo o contrapeso para a posição (inicial) do *wh*, esse movimento é feito para uma posição que não é de *c*-comando.¹⁶⁰ Outro ponto desfavorável à análise de Boskovic (1997) é sua limitação empírica: como ela é baseada inteiramente no caráter de *what*, ela não pode ser estendida para outras sentenças copulares especificacionais não-clivadas (que, obviamente, não contém *what*), que Higgins (1973) tanto destacava formarem um conjunto comum com as pseudoclivadas.¹⁶¹

Problema adicional para sua análise consiste nos casos que denomina como *connectivity breakdown* (exemplos mostrados em (74) acima), cuja agramaticalidade é atribuída à presença de um vestígio no contrapeso criado na “sintaxe visível”. No entanto, como DMW (2000: 77-78) apontam, ainda que não houvesse vestígio algum no contrapeso dessas pseudoclivadas, elas continuariam agramaticais - o que é mostrado nos dados em (82), abaixo, nos quais há uma

Pelas possibilidades atestadas nas pseudoclivadas em (ii), *versus* suas respectivas impossibilidades no padrão com oração-*wh* inicial (cf. dados de (79) a (81) no corpo do texto), o autor presume que somente nas pseudoclivadas com oração-*wh* final, a categoria IP está presente, conforme sua estrutura em (i). Contudo, como vimos (cf. notas 145 e 157), os julgamentos acerca dos dados em (79)-(81) não são categóricos. Se pseudoclivadas com oração-*wh* inicial admitirem as mesmas possibilidades admitidas por aquelas com oração-*wh* final em (ii), conforme afirma Hedberg (1993), com base em dados próprios e de outros que cita (Gundel (1977), Culicover (1977) e Halvorsen (1978)), então a base para a distinção estrutural feita por Boskovic (1997) se não se desfaz é, pelo menos, enfraquecida. Mas, ver seção 2.5 para exemplos de outra natureza que mostram distinções entre os padrões, nas linhas de DMW (2000).

¹⁶⁰ Outra crítica feita à análise de Boskovic (1997) diz respeito ao tratamento que confere a *what* como uma anáfora superficial, apontado por Den Dikken (2005: 85): *Interestingly, ‘what’ is the wh-counterpart of ‘it’ - and ‘it’, unlike ‘so’ (which does have the property of being a surface anaphor), is not a surface anaphor (but a ‘deep’ one instead).* Den Dikken (2005: 83) mostra exemplos de Hankamer & Sag (1976) para evidenciar a distinção entre *it* e *so*: *so*, mas não *it*, exige um antecedente linguístico (não pode tomar uma situação (relevante no contexto) como antecedente), portanto somente *so* é uma anáfora superficial. Como (ib) mostra, *it* é uma anáfora profunda e, como tal, não deve ser substituída em LF.

- (i) a. Hankamer: I’m going to stuff this ball through the hoop
 Sag: I don’t think you’ll be able to do *it/so*
- b. [Hankamer is trying to stuff a ball through a hoop]
 Sag: I don’t think you’ll be able to do *it/*so*

Den Dikken (2005: 85) assim continua: *Given the morphological link between ‘it’ and ‘what’, it is at the very least surprising that (if Boskovic’s approach to ‘what’ is right) the two should part ways so radically when it comes to the ‘deep/surface anaphor’ dichotomy.* Portanto, se *what* deve ser alinhado com *it* (uma anáfora profunda) e não com *so* (uma anáfora superficial), perde-se o cerne da análise de Boskovic (1997) para as pseudoclivadas, na qual o movimento em LF do contrapeso para o interior da oração-*wh* em substituição ao *what*, era justificado precisamente por esse elemento ser considerado uma anáfora superficial.

¹⁶¹ Essa limitação foi destacada, entre outros, por Den Dikken (2005: 85) e foi reconhecida (em nota) pelo próprio Boskovic (1997: 236).

sentença plena no contrapeso (de acordo com a análise bioracional com elipse, por exemplo). Os fatos em (82), que não apresentam nenhuma melhora em relação aqueles em (74), denunciam que a análise de Boskovic (1997) não pode estar correta:

- (82) a. *What John gave was [John gave Mary a book].
 b. *What John gave was [John gave a book to Mary].

Ainda sobre a agramaticalidade dos mesmos dados em (74), atribuída como uma quebra na conectividade por Boskovic (1997), podemos entendê-la como um problema bem mais ‘elementar’: não é necessário recorrer a nenhum tipo de movimento, nem visível (como as estruturas de Boskovic (1997) em (75) apontam), nem invisível, (conforme sua análise de movimento em LF do contrapeso), para explicá-la, uma vez que elas violam o Critério Temático, (por meio do *Princípio de Projeção*, que exige que o Critério Temático seja respeitado em todos os níveis de representação), como também ressaltado por Menuzzi (2009), que discute os mesmos dados. Em (74), a oração-wh que forma as pseudoclivadas é *What John gave*, uma oração que não é bem formada, porque há falta de um argumento (independente da análise que se atribua a essas construções bitransitivas): falta o constituinte *to whom* (seja para saturar a predicação de *gave*, seja para predicar (também) sobre o DP objeto direto, a depender da análise, irrelevante para o problema aqui). Em (74), portanto, o beneficiário *to Mary* no contrapeso não tem relação alguma com nenhum constituinte da oração-wh, já que nessa falta seu termo correspondente (*to whom*). DMW (2000: 78), que assim como os demais defensores de uma análise bioracional com elipse para as pseudoclivadas enfatizam o paralelo entre essas construções e pares pergunta/resposta, mostram os dados abaixo, nos quais consta o PP ausente na oração-wh dos exemplos em (74). Comparando (74) a (83), é possível se certificar da real natureza do problema com aqueles dados, mais uma vez, contra a análise de Boskovic (1997):

- (83) a. ?What John gave to whom was a book to Mary and a CD to Sue.
 b. What did John give to whom? - a book to Mary and a CD to Sue.

A última crítica exposta aqui à análise um tanto quanto “exótica” de Boskovic (1997) se refere à ‘estrutura-S’ que propõe para as pseudoclivadas.¹⁶² Como bem destacado por Menuzzi (2009), a referida estrutura tem um sério problema de segmentação. Em (84) reproduzimos a comparação feita por Menuzzi (2009) entre a estrutura sintagmática “inusitada” de Boskovic ((84a) = (77) acima) e o que seria a análise tradicional da mesma construção (em (84b)):

- (84) a. [_Z [_Y What John is] is] [_X important to himself] --> estrutura de Boskovic
 b. [_Y What John is] [is [_X important to himself]] --> estrutura tradicional

Menuzzi (2009) então considera o desempenho dessas duas segmentações quanto aos testes de constituição, que exemplifica pela coordenação. Os resultados relevantes são estes em (85):¹⁶³

- (85) a. ??[_Z O que o João comeu foi] e [_Z o que a Maria comeu foi] um bife à milanesa (cada um).
 b. [_Y O que o João comeu] e [_Y o que a Maria comeu] foi um bife à milanesa (cada um).

(85a) mostra a coordenação do constituinte Z e (85b), do constituinte Y. A segmentação da estrutura de Boskovic (1997) em (84a) prevê que ambas as coordenações em (85) devem ser possíveis; já a segmentação tradicional em (84b) prevê apenas (85b), corretamente. O problema de segmentação realçado pelos fatos em (85) parece ser mesmo ‘insolúvel’ para a análise de Boskovic (1997). Na sequência, expomos, em linhas gerais, a outra análise de reconstrução proposta para as pseudoclivadas: Heycock & Kroch (1999).

2.4.2.3.1 Redução-*t* pós-LF

¹⁶² Cf. DMW (2000), Schlenker (2003), Den Dikken (2005), Boeckx (2007), Menuzzi (2009), entre outros, para mais críticas à análise de Boskovic (1997).

¹⁶³ Como Menuzzi (2009) mostra, há uma possibilidade de coordenação que é irrelevante para testar a distinção entre as segmentações das estruturas em (84) - a coordenação de X:

(i) O que o João comeu foi [_X um bife à milanesa] e [_X um prato de macarrão].

A segunda análise que recorre à reconstrução da sentença simples correspondente à pseudoclivada em um nível de representação depois da sintaxe “visível” para dar conta dos efeitos de conectividade é a de Heycock & Kroch (1999). Porém, nessa análise, a reconstrução não ocorre em LF, como na de Boskovic (1997), mas em um nível mais abstrato de forma lógica, pós-LF. Heycock & Kroch (1999) procuram um tratamento unificado para a conectividade tanto nas pseudoclivadas, quanto nas copulares especificacionais simples. Eles partem da observação de Higgins (1973) de que as pseudoclivadas, como em (86) abaixo, são muito semelhantes e têm propriedades em comum com sentenças copulares especificacionais não-clivadas, como em (87), em que se verifica a mesma conectividade:

- (86) a. *What he_i claimed was that John_i was innocent.
 b. What he_i promised was to reform himself_i.
 c. What he_i produced was a picture of himself_i.
- (87) a. *His_i claim was that John_i was innocent.
 b. His_i promise was to reform himself_i.
 c. His_i sole output for the day was a picture of himself_i.

Tendo em vista esse paralelo, o tratamento comum que os autores propõem parte da análise dessas sentenças como equativas. Eles defendem que a partir de uma análise como essa é possível dar conta dos efeitos de conectividade e integrar as propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas dessas construções - todas verificadas em um nível pós-LF (*a level of representation more abstract than LF* (p. 365)), no qual essas sentenças são “reconstruídas” por meio de um processo denominado *redução-ι* (*ι-reduction*). Vejamos como isso ocorre.

Partindo da análise das pseudoclivadas como uma sentença equativa, sua estrutura sintática é determinada por uma *small clause* equativa.¹⁶⁴ Tanto a sentença copular não-clivada em (88) quanto a pseudoclivada em (89) são consideradas sentenças copulares equativas para Heycock & Kroch (1999: 382):

(88) Fiona's only purchase was that ancient dictionary.

(89) What Fiona bought was that ancient dictionary.

Numa sentença copular equativa, sabemos que o que está de um lado da cópula equivale ao que está do outro lado. Aparentemente, essa análise da equação é mais facilmente atribuída a (88) do que a (89). A fim de sustentá-la para as pseudoclivadas, como (89), Heycock & Kroch (1999) têm que analisar sua oração-wh como uma relativa livre e aplicar a ela a semântica de maximização de Jacobson (1988,¹⁶⁵ *apud* Heycock & Kroch 1999). Assim, essa oração-wh (*What Fiona bought*), como uma relativa livre, denota um indivíduo, mais especificamente, um indivíduo plural máximo (e não um conjunto de indivíduos), que pode, então, ser equacionado ao indivíduo pós-cópula, o contrapeso (*that ancient dictionary*). Dessa forma, eles garantem que o sintagma que antecede a cópula seja do mesmo tipo do que o que a sucede, como requerido nas equativas em geral. A representação da relativa livre de (89) pela semântica da maximização está em (90) e a definição do operador russelliano ι ('iota') em (91):

(90) $\iota y[\text{Fiona bought } y]$

(91) $\iota y[f(y)]$ denotes a iff $f(a)$ AND $(\forall z)(f(z) \text{ iff } z \leq a)$

¹⁶⁴ Heycock & Kroch (1999) diferenciam *small clauses* equativas de *small clauses* predicativas, alegando que nas primeiras, mas não nas segundas, há algum núcleo funcional vazio. Estabelecendo a diferença entre copulares equativas e predicativas na *small clause* que compõe cada uma, os autores descartam qualquer possibilidade de ambiguidade da cópula. Para eles, a cópula é sempre semanticamente vazia e pode tomar como complemento quaisquer das *small clauses*, a equativa ou a predicativa. Heycock & Kroch (1999) não exploram mais essa diferença estrutural entre *small clauses* equativas e a predicativas; assim, não esclarecem qual seria esse núcleo funcional vazio presente apenas nas copulares equativas, qual seu papel decisivo na estrutura, etc. Eles remetem a trabalhos anteriores sobre sentenças copulares, o da própria Heycock (1994) e o de Carnie (1995) no Irlandês, e admitem que são necessárias mais pesquisas para dar sustentação à hipótese de diferença nas *small clauses* de ambas as sentenças copulares. CARNIE, A. 1995. *Non-verbal predication and head-movement*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Mass.

¹⁶⁵ JACOBSON, P. 1988. *On the quantificational force of English free relatives*. Ms., Brown University, Providence, R.I.

Portanto, segundo a análise dos autores, a pseudoclivada em (89) deve receber a representação semântica em (92):

(92) $\iota y[\text{Fiona bought } y] = \text{'that ancient dictionary'}$

Tendo em vista a análise das pseudoclivadas como uma equativa, retornamos, agora, ao problema dos efeitos de conectividade que elas exibem. Uma vez que a interpretação semântica das equativas é “extraída” diretamente de sua estrutura sintática superficial, a explicação para os efeitos de conectividade das pseudoclivadas fica, a princípio, ainda mais complicada. Heycock & Kroch (1999), então, defendem que as condições sintáticas necessárias para a interpretação semântica relevante devam ocorrer em um nível mais abstrato de Forma Lógica, no qual as pseudoclivadas tenham uma estrutura idêntica à de suas paráfrases simples. Consequentemente, a interpretação das relações de vinculação envolvidas nos efeitos de conectividade é prorrogada até que a derivação atinja esse nível de Forma Lógica. Sendo assim, os autores retomam a representação semântica atribuída à pseudoclivada em (92), e a submetem a um procedimento chamado *redução- ι* (*ι -reduction*). Esse procedimento consiste em aplicar a definição do operador ι (‘iota’), uma vez que essa alteração na estrutura de (92) não altera suas condições de verdade (como destacam: “=” significa simplesmente “tem a mesma denotação que”). Assim, é eliminado o operador ι e substituído o contrapeso da pseudoclivada pela variável vinculada a ι . O resultado da *redução- ι* é reproduzido em (93):

(93) Fiona bought that ancient dictionary AND $(\forall z)$ (Fiona bought z iff $z \leq$ ‘that ancient dictionary’)

Considerando a forma equativa representada em (92) e a reduzida em (93) como opções logicamente equivalentes para a pseudoclivada, os autores conseguem dar conta dos efeitos de conectividade. Em suma, via *redução- ι* , que consiste em uma manipulação da representação semântica que atribuem às pseudoclivadas em um nível pós-LF, as condições sintáticas adequadas para a conectividade na pseudoclivada são as mesmas verificadas em sua paráfrase simples com o c-comando entre os termos relevantes, como, por exemplo, entre o antecedente e a

anáfora da pseudoclivada em (94a), abaixo, equivalente à sentença simples em (94b) (exemplos extraídos de Heycock & Kroch 1999: 389):

- (94) a. What they_i wanted to buy was pictures of each other_i.
 b. They_i wanted to buy pictures of each other_i.

Assim, com a análise das pseudoclivadas como equativas,¹⁶⁶ Heycock & Kroch (1999) sustentam o processo de *redução-ι* como uma parte obrigatória da derivação dessas sentenças. E concluem que o resultado dessa redução é a única representação disponível na interface com o sistema conceitual. O que vale em sua análise para as pseudoclivadas vale também para todas as sentenças copulares especificacionais não-clivadas, cujo parentesco com as primeiras é evidente, seguindo a intuição de Higgins (1973), ilustrada nos exemplos em (86)-(87) acima. Portanto, o sintagma nominal *Fiona's only purchase*, da copular não-clivada em (88) acima, tem a mesma denotação que a relativa livre da pseudoclivada em (89), mostrada em (90).

Que o processo de *redução-ι* ocorra em um nível pós-LF na análise dos autores é justificado também pela existência de casos com conectividade em sentenças não-clivadas no discurso, entre elas, pares pergunta-resposta e sentenças coordenadas (fato novamente notado por Higgins 1973):

- (95) a. A: What did Mary_i see?
 B: Herself_i/Her*_i in the mirror.
 b. A: What did she_i claim?
 B: Only that Mary*_i will be late.
- (96) a. There was something that they_i continued to deny, and that was each other's_i guilt.
 b. There is something he_i still wants to commission; it's a portrait of himself_i/him*_i/John*_i.
 c. There is something that he_i denies. It is that John*_i was at the scene of the crime.

¹⁶⁶ Como uma equativa, na proposta de Heycock & Kroch (1999), as pseudoclivadas recebem uma análise bioracional do tipo WYSIWYG na “sintaxe aberta”.

A esses exemplos de *connectedness in noncleft discourse contexts* (p. 390), os autores estendem sua análise, via *redução- ι* . A interpretação semântica das respostas em (95) deve ocorrer em cima das respostas completas, cuja construção é baseada na forma das respectivas perguntas. Assim, *clearly, the logical form full answer is constructible only in the course of discourse interpretation* (p. 390-391). Isso faz com que Heycock & Kroch (1999) atribuam a essas sentenças a mesma derivação das pseudoclivadas e, com isso, é obtida a configuração sintática necessária para as relações de vinculação atestadas ou proibidas. O mesmo vale para as sentenças em (96), que devem ter, em algum estágio bastante tardio, a representação de uma sentença equativa (como as pseudoclivadas). A título de ilustração, segundo os autores, (96a) se transforma na representação em (97a) e depois, submetida ao processo de *redução- ι* , na representação em (97b):

- (97) a. What they_i continued to deny was each other's_i guilt.
 b. They_i continued to deny each other's_i guilt.

Por casos como esses de (95) e (96) é que Heycock & Kroch (1999) precisam assumir uma abordagem dinâmica para o significado, que leve em conta o contexto discursivo envolvido em cada caso. Então, argumentam que a representação discursiva deve ocorrer juntamente à

derivação em um nível mais abstrato de LF (via *redução-ι*) e não isolada num estágio subsequente.¹⁶⁷

A análise de Heycock & Kroch (1999) também sofreu algumas críticas na literatura subsequente, das quais destacamos algumas. Talvez a principal delas, apontada tanto por Schlenker (2003: 165), quanto por Caponigro & Heller (2007: 242), é a ausência de evidência independente para a postulação de um nível de representação sintática além de LF. A principal fonte de evidência para esse nível adicional de representação consiste no próprio fenômeno a ser explicado: a conectividade em sentenças especificacionais. Assim, o fato de não ser independentemente motivada torna a análise um tanto quanto estipulativa. Outro problema para essa análise é o fato de que nem todas as pseudoclivadas têm uma sentença simples correspondente, como já mostrado anteriormente neste capítulo (quando da apresentação da *base generation analysis*); logo, o processo de *redução-ι* não teria um resultado bem-formado nesses casos. Caponigro & Heller (2007: 242) reconhecem o problema como ainda maior, pois além das pseudoclivadas, afeta mesmo copulares especificacionais não-clivadas: *not all specificational sentences have a corresponding simple sentence*. O exemplo tratado por Heycock & Kroch (1999), *Fiona's only purchase was that ancient dictionary*, não é problemático nesse caso e a *redução-ι* se aplica tal qual na pseudoclivada relacionada *What Fiona bought was that ancient dictionary*. O mesmo ocorre com os exemplos em (86)-(87), facilmente reconstruídos nas

¹⁶⁷ A essa abordagem discursiva, Heycock & Kroch (1999) acrescentam a função que as sentenças pseudoclivadas exercem: elas são sempre utilizadas para focalizar e têm uma estrutura informacional fixa, na qual a relativa livre expressa a pressuposição (*ground*) e o outro argumento da cópula, o foco. Embora eles analisem as pseudoclivadas como equativas, não negam que haja algum tipo de assimetria entre o constituinte antes e o depois da cópula: assimetria relativa somente à oposição foco-pressuposição (*focus-ground opposition*) em sua análise. Eles mostram que, diferentemente da lógica, em que $a=b$ e $b=a$ são indistinguíveis, em língua natural, os dois argumentos de uma sentença equativa têm graus diferentes de informatividade. Assim, a assimetria na estrutura informacional de uma pseudoclivada funciona como uma instrução para designar ao sintagma pré-cópula a denotação do sintagma pós-cópula. Em outras palavras, a estrutura da pseudoclivada informa que o foco é (=) o valor da variável instaurada na relativa livre (que, por sua vez, restringe a denotação da variável), como mostrado em (i):

- (i) a. What John hit was Fido.
- b. Assign to the variable x in the expression “John hit x ” the value “Fido”.

De acordo com os autores, (ib) representa a instrução contida na pseudoclivada em (ia), justamente o que era capturado pelo processo de *redução-ι*, pois a representação final dessas sentenças, conforme a instrução que carregam, resulta na sua sentença simples correspondente: *that assignment procedure is the true content of the i-reduction operation* (p. 394). Portanto, segundo eles, a derivação das pseudoclivadas por meio da *redução-ι*, além de dar conta dos efeitos de conectividade, é um meio de apreender o conteúdo informacional codificado na sintaxe dessas sentenças. Em outras palavras, cumprindo as instruções informacionais codificadas na sintaxe das pseudoclivadas, chega-se a uma representação idêntica à da sentença simples correspondente à pseudoclivada.

suas versões simples. Porém, nem sempre esse é o caso. Para exemplos como (98) abaixo, é (praticamente) impossível dar conta da conectividade (aqui relativa ao pronome com leitura de variável ligada) via reconstrução da sentença simples que, na análise dos autores, ocorre por *redução-iota*, de modo que no resultado se verifique o c-comando entre os termos envolvidos na conectividade.¹⁶⁸

(98) O melhor brinquedo de *toda criança* é *seu* bichinho de estimação.

Como exemplos como este seriam transformados (pós-LF) de forma que se consiga a relação de c-comando relevante (entre os termos destacados) é uma pergunta para a qual não se vê resposta. Casos assim deixam claro que conectividade não pode ser atrelada à reconstrução, ou ainda, que conectividade nem sempre pode ser tratada por c-comando sintático.

Há, ainda, um outro problema com a análise de Heycock & Kroch (1999), destacado por DMW (2000: 43; 73) e reiterado em Den Dikken (2005: 87), sobre o qual gostaríamos de comentar por fim: esse problema se refere à análise uniforme de *todas* as pseudoclivadas como sentenças equativas submetidas à *redução-iota* em um nível pós-LF - o que confere a elas a representação de suas paráfrases simples. Esse tratamento para as pseudoclivadas como equativas, cuja única assimetria reconhecida entre os constituintes de ambos os lados da cópula é a informacional (um é o *background* e o outro é o foco), é problemático frente às possibilidades de conectividades diferentes entre padrões diferentes de pseudoclivadas. DMW (2000)¹⁶⁹ mostram que padrões diferentes de pseudoclivadas alteram a conectividade: crucialmente, há (pelo menos) dois tipos de conectividade que não se verificam nas pseudoclivadas com oração-wh final, a saber, conectividade de IPN (itens de polaridade negativa) e de Caso. Exploraremos mais esses dados na próxima seção. Por ora, reproduzimos os exemplos fornecidos por esses autores (p. 43; 73):

¹⁶⁸ Em (i) abaixo, mostramos outros exemplos conhecidos por serem igualmente problemáticos para serem tratados como reconstrução (que nos foram destacados por Den Dikken (c.p.)) e que, portanto, não recebem tratamento na análise de Heycock & Kroch (1999):

(i) a. A man's pockets are his own private kingdom.
b. His car is every man's pride and joy.

¹⁶⁹ Ross (s/d (a),(b),(c)) também reconheceu assimetrias entre os padrões de pseudoclivadas, entre elas a de IPN (item de polaridade negativa).

- (99) a. [?]What nobody bought was any wine.
 b. *Any wine was what nobody bought.
- (100) a. Was er schon immer kaufen wollte, ist ein/einen Audi.
 What he prt always buy wanted is a(NOM)/a(ACC) Audi
 b. ein/*einen Audi ist, was er schon immer kaufen wollte.
 a(NOM)/*a-ACC Audi is what he prt always buy wanted

Como podemos atestar pelos exemplos acima, a conectividade de IPN, possível no padrão de pseudoclivada com oração-wh inicial (ex. (99a)), é impossível no padrão com oração-wh final (ex. (99b)). O mesmo vale para a conectividade de Caso, possível no primeiro padrão pela forma acusativa (mesma forma que teria como objeto do verbo da oração-wh - daí a conectividade) (ex. (100a)), é impossível no segundo, aquele com oração-wh final (ex. (100b)). Se, conforme a proposta de Heycock & Kroch (1999), a análise como equativas, via *redução-iota*, se aplicar a *todas* as pseudoclivadas, indiscriminadamente, e se a mudança de padrão (ordem) dessas construções tiver como única diferença a mudança entre o foco suceder ou preceder o *background* (na forma da oração-wh) (cf. nota 167, na qual Heycock & Kroch (1999) comentam que a única diferença entre $a=b$ e $b=a$ se refere à assimetria relativa à estrutura informacional da sentença), a predição seria a de que a conectividade fosse indiferente aos padrões, contrariamente aos fatos. Como vimos acima, pelo menos alguns tipos de conectividade, como os exemplificados em (99)-(100), têm uma distribuição limitada e são sensíveis, aparentemente, ao padrão (ordem) das pseudoclivadas. A análise de DMW (2000) mostra que essa ‘sensibilidade’ não é apenas aparente, mas se deve a diferenças estruturais entre os padrões - o que os leva a defender dois tipos de pseudoclivadas, um que recebe uma análise bioracional com elipse (no qual a oração-wh é uma interrogativa) e outro que recebe uma análise também bioracional, mas do tipo WYSIWYG (no qual a oração-wh é uma relativa livre), como já mencionado aqui na seção 2.4.2.1, acerca das análises bioracionais. Após apresentarmos os dados de pseudoclivadas do PB na próxima seção, em que serão enfocadas diferenças nos seus padrões e diferenças na sua oração-wh, adotaremos, na seção subsequente (seção 2.6), uma proposta similar, *mutatis*

mutandis, baseada em dois tipos de pseudoclivadas, a ser devidamente justificada, como uma análise não só viável, como também necessária para dar conta da heterogeneidade nos dados de pseudoclivadas do PB. Descartamos, assim, análises monoracionais, bem como aquelas que apelam à reconstrução para tratar as pseudoclivadas nesta tese, em face dos problemas que apresentam, conforme mostrado aqui.

Antes de encerrarmos esta seção com a exposição dos principais tipos de análises que as construções pseudoclivadas receberam na literatura, gostaríamos de fazer menção, ainda que de forma muito sucinta (e injusta com a importância que mereceria), à existência de uma outra alternativa concorrente de análise, que trata a conectividade nessas sentenças sem apelo à condição de c-comando sintático. Essa alternativa se refere à análise semântica, que ficou conhecida também como *revisionist theory*. Os principais defensores desta linha de análise são Jacobson (1994)¹⁷⁰ e Sharvit (1999), seguidos por outros que a adotam, como Cecchetto (2000; 2001),¹⁷¹ Heller (2002), Caponigro & Heller (2007) e Hartmann, Hegedus & Surányi (2011), por exemplo. Essa análise trata as sentenças pseudoclivadas (e as especificacionais em geral) como sentenças de identidade: sua cópula é um verbo que significa ‘identidade’ e os termos pré e pós-cópula, que têm a mesma denotação,¹⁷² podem ser analisados como funções de ordem superior. Nessa abordagem, todos os casos de conectividade, reanalisados sem recorrer à relação sintática de c-comando, são tratados como decorrentes da composição semântica das construções.¹⁷³ Uma das vantagens da abordagem semântica é que consegue resolver casos de conectividade impossíveis de serem tratados por c-comando sintático, mesmo que via reconstrução, como exemplificado em (98) acima (ver também nota 168). É importante esclarecer que as análises

¹⁷⁰ JACOBSON, P. 1994. Binding Connectivity in Copular Sentences. In: M. Harvey and L. Santelmann (eds.), *Proceedings of SALT IV*, Cornell University, Ithaca, pp. 161–178.

¹⁷¹ CECCHETTO, C. 2000. Connectivity and Anti-Connectivity in Pseudoclefts. In: *Proceedings of NELS 30*. Amherst, Massachusetts: GLSA. CECCHETTO, C. 2001. Syntactic or Semantic Reconstruction? Evidence from Pseudoclefts and Clitic Left Dislocation. In: C. Cecchetto, G. Chierchia & M. T. Guasti, eds. *Semantic Interfaces*, CSLI publications.

¹⁷² Heycock & Kroch (1999) também defendiam que os constituintes pré e pós-cópula das sentenças especificacionais têm a mesma denotação, porém o faziam sem considerar a cópula como um verbo de identidade. Para eles, a cópula é sempre semanticamente vazia e a ambiguidade entre sentenças especificacionais (equativas, para eles) e predicacionais advinha da estrutura sintática de cada qual, mais especificamente, da *small clause* que forma cada uma.

¹⁷³ Não chegaremos a expor esta análise em detalhes, pois foge dos limites desta tese. Ver, por exemplo, Schlenker (2003) e Hartmann, Hegedus & Surányi (2011), para um resumo do tratamento semântico para cada tipo de conectividade (*binding*, IPN, etc.), tal como defendido em Sharvit (1999).

bioracionais WYSIWYG, (com exceção da de Heycock & Kroch 1999, que recorrem à reconstrução), devem supor um tratamento semântico para a conectividade, uma vez que na estrutura sintática das pseudoclivadas (ou mesmo das demais copulares especificacionais) segundo essa análise, não há qualquer ‘chance’ de estabelecer uma relação de c-comando entre os termos envolvidos na conectividade.

Tendo apresentado os principais tipos de análise que as pseudoclivadas receberam na literatura, passamos a explorar, na próxima seção, as variações de dados de pseudoclivadas do PB, com enfoque para os dois padrões de ordens possíveis, aquele com oração-wh inicial ([or.wh<cop<foco]) e aquele com oração-wh final ([foco<cop<or.wh] e [cop<foco<or.wh]), como também com enfoque para a oração-wh que os compõe, a partir do que apresentamos nossa análise (já anunciada).

2.5 Pseudoclivadas: padrões distintos e orações-wh distintas

Nas análises apresentadas na seção anterior, percebemos que não há consenso a respeito do estatuto da oração-wh das pseudoclivadas. Na maioria delas, essa oração é analisada ou como uma relativa livre ou como uma interrogativa.¹⁷⁴ Nosso objetivo nesta seção é mostrar a heterogeneidade nos dados de pseudoclivadas, quanto aos seus padrões (com oração-wh inicial ou final), entre os quais há diferenças significativas, apesar da aparente semelhança, e quanto à sua oração-wh, que ora se assemelha a uma interrogativa, ora a uma relativa livre. Mostraremos que o PB conta com ambos os casos; outras línguas, porém, com apenas um deles (sobre essas, cf. seção 2.7). Em suma, pretendemos deixar claro como orações-wh diferentes estão relacionadas a padrões diferentes de pseudoclivadas, cada qual com uma estrutura sintática particular.

Aproveitando que no final da seção anterior mostramos dados de pseudoclivadas nos dois padrões que exibiam possibilidades distintas quanto a tipos de conectividade (cf. (99-100)), começamos observando como os dados do PB se comportam, em seus dois padrões, com relação

¹⁷⁴ Exceção às análises de Boskovic (1997), Boeckx (2007) e Kato & Mito (2009), que tratam, cada uma à sua maneira, o elemento wh como um termo anáforico ao foco (por oposição ao operador das relativas livres), sem, no entanto, deixar claro o estatuto da oração-wh que integra, que fica indefinido.

aos tipos de conectividade atestados em nossa língua. Em (101a-b) reproduzimos novamente exemplos de Kato & Miotto (2009) com conectividade de anáfora e pronome ligado como variável, mostrados anteriormente na seção 2.3. Acrescentamos os dados em (101c), de pseudoclivada com conectividade de IPN,¹⁷⁵ e (101d), com conectividade de concordância:

- (101) a. O que *a Maria* é é indigna de *si mesma / dela mesma*.
 b. O que *cada criança* deve trazer é *sua* (própria) lancheira.
 c. O que o João *não* teve foi *sequer* um amigo.
 d. O que *a Maria* é é perigosa.

Pseudoclivadas como (101d) foram primeiramente observadas no PB por Miotto & Negrão (2007) (cf. seção 2.3) e são referidas na literatura como exemplos de ‘conectividade de concordância’, já que o contrapeso, pós-cópula, concorda com um argumento interno à oração-wh, pré-cópula; em outras palavras, mesmo sem uma relação local aparente, a concordância é, ainda assim, realizada

¹⁷⁵ Aqui estamos seguindo Souza, Gritti e Pires de Oliveira (2008), que mostram que *sequer* é um item de polaridade negativa no PB (eles também defendem que *ainda* e *N algum* também o são). Tomando apenas o teste padrão, que consiste em contrastar a sentença afirmativa com a negativa, para o exemplo de pseudoclivada fornecido em (101c) acima, confirmamos que a negação é mesmo o que licencia *sequer*:

- (i) a. O que o João não teve foi sequer um amigo.
 b. *O que o João teve foi sequer um amigo.

Ver Souza, Gritti e Pires de Oliveira (2008) para mais testes que suportam sua conclusão de que *sequer* é um IPN.

- daí ser considerada um caso de conectividade.¹⁷⁶ Quando observamos o padrão com oração-wh final, para os dados em (101), vemos que somente a conectividade de IPN não é mantida:

- (102) a. Indigna de si mesma é o que a Maria é.
b. É indigna de si mesma o que a Maria é.

- (103) a. Sua (própria) lancheira é o que cada criança deve trazer.
b. É sua (própria) lancheira o que cada criança deve trazer.

- (104) a. *Sequer um amigo foi o que o João não teve.
b. *Foi sequer um amigo o que o João não teve.

- (105) a. Perigosa é o que a Maria é.

¹⁷⁶ Heller (1999) e Caponigro & Heller (2007) fornecem exemplos de pseudoclivadas com conectividade de concordância em Hebreu. Em (i) reproduzimos os exemplos de Heller (1999: 100):

- (i) a. [ma Se-dan haya _] ze nexmad/*nexmada
what that-Dan was(m) Z(n) nice(m)/*nice(f)
“What Dan was was nice.”
b. [ma Se-rut hayta _] ze *nexmad/nexmada
what that-Ruth was(f) Z(n) *nice(m)/nice(f)
“What Ruth was was nice.”

Esses autores defendem um tratamento semântico para todos os tipos de conectividade. Chama a atenção que mesmo para os casos de conectividade com maior apelo sintático, como o de concordância (exemplificada em (i)) acima) e o de Caso (que só exemplificam no padrão com oração-wh inicial), seja atribuída também uma análise semântica. Para tratar a conectividade de concordância, Heller (1999: 100) adota Dowty & Jacobson's (1989) *semantic theory of agreement, where the domain of individuals is sorted, e.g. for (natural and non-natural) gender. This means that the set of nice female entities will be different from the set of nice male entities. Under such an analysis these different predicates will be equated with the predicates denoted by the FRs: the variables in the gaps of the FRs will be of different gender, so the FR in (13a) [aqui (ia)] will denote the maximal masculine property that Dan had and the FR in (13b) [aqui (ib)] – the maximal feminine property that Ruth had.* Não temos condições de discutir a teoria semântica de concordância de Dowty & Jacobson (1989) adotada por Heller (1999) aqui, pois está fora da alçada desta tese; no entanto, sob a perspectiva sintática, a concordância sempre foi tida como um processo mecânico, decorrente de relações contraídas entre elementos, perspectiva que não deve ser abandonada tão facilmente. Além disso, para o outro efeito de conectividade ‘mais sintático’, o de Caso, um tratamento sintático é, de fato, necessário para dar conta dos fatos, haja vista o contraste observado por DMW (2000) para pseudoclivadas no alemão: há conectividade de Caso só no padrão com oração-wh inicial, como deixam claro os exemplos em (100) acima (contraste que não sabemos se é verificado em Hebreu, já que os exemplos dos autores são só com oração-wh inicial). O contraste entre os exemplos em (100) evidenciam que a estrutura de cada um deve ser distinta: uma permite a conectividade de Caso, a outra a proíbe. DOWTY, D. & JACOBSON, J. 1989. Agreement as a Semantic Phenomenon. In Joyce Powers and Kenneth de Jong (eds.) *Proceedings of the Fifth Eastern States Conference on Linguistics* (ESCOL '88). Columbus: Ohio State University.

b. É perigosa o que a Maria é.

Conforme já observado para as pseudoclivadas do inglês (por Ross (s/d(b)), DMW (2000), entre outros; cf. ex. (99)), bem como para as do PE por Lobo (2006)¹⁷⁷, a conectividade de IPN (possível no padrão com oração-wh inicial) é impossível também em PB no padrão com oração-wh final (cf. contraste entre (101c) e (104)). O outro contraste envolvendo conectividade entre os padrões de pseudoclivadas é quanto a de Caso, atestado no alemão por DMW (2000) (conforme ilustrado em (100)) que, entretanto, só não pode ser verificado em PB por razões óbvias - nomes em português não têm marcação morfológica de Caso. A inexistência de conectividade de dois tipos no padrão de pseudoclivada com oração-wh final *versus* sua existência no padrão com oração-wh inicial é evidência sintática positiva para a defesa de duas estruturas para essas construções: uma que prevê os dois tipos de conectividade relevantes para a distinção e outra que proíbe esses mesmos tipos.¹⁷⁸ Dos exemplos acima, concluímos ainda que as pseudoclivadas não constituem construções especiais para a conectividade dos tipos que envolvem o que ficou conhecido como “Teoria da Ligação”, tampouco com relação aos casos de pronomes ligados como variáveis. Esses ocorrem em ambos os padrões de pseudoclivadas e também em copulares especificacionais simples, como já bastante salientado ao longo deste capítulo. Esses casos, portanto, (ao contrário dos casos de conectividade de IPN e de Caso) não devem nortear a análise sintática defendida para as pseudoclivadas; mas, devem ser melhor tratados sob uma abordagem semântica (rever dados como (98) e os da nota 168 na seção anterior, que resistem até mesmo a um tratamento via reconstrução).

Como já antecipado ao final da seção anterior e com base no contraste de conectividade entre os padrões de pseudoclivadas, ilustrado também em PB pelos dados acima, a hipótese de análise que vamos perseguir neste capítulo reconhece dois tipos de pseudoclivadas. Dessa forma, seguimos, com algumas adaptações e/ou modificações (a serem devidamente esclarecidas, à

¹⁷⁷ Lobo (2006: 467) fornece os exemplos em (i) abaixo para mostrar que nas pseudoclivadas do PE a conectividade de IPN é possível apenas no padrão com oração-wh inicial:

- (i) a. O que ele não faz é coisa nenhuma.
- b. *É coisa nenhuma o que ele não faz.
- c. *Coisa nenhuma é o que ele não faz.

¹⁷⁸ Para a chamada conectividade de concordância, ainda que verificada nos dois padrões (ex. (101d) e (105)), é possível tratá-la sintaticamente em ambos os tipos de pseudoclivadas, por razões independentes em cada um, segundo nossa proposta - o que ficará claro quando apresentarmos propriamente suas estruturas nas próximas seções.

medida que a análise é exposta), DMW (2000), que propõem dois tipos de pseudoclivadas, o tipo A e o tipo B. Como já mencionado, as pseudoclivadas do tipo A recebem uma análise bioracional com elipse, na qual a oração-wh é uma interrogativa e o contrapeso, a resposta completa dessa pergunta, sujeita à elipse, em analogia aos *question-answer pairs*. Já as pseudoclivadas do tipo B, por sua vez, recebem uma análise também bioracional, mas do tipo WYSIWYG, na qual a oração-wh é uma relativa livre predicado do contrapeso que, nesse caso, consiste apenas no foco estrito (então, sujeito da predicação básica). As pseudoclivadas do tipo A têm uma restrição de ordem: só são possíveis no padrão com oração-wh inicial. Já as do tipo B são possíveis em ambos os padrões (aqui contra DMW 2000, para os quais o tipo B só era possível com oração-wh final, mas de acordo com Den Dikken 2006a; 2013). Uma evidência para as pseudoclivadas do tipo B serem possíveis em ambos os padrões está no exemplo em (100a) apresentado acima: uma pseudoclivada no padrão com oração-wh inicial, cujo foco pode ter o mesmo Caso (nominativo) do foco da pseudoclivada com oração-wh final (em (100b)) (nessa, o único Caso possível). Tal fato indica que há uma estrutura comum, na qual o foco sempre checa/valora o Caso nominativo, estrutura essa que produz dois padrões de ordem e que é chamada de tipo B.¹⁷⁹ Por sua vez, como uma evidência para mostrar que quando há conectividade de Caso (Caso acusativo em (100a)), a pseudoclivada só pode ser do tipo A, cuja oração-wh é uma interrogativa, DMW (2000: 72-73) fornecem o par pergunta-resposta abaixo, em que o único Caso possível na resposta é o acusativo:¹⁸⁰

(106) a. was hat er schon immer kaufen wollen?

¹⁷⁹ Mesmo quando o foco é marcado com Caso nominativo, a sentença tem uma versão especificacional (ou seja, pode ser uma pseudoclivada e não apenas uma possível copular predicacional). Isso é comprovado pelos dados de pseudoclivadas abaixo (extraídos de DMW (2000: 73), cujo foco é marcado com Caso nominativo e em que há conectividade, em (ia) de anáfora e em (ib) de pronome ligado como variável, o que deixa evidente que são pseudoclivadas (especificacionais):

- (i) a. was *er* schon immer lesen wollte, ist ein Artikel uber *sich*
 what he PRT always read wanted is a(NOM) article about REFL
- b. was *niemand* lesen will ist *sein* erster Artikel
 what nobody read wants is his(NOM) first article

Como sabemos (cf. seção 2.3), conectividade só é possível em sentenças especificacionais (entre as quais estão as pseudoclivadas), e não em predicacionais.

¹⁸⁰ “PRT” que aparece na glosa desses exemplos em alemão (referente a *schon*) significa *particle*.

- what has he PRT always buy want
 ‘what has he always wanted to buy?’
 b. einen Audi
 a-ACC Audi
 c. *ein Audi
 a-NOM Audi

Como observamos, apenas (106b), com Caso acusativo (tal como na pseudoclivada com conectividade de Caso), é uma resposta bem formada, reforçando a analogia das pseudoclivadas Tipo A com os *question-answer pairs*.¹⁸¹ Para completar, os autores (p. 74) mostram, por fim, que quando a oração-wh da pseudoclivada é claramente uma relativa livre (conforme o tipo B), a conectividade de Caso é impossível, logo o Caso do foco só pode ser o nominativo, justamente aquele verificado no tipo B:

- (107) Das, was er schon immer kaufen wollte, ist ein / *einen Audi
 that which he PRT always buy wanted is a(nom) / *a-ACC Audi

Sendo assim, as pseudoclivadas com conectividade de IPN (ex. (99a) e (101c)) e de Caso (essas últimas ilustradas apenas em alemão (ex. (100a) com Caso acusativo) devem ser todas do tipo A, uma vez que só são possíveis no padrão com oração-wh inicial, que é uma interrogativa. As demais, cuja ordem é facultativa, são do Tipo B, este formado por uma relativa livre e sem as referidas conectividades distintivas.^{182 183}

¹⁸¹ Ainda em analogia com os pares pergunta-resposta, DMW (2000: 73) mostram também que a resposta completa no contrapeso da pseudoclivada com conectividade de Caso, logo do tipo A, é aceitável em alemão, ainda que marginalmente:

(i) ?Was er schon immer kaufen wollte, ist er wollte einen Audi kaufen.
 what he PRT always buy wanted is he wanted a-ACC Audi buy

¹⁸² Lembramos que uma proposta dual para as pseudoclivadas não é inédita na literatura; tanto quanto sabemos, Akmajian (1970) foi o primeiro a propor uma análise assim. Lembramos, ainda, que também para as construções semiclivadas reconhecemos dois tipos: as semiclivadas verdadeiras, que receberam uma análise monoracional, tratadas no capítulo 1, e aquelas reduzidas de pseudoclivadas, com uma análise bioracional, a ser tratada no último capítulo desta tese.

É bastante relevante que em cada um dos tipos de pseudoclivadas sobre os quais acabamos de comentar, o A e o B, sua oração-wh seja analisada de forma diferente. Porém, aparentemente, não se percebe diferenças em línguas nas quais é possível usar os mesmos pronomes wh tanto para formar interrogativas quanto para relativas livres, como no PB. Assim, para dar suporte à defesa de dois tipos de pseudoclivadas, um formado por uma interrogativa e outro por uma relativa livre, seria interessante se encontrássemos dados dessas construções cuja oração-wh não é ambígua: dados em que ela é claramente uma interrogativa e outros em que é claramente uma relativa livre. Na sequência, mostraremos que esses dados existem no PB (com ambos os tipos de oração-wh). Começamos observando os dados de pseudoclivadas em (108)-(110), abaixo:¹⁸⁴

(108) Quem pediu o que foi o João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá.

(109) a. O que que o João comprou foi um carro.

b. Onde que o João mora é no centro.

(110) Que livro o João leu foi o último do Chomsky.

Nas pseudoclivadas acima, (108) com wh múltiplos, (109) com Comp duplamente preenchido e (110) com expressão *D-linked*, as respectivas orações-wh só podem ser interrogativas e não relativas livres, uma vez que, ao contrário de interrogativas, que admitem wh múltiplos (ex. (111a))

¹⁸³ É válido salientar que a maioria das análises propostas na literatura para as pseudoclivadas, como vimos na seção 2.4, só trata do padrão com oração-wh inicial e não do outro, com oração-wh final. Mesmo nas poucas análises em que o outro padrão é também derivado, não há investigação das diferenças empíricas entre eles; muito provavelmente é justamente por isso que ambos os padrões acabam recebendo uma análise similar.

¹⁸⁴ Exemplos de pseudoclivadas com wh múltiplos e com expressão *D-linked* foram primeiramente apontados por Ross em seus vários trabalhos no assunto, entre eles os de 1992 e 2010; já os com Comp duplamente preenchido foram mostrados, por exemplo, por Quarezemin (2009). Com relação a esses últimos, Kato & Ribeiro (2005) propõem que haja em PB dois tipos de complementizadores homófonos: um *que*_[-F], o complementizador usual de sentenças declarativas encaixadas, e um *que*_[+F], que aparece sempre seguindo expressões wh ou focos, como ocorre nos exemplos em (109) acima.

abaixo), Comp duplamente preenchido (ex. (111b)) (pelo menos em PB) e expressão *D-linked* (ex. (111c)), as relativas livre não admitem, como atestado em (112).¹⁸⁵

- (111) a. A Maria quer saber quem pediu o que.
 b. A Maria perguntou onde que o João mora.
 c. Eu não sei que livro o João leu.

- (112) a. *Quem pediu o que não tinha dinheiro para pagar a conta.
 b. *A Maria vai morar onde que o João mora.
 c. *Eu li que livro o João leu.

Sendo assim, análises que tratam *todas* as orações-wh das pseudoclivadas como uma relativa livre têm problemas para lidar com os dados de pseudoclivadas em (108)-(110) acima, haja vista o contraste entre interrogativas (ex. (111)) e relativas livre (ex. (112)).¹⁸⁶

Quando observamos o padrão com a oração-wh final dessas pseudoclivadas (independente se o contrapeso precede ou sucede a cópula), as referidas possibilidades verificadas em (108)-(110), acima, para o padrão com oração-wh inicial, tornam-se agramaticais:¹⁸⁷

¹⁸⁵ Para distinções entre relativas livres e interrogativas com base em dados do PB, ver, por exemplo, Marchesan (2008; 2012) e Medeiros Júnior (2005).

¹⁸⁶ As análises monoracionais (apresentadas na seção 2.4.2.2) não tratam a oração-wh das pseudoclivadas como uma relativa livre, apesar de não precisarem seu estatuto (com exceção de Meinunger (1997) que sugere considerá-la uma interrogativa). Porém, mesmo para essas análises monoracionais, não é tão simples derivar pseudoclivadas como as em (108)-(110) acima, com ocorrência de wh múltiplos no constituinte pré-cópula e de seus respectivos valores no contrapeso da pseudoclivada, bem como da presença do *que* seguindo o wh e ainda de expressões *D-linked*.

¹⁸⁷ Sabemos que pseudoclivadas com wh múltiplos são atestadas também em outras línguas, como inglês, alemão e holandês, por exemplo. E assim como em PB, elas ocorrem apenas no padrão com oração-wh inicial, como podemos verificar pela agramaticalidade dos exemplos em (b) abaixo, no padrão com oração-wh final ((i-ii) extraídos de DMW 2000: 75, que atribuem (ia) a Ross 1997 e (iia) a Meinunger 1997 e (iii) de Den Dikken 2013):

- (i) a. Who ordered what was Tom (ordered) a beer and Jim a watermelon flip.
 b. *Tom (ordered) a beer and Jim a watermelon flip was who ordered what.

- (113) a. *O João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá foi quem pediu o que.
 b. *Foi o João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá quem pediu o que.

- (114) a. *Um carro foi o que que o João comprou.
 b. *Foi um carro o que que o João comprou.
 c. *No centro é onde que o João mora.
 d. *É no centro onde que o João mora.

- (115) a. *O último (livro) do Chomsky foi que livro o João leu.
 b. *Foi o último (livro) do Chomsky que livro o João leu.

À luz dos fatos anteriormente apresentados para o padrão de pseudoclivadas com oração-wh inicial, os fatos em (113)-(115), com oração-wh final, nos levam a crer que, diferentemente daqueles, nessas a oração-wh não deve ser uma interrogativa, já que bane ocorrências possíveis nessas sentenças.¹⁸⁸ Em suma, vimos aqui exemplos de pseudoclivadas de um padrão, com oração-wh inicial, que indicam que sua oração-wh deve ser uma interrogativa, e exemplos do outro padrão, com oração-wh final, que indicam que não deve ser - o que justamente favorece a distinção entre dois tipos de pseudoclivadas: o tipo A, formado por uma interrogativa, que sempre deve estar em posição inicial, e o tipo B, formado por uma relativa livre, que independe da ordem. Passamos, na sequência, a ver exemplos não-ambíguos desse segundo tipo.

-
- (ii) a. Wer hier wem geholfen hat war die Hilde dem Heinz (und nicht umgekehrt).
 who here whom helped has was the Hilde the Heinz and not reversed
 ‘who helped who here was Hilde (helped) Heinz (not Heinz, Hilde).’

- b. *die Hilde dem Heinz war wer hier wem geholfen hat

- (iii) a. Wat in deze constructie wat moet volgen is het finiete werkwoord de wh-constituent
 what in this construction what must follow is the finite verb the wh-constituent
 ‘what should follow what in this construction is the finite verb the wh-constituent’

- b. *het finiete werkwoord de wh-constituent is wat in deze constructie wat moet volgen
 the finite verb the wh-constituent is what in this construction what must follow

¹⁸⁸ Ainda que possa haver alguma variação na aceitação das pseudoclivadas em (108)-(110) (elas podem não ser ‘perfeitas’ para alguns falantes), é inegável seu contraste (contraste que é bastante robusto) com aquelas em (113)-(115), excluídas unanimamente.

Apresentamos, abaixo, em (116)-(117), dados de pseudoclivadas cuja oração-wh pode ser plenamente substituída por uma relativa com núcleo e, crucialmente, em *ambos* os padrões:

- (116) a. A (única) coisa que eu quero agora é um pão de queijo.
 b. Um pão de queijo é a (única) coisa que eu quero agora.
 c. É um pão de queijo a (única) coisa que eu quero agora.

- (117) a. A pessoa que mais me ajudou foi a minha mãe.
 b. A minha mãe foi a pessoa que mais me ajudou.
 c. Foi a minha mãe a pessoa que mais me ajudou.

Contando que relativas livre admitem paráfrase por uma relativa com núcleo, como em (118) abaixo, mas interrogativas não (ex. (119)), os exemplos acima favorecem o tratamento da oração-wh das pseudoclivadas como uma relativa livre.

- (118) a. Eu vendi a (única) coisa que a Maria quer agora.
 b. Eu elogiei a pessoa que mais te ajudou.

- (119) a. *Eu perguntei a (única) coisa que a Maria quer agora.
 b. *Eu quero saber a pessoa que mais te ajudou.

Como podemos atestar nas pseudoclivadas em (116)-(117), desta vez, não houve distinção entre os padrões: ambos, seja a oração-wh inicial ou final, admitem a paráfrase por uma relativa com núcleo, conforme previsto pelo tipo B. A mesma conclusão se aplica aos exemplos em (120), nos quais a presença de *tudo* dá a interpretação inequívoca de maximalidade, típica das relativas livre

(ele funciona como um quantificador universal); logo, esses dados só podem ser pseudoclivadas do tipo B, o que é corroborado pela possibilidade em ambos os padrões:¹⁸⁹

- (120) a. Tudo o que eu queria agora era uma cerveja bem gelada.
 b. Uma cerveja bem gelada era tudo o que eu queria agora.
 c. Era uma cerveja bem gelada tudo o que eu queria agora.

Assim, os fatos, com seus contrastes, mostrados até aqui nos levam à conclusão de que a análise defendida para as pseudoclivadas do PB com dois tipos distintos está no caminho certo. Após apresentarmos propriamente a estrutura dos dois tipos de pseudoclivadas para o PB (na próxima seção), que segue em linhas gerais a proposta de DMW (2000), com as modificações que julgamos necessárias, mostraremos alguns fatos previstos por cada tipo e que contrastam entre si. Após isso, teremos condições de retomar aquelas sentenças com sequência idêntica à das pseudoclivadas, mas que não podem ser consideradas como tal (não há clivagem alguma nelas), conforme discutido no início do capítulo (seção 2.2), para distinguirmos suas sintaxes.

2.6 Nossa análise

Nesta seção, apresentamos a análise proposta nesta tese para as pseudoclivadas do PB. Face às diferenças entre os dois padrões dessas construções e ao tipo de oração-wh que pode ocorrer em cada qual, nossa análise reconhece dois tipos de pseudoclivadas, chamados de A e B, na esteira da proposta de DMW (2000). Mostraremos alguns fatos decorrentes dessa análise, as

¹⁸⁹ Além disso, a oração pré-cópula de (120) ocorre em contextos de relativas livres (cf. (i)), mas não no de interrogativas (cf. (ii)):

- (i) A Maria também queria tudo o que eu queria agora.
 (ii) *A Maria perguntou tudo o que eu queria agora.

Ver Marchesan (2012), que retoma argumentos de Móia (1992), para mostrar que sentenças com *tudo o que/ tudo quanto* são relativas livres, apesar da aparente adjacência entre o quantificador *tudo* e os referidos pronomes relativos (adjacência geralmente não permitida em relativas livre). MÓIA, T. 1992 *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expreso do português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

possibilidades previstas pela estrutura de cada tipo e com os contrastes entre elas. Começamos a apresentação pelas pseudoclivadas do tipo A.

2.6.1 Pseudoclivadas do tipo A

As pseudoclivadas do tipo A são construções bioracionais caracterizadas como *self-answering questions*: uma versão em sentença única dos *question-answer pairs*. Sua oração-wh é uma interrogativa e seu contrapeso, uma sentença plena, que justamente responde à pergunta inicial. A cópula é vista aqui como um elemento que faz a mediação entre essa pergunta e sua resposta, feitas em um mesmo turno, por um único falante, nessas construções. Ela relaciona, liga as duas sentenças em uma única complexa (a pseudoclivada); é portanto, um RELATOR, de acordo com a análise de Den Dikken (2006a) para a cópula e outros elementos afins adotada nesta tese (cf. capítulo 1). O contrapeso dessas pseudoclivadas, que é uma sentença plena (resposta completa), sofre preferencialmente elipse do material repetido na pergunta, sobre a qual comentaremos com algum grau de detalhe mais à frente. Ilustramos, abaixo, o paralelo que serve de base para esta análise do tipo A entre pares pergunta-resposta, como (121) e (123), e as pseudoclivadas ‘equivalentes’, em (122) e (124):

(121) a. O que ele tem que fazer agora?

b. (Ele tem que) cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

(122) O que ele tem que fazer agora é (ele tem que) cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

(123) a. Quem pediu o que?

b. O João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá.

(124) Quem pediu o que foi o João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá.

Pseudoclivadas com resposta completa como essas em (122) e (124), destacadas sobretudo por Ross (1972, 1992, s/d(a,b,c), 2000, 2004, 2011) e inclusive para o PB,¹⁹⁰ são cruciais para a análise das pseudoclivadas como *self-answering questions*, em analogia aos pares pergunta-resposta, pois tornam o paralelo plenamente explícito.

Já vimos que os pioneiros deste tipo de análise foram Peters & Bach (1968), Faraci (1971) e Ross (em seus vários trabalhos desde 1972), análise que foi seguida, em essência, por outros como DMW (2000) (para parte das pseudoclivadas), Schlenker (2003), Grolla (2003) (especificamente para a língua de sinais americana), Romero (2005), Rafal (2009) (especificamente para parte das pseudoclivadas em ilocano) e Barbosa (para parte das pseudoclivadas em PE). De acordo com os dados vistos na seção anterior, defendemos este tipo de análise para parte das pseudoclivadas do PB, as do tipo A. Nas linhas da proposta de DMW (2000), mas com diferença quanto ao processo de elipse (a favor da elipse de constituinte nos moldes de Merchant (2001; 2004) e contra *string ellipsis*, esta última defendida por Wilder (1997)¹⁹¹ e adotada por DMW (2000)), em (125b), abaixo, apresentamos a estrutura sintática para

¹⁹⁰ Entre outros trabalhos do autor, Ross (1992), por exemplo, trata de pseudoclivadas no PB.

¹⁹¹ WILDER, C. 1997. Some properties of ellipsis in coordination. *Studies in Universal Grammar and Typological Variation*, eds A. Alexiadou & T. Hall, 59-107.

a pseudoclivada em (109a) acima, repetida aqui em (125a), que, como vimos, é inequivocamente do tipo A:¹⁹²

(125) a. O que que o João comprou foi um carro.

Conforme (125b), as pseudoclivadas do tipo A têm uma estrutura tópico-comentário. Sua oração-wh, uma interrogativa, é combinada diretamente em posição A-barra, como um tópico. Sendo

¹⁹² Segundo Merchant (2004), o traço [E] junto ao núcleo funcional F, do domínio A-barra (núcleo que pode ser identificado como o núcleo Foc do sistema proposto por Rizzi 1997, porém Merchant (2004: 675) prefere não assumir uma posição a esse respeito) refere-se a um traço de elipse com a seguinte sintaxe, fonologia e semântica, respectivamente em (i), (ii), (iii):

- (i) The SYNTAX of E: $E_f [uF^*]$
- (ii) The PHONOLOGY of E: $\emptyset / E \text{ ___}$
- (iii) The SEMANTICS of E: $[[E]] = \lambda p: e\text{-GIVEN}(p) [p]$

A sintaxe de E indica que esse traço deve ser combinado a um núcleo com traço compatível F, de modo a checar o traço não-interpretável de E_f . Além disso, esse traço em E_f é um traço forte (o que é sinalizado pelo *), logo requer que essa chegada contra F seja local, núcleo a núcleo. A fonologia de E, por sua vez, instrui o componente interpretativo fonológico para não processar seu complemento. A notação de parênteses angulosos, no TP em (125b), <TP>, é usada como indicação de que é esse constituinte que não será pronunciado em PF. Por fim, a semântica de E garante que o constituinte apagado seja apagado sob identidade, para que sua identificação seja possível. De acordo com (iii), E é uma função de identidade parcial sobre proposições, baseada na relação semântica *e-givenness*; nas palavras do autor (p. 672): *roughly, an expression E is e-given iff there is an antecedent A which entails E and which is entailed by E, modulo $\exists$ -type-shifting*. Está fora dos limites desta tese uma discussão sobre teoria da elipse, portanto não questionaremos a abordagem de Merchant via traço E, com a entrada lexical especificada em (i)-(iii). Para nossos propósitos aqui, é suficiente assumi-la. Adiante comentaremos a análise de elipse de constituinte de Merchant (2004), essa sim relevante e distinta daquela adotada em DMW (2000) (*string ellipsis*), e mostraremos motivações para adotá-la.

esse tópico semelhante a um ‘tópico pendente’,¹⁹³ é um fenômeno raiz (não há estrutura acima dele), portanto, essas pseudoclivadas têm ordem rígida, admitindo, apenas o padrão com oração-wh inicial - daí o contraste visto acima entre pseudoclivadas explicitamente do tipo A em (100a), (101c), (108)-(110), respectivamente com conectividade de Caso (esta mostrada para o alemão), de IPN, wh múltiplos, Comp duplamente preenchido e expressão *D-linked*, e suas tentativas fracassadas no padrão com oração-wh final, respectivamente em (100b), (104), (113)-(115). A mesma rigidez na ordem é verificada para a pseudoclivada em (122) acima (repetida em (126a)), claramente do tipo A, devido ao contrapeso ser uma sentença plena (a resposta completa):¹⁹⁴

- (126) a. O que ele tem que fazer agora é ele tem que cuidar de si mesmo e trabalhar mais.
 b. *Ele tem que cuidar de si mesmo e trabalhar mais é o que ele tem que fazer agora.
 c. *É ele tem que cuidar de si mesmo e trabalhar mais o que ele tem que fazer agora.

Assim, mais uma vez, tentativas de alterar a ordem das pseudoclivadas do tipo A fracassam, conforme esperado pela análise em (125b). Outra decorrência da análise em (125b), cuja oração-wh é um tópico combinado diretamente na periferia esquerda da sentença (como um tópico pendente) é que elas não podem ser encaixadas: TopP é um nó raiz. Além disso, como essa oração-wh é uma interrogativa, é um CP, se encaixada, há o problema da ‘recursão de CPs’, sem

¹⁹³ A oração-wh das pseudoclivadas do tipo A é semelhante a um tópico pendente: não pode ser recursivo; é combinado diretamente em uma posição da periferia esquerda da sentença; não pode ser encaixado (é um fenômeno raiz):

- (i) a. Quanto ao João, a Maria perguntou quem vai chamar (ele).
 b. *A Maria perguntou quanto ao João, quem vai chamar (ele).
 (ii) a. Quanto ao João, a Maria lamenta que o chefe demitiu (ele).
 b. *A Maria lamenta que, quanto ao João, o chefe demitiu (ele).

Sobre tópico-pendente e outros tópicos no PB, cf. Araújo (2006), Polli (2008) e referências lá citadas.

¹⁹⁴ Ainda que pseudoclivadas com uma sentença plena no contrapeso, como (126a), não seja considerada perfeita para alguns falantes, é inegável seu contraste robusto com aquelas em (126b,c), no padrão com oração-wh final: agramaticais. Na parte final desta seção, comentaremos sobre a restrição na aceitabilidade de pseudoclivadas com TP pleno no contrapeso, como (126a).

que haja uma categoria diferente, ou de uma projeção estendida diferente, intercalando entre os CPs (Top não conta pois é uma categoria da mesma projeção estendida de que C é parte).^{195 196}

- (127) a. ??/*A Maria lamenta que o que o João não tem é sequer um tostão.
 b. *A Maria lamenta que o que que o João comprou foi um carro.
 c. *A Ana perguntou se quem pediu o que foi o João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá.
 d. *A Maria perguntou se que livro o João leu foi o último do Chomsky.
 e. *A Maria lamenta que o que ele tem que fazer agora é ele tem que cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

Outra consequência da estrutura em (125b) para as pseudoclivadas (do tipo A), conforme a proposta de DMW (2000), é que sua oração-wh não pode ser alçada: sendo combinada diretamente em uma posição A-barra (como o SpecTopP), se essa oração-wh for alçada, por exemplo, em (128), à posição de sujeito do verbo *parecer*, uma posição A, caracteriza um movimento impróprio:

- (128) a. *O que o João não tem parece ser sequer um tostão.
 b. *O que que o João comprou parece ter sido um carro.
 c. *Quem pediu o que parece ter sido o João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá.
 d. *A Maria perguntou se que livro o João leu parece ter sido o último do Chomsky.

¹⁹⁵ Assim como as pseudoclivadas encaixadas em (127) acima, o exemplo em (ia), abaixo, também retrata o problema de se encaixar um CP diretamente em outro CP, mesmo quando o CP encaixado está em uma posição de *left-branch* (o T que há entre eles não c-comanda a segunda instância de CP, portanto não “quebra” a adjacência estrutural entre os dois CPs - daí o problema). A esse respeito, notar o contraste com (ib), em que não há a referida ‘recursão de CP’:

- (i) a. ??/*O João lamenta que [[que a Maria tenha saído de casa] causou tanta desgraça]. *versus*
 b. O João lamenta que [[a Maria ter saído de casa] causou tanta desgraça].

No próximo capítulo (seção 3.4), comentaremos mais sobre esse ponto, quando tratarmos da distinção estrutural entre pseudoclivadas e (semiclivadas que são) pseudoclivadas reduzidas.

¹⁹⁶ Os exemplos que nos servem de base para ilustrar as restrições impostas pela análise do tipo A são de pseudoclivadas inequivocamente desse tipo (cf. seção anterior acerca dos dados).

- e. *O que ele tem que fazer agora parece ser ele tem que cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

Pela estrutura em (125b) também fica explicada outra restrição para as pseudoclivadas do tipo A: a impossibilidade de *copula clusters*. De acordo com DMW (2000: 65), sendo a pergunta (a oração-wh) diretamente combinada como o especificador de TopP, e estando a resposta (o contrapeso) no complemento de Top, não há mais nenhuma posição de núcleo disponível, além de Top, núcleo que já é realizado como a cópula. Top serve aqui como um RELATOR, relacionando a pergunta (tópico) e a resposta (comentário) em uma única sentença, uma *self-answering question*. Assim, não é possível auxiliares modais junto à cópula das pseudoclivadas do tipo A:^{197 198}

- (129) a. *O que o João não tem pode ser sequer um tostão.
 b. *O que que o João comprou pode ter sido um carro.
 c. *Quem pediu o que pode ter sido o João (pediu) um suco e a Maria (pediu) um chá.
 d. *A Maria perguntou se que livro o João leu pode ter sido o último do Chomsky.
 e. *O que ele tem que fazer agora pode ser ele tem que cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

¹⁹⁷ DMW (2000: 65) ilustram as impossibilidades (i) de alçamento da oração-wh e de (ii) de *copula clusters* nas pseudoclivadas em inglês por exemplos como estes abaixo, que se tratam, sem dúvida, de pseudoclivadas do tipo A (i) pela conectividade de IPN e (ii) por haver uma sentença plena (resposta completa) no contrapeso:

- (i) *What John didn't buy seems to be any wine.
 (ii) *What John ate may have been he ate a watermelon.

¹⁹⁸ Dados de pseudoclivadas tanto com alçamento da oração-wh, como (i), ou com verbos auxiliares modais junto à cópula, como (ii) (este de Menuzzi 2009) (cf. seção 2.4.2.2.3 para mais exemplos), não são excluídos de nossa análise, pelo contrário, são previstos, mas na análise das pseudoclivadas do tipo B, cuja oração-wh é uma relativa livre (ver, adiante, seção 2.6.2):

- (i) Quem roubou o banco parece ter sido o João. (há indícios que o tornam culpado)
 (ii) Quem lavou a louça {deve / só pode} ter sido o João: só ele deixa esta bagunça na cozinha.

Portanto, as impossibilidades de alçamento da oração-wh das pseudoclivadas e de *copula clusters*, notadas primeiramente por Higgins (1970), seguido de Hankamer (1974), se aplicam, na verdade, somente às pseudoclivadas do tipo A. Assim também é possível compreender, ao menos em certa medida, os julgamentos não consensuais sobre esses dados na literatura (rever nota 145).

Tínhamos visto anteriormente que as únicas conectividades nas pseudoclivadas que eram restritas ao padrão com oração-wh inicial, portanto, apenas do tipo A, eram a de IPN e a de Caso. De acordo com a análise desse tipo, essas conectividades são mesmo esperadas (o inesperado seria se não ocorressem), uma vez que na estrutura do tipo A (cf. (125b)) o contrapeso é uma sentença plena (a resposta completa da pergunta), dentro da qual tanto o IPN quanto o Caso são licenciados ou checados/valorados. A esse respeito, Den Dikken (2013) faz um interessante cruzamento dessas conectividades a fim de checar se ambas podem ser atestadas na mesma pseudoclivada, como deve ocorrer se a análise do tipo A não estiver equivocada. O contraste entre as pseudoclivadas abaixo deixa claro que a previsão da análise se efetiva: na presença da conectividade de IPN (que denuncia que a pseudoclivada só pode ser do tipo A), a conectividade de Caso é necessária, conforme esperado. Assim, apenas (130a), com a referida conectividade de Caso, é derivada pela análise do tipo A:

- (130) a. Was er niemals kaufen würde ist auch nur einen japanischen Wagen (German)
 what he never buy would is also but one-ACC Japanese car
 b. *Was er niemals kaufen würde ist auch nur ein japanischer Wagen
 what he never buy would is also but one(NOM) Japanese car
 ‘What he would never buy is any Japanese car.’

Ainda com relação à conectividade, há uma outra que recebe tratamento sintático na análise do tipo A: a conectividade de concordância, atestada em pseudoclivadas como (101d) acima, repetida abaixo em (131):

- (131) O que a Maria é é perigosa.

Quando no padrão com oração-wh inicial, a pseudoclivada em (131) é passível de receber uma análise do tipo A.¹⁹⁹ Nesse caso, a conectividade de concordância decorre trivialmente: no

¹⁹⁹ Na seção 2.7 comentaremos sobre a ambiguidade de algumas pseudoclivadas no padrão com oração-wh inicial, compatíveis tanto com uma análise do tipo A, quanto do tipo B.

contrapeso há um TP, a resposta completa *A Maria é perigosa*, portanto a concordância do predicado com seu sujeito é local.²⁰⁰

Há uma outra concordância nas pseudoclivadas, esta não de traços-phi, mas temporal, também chamada de ‘harmonia temporal’. É característica bastante saliente e de todas as pseudoclivadas a falta de autonomia temporal de sua cópula. Como sabemos, a cópula das pseudoclivadas não pode expressar um tempo diferente do tempo expresso no verbo da oração-wh. Na seção 2.3, vimos que essa falta de autonomia temporal da cópula é uma particularidade das pseudoclivadas (sentenças especificacionais) (ex. (132a)), que as distingue das copulares predicacionais (não-clivadas) (ex. (132b)), cuja cópula pode expressar um tempo independente daquele expresso pelo verbo da oração-wh:

- (132) a. O que a Maria é {é/*foi} perigosa.
b. O que a Maria é {é/foi} perigoso.

Na análise do tipo A (cf. (125b)), a cópula é o *spell-out* do núcleo funcional Top, núcleo alto na estrutura, acima da categoria de tempo - daí ela não ser capaz de manifestar um tempo independente. Seguindo DMW (2000) (e também Boeckx 2007, nesse aspecto), sua dependência ou harmonia temporal em relação ao tempo marcado no verbo da oração-wh deve-se a uma concordância Spec-head entre o núcleo Top, realizado pela cópula, e seu especificador, que consiste na oração-wh.²⁰¹

Há, por fim, um último caso de concordância nas pseudoclivadas sobre o qual gostaríamos de comentar brevemente: a concordância que há, por vezes, entre a cópula e o foco (quando este é um DP), como em (133):

- (133) Quem chegou {foi/foram} as crianças.

²⁰⁰ Como vimos anteriormente (seção 2.5), essa conectividade de concordância não é exclusiva do tipo A, ocorrendo também no tipo B, dado que se mantém no padrão com oração-wh final (cf. (105)). Na próxima seção, mostraremos como ela decorre, independentemente, da estrutura do tipo B também.

²⁰¹ Boeckx (2007) sugere exatamente a mesma explicação para dar conta da harmonia temporal nas pseudoclivadas, haja vista que em sua análise (monoracional) a cópula está em Top e a oração-wh acaba como o especificador desse núcleo. Mas cf. seção 2.4.2.2(2) para problemas específicos à sua análise (via cópia parcial), bem como outros gerais às análises monoracionais (rejeitadas nesta tese para as pseudoclivadas).

Porém, quando testada em uma pseudoclivada inequivocamente do tipo A, como é o caso de (134) (dada a presença do Comp duplamente preenchido), verificamos que a referida concordância é marginal:

- (134) a. Quem que chegou foi as crianças.
 b. ?Quem que chegou foram as crianças.

O que queremos esclarecer aqui é que não há nenhuma chance de haver concordância *sintática* (durante a derivação da pseudoclivada) entre a cópula e o foco na análise do tipo A. No passo em que Top (realizado pela cópula) é combinado na derivação com o foco, que foi movido de dentro do TP (cf. (125b)), o foco já não é mais um alvo ativo para contrair relações de *Agree*, porque, crucialmente, ele já checkou/valorou seu traço de Caso dentro do TP encaixado (é o traço não-interpretável de Caso que deixa DPs ativos para esse tipo de concordância durante a computação sintática). Ainda que seja (marginalmente) possível, essa concordância de traços-phi entre a cópula e o foco nas pseudoclivadas do tipo A (como em (134b) acima) deve ser um fenômeno superficial, talvez um caso de *agreement attraction*, como ocorre nestes exemplos em (135):²⁰²

- (135) a. The label on the bottles is/are red.
 b. A etiqueta nas garrafas é/são vermelha(s).

Como veremos na próxima seção, a estrutura das pseudoclivadas do tipo B, por outro lado, possibilita a concordância da cópula seja com o constituinte focalizado, seja com a oração-wh, que nesse tipo é uma relativa livre.

Deixamos por fim a discussão quanto à elipse, à qual está sujeito o contrapeso das pseudoclivadas do tipo A, conforme análise defendida aqui. Adotamos para essas pseudoclivadas a mesma análise de elipse que Merchant (2004) defende para os *fragments* (respostas curtas), a qual, por sua vez, é semelhante aos casos de *sluicing* (cf. Merchant 2001). Uma evidência crucial para a análise tanto de *sluicing* como dos *fragments* via movimento do wh ou do XP resposta de dentro de uma sentença (TP), seguido de elipse dessa sentença (o TP remanescente) é o que Merchant (2004) chama de *form-identity effects*. Um exemplo desses ‘efeitos de identidade de

²⁰² Exemplo (135a) extraído de Den Dikken (2013).

forma’ consiste no chamado *case-matching*, verificado tanto nas ocorrências de *sluicing* (atestado desde Ross 1969) quanto nos *fragments* (atestado já por Hankamer 1979²⁰³ (*apud* Merchant 2004), entre outros). Por exemplo, o Caso do *sluiced wh-phrase* em (136a) e (136b) tem que ser o mesmo que tem na sentença correspondente sem elipse em (137a) (137b), respectivamente (Merchant 2004: 665 reproduz exemplos originalmente mostrados por Ross 1969):

- (136) a. Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht, { *wer / *wen / wem }.

*he wants someone.DAT flatter but they know not *who.NOM/ *who.ACC/ who.DAT*

‘He wants to flatter someone, but they don’t know who.’

- b. Er will jemanden loben, aber sie wissen nicht, { *wer / wen / *wem }.

*he wants someone.ACC praise but they know not *who.NOM/ who.ACC/ *who.DAT*

‘He wants to praise someone, but they don’t know who.’

- (137) a. Sie wissen nicht, { *wer / *wen / wem } er schmeicheln will.

*they know not *who.NOM/ *who.ACC/ who.DAT he flatter wants*

‘They don’t know who he wants to flatter.’

- b. Sie wissen nicht, { *wer / wen / *wem } er loben will.

*they know not *who.NOM/ who.ACC/ *who.DAT he praise wants*

‘They don’t know who he wants to praise.’

Os fatos em (136) são compreendidos se o *wh* ‘*sluiced*’ foi movido de dentro de uma sentença na qual checkou/valorou seu Caso - exatamente as sentenças em (137), cujos pronomes *whs* manifestam a mesma (e única possível) morfologia de Caso que nas versões ‘*sluiced*’ em (136).²⁰⁴ Assim como nas ocorrências de *sluicing*, o mesmo ‘efeito de identidade de forma’ é

²⁰³ HANKAMER, J. 1979. *Deletion in Coordinate Structures*, Garland, New York. (PhD thesis, Yale University, 1971.)

²⁰⁴ Segundo Merchant (2004: 666), fatos semelhantes com os ‘efeitos de identidade de forma’ entre ocorrências de *sluicing* e as suas respectivas versões sentenciais sem elipse são encontrados em todas as línguas com marcação de Caso para as quais dados relevantes estão disponíveis (similares a esses em alemão mostrados no corpo do texto), entre elas: inglês, grego, holandês, finlandês, húngaro, russo, polonês, tcheco, esloveno, hindi, basco, turco e coreano.

atestado nos casos de *fragments*. Como podemos verificar, o Caso dos DPs *fragments* em grego em (138) e (140) abaixo só pode ser o mesmo do DP correspondente na resposta sentencial completa (sem elipse), respectivamente em (139) e (141):²⁰⁵

(138) Q: Pjos idhe tin Maria?

who.NOM saw the Maria

Who saw Maria?

a. A: O Giannis.

the Giannis.NOM

b. A: *Ton Gianni.

the Giannis.ACC

(139) a. A: O Giannis idhe tin Maria.

the Giannis.NOM saw the Maria.ACC

Giannis saw Maria.

b. A: *Ton Gianni idhe tin Maria.

the Giannis.ACC saw the Maria.ACC

(Giannis saw Maria.)

(140) Q: Pjon idhe i Maria?

who.ACC saw the Maria

Who did Maria see?

a. A: *O Giannis.

the Giannis.NOM

b. A: Ton Gianni.

the Giannis.ACC

²⁰⁵ Merchant (2004: 676-679) fornece exemplos de várias línguas que mostram os ‘efeitos de identidade de forma’ entre os *fragments* e as suas respectivas versões sentenciais sem elipse: grego, alemão, coreano, inglês, hebreu, russo e urdu. Optamos por reproduzir o paralelo relevante em grego, já que para essa língua o autor fornece as respostas sentenciais completas relativas aos *fragments*, sem deixar de ressaltar que o mesmo paralelo ocorre em todas as demais línguas mencionadas (as quais, ele só exemplifica com os *fragments*).

- (141) a. A: *I Maria idhe o Giannis.
 the Maria.NOM saw the Giannis.NOM
 (Maria saw Giannis.)
- b. A: I Maria idhe ton Gianni.
 the Maria.NOM saw the Giannis.ACC
 Maria saw Giannis.

Tendo em vista esses fatos, a conectividade de Caso presente em pseudoclivadas (do tipo A), como (130a) acima (ex. do alemão), é exatamente uma instância dos *form-identity effects* destacados por Merchant (2004): o Caso do foco nessa pseudoclivada só pode ser o mesmo que teria como objeto da resposta sentencial completa. Não é possível ilustrar tal evidência no PB, já que essa língua não dispõe de marcação morfológica de Caso nos nomes. Mas, há outras evidências possíveis de serem mostradas para o PB que, igualmente indicam que a análise bioracional via elipse proposta para as pseudoclivadas do tipo A, tal como em (125b) acima, se assemelha à análise dos *fragments* (respostas curtas) defendida por Merchant (2004), com a diferença de que só na pseudoclivada a pergunta integra a sentença (complexa) (como um tópico combinado diretamente na periferia esquerda da sentença) e nos *fragments* há apenas a resposta (sentencial).

Passamos a mostrar, agora, outros fatos, e estes também no PB, que constituem evidências para adotarmos uma análise como a de Merchant (2004) dos *fragments* para as pseudoclivadas do tipo A: (i) uma análise que supõe que o contrapeso (ou a resposta) não é constituído apenas pelo foco estrito (ou pelo *fragment*), mas é formado por um TP pleno, do qual o foco é parte, e que, além disso, (ii) defende que a elipse ocorrida nesse TP (o contrapeso ou resposta completa) se trata de elipse de constituinte (viabilizada pelo movimento do material focalizado, após o que o constituinte restante, o *remnant TP*, pode ser apagado), contra a proposta de *string ellipsis*, que ocorre sem que haja movimento, (portanto com o foco *in situ*), como em Wilder (1997). A análise de Merchant (2004: 675) para o exemplo de *fragment* em (142b), segundo a qual o mesmo é parte de uma resposta sentencial completa, como em (142c), está retratada pela estrutura em (143). Na *string ellipsis*, por sua vez, não há movimento e a sequência formada pelo sujeito e o verbo (*she saw*), sequência que não forma um constituinte, é apagada no componente fonológico (cf. (144)):

- (142) a. Who did she see?
 b. John.
 c. She saw John.

- (144) [_{CP} <she saw> [_{DP} John]]

Uma primeira evidência para adotarmos uma análise tal como (143) para a elipse nas pseudoclivadas do tipo A e não como (144) se refere aos fatos envolvendo *preposition stranding*. Merchant (2004: 685-687) mostra para várias línguas que as restrições gramaticais que regulam

preposition stranding em movimento-wh (o que inclui *sluicing*)²⁰⁶ atuam na distribuição dos *fragment answers* também. Assim, enquanto línguas como o inglês, sueco, norueguês, dinamarquês e islandês, que permitem *preposition-stranding* em perguntas com movimento-wh,²⁰⁷ também permitem *bare* DPs como resposta (*fragment*), como exemplificado em (145)-(146), outras línguas, como o grego, alemão, iídiche, tcheco, russo, búlgaro e hebreu, que não permitem *preposition-stranding* nas perguntas, também não o permitem nas respostas/*fragments*, nesses casos o *pied-piping* da preposição é obrigatório, como vemos em (147)-(148):

²⁰⁶ Merchant (2001: 92) apresenta a seguinte generalização interlinguística:

(i) *Form-identity generalization II: P-stranding*

A language L will allow preposition stranding under sluicing iff L allows preposition stranding under wh-movement.

Ilustramos tal correlação com um exemplo do inglês (ii), língua que permite *P-stranding*, e com outro do alemão (iii), língua que não permite (exemplos extraídos de Merchant 2004: 666-667):

- (ii) a. Peter was talking with someone, but I don't know (with) who.
b. Who was he talking with?

- (iii) a. Anna hat mit jemandem gesprochen, aber ich weiß nicht, *(mit) wem.
Anna has with someone spoken but I know not with who
b. *Wem hat sie mit gesprochen?

Ver Merchant (2001; 2004) para exemplos de várias línguas que suportam a generalização em (i). Se observarmos o PB, língua que não tem *P-stranding* em movimentos-wh triviais (cf. (iva)), essa língua parece violar a generalização de Merchant (2001) em (i) acima, por possibilitar dados como (ivb), aparentemente uma ocorrência de *sluicing* com *P-stranding*. No entanto, Rodrigues, Nevins e Vicente (2009) mostram que, apesar da aparência, o PB não é um contra-exemplo para a generalização de Merchant (2001). Segundo esses autores, há duas fontes para *sluicing* em nossa língua: movimento-wh mais apagamento do TP e clivagem mais apagamento do TP. Esta última, chamada de *pseudosluicing*, seria a fonte para dados como (ivb), então analisados nos moldes de (v) ((iv)-(v) extraídos de Rodrigues, Nevins e Vicente (2009); “RC” em (v) refere-se a *relative clause*):

- (iv) a. *Quem que a Maria dançou com?
b. A Maria dançou com alguém, mas eu não sei quem.
(v) O João falou com uma menina, mas eu não sei [_{CP} qual [_{IP} é [_{DP} a menina [_{RC} com a qual o João falou]]]].

Não vamos expor aqui a argumentação dos autores, pois foge dos limites desta tese. O que nos importa é que exemplos como (ivb) não constituem ameaça à generalização de Merchant (2001), pelo menos não necessariamente. Acima, no corpo do texto, mostraremos outras construções nas quais o PB, regularmente, proíbe *P-stranding*, inclusive (e este é o ponto crucial) nas pseudoclivadas - o que favorecerá uma análise de movimento para elipse, tal como em (143) acima (proposta por Merchant (2004) para os *fragments*) para essas construções.

²⁰⁷ Como Merchant (2004: 685) mesmo salienta, essas línguas também permitem (em graus diferentes) *pied-piping* da preposição em perguntas, tais como:

- (i) *With whom was he talking?*

(145) a. Who was Peter talking with? (inglês)

b. Mary.

(146) a. Vem har Peter talat med? (sueco)

who has Peter talked with?

b. Mary.

(147) a. Me pjon milise i Anna? (grego)

with whom spoke the Anna?

b. Me ton Kosta.

with the Kostas

c. *Ton Kosta.

(148) a. Mit wem hat Anna gesprochen? (alemão)

with whom has Anna spoken?

b. Mit dem Hans.

with the Hans

c. *Dem Hans.

Ao observarmos o comportamento do PB, uma língua que não tem *preposition stranding* (cf. (149a')), vemos que em *fragment answers* o *pied-piping* da preposição é também obrigatório, tal como na pergunta correspondente:

(149) a. Com quem o João falou?

a'. *Quem o João falou com?

b. Com a Maria.

b'. *A Maria.

Se examinarmos, agora, a distribuição dos *fragment counterweights* (ou foco estrito) nas sentenças pseudoclivadas, verificamos que eles se comportam de acordo com o esperado para o

PB, novamente sem permitir *preposition stranding* (isto é, com o *pied-piping* da preposição), assim como na pergunta relacionada:²⁰⁸

(150) *(Com) quem o João falou foi *(com) a Maria.

Na sequência, mencionamos exemplos de outra construção envolvendo elipse, que confirmam a generalização de Merchant (2001; 2004): há elipse da preposição somente em línguas que permitem o movimento do complemento da preposição, isto é, línguas que têm *preposition-stranding*. Reproduzimos abaixo exemplos mostrados por Den Dikken (2013), que contrasta o inglês com o holandês:

(151) John talked about the situation in Libya, and Mary (about) the situation in Syria.

(152) Jan sprak over de situatie in Libië, en Marie *(over) de situatie in Syrië (holandês)

Jan spoke about the situation in Libya and Marie about the situation in Syria

No exemplo em inglês em (151), a preposição pode não ser pronunciada, já que essa língua tem *P-stranding*: nesse caso, apenas o complemento da preposição é movido e há elipse de todo o *remnant*, que inclui a preposição *stranded*. Por outro lado, no exemplo em holandês, a presença da preposição é obrigatória, uma vez que essa língua não conta com *P-stranding*. Resta-nos, agora, verificar como o PB se comporta em construção semelhante:

²⁰⁸ Exemplos de pseudoclivadas como (i), com verbos como *gostar*, *precisar*, são possíveis em PB, assim como os em (ii), abaixo, também são:

- (i) a. ?Quem o João gosta é da Maria.
- b. ?O que eu preciso é de dinheiro.

Kato (2010a) cita exemplos de relativas (iia), construções de tópico (iib), perguntas *D-linked* (iic) e clivadas (iid) como construções em que alguns verbos em PB admitem a omissão da preposição:

- (ii) a. A música (de) que nem todo mundo gosta.
- b. (D')essa música, nem todo mundo gosta.
- c. (De) que livro você vai precisar?
- d. É (d)este livro que eu vou precisar para o teste.

Para um tratamento em termos de marcação de Caso inerente para exemplos como esse, ver Kato & Nunes (2007) e Kato (2010a), em que se propõe que a preposição é um item opcional na numeração (alguns verbos são lexicalmente definidos como tendo opcionalmente uma preposição), nesses casos, ela é uma manifestação de caso inerente. Na nossa discussão acima, estamos desconsiderando casos como esses que, já em contextos independentes, admitem a ausência da preposição.

(153) O João falou sobre a situação na Líbia e a Maria *(sobre) a situação na Síria.

O dado em (153) é claro: a presença da preposição é obrigatória; em outras palavras, não há *P-stranding ellipsis* nessa língua, todo o PP é movido e escapa à elipse, conforme previsto.

Tendo esses contrastes em vista, examinamos, por fim, as pseudoclivadas e, desta vez, com exemplos não-ambíguos de pseudoclivadas do tipo A, de modo a checar se a generalização de Merchant (2001; 2004) se confirma também nesse domínio - o que é crucial para a defesa de uma análise de movimento para elipse, tal como em (143) acima (proposta por Merchant (2004) para os *fragments*) para essas construções. Tomamos novamente por base o contraste entre o inglês e o holandês, fornecido por Den Dikken (2013), desta vez para pseudoclivadas com *wh*-múltiplos que, por isso, são inequivocamente do tipo A:²⁰⁹

(154) Who talked about what was Tom ((talked) about) linguistics and Jim (about) philosophy.

(155) a.[?]Wie waarover gesproken heeft was Tom *(over) taalkunde en Jim *(over) wijsbegeerte.
 who where.about spoken has was Tom about linguistics and Jim about philosophy
 b.[?]Wie over wat gesproken heeft was Tom *(over) taalkunde en Jim *(over) wijsbegeerte.
 who about what spoken has was Tom about linguistics and Jim about philosophy

(156) a. Wie altijd op wie moet kunnen vertrouwen is de leerling *(op) de leraar
 who always on who must can trust is the pupil on the teacher
 ‘who must always be able to rely on whom is the pupil (on) the teacher’
 b. wie voor wie op moet komen is de ouders *(voor) hun kinderen
 who for who up must come is the parents for their children
 ‘who should stand up for whom is the parents (for) their children’
 c. wat in deze constructie op wat moet volgen is het finiete werkwoord *(op) de *wh*-
 constituent.

²⁰⁹ Segundo Den Dikken (2013), pseudoclivadas com *wh*-múltiplos em holandês são melhores quando ambos os *wh*s são idênticos, por isso a marginalidade sinalizada nos exemplos em (155) acima (cujos *wh*s são diferentes ‘quem’ e ‘o que’) e por isso também o autor inclui no teste exemplos com *wh*s idênticos, reproduzidos acima em (156).

what in this construction on what must follow is the finite verb on the wh-constituent

Mais uma vez, o resultado sai conforme esperado: enquanto para o inglês a preposição pode ser alvo de elipse no contrapeso das pseudoclivadas, já que há possibilidade de *P-stranding*, no holandês a pronúncia da preposição é obrigatória (não há *P-stranding*), do contrário as pseudoclivadas são agramaticais. O resultado no PB também é o previsto: confirmando a generalização sobre a (im)possibilidade de *P-stranding* de Merchant (2001; 2004), a preposição tem que ser pronunciada no contrapeso das pseudoclivadas (do tipo A), já que o PB não permite que apenas o complemento da preposição se mova, deixando a preposição *stranded* (caso em que poderia ser alvo da elipse, pois faria parte do *remnant*):

- (157) a. Quem falou sobre o que foi o João *(sobre) linguística e o Pedro *(sobre) filosofia.
 b. Quem deve confiar em quem é o aluno *(n)o professor. (e não o contrário)
 c. Quem pode abusar de quem é os filhos *(d)os pais, os afilhados *(d)os padrinhos...

Em suma, os fatos mostrados aqui, com os contrastes entre as línguas, a saber, possibilidade de *P-stranding* (logo, de elipse da preposição) em línguas como o inglês, verificada igualmente nas pseudoclivadas, e sua impossibilidade em línguas como o holandês e o PB, verificada também nas pseudoclivadas, constituem forte suporte para uma análise das pseudoclivadas (do tipo A) como retratado em (125b) acima, ou seja, uma análise que faça uso de *elipse de constituinte* (movimento + apagamento do *remnant*), tal como em (143) e, portanto, contra a análise de *string ellipsis* em (144), uma vez que essa não é capaz de derivar os fatos relativos à *P-stranding* mostrados acima; em outras palavras, *string ellipsis* não captura os fatos cobertos, com as suas variações interlinguísticas, pela generalização de Merchant sobre *P-stranding*.

Assim, mostramos aqui que a conectividade de Caso nas pseudoclivadas do tipo A (um ‘efeito de identidade de forma’ ou efeito de conectividade (cf. (130a)), bem como a (im)possibilidade de omissão da preposição (= (im)possibilidade de *P-stranding*) nas pseudoclivadas do tipo A (cf. (154)-(157)) são evidências para a defesa de uma sentença plena no contrapeso dessas pseudoclivadas, que é sujeita à elipse, bem como para essa elipse ser de constituinte (e não *string ellipsis*), tal como ocorre com *sluicing*, com os *fragments*, bem como com outras instâncias de elipse (segundo Merchant 2001; 2004). Em outras palavras, os fatos

mostrados são evidências para a análise bioracional ilustrada em (125b) para as pseudoclivadas do tipo A: com o movimento A-barra do foco de dentro do TP (o contrapeso), e com o posterior apagamento em PF do TP remanescente.

Antes de encerrarmos esta seção, gostaríamos de fazer algumas últimas considerações ainda sobre a elipse nas pseudoclivadas do tipo A. Como ressaltado, é crucial na análise para o tipo A o paralelo das pseudoclivadas com os pares pergunta-resposta (cf. (121-124) acima), haja vista também sua semelhança com os *fragment answers*, como mostramos acima. Assim, a oração-wh dessas pseudoclivadas é uma interrogativa e o contrapeso, um TP pleno, a resposta sentencial completa. Esse contrapeso sofre elipse preferencial da parte repetida na pergunta. No entanto, é muito mais saliente essa preferência pela elipse na resposta da pseudoclivada do que quando essa resposta é uma sentença separada, relacionada a uma pergunta independente, como ocorre nos pares pergunta-resposta. Mesmo em pseudoclivadas que seriam mais aceitáveis com o contrapeso pronunciado por inteiro, segundo afirma Ross (1992), entre outros, e inclusive para o PB, como seria o caso de (126a) acima, a elipse da parte repetida é, ainda assim, preferida. Sobre a forte preferência pela elipse nas pseudoclivadas (do tipo A) quando comparada à sua (maior) opcionalidade nos pares pergunta-resposta, DMW (2000: 46) sugerem que isso pode estar relacionado ao fato de que essas pseudoclivadas têm pergunta e resposta em uma única sentença (complexa), enunciada por um único falante, enquanto os pares pergunta-resposta são compostos por duas sentenças separadas e tipicamente enunciadas por falantes diferentes, daí a repetição de conteúdo nesses casos ser mais tolerada do que na pseudoclivada. Assim, de acordo com a análise para as pseudoclivadas do tipo A, cujo contrapeso é uma resposta sentencial completa (TP) à pergunta pré-cópula, entendemos que é a condição desse TP como informação velha (*background*) (com exceção do foco estrito que o integra), informação já previamente presente na mesma sentença de forma idêntica (na oração-wh pré-cópula) que torna a elipse fortemente preferida pelos falantes. Na ocorrência de elipse, obtém-se uma estrutura informacional mais apropriada, formada por tópico e comentário, sendo que esse comentário não repete informação

velha, já presente no tópico. Em outras palavras, o resultado na interface fonológica está de acordo com uma melhor articulação tópico-foco quando há elipse.²¹⁰

É importante ressaltar que as pseudoclivadas (do tipo A) não estão sozinhas na preferência pela elipse. Não é difícil acharmos outros casos, em que a elipse também é fortemente preferida, como em (158), com a possibilidade de elipse de VP ou ainda em (159), com a possibilidade de *sluicing*:

(158) a. Me disseram que o João e a Maria vão chegar atrasados para a festa hoje, mas eu não tenho certeza se eles vão (chegar atrasados para a festa hoje).

(159) a. O João sabe que a Maria vai convidar umas pessoas para a sua festa de aniversário amanhã à noite, mas ele não sabe quem (a Maria vai convidar para a sua festa de aniversário amanhã à noite).

Assim, parece haver uma preferência geral por não pronunciar material discursivamente velho já presente de forma idêntica na mesma sentença ou em sentenças adjacentes, coordenadas, daí a

²¹⁰ Percebe-se também uma entonação ‘de vírgula’ após a cópula das pseudoclivadas cujo contrapeso não sofreu elipse, entonação que está ausente naquelas com elipse no contrapeso, como podemos observar comparando (ia) com (ib).

- (i) a. O que ele tem que fazer agora é ele tem que cuidar de si mesmo e trabalhar mais.
 b. O que ele tem que fazer agora é (~~ele tem que~~) cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

Como PF só lida com material visível em PF, nos casos em que houve elipse no contrapeso, não há evidência em PF para uma sentença plena naquele material, diferentemente dos casos em que não houve elipse, nos quais permanece evidência ainda em PF para uma sentença plena - cada caso com suas diferenças entonacionais. Tal diferença deve ser tratada por uma teoria prosódica e está fora da nossa alçada aqui. O que queremos destacar é que há evidência *sintática* para defendermos a presença de uma sentença completa no contrapeso das pseudoclivadas do tipo A, conforme evidenciado por exemplo, pela conectividade de Caso e pelos fatos relativos à *P-stranding* nessas sentenças.

preferência pela elipse no contrapeso das pseudolivadas do tipo A ser bastante saliente e sua versão sem elipse, bem menos aceitável.²¹¹

²¹¹ Schlenker (2003: 173-174; 176), que também defende uma análise bioracional com elipse para as pseudolivadas, dá exemplos de pseudoclivadas em francês com resposta sentencial completa no contrapeso, como em (i), e reconhece a elipse como obrigatória em outros casos, como em (iib) *versus* (iia):

- (i) Ce que j'ai fait, c'est que j'ai fermé la fenêtre.
It that I have done, it is that I have closed the window
 'What I did was I opened the window'
- (ii) a. Ce que j'ai fermé, c'est la fenêtre.
It that I have closed, it is the window
 'What I closed was the window'
- b. *Ce que j'ai fermé, c'est (que) j'ai fermé la fenêtre.
It that I have closed, it is (that) I have closed the window

No entanto, apesar de não ter uma explicação para o fato (segundo o autor, a obrigatoriedade da elipse é ainda um mistério), ele diz que (iib) não pode ser usado contra a proposta de análise das pseudoclivadas como *self-answering questions*, uma vez que há casos independentes de pergunta e resposta (fora do domínio das pseudoclivadas) em que há elipse obrigatória na resposta - o que exemplifica com o dado do francês em (iii):

- (iii) Je me suis longtemps demandé [ce qu'il_i aimait]_k, et j'ai finalement appris
I me am long asked [it that he_i liked]_k, and I have finally learned
 que c_k'était lui-même_i/*qu'il s'aimait lui-même_i
*that this_k was himself_i / *that he liked himself_i*
 'For a long time I have been wondering what he liked, and have finally learned that it was himself /
 *that he liked himself

Contudo, tendo em vista exemplos como (i), em que uma resposta sentencial é possível no contrapeso da pseudoclivada, sem que haja elipse (rever também ex. (122) e (124) acima), o problema com a pseudoclivada em (iib) não deve ser de natureza gramatical. Pela análise do tipo A, não há violação com essas estruturas se não houver elipse; a intolerância delas com a repetição no contrapeso deve ser uma questão de aceitabilidade (não de gramaticalidade). Se a análise do tipo A estiver correta e a análise de elipse for tal como proposto por Merchant (2004) para os *fragments*, então para as pseudoclivadas em que apenas o foco estrito/*fragment answer* for pronunciado, houve movimento desse XP-foco possibilitando, assim, a elipse do TP remanescente. Notar que a preferência por elipse não inviabiliza a sua não ocorrência, assim como nos pares pergunta-resposta, também é possível haver uma resposta completa, com material repetido. Rever também os exemplos (158) e (159) acima, nos quais a pronúncia de material repetido não torna a sentença agramatical.

Por outro lado, se Schlenker (2003) estiver correto em considerar a elipse *obrigatória* em (ii), do que decorre o sinal de *agramaticalidade* que marca seu exemplo em (iib), apesar de, assim como ele, não termos uma explicação para oferecer, gostaríamos de salientar que esse problema vai muito além dos limites das pseudoclivadas. Conforme observado por Marcel den Dikken (c.p.), há outras construções em que elipse é obrigatória, como por exemplo, nas chamadas *swiping constructions*, em que há *sluicing* com a inversão entre P e seu complemento, como em (iv):

- (iv) Lois was talking, but I don't know who to (*he was talking).

A título de esclarecimento, o termo *swiping* deve-se a Merchant (2002) e faz referência a certas construções nas línguas germânicas em que há uma inversão da ordem trivial entre uma preposição e seu argumento; segundo o autor, o termo foi cunhado com base em: *sluiced wh-word inversion with prepositions (in Northern Germanic)*. O exemplo em (iv) acima foi extraído de Merchant (2002).

Passamos a apresentar, na próxima seção, o segundo grupo das pseudoclivadas, as do tipo B, conforme concluído na seção 2.5 acerca dos dados.

2.6.2 Pseudoclivadas do tipo B

As pseudoclivadas do tipo B são construções bioracionais, que se assemelham às copulares especificacionais não-clivadas quanto a manterem uma relação de predicação básica (*small clause*) entre os termos de cada lado da cópula: em (160) abaixo, entre o sujeito, o DP *O João*, e seu predicado nominal, um DP simples na copular não-clivada em (160a) e (digamos, um DP mais ‘complexo’) uma relativa livre na pseudoclivada em (160b):

- (160) a. O João é o meu melhor amigo.
b. O João é quem é o meu melhor amigo.

Essas sentenças também se apresentam com a cópula em posição inicial:

- (161) a. É o João o meu melhor amigo.
b. É o João quem é o meu melhor amigo.

Além das pseudoclivadas do tipo A e das *swiping constructions* (ex. (iv) acima), outro caso de elipse obrigatória ocorre nas chamadas *why-stripping*, como (v) abaixo, que é sempre agramatical se não houver elipse do TP remanescente, independente de inversão sujeito-auxiliar, como vemos nas tentativas entre parênteses:

- (v) A: John ate beans.
B: Why beans? (*did he eat?); (*Why did beans he eat?); (*Why beans he ate?)

Novamente a título de esclarecimento, *stripping* é um tipo de elipse em uma sentença coordenada em que tudo é apagado, exceto um constituinte que, diferentemente dos casos de *sluicing*, não é um *wh*, como em (vi), abaixo. Para Hankamer & Sag (1976), *stripping* é: *a rule that deletes everything in a clause under identity with corresponding parts of a preceding clause, except for one constituent (and sometimes a clause-initial adverb or negative)*. O exemplo em (via) foi extraído de Hankamer & Sag (1976) e o em (vib), de Nakao, Yoshida & Ortega-Santos (2012):

- (vi) a. Alan likes to play volleyball, but not Sandy.
b. John ate NATTO, but not SUSHI.

O que queremos destacar aqui é que se a elipse no contrapeso das pseudoclivadas for, de fato, obrigatória (ainda que, nesse caso, haveria exceções, como mostra o exemplo em (i) do próprio Schlenker 2003), as pseudoclivadas não são as únicas construções com obrigatoriedade na elipse do TP remanescente: *swiping* (iv) e *why-stripping* (v) são outros casos. As condições sob as quais elipse é obrigatória requerem estudos adicionais específicos - o que deixamos para investigações futuras.

O João, o sujeito da predicação, é o foco da pseudoclivada, pois é o valor para a variável (wh=*quem*) instaurada dentro da relativa livre, seu predicado. Assim, o contrapeso nessas pseudoclivadas corresponde ao foco estrito, isto é, não há estrutura ‘oculta’ (*what you see is what you get*) - daí a análise para as pseudoclivadas do tipo B ser chamada como WYSIWYG. A cópula, nessas sentenças (e de acordo com a perspectiva adotada nesta tese) é a realização de um RELATOR, que faz a mediação entre o predicado e seu sujeito.

Não há dúvidas de que as pseudoclivadas em (b) acima são do tipo B, uma vez que se apresentam sob o padrão com oração-wh final (como vimos na seção precedente, as pseudoclivadas do tipo A têm ordem rígida, admitindo apenas o padrão com oração-wh inicial). Porém (como também já antecipado aqui), o padrão com oração-wh final não é o único admitido pelas pseudoclivadas do tipo B. Assim, como copulares especificacionais podem sofrer Inversão de Predicado, nos moldes de como apresentado no capítulo 1, as pseudoclivadas, com relação de predicação básica semelhante, também podem. O resultado da Inversão de Predicado nas sentenças acima está em (162):

- (162) a. O meu melhor amigo é o João.
 b. Quem é o meu melhor amigo é o João.

Já vimos que uma análise do tipo WYSIWYG para as pseudoclivadas, que aproxima sua sintaxe à das copulares especificacionais não-clivadas, foi adotada por muitos na literatura, como Akmajian (1970) (para parte das pseudoclivadas), Higgins (1973), Williams (1983), Heggie (1988), Hedberg (1993), Moro (1997), Iatridou & Varlokosta (1998), DMW (2000) (também para parte das pseudoclivadas), Modesto (2001), Kato & Ribeiro (2005), Costa & Duarte (2001), Lobo (2006), Rafal (2009) (este para parte das pseudoclivadas em ilocano), Braga, Kato & Miotto (2009), Ribeiro & Côrtes Júnior (2009), Quarezemin (2009), Guesser (2011), Hartmann, Hegedus & Surányi (2011), Barbosa (para parte das pseudoclivadas em PE), entre outros.²¹² Porém, elas divergem em alguns aspectos, entre eles, quanto à composição da *small clause* que constitui as pseudoclivadas, sendo que a maioria delas considera o constituinte focalizado como o sujeito da predicação e a relativa livre como o predicado; entre essas estão, por exemplo, as análises de

²¹² Lembrar que Heycock & Kroch (1999) também adotavam uma análise como essa para as pseudoclivadas na “sintaxe visível”, depois submetida à reconstrução (em um nível pós-LF).

Williams (1983), Heggie (1988), Hedberg (1993), Moro (1997), Iatridou & Varlokosta (1998), DMW (2000), Modesto (2001), Braga, Kato & Miotto (2009) e Hartmann, Hegedus & Surányi (2011). Essa é justamente a opção de formação da *small clause* defendida aqui.

Conforme exposto na seção 2.5 acima, acerca dos dados, defendemos tal análise para parte das pseudoclivadas, aquelas do tipo B, cuja oração-wh é uma relativa livre e cuja ordem é variável. Assim, a estrutura de predicação básica dessas pseudoclivadas é esta em (163), independente da ordem final derivada:^{213 214}

Para demonstrar que nas pseudoclivadas do tipo B o foco é o sujeito da *small clause* (RelP=*Relator Phrase*) e a relativa livre seu predicado, reproduzimos alguns testes sintáticos disponíveis na literatura. Dois deles devem-se à Heggie (1988).²¹⁵ Um dos argumentos fornecidos pela autora (p. 299-300) faz uso da clivagem da pseudoclivada, ou melhor da clivagem de cada um dos constituintes da pseudoclivada (cf. (165)), a fim de verificar qual é o sujeito e qual é o predicado, tomando por base a comparação da clivagem do sujeito e do predicado de uma copular não-clivada como em (164) (as adaptações do teste para o PB seguem ao lado dos exemplos originais):

(164) John is the teacher.

a. It's John that is the teacher.

b. *It's the teacher that John is.

c. *It's the teacher that is John.

O João é o professor

a.' É o João que é o professor.

b'. *É o professor que o João é.

c'. *É o professor que é o João.

²¹³ Consideramos relativas livres DPs, conforme análises dessas sentenças para o PB (cf. Mederos Júnior (2005) e Marchesan (2008; 2012)).

²¹⁴ Em seu trabalho, DMW (2000) mostram uma *small clause* semelhante a essa como a base da estrutura sintática das pseudoclivadas do tipo B. No entanto, os autores não exploram a derivação a partir desse ponto.

²¹⁵ Para mais testes, ver Heggie (1988: cap. IV, seção 2.2).

d. *It's John that the teacher is.

d'. *É o João que o professor é.

(165) Coconut is what Mary hates.

Coco é o que a Maria odeia.

a. it's coconut that is what Mary hates.

a'. É coco que é o que a Maria odeia.

b. *it's what Mary hates that coconut is.

b'. *É o que a Maria odeia que coco é.

c. *it's what Mary hates that is coconut.

c'. *É o que a Maria odeia que é coco.

d. *it's coconut that what Mary hates is.

d'. *É coco que o que a Maria odeia é.

Com esse teste, Heggie (1988) mostra que o predicado da *small clause* que integra a pseudoclivada é a relativa livre, pois comporta-se como o predicado nominal *the teacher/o professor* na copular em (164), ao mesmo tempo em que garante que o foco seja o sujeito da *small clause* que, por sua vez, comporta-se como o sujeito *o João* na copular não-clivada.

O segundo teste mostrado aqui, também de Heggie (1988: 333-334; 336), diz respeito à distribuição de PPs como sujeitos em sentenças copulares nas línguas. Por um lado, línguas como o inglês, que permitem PPs como sujeito em copulares simples (ex. (166a-c)), também permitem esses PPs como o foco de pseudoclivadas (ex. (166d-g)). Por outro lado, línguas como o francês, que não permitem esses PPs como sujeito nas primeiras (ex. (167a,b)), igualmente não permitem como o foco nas segundas (ex. (167c,d)). O paralelo entre as sentenças indica que os PPs são o sujeito em ambos os casos. E mais, mostra que, na pseudoclivada, isso independe da ordem final derivada: se a língua permite ou não um PP como sujeito, da mesma forma, ele pode ou não ser o sujeito/foco na pseudoclivada independentemente do padrão em que essa se apresenta, se com oração-wh final ou inicial:

(166) a. [At 2:00] is a bad time to see the dentist.

b. [In the mountains] is a good place to have a picnic.

c. [With a knife] is a good way to cut your meat.

d. [Against the post] is where John leaned.

e. Where John leaned was [against the post].

f. [In the park] is where John met Mary.

g. Where John met Mary was [in the park].

- (167) a. *[Dans le parc] est un bon endroit pour un pique-nique.
 in the park is a good place for a picnic
 b. *[A quatorze heures] est une bonne heure pour appeler mon dentiste.
 At fourteen hours is a good time for to call my dentist
 c. *[Dans le parc] est où Jean a rencontré Marie.
 in the park is where Jean has met Marie
 d. *Où Jean a rencontré Marie (c') est [dans le parc].
 where Jean has met Marie (it) is in the park

A mesma regularidade há no PB (cf. (168a-c) e (168d-f)), que se comporta como o inglês e diferentemente do francês nesse caso:

- (168) a. [No parque] é um bom lugar para um piquenique.
 b. [Ao meio-dia] é uma hora ruim para ir ao dentista.
 c. [Com uma faca] é uma boa estratégia para cortar essa embalagem.
 d. [No parque] foi onde o João encontrou a Maria.
 e. Foi [no parque] onde o João encontrou a Maria.
 f. Onde o João encontrou a Maria foi [no parque].

O terceiro teste a ser apresentado refere-se ao encaixamento de pseudoclivadas em contextos ECM (contexto inicialmente examinado em Williams (1983)). Exploramos tal teste aqui tendo por base sua comparação com o encaixamento de sentenças copulares no mesmo contexto com e sem ocorrência de Inversão de Predicado. Em (169), abaixo, repetimos dados do capítulo 1 que mostram que sempre que há Inversão de Predicado há a emergência de uma cópula:

- (169) a. Eu considero o João como (sendo) o meu melhor amigo.
 b. Eu considero o meu melhor amigo como *(sendo) o João.

Se tentarmos submeter as pseudoclivadas ao mesmo contexto, verificamos que na ocorrência de Inversão de Predicado, a presença de uma cópula é obrigatória:²¹⁶

- (170) a. Eu considero o João como [?](sendo) quem mais merece reconhecimento.
 b. Eu considero quem mais merece reconhecimento como ^{*}(sendo) o João.

Sendo assim, a oração-wh da pseudoclivada em (170) se aproxima do predicado nominal da copular não-clivada em (169), ambos invertidos nas versões em (b). Ao mesmo tempo, o paralelo entre as sentenças indica que *o João* é o sujeito da predicação (sujeito da *small clause*) também na pseudoclivada.

O último teste sintático apresentado aqui explora a extração em sentenças copulares com Inversão de Predicado. Conforme mostrado por Moro (1997) e também por Den Dikken (2006a), extração do sujeito (ou de parte dele) em construção em que houve Inversão de Predicado é impossível. Tomando por base a copular especificacional não-clivada em (171a) abaixo, na ordem básica sujeito<predicado, vemos que é possível a extração do predicado (cf. (171b)) e do sujeito (cf. (171c,d)):

- (171) a. O filho da Maria é o melhor candidato. (copular suj.<pred.)
 b. Quão bom candidato o filho da Maria é?
 c. Quem é o melhor candidato?
 d. O filho de quem é o melhor candidato?

Porém, quando há Inversão de Predicado, como em (172a), a extração do sujeito, que passa a ficar no domínio da fase, em posição final, é impossível (cf. (172c,d)). Por outro lado, não há problemas com a extração do predicado (sujeito gramatical) (cf. (172b)):

²¹⁶ Se ao invés de uma relativa livre houver uma relativa com núcleo, o que é possível sendo as pseudoclivadas do tipo B, observamos o mesmo comportamento:

- (i) a. Eu considero o João como [?](sendo) a pessoa que mais me ajuda.
 b. Eu considero a pessoa que mais me ajuda como ^{*}(sendo) o João.

- (172) a. O melhor candidato é o filho da Maria. (copular pred.<subj.)
 b. Quão bom candidato é o filho da Maria?
 c. *Quem o melhor candidato é?
 d. *O filho de quem o melhor candidato é?

Como vimos no capítulo 1, para haver Inversão de Predicado, é necessário estender a fase de RP (*Relator Phrase*) para FP (= *Linker Phrase*), de modo a tornar sujeito e predicado equidistantes e possibilitar que o predicado seja, assim, “visto” por um probe externo e, conseqüentemente, possa se mover. Ocorre que, com a extensão da fase (pelo movimento do RELATOR para o LINKER, o próximo núcleo funcional presente na estrutura), o sujeito, que antes estava na borda da fase, passa a ficar no seu domínio e, portanto, congelado para qualquer manipulação sintática - daí que sua extração resulta agramatical, como nas tentativas em (172c,d). Quando observamos as pseudoclivadas, tomando primeiramente esta em (173) supondo-a sob a ordem sujeito<predicado, vemos que tanto a extração do predicado (cf. (173b)), quanto a do sujeito (173c,d) são possíveis.

- (173) a. O filho da Maria é quem quer casar. (pseudoclivada suj.<pred.)
 b. Quem o filho da Maria é?
 c. Quem é quem quer casar?
 d. O filho de quem é quem quer casar?

Diferentemente, se há Inversão de Predicado, o que resulta na pseudoclivada em (174a), as tentativas de extração do sujeito em (174c,d) tornam-se agramaticais. Quanto à extração do predicado (sujeito gramatical), esta ocorre sem problemas (cf. (174b)):

- (174) a. Quem quer casar é o filho da Maria. (pseudoclivada pred.<subj.)
 b. Quem é o filho da Maria?
 c. *Quem quem quer casar é?
 d. *O filho de quem quem quer casar é?

Assim, os resultados das extrações nas pseudoclivadas em (173)-(174) são exatamente os mesmos que os vistos acima nas copulares não-clivadas em (171)-(172), respectivamente – o que

confirma que o foco das pseudoclivadas deva ser o sujeito da predicação, logo a relativa livre, o seu predicado.

Uma vez estabelecida a formação da *small clause* que compõe as pseudoclivadas do tipo B, sendo o foco o sujeito e a relativa livre seu predicado (conforme retratado na estrutura em (163) acima), e considerando que as pseudoclivadas desse tipo têm ordem variável, podendo-se apresentar nos dois padrões (com oração-wh inicial ou final), passamos a apresentar a derivação que resulta em cada um. Tomando por base a estrutura em (163), se nada for alçado de dentro da *small clause* (RelP), o resultado é uma pseudoclivada como (175), no padrão com oração-wh final:²¹⁷

(175) a. Foi *a Maria* quem beijou o João.

Por outro lado, se o sujeito da *small clause* for alçado, para satisfazer o EPP de C-T (lembrar que desde o modelo de *Agree* (Chomsky 2000, 2001 e trabalhos posteriores) não há mais movimento motivado por Caso), obtém-se a pseudoclivada em (176), também no padrão com oração-wh final:

(176) a. *A Maria* foi quem beijou o João.

²¹⁷ Uma alternativa para o pro_{exp} na estrutura acima poderia ser assumir que nesse caso o T é defectivo sem o traço EPP, como propõe Viotti (2005) para casos de sentenças VS com verbos inacusativos. Esse ponto, entretanto, não altera a essência da nossa análise.

Como podemos observar em (176) acima, o sujeito focalizado não está em SpecTP, mas sim deslocado no domínio A-barra.²¹⁸ Tendo em vista que esse sujeito é o foco da sentença e sendo a posição SpecTP uma posição canônica de tópico, o sujeito da *small clause* não deve ocupar SpecTP, mas sim SpecCP. Aqui seguimos Fernandes (2007: 322-326), que defende, juntamente com Kato & Ribeiro (2005), que sujeitos focalizados estão sempre fora de TP, deslocados em SpecCP. Um primeiro argumento apontado pela autora consiste na semelhança entre perguntas-wh de sujeito, como (177a) abaixo, e sentenças com sujeito focalizado, como a própria resposta àquela pergunta, em (177b) (exemplos extraídos de Fernandes (2007: 322)):

- (177) a. [Quem] (que) chutou a bola?
 b. [O João] (que) chutou a bola.

Sendo o foco a contraparte afirmativa do wh na pergunta, e dada a possibilidade de inserir um *que* depois do sujeito focalizado, assim como depois do wh, os constituintes entre colchetes em (177) estão deslocados em posição A-barra (SpecCP) em ambas as sentenças, podendo o núcleo C aparecer ou não lexicalmente preenchido pelo *que*. Além disso, outro argumento sintático mostrado por Fernandes (2007) a favor de considerar o sujeito focalizado como estando sempre deslocado em SpecCP vem da distribuição de advérbios altos, como *inteligentemente*. A autora

²¹⁸ Não há necessidade de desmembrar o CP aqui (*à la* Rizzi 1997), pois apenas um constituinte ocupa esse domínio na estrutura em questão.

afirma que, quando têm escopo sobre o sujeito, esses advérbios estão adjungidos a SpecTP em português, conforme os trabalhos de Costa (1998) e Costa & Galves (2002).²¹⁹ Assim, pelos dados abaixo (novamente extraídos de Fernandes (2007: 324)), a posição mais natural para o referido advérbio é entre o sujeito e o verbo - o que mostra que o sujeito deve estar deslocado, fora do domínio TP.

- (178) a. ??Inteligentemente o João leu o livro. (leitura orientada para o sujeito)
 b. O João inteligentemente leu o livro. (leitura orientada para o sujeito)
 [Quem inteligentemente leu o livro?]

Por fim, um último argumento fornecido pela autora consiste na semelhança entre a estrutura entoacional de sentenças clivadas (ex. (179a)) e sentenças com foco prosódico no sujeito (ex. (179b)) por um lado e, por outro, na diferença dessas com as sentenças neutras (ex. (180)).²²⁰

- (179) a. [[(as VELhas)ω] φ [(É) ω (que chORaram) ω] φ]I
 | | |
 L*+H Lp Li

- b. [[(as VELhas)ω] φ [(que chORaram) ω] φ]I
 | | |
 L*+H Lp Li

- (180) [[(as VELhas)ω] φ [(chORaram) ω] φ]I
 | | |
 L*+H H+L* Li

De acordo com (179)-(180), Fernandes (2007) mostra que há evidência entoacional para que o sujeito focalizado (clivado ou não) ocupe uma posição fora de TP, deslocado, uma vez que há um acento frasal (tom Lp) depois desse constituinte (em (179)) - acento que está ausente depois do

²¹⁹ COSTA, J. 1998. *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Netherlands: Holland Academic Graphics, COSTA, J. & GALVES, C. 2002. External subjects in two varieties of Portuguese evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C. et al. (Orgs.). *Romance languages and linguistic theory 2000*, v. 232. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 109-125.

²²⁰ ω = Palavra Fonológica; φ = Sintagma Fonológico; I = Sintagma Entoacional; L = Tom baixo; H = Tom alto; Ti = Acento de Fronteira; Tp = acento frasal.

sujeito de uma sentença neutra (em (180)), este sim, em SpecTP. Assim, assumimos junto com Fernandes, bem como com Kato & Ribeiro (2005), que o sujeito focalizado na pseudoclivada em (176) acima, ao invés de ocupar SpecTP deve estar deslocado em SpecCP. Aqui seguimos também Den Dikken (2006b) que mostra que whs de sujeito, quando focalizados, não podem estar em SpecTP (uma posição *default* de tópico), mas sim deslocados em SpecCP²²¹ - daí que o sujeito focalizado em (176) (a contraparte afirmativa de um wh de sujeito) deve ser movido para SpecCP. Isso é ratificado quando tentamos a mesma inserção de *que*, tal como (177) acima, na pseudoclivada em (176):²²²

(181) A Maria (que) foi quem beijou o João.

Quanto ao traço EPP, uma vez que ele é um traço do sistema C-T (cf. Chomsky 2008), o sujeito(foco) *a Maria* em SpecCP é plenamente capaz de satisfazer esse traço de C-T, logo não é necessário que *a Maria* seja previamente combinada como o especificador de T.

Por fim, se ao invés do sujeito, o que for alçado para satisfazer o EPP for o predicado da *small clause*, isto é, a relativa livre, via Inversão de Predicado (conforme visto no capítulo 1), o resultado é a pseudoclivada com oração-wh inicial, como em (182):²²³

(182) a. Quem beijou o João foi *a Maria*.

²²¹ No capítulo 3, seção 3.4, esse ponto também será explorado para os whs de sujeito.

²²² Outros como Braga, Kato & Miotto (2009) e Hartmann, Hegedus & Surányi, (2011) também analisam o foco das pseudoclivadas com ordem foco < oração-wh como estando deslocados em posição A-barra (e não em SpecTP).

²²³ Se usarmos na pseudoclivada em (182) o mesmo teste usado naquela em (181) acima, a saber, a tentativa de inserção de um *que* para checar a posição estrutural do sujeito gramatical da sentença, se deslocado ou em SpecTP, nos certificamos de que (ao contrário do sujeito *a Maria*, na pseudoclivada em (181) acima), a relativa livre na pseudoclivada em (182) está mesmo em SpecTP:

(i) Quem beijou o João (*que) foi a Maria.

Como podemos perceber, na estrutura acima, há um núcleo funcional imediatamente acima de RelP, logo esse núcleo, a saber, T, cumpre o papel do LINKER. Com o movimento do RELATOR para o LINKER, o sujeito e o predicado da *small clause* se tornam equidistantes e mover o predicado para satisfazer o EPP se torna viável, em respeito às condições de localidade, e não menos econômico do que quando é o sujeito que é movido. Além disso, como resultado da Inversão de Predicado (cf. capítulo 1), há literalmente a inversão da estrutura informacional da sentença: o predicado passa a ser interpretado como o tópico e o sujeito, que permanece *in situ* (em SpecRelP), como o foco estreito - espelhando exatamente a estrutura informacional da pseudoclivada, na qual a oração-wh é invariavelmente *background*, pois contém a variável (o pronome wh), e o valor para essa variável é o foco, a informação nova (ou não-pressuposta). Os efeitos nas interfaces quanto à estrutura informacional da sentença que a Inversão de Predicado provoca é sempre o mesmo, seja em pseudoclivadas, seja em copulares simples, seja nos casos de Inversão Locativa, seja nas semiclivadas tratadas no capítulo 1. Outra constante da Inversão de Predicado é a emergência de uma cópula - o que não é saliente na pseudoclivada acima em (182), porque a cópula existe independentemente, mas passa a ser saliente quando observamos o contexto encaixado apresentado acima em (170): somente quando há Inversão de Predicado a presença da cópula é imprescindível.

Vejamos, agora, algumas decorrências dessa análise para as pseudoclivadas do tipo B como sentenças copulares formadas por uma *small clause*, cujo sujeito é o foco e cujo predicado é a oração-wh, aqui uma relativa livre, sujeita à Inversão de Predicado. Uma primeira característica que devemos ressaltar de imediato é a ordem variável que as pseudoclivadas do tipo B apresentam (diferentemente das pseudoclivadas do tipo A, cuja ordem é rígida) - o que está em acordo com sua estrutura permitir Inversão de Predicado (comparar os pares em (160)-(162)

acima). Essa maior flexibilidade na ordem das pseudoclivadas do tipo B já foi apontada na seção 2.5, acerca dos dados, pelos exemplos em (116)-(117) e (120), que só podem ser analisados conforme o tipo B, com as três possibilidades estruturais propostas aqui, que partilham de uma mesma “base comum”, mostrada em (163).

Outra característica dessas pseudoclivadas em acordo com suas estruturas apresentadas em (175b), (176b) e (182b), acima, é que elas podem ocorrer em contextos encaixados quando são TPs, como mostrado em (183a,b) abaixo, mas não podem apenas quando são CPs, o caso em (183c):

- (183) a. A Ana lamenta [_{CP} que [_{TP} quem casou com o João foi a Maria]].
 b. A Ana lamenta [_{CP} que [_{TP} foi a Maria quem casou com o João]].
 c. *A Ana lamenta [_{CP} que [_{CP} A MARIA foi quem casou com o João]].²²⁴ (e não a Clara)

Diferentemente das pseudoclivadas do tipo A, que não permitiam ser encaixadas, como vimos na seção anterior, as pseudoclivadas do tipo B em (183a,b) podem. A única restrição é àquela com foco em posição inicial, a encaixada em (183c), uma vez que a estrutura dessa pseudoclivada é a única em que há, necessariamente, um constituinte deslocado em domínio A-barra (CP); portanto, (183c) caracteriza um caso de ‘recursão de CP’: uma mesma categoria X encaixada diretamente em X (aqui, C), o que parece ser banido como possibilidade de encaixamento nas línguas.²²⁵ Se o sujeito/foco nas pseudoclivadas com foco em posição inicial estivesse em SpecTP e não deslocado em SpecCP (conforme defendido em (176b) acima), (183c) deveria ser gramatical tal como (183a) e (183b), contrariamente aos fatos. Assim, consideramos que essas

²²⁴ Colocamos o sujeito “A MARIA” em caixa alta aqui para indicar a leitura de foco (contrastivo) sobre esse sujeito, condição *sine qua non* para que a sentença seja uma pseudoclivada, visto que a mesma sequência com o foco na relativa livre não é pseudoclivada (aliás, não haveria clivagem alguma nesse caso). Já comentamos sobre essa ambiguidade na seção 2.2 e, na 2.7, adiante, confrontaremos suas estruturas sintáticas e diferenças decorrentes. Apenas para restringir a encaixada em (183c) acima a ser “lida” como pseudoclivada, podemos recorrer à presença de um *que* logo após o foco/sujeito *a Maria* (que, nessas pseudoclivadas, está sempre deslocado em posição A-barra, como mostrado acima, em (176b)). Assim, retomando a pseudoclivada em (181), com Comp duplamente preenchido, quando encaixada, ela é, tal como (183c), agramatical:

(i) *A Ana lamenta [_{CP} que [_{CP} a Maria que foi quem beijou o João. (e não a Clara)

²²⁵ Ver também próximo capítulo (seção 3.4) para contraste semelhante com as pseudoclivadas reduzidas.

(im)possibilidades de encaixamento dão suporte à nossa análise para as pseudoclivadas do tipo B, em seus padrões, conforme apresentada acima.

Além disso, outra característica das pseudoclivadas do tipo B é que sua oração-wh, uma relativa livre, pode ser alçada (diferentemente do que ocorre nas pseudoclivadas do tipo A). Assim, exemplos como (184) abaixo, só podem receber uma análise do tipo B, com o acréscimo do verbo de *raising* à estrutura em (182b) e o posterior alçamento da oração-wh (o predicado nominal já invertido) para a posição de sujeito desse verbo:

- (184) a. Quem beijou a Maria parece ter sido o João. (só ele está com a boca toda suja de batom!)
- b. (Cuidado!) O que o João tá querendo parece ser só o teu dinheiro. (Ele sempre foi um cara muito interesseiro.)

A combinação de um verbo de alçamento também é lícita nas estruturas que derivam as outras duas ordens das pseudoclivadas do tipo B, aquelas do padrão com oração-wh final, mostradas em (175b) e (176b) acima - possibilidades que são, de fato, confirmadas pelos dados abaixo:

- (185) a. Parece ser o João quem roubou o banco. (me disseram que acharam provas contra ele)
- b. O João (que) parece ser quem beijou a Maria.

Por fim, outra característica prevista pela análise do tipo B é a possibilidade de combinação de um verbo modal, igualmente nos dois padrões (em suas três estruturas) (ao contrário do que ocorria com as pseudoclivadas do Tipo A, em cuja estrutura não havia ‘espaço’ para o modal). Assim, aquele exemplo de Menuzzi (2009), mostrado previamente na seção 2.4.2.2.3 como problemático para análises monoracionais e repetido abaixo em (186B), se

encaixa plenamente na análise do tipo B, aqui apresentada. O mesmo vale para os exemplos em (187) que, como esperado, também admitem *copula cluster*:^{226 227}

(186) A: Quem (foi que) lavou a louça?

B: Quem lavou a louça {deve/só pode} ter sido o João: só ele deixa esta bagunça na cozinha.

(187) a. Deve ter sido o João quem roubou o banco.

b. O João (que) deve ser quem roubou o banco.

Passamos, agora, a explorar fatos relativos à conectividade e a tipos de concordâncias (de traços-phi e temporal) nas pseudoclivadas do tipo B. Apresentamos, ao final da seção 2.4, dados de pseudoclivadas do alemão, cujo contrapeso podia exibir duas marcações de Caso distintas, uma acusativa e outra nominativa. Os dados estão repetidos abaixo em (188):

(188) a. Was er schon immer kaufen wollte, ist ein/einen Audi

What he prt always buy wanted is a(NOM)/a(ACC) Audi

²²⁶ Da mesma forma, aqueles exemplos referidos da literatura em inglês, extraídos de Hedberg (1993), que atribui parte a Gundel (1977), Culicover (1977) e Halvorsen (1978)), bem como do Google, mostrados em nota (nota 145), dos quais repetimos dois abaixo (um com verbo de *raising* e outro com modal), se encaixam todos na análise do tipo B para o padrão com oração-wh inicial.

(i) a. What he's after seems to be her money.

b. What he wants may be HP itself, in order to better to compete with IBM.

²²⁷ É fácil perceber que essas possibilidades mostradas aqui para as pseudoclivadas do tipo B estão presentes quando, ao invés de uma relativa livre, houver uma relativa com núcleo - o que indica que elas devem receber uma análise nos mesmos moldes da apresentada aqui (cf. estruturas em (175b), (176b) e (182b)).

(i) a. A Ana lamenta [_{CP} que [_{TP} a pessoa que casou com o João foi a Maria]].

b. A Ana lamenta [_{CP} que [_{TP} foi a Maria a pessoa que casou com o João]].

c. *A Ana lamenta [_{CP} que [_{CP} A MARIA (que) foi a pessoa que casou com o João]]. (e não a Clara)

(ii) a. A pessoa que roubou o banco pode ser o João.

b. Pode ser o João a pessoa que roubou o banco.

c. O João pode ser a pessoa que roubou o banco.

(iii) a. A pessoa que beijou a Maria parece ser o João.

b. Parece ser o João a pessoa que beijou a Maria.

c. O João parece ser a pessoa que beijou a Maria.

b. ein/*einen Audi ist, was er schon immer kaufen wollte

a(NOM)/*a-ACC Audi is what he prt always buy wanted

Conforme mostramos na seção anterior, as pseudoclivadas com conectividade de Caso são, obrigatoriamente, derivadas segundo a análise do tipo A. Nessas pseudoclivadas, o contrapeso é uma sentença completa (TP), sujeito à elipse em PF; assim, o foco estrito que aparece marcado com acusativo em (188a) checa/valora seu Caso dentro desse TP pós-cópula, já que é o objeto do verbo nesse contrapeso sentencial. Como vimos, uma vez que as pseudoclivadas do tipo A têm ordem rígida, só admitem o padrão com oração-wh inicial; (188b), no outro padrão, não pode exibir conectividade de Caso. Por outro lado, quando não há conectividade de Caso, em (188a), quando o foco estrito aparece marcado com nominativo, a pseudoclivada é certamente do tipo B e, como tal, é esperado que apresente variação na ordem, conforme constatamos em (188b), cujo Caso no foco se mantém como nominativo.

Há, porém uma conectividade que se mantém tanto nas pseudoclivadas do tipo A, quanto nas do tipo B, a saber, a conectividade de concordância, atestadas em pseudoclivadas como estas em (189) abaixo:

(189) a. O que a Maria é é perigosa.

b. Perigosa é o que a Maria é.

c. É perigosa o que a Maria é.

Como já comentado na seção anterior, (189a) é passível de receber uma análise do tipo A; nesse caso, a concordância no foco decorre do fato de haver uma sentença plena no contrapeso, de modo que há um sujeito local nesse constituinte pós-cópula, com o qual o adjetivo *perigosa* concorda. Na análise do tipo B, por sua vez, a conectividade de concordância nas sentenças acima também recebe tratamento. Seguimos aqui a proposta de Heggie (1988), segundo a qual quando o sujeito da *small clause* (isto é, o foco da pseudoclivada) for uma categoria que é tipicamente predicado, como é o caso de APs, VPs ou PPs predicados, há, na verdade, um PRO sujeito local para saturar esses predicados e torná-los sujeitos legítimos.²²⁸ Então, na condição de

²²⁸ APs, VPs and PPs which are predicates [...] cannot be subjects unless they may also project a subject [PRO] in order to form a clause - mais precisamente, uma *small clause* (Heggie (1988: 332), acréscimos nossos).

integrantes de uma *small clause*, essa pode servir como sujeito da predicação maior que compõe as pseudoclivadas do tipo B.²²⁹ Nas palavras de Heggie (1988: 371), *a subject PRO must be projected by the constituent in the focus position of clefts in order for the constituent to be a licit subject*. Assim, as pseudoclivadas em (189), acima, teriam a seguinte estrutura comum como sua predicação básica:

(190) [RP2 [RP1 PRO [R1' RELATOR1 [AP perigosa]]] [R2' RELATOR2 [DP o que a Maria é]]]

Nessas pseudoclivadas, PRO é controlado pelo sujeito da relativa livre - daí a concordância que resulta entre *perigosa*, no sujeito da *small clause*, e *a Maria*, parte do predicado dessa *small clause*. Fatos similares ocorrem nas pseudoclivadas abaixo, com um VP como foco, nas quais PRO também é controlado pelo sujeito da relativa livre:

- (191) a. O que o João fez foi PRO lavar o cachorro.
 b. PRO Lavar o cachorro foi o que o João fez.
 c. Foi PRO lavar o cachorro o que o João fez.

A princípio, a postulação de um PRO nessas sentenças poderia ser contestada, já que esse PRO não é c-comandado nas pseudoclivadas em questão. Mas, sabemos que há, independentemente, casos de PRO controlado sem c-comando sintático, como ocorre nos exemplos abaixo:

- (192) a. [PRO Ser capaz de se sustentar sozinho] agradaria muito o João.
 b. [PRO Resolver problemas de matemática] sempre foi difícil para os alunos.
 c. [PRO Olhar para o mar] faz um bem enorme para a Maria.
 d. [PRO Observar os exemplos dos outros] ajudou o João a errar menos.

Todos esses exemplos retratam ocorrências de *backward control*: PRO é catafórico, ou seja, é correferente a um argumento que o segue (seu controlador) e que não o c-comanda - exatamente

²²⁹ Casos de *small clauses* como sujeitos de outras *small clauses* são atestados em exemplos como (i):

(i) [Alunos desanimados com a falta de bolsas] é uma situação comum nas universidades.

o que temos na *small clause* base das pseudoclivadas do tipo B (cf. (190)). Há também casos de PRO catafórico com interpretação arbitrária (ex. (193)) igualmente atestados nas pseudoclivadas (ex. (194)), em que não há um controlador disponível (exemplos em (a) extraídos de Heggie 1988: 369):

- (193) a. PRO to wash oneself everyday is necessary for good hygiene.
 b. PRO Lavar as mãos várias vezes ao dia é importante para evitar doenças.
- (194) a. What is a shame is PRO to shoot oneself accidentally.
 b. O que é importante para evitar doenças é PRO lavar as mãos várias vezes ao dia.

A hipótese de que um PRO deve fazer parte do sujeito da *small clause* das pseudoclivadas sempre que esse for um predicado (para que esse predicado seja devidamente saturado e o sujeito da *small clause* seja um sujeito lícito) encontra suporte em casos que exigem um PRO, como nos exemplos abaixo:

- (195) a. O que a Maria quer é PRO viver tranquila.
 b. PRO Viver tranquila é o que a Maria quer.
 c. É PRO viver tranquila o que a Maria quer.

Mesmo análises monoracionais precisam admitir um PRO aqui, já que na sentença simples correspondente à pseudoclivada PRO é previsto (*A Maria quer [PRO viver tranquila]*) - o que dá conta também da concordância com o predicado secundário (o *depictive*) *tranquila*, para o qual também se pode admitir PRO como sujeito local, igualmente correferente ao sujeito da relativa livre, *a Maria* (notar que a mudança desse sujeito para *o João*, por exemplo, altera os traços-phi do predicado secundário: *O João quer viver tranquilo*). Em (196), abaixo, reproduzimos exemplos de Heggie (1988: 364-365), cujo foco é um infinitivo (196a,b), um VP (196c), um PP (196d) e um AP (196e):²³⁰

²³⁰ Heggie (1988: 365) atribui o exemplo em (196c) a Barss (1984). BARSS, A. 1984. *Chain Binding*. Ms., MIT, Cambridge, Massachusetts.

- (196) a. What John_i promised Mary_k was PRO_{i/*k} to try harder.
 b. What John_i persuaded Mary_k of was PRO_{*i/k} to keep working.
 c. What Mary wants Fred to do is PRO shoot himself/*herself.
 d. PRO Beside herself/*himself with worry is what John says Mary is.
 e. PRO Concerned only about herself/*himself is what John says Mary is.

Segundo Heggie (1988: 374), *evidence that a PRO is indeed projected was then found in the necessity for obligatory control if an appropriate controller is available*. Uma consequência interessante dessa análise ressaltada pela autora é que havendo um PRO como sujeito local quando o foco (que é o sujeito da *small clause*) das pseudoclivadas (do tipo B) for um predicado, fica explicado por que (197a), com a anáfora, é uma pseudoclivada (só tem a leitura especificacional), mas (197b), com o pronome, não é (só tem a leitura predicacional):

- (197) a. [What John is] is [PRO important to himself].
 b. [What John is] is [(**PRO*) important to him].

Na pseudoclivada (especificacional) em (197a) PRO é previsto, conforme mostrado aqui, ele satura o predicado (*important to himself* em (197a)), de modo que esse se torna um sujeito lícito para a predicação básica que integra a estrutura das pseudoclivadas (do tipo B). Por outro lado, na copular predicacional não-clivada em (197b), PRO não pode ocorrer, do contrário, afirma Heggie (1988: 366), haveria uma violação do Princípio B, uma vez que o pronome estaria vinculado ao PRO. Além disso, não há razão para se postular um PRO na copular predicacional (não-clivada) em (197b), ou melhor, o mesmo é impossível, uma vez que o predicado *important to him* é, de fato, o predicado na *small clause* básica que integra essa sentença e a relativa livre, seu sujeito, é o argumento que deve saturá-lo (e não PRO). Adiante, na seção 2.7, será confrontada a estrutura sintática das pseudoclivadas com a das copulares predicacionais não-clivadas, e será destacada essa diferença fundamental na constituição da predicação básica que integra cada uma.

Outro caso que dá suporte à hipótese de um PRO no sujeito da *small clause* das pseudoclivadas (do tipo B), sempre que esse for um predicado, são casos de pseudoclivadas com quantificadores flutuantes junto a esse sujeito da predicação básica (o foco), como ocorre nos

exemplos abaixo ((198) extraído de Hankamer (1974: 223), (199) fornecido por Den Dikken (c.p.), que nos ressaltou essa evidência, e (200-201) dados nossos):

(198) What *the little bastards* did was *all* get in the tub at the same time.

(199) *All* eager to succeed is what *these students* are.

(200) [O que *todos os políticos* são] são [PRO mentirosos].

(201) a. O que *os políticos* são são *todos* mentirosos.

b. São *todos* mentirosos o que *os políticos* são.

c. *Todos* mentirosos são o que *os políticos* são.

Como os chamados quantificadores flutuantes são combinados localmente ao nome quantificado, ou melhor, entram na estrutura diretamente relacionados ao termo quantificado,²³¹ e sendo nossa análise para as pseudoclivadas do tipo B uma análise bioracional WYSIWYG, o PRO (controlado pelo sujeito da relativa livre) serve como o membro que falta para o quantificador no foco dessas pseudoclivadas (lembrando que o foco é o sujeito da predicação básica e a relativa livre, o predicado). Declerck (1988: 52), que retoma o dado em (198) de Hankamer (1974), salienta que nas copulares predicacionais, como em (202) abaixo, essa “conectividade” entre o quantificador (no constituinte de um lado da cópula) e o termo quantificado (no constituinte do outro lado da cópula) é impossível, ou seja, nas predicacionais, quantificador e termo quantificado devem sempre aparecer juntos no mesmo constituinte, como em (202a):

(202) a. What *all the little bastards* did was surprising to us.

b. *What *the little bastards* did was *all* surprising to us.

A pseudoclivada em (198) contrasta com a copular predicacional (não-clivada) em (202b), porque somente na primeira é possível a quantificação de *all* sobre *the little bastards*, estando cada um em um constituinte de um dos lados da cópula. Diferentemente das pseudoclivadas em

²³¹ Essa ‘condição de localidade’ entre o quantificador e o nome quantificado quando combinados à estrutura em um mesmo constituinte ‘subjacente’ (que, subsequentemente, pode vir a ser separado (nas formas ‘flutuantes’) independe da análise que se atribua a eles, da estrutura interna das expressões quantificadas. Ver Lacerda (2012) para uma análise dos quantificadores flutuantes no PB.

(198)-(201) acima, na estrutura da copular predicacional em (202), não há PRO, porque nessas sentenças, a relativa livre é o sujeito da *small clause* e o termo pós-cópula, seu predicado. Assim, esse predicado já tem um sujeito local para saturá-lo: a relativa livre; portanto, não há como conceber (não há lugar para) um PRO nessas construções. Sem PRO, o quantificador no constituinte pós-cópula (o predicado da *small clause*) em (202b) está e foi combinado na estrutura sozinho - daí que não pode quantificar sobre o sujeito da relativa livre (*little bastards*) no constituinte pré-cópula. Conseguimos contraste similar no PB: de um lado as pseudoclivadas em (201) acima, em que é possível *todos* quantificar sobre *os políticos*, estando cada um em um constituinte de um dos lados da cópula, e de outro lado, as copulares predicacionais em (203) abaixo, em que a referida quantificação é impossível (cf. (203b)):

- (203) a. O que *todos os políticos* são é uma vergonha para nós, cidadãos.
 b. *O que *os políticos* são é *todos* uma vergonha para nós, cidadãos.

Os contrastes entre pseudoclivadas (especificacionais) e copulares predicacionais (não-clivadas) envolvendo exemplos com quantificadores flutuantes, assim como os com anáfora e pronome mostrados em (197) acima, são previstos pela hipótese de Heggie (1988), adotada aqui, de que há um PRO no sujeito da predicação básica das pseudoclivadas quando esse for uma categoria que serve tipicamente como predicado (de modo a torná-lo um sujeito lícito) - PRO que inexiste nas copulares predicacionais, cuja estrutura sintática é completamente outra²³² (nessas, a relativa livre é o sujeito e, como tal, já constitui um sujeito legítimo, dado que relativas livres são constituintes

²³² Ver seção 2.7 para a comparação das estruturas sintáticas das pseudoclivadas com copulares (predicacionais e especificacionais) que não são pseudoclivadas.

nominais).²³³ Em suma, voltando ao nosso ponto inicial, a conectividade de concordância verificada em pseudoclivadas como (189) acima recebe tratamento sintático na análise das

²³³ Análises WYSIWYG para as pseudoclivadas que não assumem um PRO no foco das pseudoclivadas (= sujeito da predicação básica) quando esse for um predicado, de modo a saturá-lo e torná-lo assim, um sujeito lícito, precisam recorrer a outras estratégias/estipulações, como fazem, por exemplo, Modesto (2001) e Hartmann, Hegedus & Surányi (2011). Modesto (2001: 63), para pseudoclivadas cujo foco (também analisado como o sujeito da predicação básica pelo autor) é um adjetivo, como na leitura especificacional de (ia), parafraseada em (ib), afirma que esse adjetivo (*bobo*) é entendido como um NP, tal como na paráfrase e, por isso, ele pode ser combinado como o sujeito da *small clause* nas pseudoclivadas. Na estrutura que o autor (p. 121) fornece para (ia) como pseudoclivada (especificacional), *bobo* aparece mesmo sob o ‘rótulo’ de NP.

- (i) a. O que o José é é bobo.
- b. José é o seguinte: um bobo.

Por sua vez, Hartmann, Hegedus & Surányi (2011), que também analisam o foco como o sujeito da *small clause* que integra as pseudoclivadas, sugerem que um operador-iota pode individualizar constituintes que não sejam DPs, de modo que eles possam ocorrer como sujeitos de predicação. Os autores, porém, não explicam como essa individualização pelo operador-iota ocorre, quais suas restrições, por que não podem ocorrer nas copulares predicacionais, etc. Parece-nos que a hipótese de Heggie (1988) de que haja um PRO para saturar o predicado nesses casos, tal como mostramos acima, no corpo do texto, é a menos ‘misteriosa’ e, por ela, é possível dar conta também da conectividade de concordância de pseudoclivadas como (189) acima, tal como retratado em (ii) abaixo - fato de que as outras análises não tratam:

- (ii) O que a Maria é é PRO perigosa.

pseudoclivadas do tipo B pela hipótese de que há um PRO (que é controlado pelo sujeito da relativa livre) no sujeito da *small clause* que integra essas pseudoclivadas.²³⁴

Quanto à concordância temporal nas pseudoclivadas, também chamada de harmonia temporal, que consiste na dependência do tempo expresso na cópula em relação aquele expresso no verbo da oração-wh, enquanto era capturada na análise do tipo A, não consegue ser na do tipo B. Sendo a cópula a lexicalização de T (REL+T) nas pseudoclivadas do tipo B, sua falta de autonomia temporal não é esperada. Esse é um ponto que fica sem tratamento não só em nossa

²³⁴ Lembrar que os únicos dois tipos de conectividade exclusivos das pseudoclivadas do tipo A eram o de IPN e de Caso. A conectividade de concordância, como vimos, é garantida tanto na análise do tipo A (pela resposta sentencial completa no contrapeso) quanto na do tipo B (pelo PRO no contrapeso/foco). Quanto aos demais tipos de conectividade, como aquelas envolvendo anáfora e pronome ligado como variável, acreditamos que sejam melhor tratados sob uma análise semântica (cf. Sharvit 1999), tal como defendido por outros proponentes de análises WYSIWYG na literatura, como Hartmann, Hegedus & Surányi (2011). Conforme discutido anteriormente, entre as razões que nos levam a tal conclusão estão: (a) a ocorrência desses tipos de conectividade não é restrita às pseudoclivadas, mas ocorrem também em sentenças copulares especificacionais não-clivadas e (tal como nas pseudoclivadas), independe da ordem dos constituintes (cf. (i) abaixo) e (b) há casos que resistem mesmo a um tratamento via reconstrução, última chance de uma análise ainda sintática, como proposto por Heycock & Kroch (1999) (mas lembrar também do problema de a reconstrução (em que o c-comando seria recuperado) ser em um nível pós-LF). Em (ii) repetimos um exemplo já mencionado neste capítulo (ao final da seção 2.4), para o qual é impossível um tratamento sintático para a conectividade, mesmo via reconstrução:

- (i) a. A prioridade da *Maria* todas as manhãs é *se* lavar.
- b. *Se* lavar é a prioridade da *Maria* todas as manhãs.

- (ii) O melhor brinquedo de *toda criança* é *seu* bichinho de estimação.

Além desses casos, as análises semânticas em geral também se referem a casos de “anti-conectividade” como outro ponto favorável a esse tipo de abordagem e contra as abordagens sintáticas. Em (iii) abaixo reproduzimos exemplos de Sharvit (1999: 323) que ilustram a ocorrência de anti-conectividade: a conectividade possível na copular especificacional (iiia) é exatamente aquela barrada na sentença simples (iiib):

- (iii) a. The person every professor/no professor thinks __ should get a raise is himself/?him.
- b. Every professor/no professor thinks *himself/he should get a raise.

Não discutiremos esses casos, sobre os quais há certa polêmica na literatura (ver, por exemplo, Schlenker (2003), que tenta, ainda assim, manter um tratamento sintático, alegando que casos com anti-conectividades são verificados em pares pergunta-resposta). Para nós, os pontos elencados em (a) e (b) acima são suficientes para nossa conclusão de que conectividades envolvendo anáfora e pronomes ligados são melhor tratadas sob uma perspectiva semântica.

análise para o tipo B, mas em todas as análises WYSIWYG defendidas na literatura para as pseudoclivadas, que na maioria das vezes, nem sequer comentam sobre ele.²³⁵

Há, por fim, um último caso de concordância nas pseudoclivadas sobre o qual gostaríamos de comentar brevemente: a concordância que pode haver entre a cópula e o foco (quando este é um DP), em pseudoclivadas como (204), abaixo ((204b) mostrado anteriormente em (133)):

- (204) a. O que me dá dor de cabeça {é/são} as crianças.
b. Quem chegou {foi/foram} as crianças.

A possibilidade de concordância da cópula tanto com o sujeito gramatical (a relativa livre, predicado alçado a SpecTP), quanto com o sujeito da predicação, que fica *in situ*, retratada acima

²³⁵ A referida harmonia temporal não é exclusiva das pseudoclivadas, mas ocorre também nas copulares especificacionais não-clivadas, como (i), o que novamente as aproxima:

- (i) a. O atual marido da Maria é/*foi/*vai ser o João.
b. O ex-marido da Maria é/foi/*vai ser o João.

Assim como nas pseudoclivadas, a quebra da harmonia temporal em (i) é impossível: se não houver uma ‘concordância temporal’ estrita do tempo expresso na cópula com aquele do verbo da oração-wh, o tempo marcado na cópula só pode ser neutralizado na forma *default* (3ª p. s.), como observamos em (ib). Notar o contraste com as copulares predicacionais, para as quais a harmonia temporal não é obrigatória:

- (ii) a. O atual marido da Maria é/foi/vai ser corrupto.
b. O ex-marido da Maria é/foi/vai ser corrupto.

para as pseudoclivadas é fato atestado também nas sentenças copulares especificacionais não-clivadas do PB sob o mesmo padrão (predicado<sujeito):²³⁶

- (205) a. O meu maior tesouro {é/são} as crianças.
 b. O maior problema {foi/foram} as crianças.

Quando o sujeito da predicação for um pronome, a concordância parece ser fortemente favorecida, conforme os dados de Kato (2009), que destaca o paralelo entre os padrões possíveis de copulares especificacionais não-clivadas (ex. (206)) e os de pseudoclivadas (ex. (207)). Nessas sentenças, a cópula na forma *é* (caso em que não concorda com o sujeito da *small clause*) é degradada (o acréscimo de *é* aos dados foi nosso):

- (206) a. O culpado sou/??é eu.

²³⁶ Em outras línguas, a concordância nas copulares especificacionais (não-clivadas) é mais restrita. Em inglês e francês, por exemplo, a concordância ocorre sempre com o predicado em posição de sujeito gramatical (ex. (i), com a diferença de que no francês, o predicado aparece sempre deslocado e uma proforma ocupa a posição de sujeito). Por outro lado, em italiano e alemão, a concordância da cópula ocorre com o sujeito da predicação, que permanece em posição pós-verbal (ex. (ii)). Já em holandês, apesar de encontrarmos na literatura o mesmo padrão do alemão, com concordância com o sujeito *in situ* (cf. (iii)), Heycock (2012) chama atenção para o estudo experimental de Fischer (2003), que mostra variação entre concordância com o predicado inicial ou com o sujeito pós-cópula, que praticamente se igualam em proporção. Essa variação reportada foi encontrada tanto para exemplos diferentes, quanto para um mesmo exemplo, e não só entre falantes distintos, o mesmo falante apresenta julgamentos variados (o exemplo em (iia) abaixo foi extraído de Moro (1997), (iiia) de Den Dikken (1998) e (iiib) de Den Dikken (2013), todos os demais foram extraídos de Heycock (2012)).

- (i) a. The real problem is/*are your parents.
 b. L'état, c'est moi.
 the state it be.PRES.3SG me
 'The state is me.'
- (ii) a. La causa della rivolta sono/*è le foto del muro.
 the cause of the riot are/*is the pictures of the wall
 b. Das eigentliche Problem sind /*ist deine Eltern.
 the real problem be.PRES.3PL /*be.PRES.3SG your parents
 'the real problem is your parents'
- (iii) a. de oorzaak van del rel *was/were de foto's van de muur.
 the cause of the riot *was/were the pictures of the wall
 b. het probleem zijn/*is de kinderen.
 the problem are/*is the children

b. Sou/??é eu o culpado.

c. Eu sou/*é o culpado.

(207) a. Quem mais trabalha sou/??é eu.

b. Sou/??é eu quem mais trabalha.

c. Eu sou/*é quem mais trabalha.

Para os padrões em (b,c) acima a concordância com o sujeito da *small clause* ‘eu’ é trivial: T sonda seu domínio de c-comando e o alvo ativo mais próximo que encontra é o sujeito *eu*. Então, T faz *Agree* com esse sujeito em ambas as sentenças em (b,c) (resultando na forma da cópula *sou*) com a diferença de que em (c), esse mesmo sujeito também satisfaz o EPP de T, sendo alçado e combinado como o especificador de T. O problema é dar conta da concordância com o sujeito da *small clause* ‘eu’ no padrão em (a). Segundo Kato (2009: 381), “a cópula em T faz a concordância com o pronome de 1ª pessoa; e finalmente, o predicado *o culpado* [em (206a)] sobe para Spec de T, que tem traços EPP”. O mesmo ocorre para a pseudoclivada em (207a), cujo predicado é a relativa livre *quem mais trabalha*, conforme mostra a autora (p. 382). O problema com essa análise é a dissociação que há entre *Agree* e movimento: se T contrai *Agree* com o sujeito nocional *eu*, é difícil explicar por que não é esse mesmo sujeito que é movido para satisfazer o EPP de T, mas, ao invés disso, outro DP, o predicado nocional (um DP simples (em (206)) ou a relativa livre (em (207))), com o qual T não estabeleceu concordância.²³⁷ Em outras palavras, não é esperado que haja *Agree* de um probe com um *goal*, mais movimento de outro *goal* para satisfazer o mesmo *probe*, se o primeiro *goal* é um candidato plenamente capaz de satisfazer a segunda relação. Se há Inversão de Predicado, conforme análise defendida aqui, para derivar a pseudoclivada cuja relativa livre (o predicado) está em posição inicial, como (207a) (o mesmo vale para (206a)), o esperado é que este predicado escolhido para satisfazer o EPP seja o mesmo *goal* que contraia *Agree* com T, desencadeando, assim, a forma de 3ª p.s. na cópula. Essa é uma opção possível, como vemos pelas formas *é* e *foi* em (204)-(205) acima. O problema é que nas copulares especificacionais, entre elas as pseudoclivadas, em que houve Inversão de

²³⁷ Kato (2009: 381) diz em nota (sua nota 8) que “a concordância não se dá com *o culpado* porque este só tem traços-φ não interpretáveis”. Discordamos, no entanto, dessa alegação. Conforme mostrado em (204)-(205), acima, no corpo do texto, o predicado nominal é sim capaz de estabelecer *Agree* com T; aliás, esse é o padrão de algumas línguas, como o inglês (cf. (i) da nota 236).

Predicado, essa não é a *única* opção disponível, pelo menos não em PB (ver nota (239) para o mesmo fato problemático em inglês e notas 236 e 239 para o holandês). Crucialmente, nas mesmas sentenças com Inversão de Predicado em (204)-(205), é possível a concordância da cópula com o sujeito nocional *in situ*. Além disso, como mostram os dados de Kato (2009) acima, em (206a)-(207a), quando o sujeito da predicação for um pronome, a concordância com ele é, se não necessária, fortemente favorecida, ainda que seja o predicado nocional que satisfaça o EPP de T.^{238 239}

²³⁸ Modesto (2001) trata da concordância nas pseudoclivadas entre a cópula e o sujeito nocional (= sujeito da *small clause* e foco da pseudoclivada) no padrão oração-wh<foco, fazendo uso do IP dividido em TP e AgrP de Pollock (1989). A cópula teria T como sua posição final e exibiria concordância com o foco em SpecAgrP, porque SpecTP em sua análise é ocupado pela relativa livre e considerado como uma posição A-barra. Um dos problemas com sua análise é a explicação para os casos em que não há concordância com o sujeito nocional, em que ele sugere que Caso e concordância sejam dissociados e, assim, o foco apenas teria seu Caso checado em SpecAgrP sem, no entanto, concordar com a cópula que passa pelo núcleo Agr e, depois, sobe para T. Além disso, desde Chomsky (1995), Agr é rejeitado como uma categoria funcional. A concordância não constitui mais uma projeção na sintaxe, mas é apenas um reflexo morfológico de uma relação sintática (*Agree*) entre uma sonda e um alvo. Assim, essa relação não deve ser identificada como uma categoria sintática. Ver Moro (1997) que também rejeita uma abordagem baseada em Agr para *small clauses*.

²³⁹ Outra alternativa para dar conta da concordância nas sentenças copulares especificacionais foi feita em Lima (2006) que, apesar de não comentar sobre as pseudoclivadas, sua análise deve servir também para essas construções, já que fazem parte do grupo de copulares especificacionais. Lima (2006) faz uso da análise de Moro (1997) e propõe que nos casos em que há concordância com o sujeito nocional *in situ*, o predicado alçado é um pro-predicado (pro-*there*) e o predicado nominal é um adjunto de TP, como em (i) (mesma análise que Moro (1997) confere às sentenças equivalentes no italiano). Quando a concordância é feita com o predicado nocional pré-cópula e não com o sujeito nocional *in situ* (ex. (ii)), não há pro-predicado, e o predicado nominal é o que é alçado a SpecTP (mesma análise de Moro (1997) para sentenças equivalentes em inglês):

- (i) [_{TP} [o problema] [_{TP} [pro-*there*]_k são_j [_{VP} t_k [as *meninas*]_i t_j [_{VP} t_j [_{SC} t_i t_k]]]]]
 (ii) [_{TP} [o problema]_k é_j [_{VP} t_k [as *meninas*]_i t_j [_{VP} t_j [_{SC} t_i t_k]]]]]

Há, contudo, alguns problemas com essa análise. O primeiro, apontado por Den Dikken (1998) é que pela análise de Moro (1997), línguas que produzem o padrão de concordância ilustrado em (i), devem admitir alguma instância de pro, pelo menos de pro não-referencial (já que o predicado não é referencial). Contudo, o holandês, apesar de não ter pro-predicado (o autor mostra que mesmo remotos candidatos a tal são desqualificados desse estatuto), apresenta o padrão de concordância nas copulares com inversão de predicado tal como (i) (cf. ex. em (iii) na nota 236) - o que não seria esperado, segundo a análise de Moro (1997). Uma segunda objeção que podemos fazer a essa análise é que mesmo o inglês, apontado por Moro (1997) como exibindo apenas o padrão com concordância com o predicado pré-cópula, nas construções com inversão de predicado (como em (ii) acima), já que essa língua não tem pro(-predicado), pode apresentar concordância com o sujeito nocional pós-cópula em pseudoclivadas, como podemos atestar nos dados em (iii) (dados extraídos de Heycock (2012), que atribui (iiib) a Higgins, citado em Partee 1998. PARTEE, B. 1998. *Copula inversion puzzles in English and Russian*. Draft of talk given at FASL7, Seattle, May 1998):

- (iii) a. What he saw behind him was/were two men.
 b. What makes something a pencil are superficial characteristics such as a certain form and function.
 c. All I could see was/were two staring eyes.

Por fim, quanto ao PB, além de se precisar levar em conta a influência de um pronome como sujeito da *small clause*, que sempre favorece a concordância com ele, ainda que na presença de Inversão de Predicado (como vimos acima nos dados em (206a)-(207a)), há dados que não têm lugar na análise de Lima (2006) (que segue Moro 1997), como esses abaixo, fornecidos por Braga, Kato & Miotto (2009):

- (iv) a. Dois cafezinhos é o que eu quero.
 b. *Dois cafezinhos são o que eu quero.

Os dados em (iv) estão no padrão canônico (sujeito<predicado). Então, se o sujeito foi o consituente alçado, o esperado seria que ele desencadeasse concordância com a cópula (em T) e não o predicado *in situ*. Julgamentos similares aos de Braga, Kato & Miotto (2009) acima para o PB são reportados por Den Dikken (c.p.) para o holandês em (va-b):

- (v) a. twee broeken is wat ik wil kopen
 duas calças é o que eu quero comprar
 b. ??twee broeken zijn wat ik wil kopen
 duas calças são o que eu quero comprar
 c. wat ik wil kopen zijn/is twee broeken
 o que eu quero comprar são/é duas calças

No padrão em (vc) (predicado<sujeito), as duas concordâncias são aceitáveis - o que serve para ilustrar a variação comentada em Heycock (2012) com referência ao trabalho de Fischer (2003) para essa língua (cf. também nota 236). Heycock (2012) analisa a diferença entre o alemão, cuja concordância parece ser consistente com o sujeito nocional, e o holandês, que apresenta variação, explorando a possibilidade de *scrambling* nas duas línguas - análise que é rejeitada por Den Dikken (a sair). Não reproduzimos os argumentos desse autor aqui.

Nos limites desta tese e, em face dos problemas e limitações que *todas* as análises já propostas para tratar da concordância nas sentenças copulares especificacionais têm (cf. também notas 238 e 240), não temos condições de apresentar aqui uma solução (que não seja *ad hoc*) para o problema. Mesmo a análise de Moro (1997), bastante promissora para cobrir a variação das línguas nesse aspecto, tem suas limitações e problemas quando se considera mais línguas (como o holandês) ou ainda mais dados da mesma língua (como do inglês), conforme apontamos na nota anterior. E no modelo de *Agree*, como vimos acima, também há restrições. É fato que as pseudoclivadas do tipo B, que se assemelham às copulares especificacionais em geral, podem, assim como essas, manifestar concordância da cópula ora com o sujeito, ora com o predicado nominal. Entretanto, como essa variação na concordância, que não é exclusiva do PB, deve ser tratada analiticamente ainda não é claro.²⁴⁰ Encerramos, aqui, nossa apresentação e discussão sobre as pseudoclivadas do tipo B. Como última parte deste capítulo, fazemos algumas considerações finais sobre alguns pontos que ficaram pendentes ao longo dele envolvendo as construções pseudoclivadas do tipo A e B.

2.7 Considerações Finais

O primeiro ponto a ser tratado aqui diz respeito à prometida comparação da sintaxe das pseudoclivadas com a das sentenças com sequências idênticas, porém que não são

²⁴⁰ Apenas para dar uma última amostra de como são complexos os fatos relativos à concordância nas sentenças copulares em geral nas línguas, mostramos esses exemplos do holandês, fornecidos por Den Dikken (c.p.):

- (i) a. *wat zijn dat?*
what are that? (=‘What are those?’)
- b. *wat is/*zijn lekker?*
what is/*are nice
- c. *dat is/*zijn lekker*
that is/*are nice

Em (ia), não há nem mesmo fonte morfossintática para a flexão de plural na cópula nos constituintes da sentença copular: nem *wat* tampouco *dat* podem desencadear a concordância plural, como fica claro pelos dados em (ib) e (ic). Segundo aponta Den Dikken (c.p.), esse deve ser um caso de atribuição pós-sintática de traços- ϕ para a cópula baseada na referência pretendida. Porém, para os casos das pseudoclivadas, não cogitaríamos essa opção, dado que exemplos como (ii) são agramaticais (a fonte da concordância está sempre expressa nessas sentenças):

- (ii) Quem chegou foi/*foram a Maria.

(pseudo)clivadas, discutidas no início deste capítulo, na seção 2.2. Começemos com (208) abaixo, em princípio ambígua entre uma pseudoclivada (especificacional) e uma copular predicacional:

(208) O que o João é é importante.

Quando (208) é uma pseudoclivada, *importante* é o valor para a variável identificada na oração-wh, é, assim, o constituinte ‘clivado’. De acordo com a análise proposta aqui, como pseudoclivada, (208) teria então a estrutura em (209), em que houve Inversão de Predicado (a relativa livre é o DP escolhido por T para checar seu EPP):

Quando (208) é uma simples copular predicacional não-clivada, *importante* predica sobre toda a relativa livre que, nesse caso, é uma expressão referencial equivalente ao *status* do João. Como uma predicacional, (208) teria a estrutura sintática em (210):

Como podemos atestar comparando (209) com (210), a sintaxe da copular predicacional é muito diferente da sintaxe da pseudoclivada. As diferenças aqui já começam na predicação de base (RelP) de cada uma: na predicacional, a relativa livre é o sujeito da predicação e o adjetivo, o seu predicado (grosso modo, [*O que o João é*] é interessante = [*isso*] é interessante). Por outro lado, na pseudoclivada, o adjetivo é (parte d) o sujeito da predicação e a relativa livre é o predicado (grosso modo, *O que o João é* é interessante = Interessante é o que o João é = [*isso*] é o que o João é).^{241 242}

Passamos, agora, a examinar a sentença em (211) ambígua entre uma pseudoclivada²⁴³ e uma copular especificacional não-clivada:

(211) A Maria é quem revisa textos.

Conforme discutido inicialmente na seção 2.2, quando *a Maria* for o foco da sentença, é o valor para a variável dentro da relativa livre, logo, há clivagem: *a Maria* é justamente o constituinte

²⁴¹ A sentença *Interessante é o que o João é* não tem ambiguidade, é somente pseudoclivada (especificacional) - fato reconhecido desde Higgins (1973). O predicado das sentenças copulares predicacionais não pode ser invertido.

²⁴² Fizemos aqui a comparação apenas com as pseudoclivadas do tipo B, já que essas também têm na base uma *small clause* entre os termos de cada lado da cópula (como a relação inicial que constitui a sentença), portanto, a comparação entre elas é a mais saliente. Mas, como pseudoclivada, (208) também admitiria uma derivação segundo o tipo A (uma *self-answering question*). Nesse caso, a distinção da estrutura da copular predicacional é bastante evidente. Adiante, comentaremos mais sobre a ambiguidade (entre tipo A e tipo B) de parte das pseudoclivadas.

²⁴³ Aqui a pseudoclivada em questão só pode ser do tipo B, já que a sentença está no padrão com oração-wh final e, como vimos, as pseudoclivadas do tipo A têm ordem rígida, apenas no padrão com oração-wh inicial.

‘clivado’ e a sentença, uma pseudoclivada (no padrão com oração-wh final). Um contexto que limita essa interpretação teria uma afirmação prévia como esta em (212a):

- (212) a. Quem revisa textos é a Ana.
 b. *A Maria* (que) é quem revisa textos. (e não a Ana).

Como pseudoclivada, é possível haver um *que* adjacente ao foco de (211), como ilustrado em (212b). Segundo a análise proposta aqui, essa sentença teria a estrutura em (212c) abaixo, com o sujeito da *small clause* (RelP) movido, mas já para o domínio A-barra, onde é capaz de checar o traço EPP, uma vez que esse é um traço do sistema C-T:

Na outra interpretação de (211), a sentença é apenas uma simples copular especificacional, em que não há clivagem. Assim, o foco recai sobre a relativa livre, em um contexto como (213a), do mesmo modo que recai sobre o DP simples pós-cópula em (213c) (em que, igualmente, não há clivagem).²⁴⁴ A estrutura de (211) como uma copular especificacional não-clivada (=213b) é esta abaixo:

- (213) a. Quem é a Maria?

²⁴⁴ Como já comentamos na seção 2.2, para que haja clivagem e o constituinte clivado seja uma relativa livre, essa relativa livre tem que ser o valor para uma variável instaurada no outro constituinte da sentença copular, como em (i):

(i) Quem recebeu aumento foi quem revisa textos.

b. A Maria (*que) é *quem revisa textos*.

c. A Maria é *a revisora*.

Quando comparamos (212c) com (213d), notamos que as diferenças sintáticas são menores do que entre (209) e (210) acima, isso porque a copular em (213b) também é uma sentença especificacional e tem as mesmas relações na predicação de base: *a Maria* é o sujeito da *small clause* e a relativa livre, o predicado. Entretanto, somente quando (211) é uma pseudoclivada, o sujeito da *small clause* é derivado em SpecCP (cf. 212c), ao contrário da copular especificacional não-clivada em (213d), cujo sujeito se move só até SpecTP, uma posição típica de tópico. Que o sujeito nesse caso está em SpecTP e não deslocado em CP é evidenciado pela impossibilidade de um *que* adjacente a esse sujeito (cf. (213b) acima) - diferentemente do que ocorre com a pseudoclivada no padrão em (212b) acima, em que esse *que* é possível. Aqui, é interessante resgatarmos um teste de encaixamento (em *non-bridge verbs*) que aplicamos às pseudoclivadas, a fim de testá-lo na copular especificacional não-clivada, para ver se o resultado dá suporte à diferença estrutural entre (212c) e (213d), a primeira um CP e a segunda um TP:

- (214) a. *A Ana lamenta [_{CP} que [_{CP} *a Maria* (que) é quem revisa textos]]. (e não a Clara)
 b. A Ana lamenta [_{CP} que [_{TP} *a Maria* é *quem revisa textos*]].

Como esperado, somente a copular especificacional não-clivada em (213b) permite o encaixamento, dado que sua estrutura não é maior do que TP, portanto não há restrições para sua ocorrência no contexto encaixado em (214).

Em suma, partindo de uma mesma relação de predicação básica, a *small clause* (RelP) que constitui tanto a pseudoclivada (212c), quanto a copular especificacional não-clivada (213d), se o sujeito dessa *small clause* (*a Maria*) for movido só até TP, a interpretação nas interfaces para essa derivação será aquela compatível com o contexto em (213) e a sentença não será pseudoclivada, mas uma simples copular especificacional. Se, por outro lado, esse sujeito se mover para o domínio A-barra (tomado aqui como SpecCP), a interpretação que essa sentença receberá nas interfaces é aquela compatível com o contexto em (212), em que o referido sujeito é “lido” como foco da sentença (é o constituinte ‘clivado’), consequentemente, a sentença é pseudoclivada. O movimento (no caso em questão, do sujeito) para o domínio A-barra produz, assim, um efeito particular nas interfaces no resultado final e, por isso, é um movimento lícito.²⁴⁵

Uma vez examinados os casos superficialmente ambíguos sob o ponto de vista sintático e, assim, eliminadas as sentenças copulares predicacionais e especificacionais não-clivadas do grupo de pseudoclivadas, esperamos ter deixado claro o que reconhecemos como pseudoclivadas: sentenças complexas formadas por (i) um constituinte que contém uma variável, na forma de uma oração-wh, (ii) um constituinte que é ou contém o valor para aquela variável e (iii) uma cópula relacionando os dois termos. Do ponto de vista discursivo, a oração-wh, que contém a variável, deve ser interpretada como informação velha, o *background*, pois só assim o valor para essa variável, o constituinte ‘clivado’, será informação nova, o foco.²⁴⁶ Do ponto de vista sintático, pseudoclivadas são sentenças bioracionais de dois tipos: (i) um tipo A, com uma estrutura de tópico-comentário que se assemelha a um par pergunta-resposta - o tópico é a oração-wh, uma interrogativa, e o comentário é a resposta a essa pergunta (uma resposta sentencial completa, que contém o foco e é sujeita à elipse preferencial); e (ii) um tipo B, com uma estrutura predicacional

²⁴⁵ Ver Horvath (2000; 2005; 2007) para um tratamento de movimentos A-barra que não sejam *feature-driven*, mas baseado em noções de economia derivacional, tal como proposto por Fox (1995; 2000) e Reinhart (1995) no que ficou conhecido como a *interface economy approach*. A ideia é que esses movimentos podem ser aplicados somente se, como resultado deles, sejam produzidas interpretações nas interfaces que, de outro modo mais econômico (isto é, sem eles), não seriam produzidas. FOX, D. 1995. Economy and scope. *Natural Language Semantics* 3.283-341. FOX, D. 2000. *Economy and Semantic Interpretation*. Cambridge: MIT Press. REINHART, T. 1995. Interface Strategies. *OTS Working Papers in Theoretical Linguistics*. Utrecht: OTS.

²⁴⁶ Como já mencionamos na parte inicial do capítulo, essa caracterização é fiel ao significado do termo *clivagem*, uma vez que a sentença é entendida como dividida, bipartida (‘clivar’ literalmente significa dividir, fragmentar), e o foco é justamente o constituinte que foi ‘clivado’ na sentença, em concordância com a caracterização tradicional de Akmajian (1970) e Higgins (1973).

como base (*small clause*), em que a oração-wh, uma relativa livre, é o predicado (sujeita à Inversão de Predicado) e o XP, seu sujeito, necessariamente, o foco.

Sobre essa análise dual defendida aqui para as pseudoclivadas do PB, gostaríamos de fazer algumas breves considerações. Uma delas é ressaltar que ela não é inédita, nem algo recente. Como já mostrado (cf. seção 2.4.1), Akmajian (1970) foi o primeiro a reconhecer a necessidade de uma análise dual para as construções pseudoclivadas, dada a variedade e complexidade dos dados, que resistem a um tratamento homogêneo (a menos que se ‘engorde’ uma lista das ‘exceções’). Depois dele, DMW (2000) defendem, *mutatis mutandis*, uma análise para as pseudoclivadas que também leve em conta dois tipos, com base em dados sobretudo do inglês e do alemão. Essa análise dual, com os tipos A e B, definidos, grosso modo, pela maneira como acabamos de resumir acima, foi adotada por outros, como por Rafal (2009) para as pseudoclivadas do ilocano, por Barbosa (2013) para as pseudoclivadas do PE (que, por sua vez, se baseia e avança nas distinções mencionadas em Lobo (2006)) e foi adotada também por nós, neste trabalho, para as pseudoclivadas do PB. Mas, a defesa de uma análise dual não deve valer para todas as línguas.

Há línguas que suportam apenas um tipo; nessas, as pseudoclivadas são sempre formadas por uma oração-wh não-ambígua. Línguas como grego, búlgaro, húngaro, hebreu, macedônio e wolof (língua falada no Senegal e Gâmbia) distiguem morfologicamente o elemento wh usado em relativas livres do que é usado em interrogativas; e, para formar suas pseudoclivadas, essas línguas empregam sempre aquele presente nas relativas livres - o que leva a crer que suas pseudoclivadas sejam todas do tipo B. Em hebreu, segundo Caponigro & Heller (2007), a distinção não é propriamente no pronome wh, mas na presença do complementizador *še*, necessário nas relativas livres e na oração-wh das pseudoclivadas e ausente nas interrogativas. Além do hebreu, Caponigro & Heller (2007) também discutem os dados do húngaro, macedônio e wolof - todos favorecendo uma análise como a do tipo B, pela natureza da oração-wh, tipicamente uma relativa livre. Hartmann, Hegedus & Surányi (2011) apresentam uma análise detalhada, tal como a do tipo B (WYSIWYG), para as pseudoclivadas do húngaro, com algumas das previsões que mostramos aqui (como a possibilidade de verbos modais junto à cópula, etc). Por fim, os dados do grego são discutidos em Alexiadou & Giannakidou (1998) e referidos em

DMW (2000), que também se reportam aos do búlgaro (citando Izvorski (1997)²⁴⁷), como ambos merecedores de uma análise exclusiva do tipo B.

Por sua vez, há línguas que parecem só ter pseudoclivadas do tipo A, como a língua de sinais americana (LSA), segundo Grolla (2003). Essa autora mostra que a LSA não conta com relativas livres, não tem nem aquelas copulares predicacionais (tradicionalmente chamadas de “pseudoclivadas predicacionais”), cujo sujeito é uma relativa livre. A conclusão a que chega Grolla (2003), em seu estudo, é que as pseudoclivadas produzidas nessa língua devem ser formadas por uma pergunta, seguindo a *question-in-disguise theory*, adotada por Schlenker (2003), para analisá-las. Em outras palavras, segundo Grolla (2003), a LSA só tem pseudoclivadas do tipo A. Outra língua que apresenta pseudoclivadas do tipo A (apesar de não ficar claro se elas são exclusivas) é o russo, conforme relatado por DMW (2000: 74). Os autores mostram dados dessa língua (devidos a Izvorski (1997)) com (i) conectividade de Caso, (ii) possibilidade de uma resposta sentencial completa no contrapeso e (iii) impossibilidade de alteração na ordem - como vimos, todas características somente das pseudoclivadas do tipo A. Estudos interlinguísticos adicionais são, sem dúvida, necessários para checar o alcance de uma proposta que defende a existência de dois tipos de pseudoclivadas, e que prevê línguas que podem apresentar ambos os tipos (como defendemos aqui para o PB) e línguas que apresentam apenas um deles.

Por fim, como último tópico deste capítulo, gostaríamos de comentar, brevemente, a questão da potencial ambiguidade de pseudoclivadas no padrão com oração-wh inicial, já que esse padrão pode, em princípio, ser derivado tanto no tipo A quanto no tipo B. Para uma pseudoclivada nesse padrão, sem nenhum indício específico de um dos tipos em sua oração-wh e com o contrapeso sendo só o foco estrito (como em *O que o João comprou foi um carro*), não há diferenças interpretativas que restrinja essa pseudoclivada a uma das estruturas, ou só a do tipo A ou só a do tipo B, estando ambas disponíveis. Como pseudoclivadas do tipo A e do tipo B têm numerações diferentes, não é possível compará-las sob a perspectiva de economia nas derivações, suas derivações não competem uma com a outra, no que diz respeito ao sistema computacional. Assim, ambas sendo convergentes, a possibilidade de duas estruturas é legítima: as duas derivações coexistem lado a lado, a menos que restrições do contexto (encaixado, etc.), ou de

²⁴⁷ IZVORSKI, R. 1997. On the type of Be and the nature of the Wh-clause in specificational pseudoclefts. Paper given at the *Workshop on the Syntax and Semantics of (Pseudo-)Clefts*, ZAS, Berlin, November, 1997.

outros fatores, elimine uma delas. Há, portanto, ambiguidades estruturais que não necessariamente resultam em efeitos diferentes em PF e LF, dado que não há efeitos diferentes quanto a escopo, não há diferença nas condições de verdade, logo, não há ambiguidade quanto à interpretação dessas sentenças.²⁴⁸ No PB, colabora para isso o fato de se usar os mesmos pronomes *wh* tanto em relativas livres quanto em interrogativas; portanto, não há como reconhecer, na falta de evidência adicional, se estamos diante de um par pergunta-resposta (tipo A) ou diante de uma predicação de uma relativa livre a seu sujeito (tipo B).²⁴⁹ A interpretação, no que se inclui a estrutura informacional das pseudoclivadas em qualquer das duas “fontes sintáticas” para sua análise será, ao final, fundamentalmente a mesma. Com isso não estamos negando (como também esclarece o próprio Akmajian (1970)) que, na presença de dois significados distintos para uma mesma sentença, essa sentença deva ter duas estruturas; estamos apenas tomando a posição de que o contrário nem sempre é verdadeiro, isto é, não é necessariamente o caso que na presença de duas estruturas potencialmente capazes de derivar uma certa sentença, essa mesma sentença tenha que ser interpretada de duas maneiras diferentes, ou melhor, reconhecida como tendo dois significados distintos.

A esse respeito, não é raro encontrarmos outros casos em que há mais de uma estrutura disponível pela gramática sem que haja, necessariamente, efeitos distintos de interpretação em PF

²⁴⁸ A esse respeito, é válido mostrarmos a opinião de Akmajian (1970) (ainda que no estágio da teoria à sua época) que, dada sua análise ‘dual’, igualmente reconhecia a possibilidade de uma ambiguidade estrutural para algumas pseudoclivadas, sem que isso implicasse interpretações distintas para elas: *Notice, incidentally, that the claim that an unambiguous sentence can have more than one deep structure source does not represent a departure from standard transformational theory. For example, within the framework developed by Katz and Postal [1964], it is logically necessary to assign to an ambiguous surface structure more than one deep structure representation (the number of sources being equal to the number of possible sources). This is simply a consequence of the assumption that the semantic interpretation of a sentence must be explicitly and discretely represented in the deep structure phrase marker, and that only this level determines semantic interpretation. However the converse is not true. Even within the Katz-Postal framework, it is logically possible for an unambiguous surface structure to derive from more than one deep structure, each deep structure source being formally distinct. This is because within that framework the level of syntactic deep structure is distinct from the level of semantic representation, and therefore there exists a logical possibility that semantic interpretive rules can assign the same semantic readings to formally distinct deep structure phrase markers. We argue that this logical possibility is in fact instantiated in the case of pseudocleft sentences* (Akmajian 1970: 15-16). KATZ, J. J. & POSTAL P. M. 1964. *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. MIT Press, Cambridge, Mass.

²⁴⁹ Notar que (i) pode ser tanto uma relativa livre, por exemplo, quando encaixada em um verbo como *detestar* (ex. (iia)), quanto uma interrogativa, por exemplo, quando encaixada em um verbo como *perguntar* (ex. (iib)):

- (i) o que o João comprou
- (ii) a. A Maria detestou o que o João comprou.
- b. A Maria perguntou o que o João comprou.

e LF. Encontramos situação semelhante em outras análises, como, por exemplo, em Pires (2007) para sujeitos de sentenças neutras em PB. O autor argumenta que os sujeitos pré-verbais podem realizar-se em duas posições: tanto em posição argumental (SpecTP), quanto em posição não-argumental, deslocados à esquerda, como tópicos: *there is no single unified preverbal structural position where subjects are realized in BP* (Pires, 2007: 115). Em uma sentença simples e neutra, não há como reconhecer (conferir interpretação distinta para) quando é um caso ou outro. Mas, dependendo de outros fatores, da interação de propriedades estruturais de diferentes sentenças e contextos, é possível restringir sua posição, de forma similar como ocorre para as pseudoclivadas.²⁵⁰ Outro caso relevante que podemos apontar aqui diz respeito a sentenças simples com predicação secundária, como *O João pôs o livro na mesa*, que pode, em princípio, ter uma estrutura com predicado complexo, no caso, *pôs na mesa* (do qual *o livro* é o sujeito), ou outra em que só *na mesa* predica diretamente sobre *o livro* (e *pôs* predica sobre toda a *small clause* ‘*o livro na mesa*’). Mostramos no capítulo 1 que quando sentenças como essa são semiclivadas, ou melhor, quando podemos observar a distribuição da cópula, é possível saber com qual estrutura estamos lidando; mas, crucialmente, quando não há evidência desse ou de outro tipo, ela é potencialmente capaz de ser derivada via uma estrutura ou via outra, já que ambas estão disponíveis. Não há diferença interpretativa na sentença *O João pôs o livro na mesa* que a restrinja (ou a atrele) a somente uma das estruturas (não há diferenças quanto à escopo, quanto às condições de verdade da sentença, etc). Se ambas as derivações são bem formadas, não violam nenhuma restrição sintática, ambas tem um *output* convergente nas interfaces, que podem vir a receber a mesma interpretação, conforme acreditamos que pode ocorrer com algumas pseudoclivadas no padrão com oração-wh inicial.

2.8 Resumo do Capítulo

²⁵⁰ Por exemplo, para sujeitos quantificacionais, como é o caso de (i) abaixo, apenas uma das derivações está disponível, dado que tópicos não têm propriedades quantificacionais; porém quando o sujeito não for desse tipo e quando não houver nenhuma outra evidência de indique que ele esteja na posição de sujeito gramatical ou deslocado como tópico, ambas as possibilidades estão, em princípio, disponíveis, sendo que tal ambiguidade estrutural não é sensível, interpretativamente.

(i) Ninguém correu.

Neste capítulo, procuramos defender uma análise bioracional para as construções pseudoclivadas do PB. Delimitamos o que é e o que não é uma sentença pseudoclivada, apesar de, por vezes, haver aparente semelhança, uma ambiguidade apenas superficial. Discorremos sobre os polêmicos efeitos de conectividade que as pseudoclivadas exibem, procurando mostrar quais merecem tratamento sintático e quais não. Depois de apresentarmos os principais tipos de análise que as pseudoclivadas já receberam na literatura, com sua revisão crítica, defendemos uma análise bioracional para elas, contra análises monoracionais e análises de reconstrução (para as quais tecemos uma revisão crítica). A análise bioracional defendida neste capítulo contém uma divisão interna em dois tipos, chamados de A e B, na esteira da proposta de DMW (2000), que *não* são os únicos a defenderem um tratamento ‘cindido’ (‘dual’) para as pseudoclivadas (cf. Akmajian 1970, especificamente para as pseudoclivadas do inglês, Rafal 2009, para as do ilocano, e Barbosa 2013, para as do PE). Essa análise em dois tipos (ambos bioracionais) se fundamenta na heterogeneidade dos dados em nossa língua - sobretudo quanto às diferenças entre os dois padrões dessas construções (com oração-wh inicial e final) e ao tipo de oração-wh que pode ocorrer em cada qual - que resistem a um tratamento único, inteiramente homogêneo. Pretendemos, assim, ter mostrado como orações-wh diferentes estão relacionadas a padrões diferentes de pseudoclivadas, cada qual com uma estrutura sintática particular, com algumas decorrências que delas surgem e que contrastam entre si, conforme previsto pela análise de cada tipo.²⁵¹

As pseudoclivadas do tipo A recebem uma análise bioracional com elipse, na qual a oração-wh é uma interrogativa e o contrapeso, uma resposta sentencial completa para essa

²⁵¹ Na defesa desta tese, Mary Kato levantou a questão de um potencial problema para a aquisição das pseudoclivadas pela criança, face à existência, aqui defendida, de dois tipos dessas construções. Conforme discutido, não consideramos um problema, tendo em vista que ambos os tipos de pseudoclivadas são formados por estruturas existentes independentemente nas línguas e que a criança já tem que adquirir, inclusive antes (dado que a aquisição de clivadas é mais tardia, de acordo com os estudos feitos na área). Por exemplo, a oração-wh que forma os dois tipos de pseudoclivadas é ou uma interrogativa ou uma relativa livre (as duas possibilidades lógicas), sentenças cuja aquisição pela criança é prevista/garantida independentemente. As pseudoclivadas do tipo A são nada mais do que uma versão em sentença única de um par pergunta-resposta, cuja resposta é um *fragment* (resposta curta) e *question-answer pairs* com *fragment answers* são adquiridos pelas crianças facilmente. Por sua vez, as pseudoclivadas do tipo B são nada mais do que simples *small clauses* cujo predicado nominal é um DP mais ‘complexo’, na forma de uma relativa livre, com a possibilidade de inversão desse predicado. Sabendo que relativas livres existem e são adquiridas pelas crianças independentemente e que sentenças copulares com predicado nominal simples como *O João é o meu melhor amigo* também o são e que exibem a possibilidade de inversão de predicado (cf. *O meu melhor amigo é o João*), a existência de pseudoclivadas do tipo B ‘espelha’ essas *small clauses* triviais, sem a estipulação de qualquer recurso que não seja já atestado correntemente nas línguas. Portanto, consideramos a existência dos dois tipos de pseudoclivadas, tal como defendida neste capítulo, não só natural, como também necessária, tendo em vista toda a discussão apresentada.

pergunta. Assim, em analogia aos *question-answer pairs*, essas pseudoclivadas são chamadas de *self-answering questions*, com uma estrutura ‘tópico-comentário’. Sua oração-wh, uma interrogativa, é um tipo de “tópico pendente”, gerado diretamente em posição A-barra. Seu contrapeso é o ‘comentário’, um TP pleno que sofre elipse preferencial do material repetido (na pergunta). Essa elipse deve ser elipse de constituinte (contra *string ellipsis*) e seu processo se assemelha aos casos de *sluicing*, com movimento do XP foco (em *sluicing*, do wh) para a periferia esquerda da sentença, seguido de apagamento em PF do TP remanescente, tal como defendido em Merchant (2001, 2004). Como evidência para isso, mostramos fatos como a (im)possibilidade de *P-stranding* em pseudoclivadas no PB e em outras línguas. Algumas características da análise do tipo A são: as pseudoclivadas desse tipo têm ordem rígida, o único padrão derivado é aquele com oração-wh inicial; não admitem *copula cluster*; não há possibilidade de alçamento de sua oração-wh; não ocorrem em contextos encaixados (em *non-bridge verbs*). Já as pseudoclivadas do tipo B, por sua vez, têm uma estrutura predicacional como base, uma *small clause*. Elas recebem uma análise também bioracional, mas do tipo WYSIWYG (*what you see is what you get*), em que a oração-wh, aqui uma relativa livre, é o predicado e o XP, seu sujeito, necessariamente, o foco da sentença (foco estrito). A relativa livre, na qualidade de um predicado nominal, está sujeita à Inversão de Predicado. Assim, algumas características da análise do tipo B são: as pseudoclivadas desse tipo têm ordem variável (justamente devido à possibilidade de Inversão de Predicado), derivando, portanto, ambos os padrões, com oração-wh inicial ou final; admitem *copula clusters*; há possibilidade de alçamento de sua oração-wh (uma relativa livre); ocorrem em contextos encaixados (em *non-bridge verbs*) (com restrição ao padrão com foco inicial, porque só este envolve um CP - o que caracterizaria uma ‘recursão de CP’). Mencionamos, por fim, línguas que suportam uma divisão das pseudoclivadas em dois tipos: línguas que podem apresentar ambos os tipos de pseudoclivadas e línguas que apresentam apenas um deles, por restringirem o tipo de oração-wh (não-ambígua) que as constitui. É interessante ressaltar que, assim como para as pseudoclivadas, para as semiclivadas também reconhecemos dois tipos: um de semiclivadas monoracionais (tratados no capítulo 1) e outro de bioracionais, versões reduzidas das pseudoclivadas. Esse segundo tipo das semiclivadas, com sua respectiva análise, será apresentado e discutido no próximo e último capítulo desta tese. Acreditamos que, apesar de uma análise dual perder, à princípio, em economia (quando comparada a uma análise

homogênea), ela tem a vantagem de uma maior cobertura empírica, de previsões mais acuradas e de maior potencial para alcance interlinguístico.

CAPÍTULO III

PSEUDOCATIVADAS REDUZIDAS

3.1 Introdução

Neste último capítulo, trataremos das pseudocativadas reduzidas - subgrupo restrito de semicativadas que são derivadas de pseudocativadas.²⁵² Conforme anunciado já no primeiro capítulo, dedicado às semicativadas, há um pequeno subgrupo delas que não recebe uma análise monoracional como aquela lá proposta, mas sim uma bioracional, via redução das pseudocativadas que, como vimos no capítulo precedente, são construções bioracionais. Esse restrito subgrupo consiste de algumas semicativadas de sujeito, como em (1) abaixo:

- (1) a. Morreu foi eu.
b. Chegou foi as crianças.

Nosso objetivo aqui é (i) delimitar esse subgrupo de semicativadas como pseudocativadas reduzidas, diferenciando-o das verdadeiras semicativadas, as monoracionais (discutidas no capítulo 1); (ii) apresentar nossa análise para essas semicativadas bioracionais como uma versão reduzida das pseudocativadas; (iii) em face de dois tipos de pseudocativadas no PB (de acordo com o capítulo precedente), mostrar que tal redução só pode ser aplicada a um dos tipos, isto é, a uma estrutura específica, (iv) restringir essas pseudocativadas reduzidas apenas àquelas com foco no sujeito, para o que propomos uma reanálise de ‘wh-drop’ (que ocorre em sentenças interrogativas em algumas línguas) como pro_{wh} nas línguas românicas que dispõem de semicativadas/pseudocativadas reduzidas. O capítulo está organizado de forma que esses objetivos são tratados na mesma ordem em que foram mencionados aqui.

²⁵² A análise apresentada aqui para as semicativadas que são versões ‘reduzidas’ de pseudocativadas segue as linhas da proposta em Resenes & Den Dikken (2012), completando, assim, o tópico das construções semicativadas, iniciado no primeiro capítulo com as verdadeiras semicativadas (as monoracionais).

3.2 Concordância de traços-phi em semiclivadas de sujeito revisitada: o quadro completo

Nas semiclivadas de sujeito que tínhamos apresentado no capítulo 1, tanto o verbo lexical quanto a cópula concordavam em traços-phi com o sujeito foco (cf. (2a) *versus* (2b) abaixo) - concordância que era obtida em nossa análise monoracional, via Inversão de Predicado (no caso, do VP). Mas, examinando o quadro completo, com o acréscimo dos dados na coluna da direita em (2) abaixo, vemos que há uma outra opção plenamente gramatical: (2d,d').

- (Na peça...)
(2)	a. Morri <i>fui</i> eu.	(e não o João)	c. ?Morreu <i>fui</i> eu.
	b. */??Morri <i>foi</i> eu.		d. Morreu <i>foi</i> eu.
	a'. Chegaram <i>foram</i> as crianças. (e não os adultos)		c'. ?Chegou <i>foram</i> as crianças.
	b'. ?Chegaram <i>foi</i> as crianças. ²⁵³		d'. Chegou <i>foi</i> as crianças.

Em (3), organizamos o mesmo paradigma para as pseudoclivadas:

(3)	a. *Quem morri <i>fui</i> eu.	c. Quem morreu <i>fui</i> eu.
	b. *Quem morri <i>foi</i> eu.	d. Quem morreu <i>foi</i> eu.
	a'. *Quem chegaram <i>foram</i> as crianças.	c'. Quem chegou <i>foram</i> as crianças.
	b'. *Quem chegaram <i>foi</i> as crianças.	d'. Quem chegou <i>foi</i> as crianças.

Além de ser evidente a oposição entre as semiclivadas em (2a,a') e as pseudoclivadas em (3a,a'), notamos, sobretudo, que o padrão de concordância das semiclivadas em (2d,d') é exatamente o mesmo do das pseudoclivadas em (3d,d') - o que sugere um tratamento unificado para essas últimas.

²⁵³ Como comentado em nota no capítulo 1, a maior aceitabilidade de (2b') em relação a (2b) deve estar relacionada com o fato de a flexão de primeira pessoa ser a mais resistente à perda, a mais 'sólida' no PB atual - daí a falta da concordância da cópula em (2b) ser mais saliente do que em (2b').

É conveniente lembrarmos aqui como nossa análise monoracional derivava, via Inversão de Predicado, semiclivadas de sujeito com concordância de traços-phi entre o sujeito, o verbo lexical e a cópula, como é o caso de (2a,a') acima. Em (4), abaixo, reproduzimos nossa análise monoracional para as semiclivadas, tal como apresentada no capítulo 1:

- (4) a. [T [_{VP} eu [_{v'} v [_{VP} V=morri]]]]
 b. [_{TP} [_{VP} morri] [_{v'+T=cópula} [_{VP} eu [_{v'} t_v t_{VP}]]]]

Antes da aplicação de Inversão de Predicado em (4a), uma relação de *Agree* é estabelecida entre T e v e entre v e V. Como resultado, o verbo lexical exhibe concordância de traços-phi com o sujeito. E como a cópula é realizada em T (já que T serve como o LINKER para viabilizar a Inversão de Predicado em (4b)), também ela acaba exibindo os mesmos valores de traços-phi do que aqueles do complexo v+T. Consequentemente, temos as formas *morri* e *fui* em (2a), e *chegaram* e *foram* em (2a'). Exatamente porque em (4) há essa relação de *Agree* entre T, o sujeito, v e V, nossa análise monoracional via Inversão de Predicado não deriva os demais padrões de concordância encontrados nas semiclivadas em (2). Para aquelas que são má-formadas, como (2b), isso é desejado/esperado. Porém, (2c,c') são marginalmente possíveis e (2d,d') são perfeitas. A pergunta que surge, então, é: como dar conta ou como analisar semiclivadas como (2c,c') e (2d,d')?

Em face da semelhança entre as semiclivadas da coluna da direita em (2) e as pseudoclivadas da mesma coluna em (3), nossa hipótese é a de que as primeiras sejam versões reduzidas das últimas, como ilustrado, grosso modo, em (5):

- (5) a. [[~~quem~~ morreu] [cópula [eu]]]
 b. [[~~quem~~ chegou] [cópula [as crianças]]]

Assim, os fatos envolvendo concordância nos levam a perceber que, além das semiclivadas monoracionais, há também semiclivadas reduzidas de pseudoclivadas, portanto, bioracionais (conforme defendido anteriormente, as pseudoclivadas são sempre construções bioracionais). Como suporte para nossa hipótese de que as semiclivadas em (2) da coluna da direita têm uma

estrutura diferente das da coluna da esquerda, oferecemos os dados em (6) de semiclivadas encaixadas em *non-bridge verbs*.²⁵⁴

(Sobre a peça...)

- (6) a. *Eu lamentei que morri *fui* eu.
 b. *Eu lamentei que morri *foi* eu.
 c. ?Eu lamentei que morreu *fui* eu. (e não o João; se fosse o João, tanto melhor)
 d. Eu lamentei que morreu *foi* eu. (e não o João; se fosse o João, tanto melhor)
- a'. ??/*A Maria perguntou se chegaram *foram* as crianças.
 b'. ??A Maria perguntou se chegaram *foi* as crianças.
 c'. ?A Maria perguntou se chegou *foram* as crianças. (e não os adultos; dos adultos ela não quer saber)
 d'. A Maria perguntou se chegou *foi* as crianças. (e não os adultos; dos adultos ela não quer saber)

Em (6), observamos que as semiclivadas monoracionais, aquelas da coluna da esquerda em (2), são agramaticais quando encaixadas em *non-bridge verbs*, enquanto as semiclivadas bioracionais, as da coluna da direita em (2), são gramaticais no mesmo contexto. Os comportamentos distintos verificados acima em (6) confirmam nossa hipótese de que as semiclivadas em (2) não formam um grupo homogêneo: as da coluna da esquerda são verdadeiras semiclivadas e recebem uma análise monoracional (corretamente derivadas via Inversão de Predicado, cf. Cap. 1); já as da coluna da direita são, na verdade, pseudoclivadas reduzidas e, recebem, portanto, uma análise bioracional.²⁵⁵ Tal conclusão fica clara à luz das comparações pertinentes em cada caso, como veremos abaixo.

²⁵⁴ Os *non-bridge verbs* (como *lamentar*, *perguntar*, *duvidar*) são geralmente conhecidos por não permitirem extração do seu domínio encaixado (caracterizando um contexto de ilha), nem topicalização, nem V2 (verbo em segunda posição em línguas germânicas), tampouco *complementizer drop* (em inglês, por exemplo) nesse domínio subordinado. Nesses aspectos, eles se diferenciam dos chamados *bridge verbs* (como *dizer*, *pensar*, *afirmar*) que não apresentam tais restrições.

²⁵⁵ Outros exemplos de encaixamento de pseudoclivadas reduzidas são mostrados abaixo em (ia-c):

- (i) a. Eu perguntei se morreu foi o João. (do Pedro eu não quero saber!)

Começando pelas últimas, se as sentenças encaixadas em (6c,d) e (6c',d') não são semiclivadas, mas pseudoclivadas reduzidas, o esperado é que sua versão plena, isto é, uma pseudoclivada completa, também seja gramatical no mesmo contexto. Os dados em (7) abaixo confirmam justamente essa expectativa:

- (7) a. A Maria perguntou se quem morreu fui eu.
 b. A Maria perguntou se quem morreu foi eu.
 a'. A Maria perguntou se quem chegou foram as crianças.
 b'. A Maria perguntou se quem chegou foi as crianças.

Como podemos observar, pseudoclivadas, plenas ou reduzidas, podem ser encaixadas em *non-bridge verbs*. Por outro lado, como vimos em (6) acima, as verdadeiras semiclivadas (as monoracionais, com Inversão de Predicado, que ocupam a coluna da esquerda em (2)) são impossíveis nesse contexto. Aqui, é interessante traçarmos um paralelo com as construções de Inversão Locativa, em que também há Inversão de Predicado, nesse caso, do PP locativo. De acordo com Coopmans (1989: 729-730), Inversão Locativa só ocorre em sentenças matrizes²⁵⁶. Assim, exemplos como (8) (extraído de Coopmans 1989) são agramaticais, já que a sentença com Inversão Locativa, destacada entre colchetes, está encaixada em um *non-bridge verb*.²⁵⁷

- (8) *He regretted that [down the stairs fell the baby].

Então, o paralelo na distribuição das semiclivadas e das construções com Inversão Locativa quanto ao encaixamento no contexto mostrado (ambas agramaticais) suporta nossa análise para as semiclivadas da coluna esquerda em (2) como construções envolvendo Inversão de Predicado.

-
- b. Eu quero saber se morreu foi o João. (com o Pedro eu não me importo!)
 c. Eu duvido que morreu foi o João. (esse cara tem sete vidas!)

²⁵⁶ Em nota, o autor faz menção às aparentes exceções a esse caso (isto é, à restrição de Inversão Locativa só em contexto matriz): Inversão Locativa também ocorre em sentenças encaixadas que se comportam como matrizes, como é o caso das encaixadas em *bridge verbs*, conhecidas por serem *embedded root clauses*.

²⁵⁷ Adiante serão comentados, para o mesmo contexto, os casos de Inversão Locativa no PB, que não parecem se comportar como o inglês. No entanto, como será mostrado, eles igualmente se enquadram na proposta defendida aqui.

Embora o paralelo mostrado seja válido, ainda falta explicar por que os fatos são como são, isto é, por que casos de Inversão de Predicado (exemplificados aqui pelas semiclivadas monoracionais de sujeito) e os casos de Inversão Locativa (que também representam ocorrências de Inversão de Predicado) apresentam resistência ao encaixamento em *non-bridge verbs*. Essa pergunta fica ainda mais relevante quando nos deparamos com dados que, aparentemente, contradizem o comportamento dos anteriores - dados também envolvendo Inversão de Predicado que, no entanto, são gramaticais quando encaixados no mesmo contexto:²⁵⁸

- (9) a. O João perguntou se o melhor candidato é o Pedro.
b. Eu lamento que o melhor amigo da Maria {é/seja} o João.

Além disso, mesmo no domínio das semiclivadas monoracionais com Inversão de Predicado, encontramos exemplos gramaticais novamente no mesmo contexto encaixado: em (10), temos semiclivadas com foco no objeto derivadas via Inversão de Predicado:

- (10) a. A Maria perguntou se o João comprou foi um carro.
b. Eu quero saber se o João leu foi um livro de Linguística.

O que parece surpreendente ou contraditório à primeira vista deixará de ser assim que respondermos à pergunta feita inicialmente e a estendermos de modo a incluir dados como (9) e (10). Assim, o que precisamos esclarecer é por que só as semiclivadas monoracionais de sujeito e as construções com Inversão Locativa são agramaticais quando encaixadas em *non-bridge verbs*. Em outras palavras, precisamos saber qual é a restrição que pesa sobre essas sentenças que exibem Inversão de Predicado, mas que não pesa sobre outras sentenças que também exibem Inversão de Predicado, como as copulares encaixadas em (9) e as semiclivadas monoracionais encaixadas em (10).

Nossa hipótese, aqui, é a de que a posição SpecTP da sentença encaixada em *non-bridge verbs* só pode ser ocupada por um constituinte de natureza nominal. Para isso, será crucial explorarmos a composição de traços do núcleo C encaixado. Vejamos como essa hipótese funciona, mais detalhadamente. Primeiramente, levamos em consideração que o argumento

²⁵⁸ Tal possibilidade é verificada também em inglês: *They deny/regret/doubt that the best candidate is John.*

(interno) de *non-bridge verbs* tenha um traço-D em C - o que é corroborado por alguns fatos: CPs argumentos (internos) de *non-bridge verbs* se comportam como DPs pelo menos em dois aspectos: eles são ilhas, o que verificamos quanto à tentativa de extração (cf. (11)) e eles podem ocorrer na posição canônica de DPs, no chamado *middle field* nas línguas germânicas ocidentais OV (ex. (12)), ao contrário dos CPs argumentos internos de *bridge verbs*, que nunca ocorrem nessa posição (cf. (13a) *versus* (13b)), como apontado por Den Dikken (c.p.), a quem se deve os exemplos do holandês em (12)-(13):²⁵⁹

(11) a. *Quem o João lamenta que a Maria beijou?

b. Quem o João disse que a Maria beijou?

(12) dat Jan [dat hij Marie gekust heeft] altijd heeft betreurd.

that Jan [that he Marie kissed has] always has regretted

(13) a. *Jan had [dat Marie zou komen] nooit gedacht.

Jan had that Marie would come never thought

b. Jan had nooit gedacht [dat Marie zou komen].

Jan had never thought that Marie would come

Ainda com relação à nossa hipótese acima de que SpecTP no complemento de *non-bridge verbs* deva ser ocupado por um constituinte nominal, associamos a propriedade EPP do sistema C-T com o traço-D de C sempre que (e somente quando) esse núcleo tiver tal traço. Nesse caso, via *Feature Inheritance* (Chomsky 2008), tal traço-D é transmitido para T (ou herdado por ele de C). Assim, o EPP relacionado a um traço-D só pode ser checado por constituintes nominais, já que são esses os portadores de um traço-D. Então, somente constituintes nominais podem ser alçados a SpecTP para satisfazer o EPP de C-T, nesse caso. Como CPs argumentos internos de

²⁵⁹ Além disso, parece que *non-bridge verbs* são capazes de tomar DPs específicos como seus argumentos internos mais produtivamente do que *bridge-verbs*, como ilustrado pelo contraste abaixo:

(i) a. A Maria lamentou aquela morte/esse fato.

b. *A Maria disse aquela morte/esse fato.

non-bridge verbs têm um traço-D, como proposto acima, eles impõem essa restrição de nominalidade na satisfação do EPP. Por outro lado, defendemos que CPs matrizes e CPs argumentos internos de *bridge verbs* não têm um traço-D. Nesses CPs, a propriedade EPP está associada com os traços-phi e/ou com o traço T de C, que também são transmitidos a T; portanto, não há requerimento de que SpecTP seja obrigatoriamente ocupado por um constituinte de natureza nominal nesses CPs.

Dessa forma, entendemos o contraste entre os dados em (6a,b), (6a',b') e (8) por um lado, e aqueles em (9-10) por outro. A restrição a constituintes nominais para satisfazer o EPP no CP encaixado em *non-bridge verbs* faz com que (6a,b) e (6a',b') sejam agramaticais, uma vez que o constituinte movido para SpecTP nesses dados é o VP (de *morri* e *chegaram*, via Inversão de Predicado); mas, como VPs não têm um traço-D, não podem satisfazer o EPP de T (herdado de C) e tais derivações fracassam. A mesma conclusão se mantém para a sentença encaixada com Inversão Locativa em (8), *mutatis mutandis*, já que aqui o predicado invertido é o locativo PP.²⁶⁰ Por outro lado, nas sentenças em (9-10), em que também ocorre a operação de Inversão de Predicado, o que é movido para SpecTP é um constituinte de natureza nominal: um predicado nominal em (9), *o melhor candidato/o melhor amigo da Maria* e o argumento externo em (10), *o João*. Quanto às semiclivadas de objeto encaixadas em (10), apesar de haver Inversão de Predicado (do predicado do objeto), isto é, do VP, em sua derivação, a posição alvo do predicado invertido não é SpecTP, mas uma posição A imediatamente acima do objeto e abaixo de *v*, conforme mostrado no capítulo 1. Dessa forma, SpecTP é ocupado pelo DP argumento externo nessas sentenças, um constituinte nominal, portanto capaz de satisfazer o EPP de C-T das sentenças encaixadas. Sendo assim, somente semiclivadas monoracionais cuja derivação envolva Inversão de Predicado para SpecTP, como é o caso das semiclivadas de sujeito, são agramaticais quando encaixadas em *non-bridge verbs*, como vimos em (6a,b) e (6a',b'). Para as demais, sua

²⁶⁰ Diferentemente do inglês (cf. (8) acima), no PB parece ser possível o encaixamento de sentenças com Inversão Locativa em *non-bridge verbs*, como em (i), abaixo - o que então reforça uma análise como a de Avelar (2009), que assume que há um pro-locativo, de natureza nominal, encabeçando o PP em SpecTP. A presença de um pro(loc) de natureza nominal é capaz de satisfazer o EPP que está atrelado a um traço-D nesses casos:

- (i) a. O João quer saber se na loja do Pedro conserta sapato de couro.
- b. O João perguntou se nesse restaurante serve todo tipo de salada.
- c. O João lamenta que naquela loja vende só livro caro.
- d. O João duvida que no teu DVD grava qualquer tipo de filme.

ocorrência no referido contexto é possível, como já atestado acima para as semiclivadas de objeto. Nossa previsão é confirmada também por outras semiclivadas no mesmo contexto, como as com foco em modificadores adverbiais em (14) abaixo, que nem envolvem Inversão de Predicado, já que o adjunto que modifica (predica sobre) o VP permanece *in situ*, em posição final. Nas semiclivadas encaixadas em (14), o DP argumento externo *o João* e *a Maria* são os constituintes movidos para SpecTP e, por sua natureza nominal, satisfazem o EPP de C-T dessas sentenças:

- (14) a. Eu quero saber se o João trabalha é na USP.
b. Eu peguntei se a Maria mora é aqui.

Se essa hipótese estiver no caminho correto, o esperado é que as semiclivadas monoracionais de sujeito, como as da coluna esquerda em (2), para as quais já mostramos ser impossível o encaixamento em *non-bridge verbs* (cf. (6a,b) e (6a',b')), sejam possíveis quando encaixadas em *bridge verbs* - contextos conhecidos por serem semelhantes, em grande medida, a contextos matrizes. Os exemplos em (b) abaixo, que contrastam com os em (a), confirmam nossa hipótese:

(Na peça...)

- (15) a. *Eu lamentei que morri fui eu.
b. Eu disse que morri fui eu.

a'. *A Maria lamentou que desapareceram foram os bebês.

b'. A Maria disse que desapareceram foram os bebês.

a''. */??A Maria perguntou se chegaram foram as crianças.

b''. A Maria disse que chegaram foram as crianças.

A conclusão que tiramos desses fatos é que o VP da semiclivada monoracional (de *morri*, *desapareceram* e *chegaram*, nos exemplos acima) pode, a princípio, ocupar a posição de SpecTP (via Inversão de Predicado), mas só pode fazê-lo legitimamente se C-T não tiver sua propriedade EPP vinculada a um traço-D - do que decorre seu impedimento em contextos encaixados em *non-*

bridge verbs (considerando que o C-T encaixado tem um traço-D nesses casos), mas sua possibilidade em contextos encaixados em *bridge verbs* ou em contextos matrizes (considerando que nesses os núcleos C-T não têm um traço-D).

Em resumo, a análise oferecida aqui para explicar a restrição de predicados não-nominais (VPs, nas semiclivadas monoracionais de sujeito e PPs nas construções com Inversão Locativa do Inglês) em ocupar a posição de SpecTP encaixado em *non-bridge verbs* se fundamenta em uma propriedade do núcleo C das sentenças encaixadas nesse tipo de verbo, a saber, sua detenção de um traço-D - traço que é transmitido ao núcleo T, daí a condição de natureza nominal para o constituinte que ocupar o especificador desse núcleo. Aqui, é interessante destacar que essa conexão entre a composição de traços de C e as restrições categoriais para a ocupação de SpecTP é diretamente estabelecida uma vez que adotamos a *Feature Inheritance Hypothesis* de Chomsky (2008). Se o núcleo C não transmitisse seus traços para T via *Feature Inheritance* (ou se T não necessariamente tivesse os mesmos traços que C), o fato de que C, quando em contexto encaixado em *non-bridge verbs*, tem um traço-D não deveria ter repercussões diretas na satisfação do EPP em T. Porém, como vimos que há tais repercussões, isso indica que a *Feature Inheritance Hypothesis* está funcionando aqui, cumprindo justamente com o que é previsto por ela. Em outras palavras, os resultados obtidos da discussão feita só valem se EPP for uma propriedade relacionada a algum traço do sistema C-T. Se EPP fosse uma propriedade independente, seria difícil entendermos por que sua satisfação estaria mais restrita, ou seria mais “exigente”, nos contextos encaixados em *non-bridge verbs* do que naqueles encaixados em *bridge verbs* ou nos matrizes. Por outro lado, na hipótese de que EPP é uma propriedade associada com algum traço particular do sistema C-T, os fatos podem ser derivados da seguinte maneira: (i) se C tem um traço-D, o EPP é associado a esse traço; (ii) se C não tem um traço-D, o EPP é, então, associado aos traços-phi e/ou ao traço-T de C (herdados por T).

Sendo assim, é válido lembrar aqui um aparente problema levantado no capítulo 1 acerca da satisfação do EPP em nossa análise para as semiclivadas de sujeito (apresentada na seção 1.4.3.4). Pelos contrastes nos dados fornecidos na presente seção, esperamos ter deixado claro nossa posição de que a propriedade EPP nem sempre está associada a um traço-D do sistema C-T. Crucialmente, apenas no C encaixado em *non-bridge verbs*, o EPP é vinculado a um traço-D de C, que herdado por T, força o especificador desse núcleo a ser preenchido por material de natureza nominal. Portanto, com exceção a esse contexto, não vemos problemas para o

predicado não-nominal das semiclivadas de sujeito (o VP) figurar em SpecTP, pós-inversão - caso em que o EPP estaria, então, associado aos traços-phi e/ou traço-T do sistema C-T.

Outros trabalhos, como o de Alboiu (2002) para o romeno, também questionam a vinculação automática e absoluta de EPP a um traço-D. A esse respeito, é interessante reproduzirmos como essa autora ‘recupera’ a história do EPP (desde sua formulação inicial até os trabalhos mais recentes de Chomsky, em que essa definição fica mais “aberta”²⁶¹), para defender como essa propriedade não pode ser cegamente e universalmente atrelada a um traço-D (o que faz com base no romeno (cf. ex. (16) abaixo)):

Let us next review the essence of the EPP feature. The EPP started out as expressing a theory-internal general principle which required that all functions must be saturated (Chomsky 1986). More specifically, given that all X^0 were seen to require SpecXPs, the EPP engendered a specifier position on IP, which was otherwise not forced by the theta-related Projection Principle. Under Minimalism such a requirement is no longer tenable, since specifiers are not obligatory. The EPP was therefore reformulated as a [D] feature on I^0 which was checked as a result of Merge (‘there’-insertion) or subject Move into Spec,IP (Chomsky 1995). Chomsky (2000[1998]) argues that the EPP cannot, in fact, be stated as a [D] feature, since true [D] relates to referentiality/specificity in some sense. It is now maintained as a selectional feature, uninterpretable and nonsemantic, satisfied only as a result of dislocation; specifically, movement and second Merge of the subject NP as Spec,IP (Spec,TP in Chomsky’s notation). The EPP is still seen as a feature that refers to the Extended Projection Principle, in the sense that it determines positions not forced by the Projection Principle. Chomsky (2000[1998]) suggests the EPP may be universal, though he fails to discuss the implications for VSO languages. What is the status of the EPP feature in languages such as Romanian, in which the subject noun phrase does not surface in the preverbal field (unless interpreted as contrastive focus, topic or otherwise constrained by factors other than subjecthood), in which the default order is VSO, and the verb is in I^0 ? There are two logical possibilities to this question. One is to argue that the EPP feature is altogether absent in these languages (cf. McCloskey 1997, for Irish), the other to maintain the EPP feature, but to argue it is checked in a manner other than by subject insertion into

²⁶¹ Cf., por exemplo, os seguintes trechos de Chomsky (2000):

EPP-features are uninterpretable (nonsemantic) (p. 102); *The EPP requires that “something” occupy [Spec, T]*. (p. 104; grifo nosso); *I will call the EPP-feature a P-feature (periphery feature)* (p. 144).

Spec,IP (cf. Massam and Smallwood 1996, for Niuean, Alexiadou and Anagnostopoulou 1999, for Greek).²⁶²

(ALBOIU, 2002: 71-72)

Para o romeno, Alboiu (2002) defende, então, que o EPP não existe como um traço-D, portanto, nunca é checado pelo alçamento de um NP, mas sim como um traço-V, que requer, portanto, movimento do verbo para I (=EPP[+V]), tendo em vista que NPs em romeno não se movem nem para checar Caso, nem para o EPP, o que ilustra com o exemplo abaixo dessa língua:^{263 264}

- (16) Citeste copilul cartea.
 read.3SG.PR child-the book-the ('The child is reading the book')

²⁶² “Vamos agora analisar a essência do traço EPP. O EPP começou expressando um princípio geral interno à teoria que exigia que todas as funções deviam ser saturadas (Chomsky 1986). Mais especificamente, dado que todos X⁰ eram vistos como requerendo SpecXPs, o EPP produzia uma posição de especificador em IP, que de outro modo não era forçada pelo Princípio de Projeção relacionada às funções temáticas. No Minimalismo, tal requerimento não é mais sustentável, uma vez que especificadores não são obrigatórios. O EPP foi, portanto, reformulado como um traço [D] em I⁰ que era checado como um resultado de *Merge* (inserção de *there*) ou por movimento do sujeito para SpecIP (Chomsky 1995). Chomsky (2000[1998]) argumenta que, na verdade, o EPP não pode ser expresso como um traço [D], dado que [D] verdadeiro está relacionado a referencialidade/ especificidade em algum sentido. [O EPP] é agora mantido como um traço seletional, não interpretável e não semântico, satisfeito somente como um resultado de deslocamento; especificamente, movimento e segundo *Merge* do sujeito NP como SpecIP (Spec,TP na notação de Chomsky). O EPP é ainda visto como um traço que se refere ao Princípio de Projeção Estendida. Chomsky (2000[1998]) sugere que o EPP possa ser universal, no entanto ele falha em discutir as implicações para as línguas VSO. Qual é o estatuto do traço EPP em línguas como o romeno, em que o sintagma nominal sujeito não é realizado na área pré-verbal (a menos que interpretado como foco contrastivo, tópico ou senão forçado por outros fatores que não os relativos à sujeito), em que a ordem *default* é VSO, e o verbo está em I⁰? Há duas possibilidades lógicas para essa questão. Uma é argumentar que o traço EPP está completamente ausente nessas línguas (cf. McCloskey 1997, para Irlandês), a outra é manter o traço EPP, mas argumentar que ele seja checado de uma maneira que não seja pela inserção do sujeito em SpecIP (cf. Massam & Smallwood 1996, para o niueano, Alexiadou & Anagnostopoulou 1999, para o grego)” (tradução nossa). McCLOSKEY, J. 1997. Subjecthood and Subject Positions, in L. Haegeman (ed), *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*, 197-237, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. MASSAM, D. & SMALLWOOD, C. 1996. Essential Features of Predication in English and Niuean. In: *Proceedings of NELS 27*, GLSA, UMass, Amherst. ALEXIADOU, A. & ANAGNOSTOPOULOU, E. 1999. EPP without Spec,IP. In: D. Adger, B. Plunkett, G. Tsoulas, and S. Pintzuk (eds.), *Specifiers: Minimalist Approaches*, p. 93-110, Oxford University Press.

²⁶³ Conforme a autora mostra, os NPs em romeno nunca se movem, nem mesmo em estruturas inacusativas ou em passivas.

²⁶⁴ Para o niueano, que é uma língua com predicado em posição inicial, Massam & Smallwood (1996, *apud* Alboiu 2002) defendem que o EPP é checado/apagado pelo movimento do predicado para SpecIP (quando o predicado for um XP) ou para I (quando o predicado é realizado como X). Em Massam (2001), como vimos no capítulo 1, já é defendido que há sempre o movimento do VP para a posição de sujeito estrutural, SpecIP, em satisfação ao EPP. Para o Grego, por sua vez, Alexiadou & Anagnostopoulou (1999, *apud* Alboiu 2002) defendem que o EPP é satisfeito pelo movimento do verbo e nunca por *Move* ou inserção de um expletivo.

É importante mencionarmos que, segundo essa autora, o movimento do verbo é capaz de satisfazer o EPP mesmo em línguas que não têm concordância verbo-sujeito forte (citando o celta e o árabe como exemplos), ou, ainda, em certos contextos em que há ausência de concordância em línguas que, no entanto, têm concordância, como o próprio romeno (para o qual ela mostra evidência de alçamento do verbo nos infinitivos).

Em suma, a conclusão que queremos salientar aqui é a mesma de Alboiu (2002): EPP não pode ser visto como, universalmente, sinônimo de um traço-D. Nossa posição, particularmente com base nos dados discutidos nesta seção, é a de que EPP é associado a um traço-D somente nas sentenças encaixadas em *non-bridge verbs* - o que é compreendido na perspectiva de *Feature Inheritance*. Assim, encerramos esta seção esperando ter mostrado que os fatos apresentados quanto aos padrões de concordância nas semiclivadas em (2) e quanto ao encaixamento em *non-bridge verbs* suportam, por um lado, nossa análise monoracional para as semiclivadas da coluna esquerda em (2) e, por outro, uma análise bioracional, como pseudoclivadas reduzidas (cf. (5)), para as semiclivadas da coluna direita em (2). Além disso, como vimos, tais fatos servem de suporte à *Feature Inheritance Hypothesis* de Chomsky (2008).

Uma vez defendido que semiclivadas como as da coluna da direita em (2) são, na verdade, pseudoclivadas reduzidas, e uma vez defendida, no capítulo imediatamente precedente (capítulo 2), a existência de dois tipos de pseudoclivadas no PB, a pergunta previsível que surge na sequência é: As pseudoclivadas reduzidas mostradas aqui podem ser derivadas de ambos os tipos de pseudoclivadas? Se não, as perguntas decorrentes são: Qual dos tipos é o único que admite ‘redução’? E por quê? Tais perguntas motivam a próxima seção.

3.3 Nem toda pseudoclivada pode ser reduzida

O título da presente seção já adianta a resposta para a primeira pergunta feita ao final da seção anterior: não, nem toda pseudoclivada pode ser reduzida! Cabe-nos, agora, mostrar qual dos tipos de pseudoclivadas admite tal possibilidade e, claro, explicar o por quê. A fim de fundamentar a escolha, observamos algumas características das pseudoclivadas (dos tipos A e B) e sua compatibilidade com as pseudoclivadas reduzidas. Destacamos dois pontos importantes aqui.

O primeiro deles diz respeito à variação na ordem. Como vimos no capítulo 2, pseudoclivadas do tipo A (que têm uma estrutura de tópico-comentário e cuja oração-wh é uma pergunta) não apresentam variação na ordem de seus constituintes (entre a oração-wh e o foco). Para lembrar esse ponto, fornecemos os seguintes exemplos (não-ambíguos)²⁶⁵ de pseudoclivadas do tipo A em (17a) e (18a) e a tentativa de alteração da ordem em (17b) e (18b) que, como vemos, é agramatical:

- (17) a. O que o João não teve foi sequer um amigo.
b. *Sequer um amigo foi o que o João não teve.

- (18) a. Quando que o João chega é no sábado.
b. *No sábado é quando que o João chega.

Quanto às pseudoclivadas do tipo B, cuja oração-wh é uma relativa livre, sabemos que elas permitem variação na ordem (cf. capítulo 2), conforme retratado abaixo:²⁶⁶

- (19) a. (Tudo) o que eu queria agora era uma cerveja bem gelada.
b. Uma cerveja bem gelada era (tudo) o que eu queria agora.

Por fim, ao examinarmos as pseudoclivadas reduzidas em (20), verificamos que elas não toleram variação na ordem - o que as aproxima das pseudoclivadas do tipo A (cuja ordem é rígida) e as distancia das do tipo B (cuja ordem é variável).²⁶⁷

²⁶⁵ Relembramos também que esses exemplos de pseudoclivadas são reconhecidos como não-ambíguos do tipo A pela presença do item de polaridade negativa em (17) e pelo comp duplamente preenchido em (18) (a presença de *que* no núcleo C é possível em perguntas no PB, mas nunca em relativas livres).

²⁶⁶ Conforme apontado no capítulo 2, a presença do pronome *tudo* dá a interpretação inequívoca de maximilidade típica das relativas livres (ele funciona como um quantificador universal), portanto as sentenças em (19) só podem ser pseudoclivadas do tipo B.

(Na peça...)

- (20) a. Morreu foi eu. (e não o João)
 b. *Eu foi morreu.
 a'. Chegou foi as crianças. (e não os adultos)
 b'. *As crianças foi chegou.

Além da rigidez na ordem, outro fator que indica que as pseudoclivadas reduzidas são versões reduzidas do tipo A e não do tipo B é a própria possibilidade de redução do operador wh. Pseudoclivadas do tipo B não podem ‘perder’ seu operador wh ou ter um wh nulo - restrição que incide sobre as orações relativas que as compõem, uma vez que relativas livres não permitem que sua periferia esquerda seja nula. Os dados em (21), por exemplo, do português, do inglês e do holandês, respectivamente, ilustram tal restrição:

- (21) a. Eu comi *(o que) ele comeu.
 b. I ate *(what) he ate.
 c. Ik at *(wat) hij at.

Se a ‘fonte’ para as pseudoclivadas reduzidas fosse pseudoclivadas do tipo B, seria necessário viabilizar, de maneira inédita (isto é, sem precedentes), o apagamento ou a não-realização do operador-wh nas relativas livres que as constituem, tornando-as, assim, muito diferentes das demais relativas livres conhecidas nas línguas. Mas, se por outro lado, as pseudoclivadas reduzidas se originarem (de uma estrutura como a) das pseudoclivadas do tipo A, esse “processo de redução” se torna mais plausível. Diferentemente das relativas livres, nas sentenças

²⁶⁷ A ordem das verdadeiras semiclivadas (as monoracionais) também é rígida (cf. (i)): o foco sempre fica *in situ*, como o último constituinte da sentença. Nas semiclivadas em (i), há movimento, mas do predicado (na Inversão de Predicado), de modo que o foco sempre fica congelado em sua posição inicial, preso no domínio da fase, portanto seu deslocamento mostrado em (ib,b') é impossível:

- (Na peça...)
 (i) a. Morri fui eu. (e não o João)
 b. *Eu fui morri.
 a'. Chegaram foram as crianças. (e não os adultos)
 b'. *As crianças foram chegaram.

interrogativas há, por vezes, ocorrências de perda/ausência do operador-wh ou mesmo de um wh nulo, como nos exemplos abaixo de ‘*wh-drop*’ do holandês (cf. Van Kampen 1997):

- (22) a. (Wat) heb je nou gedaan?
 what have you now done
 ‘What did you do now?’
- b. (Wat) kost me dat?
 what costs me that
 ‘How much does that cost?’

Embora não ocorra em português, a omissão do operador-wh em perguntas é pelo menos uma opção disponível na Gramática Universal e, crucialmente, indisponível para relativas livres. Como a oração-wh das pseudoclivadas do tipo A é uma pergunta-wh, presumimos que seja logicamente possível reduzir tais pseudoclivadas de modo que o resultado sejam as pseudoclivadas reduzidas aqui tratadas.

Portanto, apresentamos dois fatos que nos levam a crer que as (semiclivadas que são) pseudoclivadas reduzidas são reduzidas do tipo A e não do tipo B: a rigidez na ordem e a

possibilidade de ‘wh-drop’, ambos característicos somente das pseudoclivadas do tipo A.²⁶⁸ Pseudoclivadas do tipo B são, assim, irreduzíveis. Desse modo, sabendo que pseudoclivadas reduzidas são do tipo A, temos condições de avançar um pouco mais na sua estrutura, inicialmente esboçada em (5), agora ilustrada em (23), abaixo:

- (23) a. [_{TopP} [_{CP} ~~quem~~ morreu] [_{Top'} cópula [_{FP} eu [_{TP} ~~eu morri~~]]]]
 b. [_{TopP} [_{CP} ~~quem~~ chegou] [_{Top'} cópula [_{FP} as crianças [_{TP} ~~as crianças chegaram~~]]]]

No entanto, é extremamente importante deixarmos claro o alcance que uma análise para algumas semiclivadas como pseudoclivadas reduzidas deve ter, como propomos aqui para aquelas da coluna direita de (2) (também apresentadas em (1)). Por defendermos uma análise para as semiclivadas referidas como pseudoclivadas reduzidas (agora com condições de afirmar que são reduzidas do tipo A), não estamos afirmando que essa é uma opção geralmente disponível; mas, ao contrário, queremos mostrar que essa opção é bastante restrita. Tal restrição é absolutamente necessária, do contrário perderíamos todos os ganhos que uma análise para as semiclivadas distinta da das pseudoclivadas nos trouxe, como a monoracional que oferecemos no primeiro capítulo para aquelas *versus* as bioracionais do capítulo 2 para essas últimas. Se a

²⁶⁸ Talvez se possa considerar, ainda, a (leve) marginalidade das pseudoclivadas reduzidas em (2c,c'), repetidas abaixo em (i), como um aspecto adicional para caracterizá-las como versões reduzidas do tipo A (e não do B).

- (i) a. ?*Morreu fui* eu.
 b. ?*Chegou foram* as crianças.

Diferentemente do tipo B (que, como vimos no capítulo 2, possibilita a concordância da cópula seja com a oração-wh (relativa livre), seja com o constituinte focalizado), no tipo A, a concordância da cópula com o constituinte focalizado é marginal, como podemos constatar na pseudoclivada em (iia), inequivocamente do tipo A, dada a presença do complementizador *que* seguindo o pronome wh:

- (ii) a. ?*Quem que chegou foram* as crianças.
 b. *Quem que chegou foi* as crianças.

Ainda que seja (marginalmente) possível, essa concordância nas pseudoclivadas do tipo A deve ser um fenômeno superficial, como já comentado no capítulo 2. Nessas pseudoclivadas, à altura em que a cópula é combinada na derivação com o foco, que foi movido de dentro do TP (lembrar que nessas estruturas, o constituinte pós-cópula (contrapeso) é um TP pleno), o foco já não é mais um alvo ativo para relações de *Agree*, pois, crucialmente, ele já checkou/valorou seu traço de Caso dentro do TP encaixado. Por isso, suspeitamos que a referida concordância de traços-phi entre a cópula e o foco nessas pseudoclivadas seja um fenômeno superficial, talvez um caso de *agreement attraction*, como ocorre nos exemplos em (iii) mostrados naquele capítulo e repetidos abaixo:

- (iii) a. The label on the bottles is/are red.
 b. A etiqueta nas garrafas é/são vermelha(s).

estratégia de redução de pseudoclivada fosse uma opção irrestrita, sempre disponível, nossa análise sobregeraria massivamente, desfazendo todos os contrastes apontados no início do primeiro capítulo entre semiclivadas e pseudoclivadas - contrastes que são robustos, muitos deles presentes inclusive nas outras línguas românicas que apresentam ambas as construções. Em outras palavras, levando isso ao limite, essa análise larga (“frouxa”) não teria nenhum suporte empírico. Portanto, para delimitar precisamente a restrição dos casos de pseudoclivadas reduzidas, será crucial examinarmos a distribuição dos casos de ‘wh-drop’ referido acima, reanalisados nas construções em questão em nossa língua - assunto da próxima seção.

3.4 Sobre a restrição de ‘wh-drop’ como pro_{wh}

Na seção anterior, mostramos que as (semiclivadas que são) pseudoclivadas reduzidas devem ser versões reduzidas de pseudoclivadas do tipo A e não do tipo B - para o que nos baseamos especialmente na rigidez da ordem e na possibilidade de wh-drop em perguntas (esta última, apesar de não constar em PB, é ao menos uma opção disponível pela GU). Nesta seção, cabe-nos restringir os casos de wh-drop nas pseudoclivadas do tipo A do PB, que deriva suas pseudoclivadas reduzidas (construções igualmente bioracionais), do contrário, perderíamos todos os ganhos que nossa análise monoracional para as semiclivadas, defendida no primeiro capítulo, alcançou (com relação às distinções entre essas e as construções pseudoclivadas). Assim, a hipótese que oferecemos aqui é de que wh-drop só pode estar presente nas pseudoclivadas (do tipo A) *de sujeito*; em outras palavras, só é possível haver pseudoclivadas reduzidas se o foco for o sujeito, como é o caso dos nossos exemplos iniciais em (1), (2c,d) e (2c’,d’). Vejamos um exemplo que suporta (ou que, pelo menos, é compatível com) essa nossa restrição, para depois tentarmos explicá-la, motivá-la propriamente.

Seguindo nossa hipótese de restringir a possibilidade de wh-drop apenas às pseudoclivadas do tipo A de sujeito, excluímos, por exemplo, a possibilidade de pseudoclivada reduzida de objeto. Sendo assim, o contraste entre as pseudoclivadas plenas de objeto em (24) abaixo (que podem ser, inclusive, do tipo A, como vemos pela presença do *que*, seguindo o pronome wh em (24b) e (24d)) e as semiclivadas também de objeto em (25), quanto à possibilidade de concordância entre a cópula e o foco-objeto, não se configura como

problemático. Tal contraste foi apontado no capítulo 1 desta tese, quando mostramos as distinções entre semiclivadas e pseudoclivadas: a concordância entre a cópula e o foco nessas últimas é possível mesmo quando o foco não é o sujeito (como é o caso de (24)), ao contrário das semiclivadas, em que tal concordância se restringe aos casos em que o foco é o sujeito (daí (25) não aceitar *foram*). Nossa análise monoracional para as semiclivadas apresentada naquele capítulo dava conta dessa restrição.

- (24) a. O que o João comeu {foi/foram} uns docinhos.
 b. O que que o João comeu {foi/²foram} uns docinhos.
 c. Quem a Maria convidou {foi/foram} os meninos.
 d. Quem que a Maria convidou {foi/²foram} os meninos.

- (25) a. O João comeu {foi/*foram} uns docinhos.
 b. A Maria convidou {foi/*foram} os meninos.

Se fosse possível ‘reduzir’ as pseudoclivadas de objeto em (24), a impossibilidade de concordância da cópula com o foco-objeto nas semiclivadas em (25) ficaria sem explicação. Então, como os dados mostram, a diferença quanto à concordância mencionada indica que as construções em questão não têm a mesma estrutura. Assim, mantemos que pseudoclivadas

reduzidas só podem ser reduzidas de sujeito, logo não há dúvidas de que (25), acima, são exemplos inequívocos de (verdadeiras) semiclivadas, monoracionais.²⁶⁹

²⁶⁹ Contudo, há casos que permanecem problemáticos, como em (i) abaixo que, embora se tratando de uma pseudoclivada reduzida de sujeito, é agramatical. Nossa análise monoracional explicava tal restrição para as verdadeiras semiclivadas; porém, aqui, em face da gramaticalidade da pseudoclivada plena correlata (ex. (ii)) (que pode ser do tipo A), seria esperado que sua versão reduzida (com wh-drop) fosse igualmente possível, contrariamente aos fatos:

- (i) *Leu o livro foi eu.
- (ii) Quem leu o livro foi eu.

Embora sem um tratamento para a restrição à transitividade em (i) como pseudoclivada reduzida, é interessante notar, de qualquer maneira, que há uma correlação com os casos de wh-drop no holandês, como mostram os exemplos em (iii) (extraídos de Resenes & Den Dikken 2012) (“DPTR” em (iiic) significa *discourse particle*):

- (iii) a. (wie) belde er net?
who called just now (‘who called just now?’)
- b. *(wie) heeft dat boek gelezen?
who has that book read (‘who has read that book?’)
- c. (wie) heeft dát nou weer gedaan?
who has that DPRT DPRT done (‘who on earth did that?’)

Em princípio, o contraste entre (iiia), cujo predicado é intransitivo, e (iiib), cujo predicado é transitivo, nos lembra o mesmo entre (20a,a’) do texto principal (*Morreu foi eu; Chegou foi as crianças*) e (i) acima, por exemplo. Apesar de não ser evidente uma explicação para os fatos serem como são também nesses casos (não é claro nem que haja uma compreensão sintática da distribuição dos casos de wh-drop no holandês), parece haver uma conexão empírica com relação à restrição de transitividade entre os casos de wh-drop em perguntas e nas pseudoclivadas reduzidas. A esse respeito, é interessante observarmos (iiic) que, aparentemente, contradiz o estatuto de (iiib), agramatical - o que mostra que a restrição de transitividade em wh-drop não é totalmente absoluta (embora, segundo os julgamentos de Den Dikken, (iiic) pareça mais natural como uma pergunta retórica do que como uma pergunta informacional de fato). Assim, com a existência de instâncias de wh-drop como (iiic), a variação que encontramos entre as línguas no domínio das semiclivadas (aqui, especificamente, pseudoclivadas reduzidas, portanto sempre de sujeito), quanto à transitividade, não é tão surpreendente. De fato, há ocorrências em algumas variedades do espanhol caribenho de semiclivadas de sujeito com verbos transitivos, como atestado em Camacho (2006), que informa que tais dados estavam presentes no *corpus* de Sedano:

- (iv) a. Compró los libros fue Pedro.
- b. Compró papas fue Juan.

Há, sem dúvida, variação dialetal aqui, visto que no espanhol dominicano, que não aceita sujeito pós-verbal, sentenças como (iv) não são possíveis, conforme Toribio (c.p.) (cf. Camacho 2006:16). Todavia, ainda há problemas no entendimento de tal variação: se o espanhol dominicano não aceita semiclivadas como (iv) porque não aceita sujeitos pós-verbais em geral em sentenças simples (e podemos aplicar raciocínio similar para o PB, já que a inversão nessa língua é praticamente impossível com verbos transitivos), não conseguimos entender por que o PE, em que a inversão verbo-sujeito é bem mais livre do que no PB, também não aceita semiclivadas com verbos transitivos, como (iv) ou (i) acima (sobre esse ponto, estamos nos fiando nos julgamentos apresentados por Costa & Duarte 2001). O esperado seria que o PE se comportasse diferentemente do PB e do espanhol dominicano e semelhantermente aos dialetos do espanhol caribenho que permitem (iv), contrariamente ao que nos informam Costa & Duarte (2001) sobre as semiclivadas naquela língua. Assim, apesar de termos tentado mostrar um paralelo na variação de wh-drop em perguntas transitivas e nas semiclivadas (=pseudoclivadas reduzidas) transitivas com foco no sujeito (cf. (i-ii) e (iii)), há muitas questões que ficam em aberto, como essa relacionada ao PE, como acabamos de apontar. É evidente, portanto, a necessidade de mais estudos tanto no que se refere às perguntas com wh-drop nas línguas germânicas, quanto à distribuição das semiclivadas transitivas de sujeito nas línguas românicas - o que não temos condições de oferecer neste momento.

Apesar de termos frisado que a proposta que fazemos aqui é de só admitir wh-drop nas pseudoclivadas (do tipo A) reduzidas de sujeito, é importante deixarmos claro que isso não reflete uma restrição geral sobre a ocorrência de wh-drop, haja vista exemplos como (22a) acima, do holandês, em que o *wh-dropped* responde pelo objeto da sentença. Justamente por isso é que precisamos explorar uma maneira de derivar esta restrição sugerida para os casos de wh-drop no PB que se relacione com alguma propriedade dessa língua. Propomos, então, que wh-drop nas referidas pseudoclivadas sejam restritos a sujeitos precisamente porque se caracterizam como uma instância de “pro”. Uma vez que ‘pro’ só é possível como sujeito no PB, fica mais claro por que toda e qualquer pseudoclivada reduzida é uma pseudoclivada reduzida de sujeito: as ocorrências de wh-drop são, assim, todas reanalisadas como ‘pro-wh’ (doravante pro_{wh}) em nossa língua. A esse respeito, seguimos Cyrino que, em todos os seus trabalhos sobre o objeto nulo desde 1997[1994] a 2013, defende que os casos de objeto nulo no PB não se caracterizam como ‘pro’, mas sim como casos de elipse - elipse de VP ou elipse argumental.²⁷⁰ Com as instâncias de wh-drop nas pseudoclivadas reduzidas do PB reanalisadas como pro_{wh} e estando as ocorrências de ‘pro’ em nossa língua restritas a sujeito (ainda que com as limitações do estágio atual do PB como uma língua *pro-drop* parcial, como será comentado adiante), nossa afirmação de que as semiclivadas em (25), acima (de objeto), não podem ser pseudoclivadas reduzidas ganha maior

²⁷⁰ O trabalho de 1994 da autora refere-se à sua tese de doutorado (publicada como livro em 1997) e o mais atual a que tivemos acesso até o momento da escrita desta tese é um de 2013, em co-autoria com Ruth Lopes (cf. seção das referências). Em todos os seus trabalhos nesse intervalo, Cyrino defende que o objeto nulo no PB é resultado de elipse e não ‘pro’, justamente porque não pode ser substituído por um pronome pleno: enquanto o pronome pleno só permite a leitura *strict* (cf. (ib)), o objeto nulo do PB apresenta ambas as leituras *strict* e *sloppy* (cf. (ia)):

- (i) a. O João reescreveu a sua carta e a Maria reescreveu ___ também. (*strict*: ‘a carta do João’ e *sloppy*:
‘a carta da Maria’)
b. O João reescreveu a sua carta e a Maria reescreveu ela também. (só *strict*: ‘a carta do João’)

Assim, Cyrino conclui que não há argumentos para uma análise *necessária* do objeto nulo como ‘pro’ no PB. Para mais detalhes e esclarecimentos sobre o objeto nulo no PB, consultar diretamente os trabalhos da autora.

substância.²⁷¹ Na sequência, detalhamos melhor como nossa proposta para as pseudoclivadas reduzidas se configura e em que bases é construída, explorando a análise de wh-drop como pro_{wh}.

Já comentamos anteriormente que o PB (e qualquer outra língua românica) não é uma língua conhecida por apresentar wh-drop, como ocorre nas perguntas em (22) acima. Entendemos que isso significa que um elemento wh em SpecCP não pode ser apagado nessa língua. Porém, ainda assim, há margem para uma ocorrência de wh-drop: se o constituinte wh de perguntas sobre o sujeito estiver *in situ*, isto é, na posição estrutural de sujeito e não em SpecCP (cf. *Vacuous Movement Hypothesis* de Chomsky 1986), então em línguas que apresentam pro-drop, o wh-drop de perguntas sobre o sujeito pode ser uma instância de pro-drop. Todas as línguas românicas que exibem as construções semiclivadas são pro-drop, pelo menos até certo grau, ainda que este seja reduzido, como é o caso do PB e do espanhol dominicano. Portanto, considerando que dentre os sujeitos elegíveis para pro-drop estão inclusos os sujeitos-wh, que ficam em SpecTP, entendemos que a versão reduzida de uma pseudoclivada do tipo A seja uma estrutura disponível *apenas* nos casos de sujeito. Além disso, como wh-drop em SpecCP não é uma opção disponível nas línguas que têm semiclivadas, isso limita a derivação das pseudoclivadas reduzidas precisamente aos casos de sujeito - o que vai ao encontro de ‘pro’ só ser possível como sujeito (como é o caso especificamente do PB, cf. nota 270, para a exclusão de ‘pro’ como objeto nulo). Sendo assim, temos condições de apresentar a sintaxe das pseudoclivadas reduzidas, provisoriamente ilustrada em (5) e depois em (23) acima, revisada agora em sua versão final em (26) abaixo:

²⁷¹ Para as semiclivadas de adjunto (como *A Maria dançou foi no trio elétrico*), a impossibilidade de uma derivação via pseudoclivada reduzida se dá por duas vias: em uma delas tal derivação é excluída, porque o nosso pro_{wh} é restrito à sujeito (logo sua exclusão já é terminal); na outra também é excluída, porque nem mesmo wh-drop é possível nesses casos. Wh-drop ocorre com argumentos, mas não com adjuntos, como podemos observar pelo contraste nos dados do holandês (fornecidos por Den Dikken, c.p.) abaixo:

- (i) a. Heb je gegeten?
‘have you eaten’
- b. Heb je gedanst?
‘have you danced’ (*‘Where did you dance?’)

A pergunta em (ia) pode significar *What have you eaten?*, caso em que o wh-drop responde por um argumento. Porém, a pergunta em (ib) não pode significar *Where did you danced?*, caso em que o wh-drop responderia por um adjunto: (ib) é interpretada somente como uma pergunta sim/não. Há uma razão intuitiva que nos leva a entender tal diferença: a presença de um argumento é prevista pela estrutura argumental do núcleo do predicado verbal, portanto, em uma língua que permite wh-drop, (ia) pode ser interpretada como uma pergunta-wh (de constituinte). Por outro lado, a presença de um adjunto não é assim prevista, logo, em (ib) não há bases para se postular um wh-drop adjunto, em outras palavras, não há como ‘recupera’-lo - daí que (ib) só pode ser uma pergunta sim/não. A ausência de wh-drop adjunto reforça, ainda mais, a restrição que defendemos aqui para o nosso pro_{wh} nas pseudoclivadas reduzidas.

- (26) a. [_{TopP} [_{TP} *pro_{wh}* morreu] [_{Top'} cópula [_{FP} eu [_{<TP>} *t* morri]]]]
 b. [_{TopP} [_{TP} *pro_{wh}* chegou] [_{Top'} cópula [_{FP} as crianças [_{<TP>} *t* chegaram]]]]

Com a estrutura em (26) para as pseudoclivadas reduzidas, cuja parte relevante para o *pro_{wh}* é ilustrada genericamente em (27c) abaixo, podemos entender por que essas sentenças podem ser encaixadas em *non-bridge verbs* (cf. (6c,d) e (6c',d') acima, dois desses exemplos repetidos em (27a,b)), enquanto as pseudoclivadas do tipo A não podem, como mostrado no capítulo 2 e exemplificado aqui por (28a-b), exemplos inequívocos de pseudoclivadas do tipo A. A parte relevante da estrutura dessas últimas está ilustrada genericamente em (28c):²⁷²

(sobre a peça...)

- (27) a. Eu lamentei que morreu foi eu. (e não o João; se fosse o João, tanto melhor)
 b. O João quer saber se chegou foi as crianças. (e não os adultos; dos adultos ele não quer saber)
 c. [_{CP} C [_{TopP} [_{TP} *pro_{wh}* ...] [_{Top} ...]]]
- (28) a. *A Maria lamenta que quem que beijou o João foi a Ana.
 b. *A Maria lamenta que o que o João não tem é sequer um tostão.
 c. *[_{CP} C [_{TopP} [_{CP} *wh* ...] [_{Top} ...]]]

²⁷² Notar que aqui não há problema quanto à satisfação do EPP de C-T que, nesses casos, está associado a um traço-D (cf. seção 3.2), já que tanto nas pseudoclivadas reduzidas em (27), quanto nas plenas em (28), SpecTP é (ou foi) ocupado sempre por um sujeito, seja ele um *pro_{wh}* (em 27), um *wh* pleno (em (28a)) ou um nome próprio (em (28b)).

O problema com a estrutura em (28c), uma pseudoclivada plena do tipo A encaixada, é que há uma sequência “C-Top-C” (“recursão de CP”): há um CP, o da oração-wh, diretamente encaixado em outro CP, o subordinado. Sempre que há recursão nas línguas naturais, há uma categoria diferente intercalando entre as recorrentes (uma categoria lexical ou uma categoria funcional de uma projeção estendida diferente). Assim, por exemplo, no caso em questão de C, poderíamos ter C-T-V-C, mas não o que há em (28c) (TopP em (28c) não conta, já que pertence à mesma projeção estendida de que C é parte). Por outro lado, a estrutura da pseudoclivada reduzida em (27c) não tem esse problema, uma vez que a oração em SpecTopP é um TP, logo não há a referida recursão direta de CP.²⁷³

Para tornar clara a diferença entre a pseudoclivada plena do tipo A em (28) e a reduzida em (27) no referido contexto encaixado, precisamos explicitar por que o pronome wh pleno de sujeito em (28a) também não pode permanecer em SpecTP, assim como o pro_{wh} em (27). Em (28a), a presença do *que* seguindo o wh já indica que ele está deslocado, mas na ausência do *que*, é necessário esclarecer por que sua posição não poderia ser a mesma do pro_{wh} em (27c), em outras palavras, por que em (28c), na estrutura da pseudoclivada (do tipo A) plena, o wh está sempre deslocado em SpecCP, mesmo quando for de sujeito.²⁷⁴ Aqui seguimos Den Dikken

²⁷³ As pseudoclivadas plenas encaixadas em *non-bridge verbs* mostradas inicialmente em (7) acima (em (ia), abaixo, repetimos um desses exemplos) são possíveis porque sua oração-wh é uma relativa livre (formando pseudoclivadas do tipo B), são, portanto, encabeçadas por um DP (segundo análises de relativas livres para o PB, como, por exemplo, Marchesan 2008, 2012 e Medeiros Júnior 2005) - o mesmo que acontece com sentenças copulares predicacionais encaixadas no mesmo contexto, cujo sujeito é também uma relativa livre, como (ib-c):

- (i) a. A Maria perguntou se quem chegou foi as crianças. (pseudoclivada do tipo B)
- b. Eu quero saber se o que ele fez com você foi desonroso. (copulares predicacionais)
- c. Eu lamento que o que a Maria fez tenha sido vergonhoso (para a sua família).

²⁷⁴ No exemplo em (28a) utilizamos o *que* (Comp duplamente preenchido) para deixar claro que a pseudoclivada encaixada é do tipo A, uma vez que sem o *que* ela também admitiria uma estrutura do tipo B, a qual possibilita o encaixamento. De qualquer forma, o ponto levantado acima é pertinente, uma vez que está em questão a comparação entre a estrutura em (27c) da pseudoclivada reduzida (sempre do tipo A) e a em (28c) da pseudoclivada plena do tipo A, que pode ou não ter um *que* em C.

(2006b) que argumenta que whs plenos²⁷⁵ de sujeito, quando focalizados, devem sempre ser movidos para SpecCP.²⁷⁶ Ele deriva esse resultado das propriedades de estrutura informacional da posição SpecTP - uma posição *default* de tópico. Em linhas gerais, em sua proposta, um operador-wh pleno deve atender duas condições: (a) estar em uma posição na qual tenha escopo sobre toda a sentença em LF e (b) não estar em SpecTP se for focalizado. A primeira condição não contribui para a distinção tratada aqui entre wh-sujeito pleno (realizado fonologicamente) e wh nulo, porque não requer movimento do pronome wh de sujeito (em qualquer dos casos) para SpecCP, já que mesmo em SpecTP, ele tem escopo sobre toda a sentença (toda a proposição). Porém, a segunda condição é a crucial para distingui-los e, assim, suportar a distinção estrutural mostrada entre a pseudoclivada reduzida (do tipo A) em (27c) e a pseudoclivada plena do tipo A em (28c). Adotando a condição (b), um wh de sujeito pleno, quando é foco, o que é sempre o caso nas sentenças interrogativas (lembrar que a oração-wh das pseudoclivadas do tipo A é uma interrogativa), precisa se mover para SpecCP, do contrário, a derivação não converge em PF. Diferentemente, se o wh de sujeito for nulo (como o pro_{wh}), não há problemas em PF se ele ficar em SpecTP, uma vez que elementos nulos nunca podem ser focalizados: focalização é diretamente relacionada à proeminência prosódica (e, evidentemente, elementos nulos não têm nenhuma condição de serem prosodicamente proeminentes), conseqüentemente, a condição (b) é suspensa nesse caso. Concluindo, tal abordagem faz as predições certas sobre o pro_{wh} quando comparado ao wh(interrogativo) pleno de sujeito: somente o primeiro, por ser um elemento nulo (não pronunciado), não causa nenhum conflito em PF se fica em SpecTP; assim, é lícito que (só) pro_{wh} permaneça nessa posição (posição que também garante seu escopo sobre toda a sentença) na estrutura de que é parte - pseudoclivadas reduzidas do tipo A, todas de sujeito.

Cabe-nos, ainda, fazer algumas considerações sobre o licenciamento do pro_{wh} , que integra nossas pseudoclivadas reduzidas e somente essas estruturas, já que não consta em perguntas

²⁷⁵ A inclusão de “plenos” (realizados fonologicamente) na proposta do autor tal como apresentada acima é nossa, visto que todos os casos de wh interrogativos tratados em seu referido trabalho já são de wh plenos (wh-drop não foi considerado), logo lá não se fazia necessária nenhuma especificação. Sua formulação original (p. 5; p. 11) é reproduzida em (i) abaixo:

(i) *When a subject-wh gets a focus interpretation, it must **not** be in SpecTP in overt syntax.*

²⁷⁶ Segundo esse autor, apenas em dois casos o wh-sujeito pode permanecer em SpecTP, a saber, em relativas de sujeito matrizes e em perguntas com wh-múltiplos nas quais o sujeito é interpretado como um quantificador universal (por exemplo, em ‘*quem comeu o que?*’ parafraseada como ‘*para cada pessoa, me diga o que ela comeu*’) - casos em que o wh-sujeito não é foco. Para mais detalhes, ver Den Dikken (2006b).

‘soltas’ na língua (não temos wh-drop em perguntas isoladas). Como sabemos, todo ‘pro’ requer licenciamento formal e de conteúdo (cf. Rizzi 1986). O pro_{wh} em SpecTP é licenciado formalmente pelos traços-phi de T, como ocorre geralmente nas línguas românicas pro-drop. Quanto ao seu licenciamento de conteúdo, ele não pode ser feito pelos mesmos traços, visto que o PB não tem mais uma concordância verbal rica: os traços-phi de T são ‘insuficientes’ para o licenciamento de conteúdo do ‘pro’ em PB.²⁷⁷ Mas, isso não é um problema no caso em questão, uma vez que esse licenciamento é assegurado dentro da própria pseudoclivada (reduzida): na mesma sentença complexa, pro_{wh} é (exaustivamente) identificado pelo foco da pseudoclivada, cujo valor é com ele compartilhado - daí que pro_{wh} só pode ocorrer nessas estruturas. Há, assim, uma restrição de localidade para o licenciamento de conteúdo do pro_{wh} (única instância de ‘wh-drop’ nas línguas românicas em questão): sua distribuição é restrita às pseudoclivadas do tipo A (então reduzidas) e não pode ser generalizada a qualquer pergunta-wh, já que nessas não há qualquer ‘licenciador de conteúdo’ local disponível para ele, ficando sem identificação. Salientamos, então, que, dada a necessidade de licenciamento de conteúdo de ‘pro’ (cf. Rizzi 1986) (que só não se aplica a ‘pro’ expletivos, mas claramente não é esse o caso nas sentenças tratadas aqui), nossa hipótese de pro_{wh} limita sua distribuição apenas às *self-answering questions*, isto é, apenas às pseudoclivadas (do tipo A), com uma única estrutura sintática tópico-comentário, porque somente essas estruturas cumprem esse requisito.^{278 279}

²⁷⁷ Já no trabalho clássico de Duarte (1995: 141-142), estava claro que “o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo [...]. Essa perda, entretanto, não se reflete no uso da língua como uma mudança concluída. O PB atual convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características pro-drop, e um sistema em desenvolvimento, em que a “riqueza funcional” perdida já não permite a identificação de *pro*”, sendo essa identificação, então, dependente da existência de um referente extra. Mas, ver também os trabalhos de Negrão a esse respeito, entre os quais destacamos o de 1999, em que é mostrado que o enfraquecimento da morfologia verbal não está diretamente relacionado a perdas de categorias vazias (tampouco ao uso de pronomes plenos); ao invés disso, as propriedades que caracterizam o PB tipologicamente como uma língua voltada ao discurso esvaziaram a função que o sistema flexional tem nas línguas voltadas para o sujeito.

²⁷⁸ Porém, nossa análise não se “acomoda” perfeitamente ao PE, uma vez que, diferentemente do PB, em PE os traços-phi de T são suficientemente “ricos” para prover o licenciamento de conteúdo de pro_{wh} , mas ainda assim, essa língua não conta com wh-drop em perguntas-wh em geral, fora do domínio das construções pseudoclivadas (reduzidas) do tipo A (*self-answering questions*), como aqui proposto.

Antes de encerrarmos este capítulo, gostaríamos de comentar, brevemente, a distribuição interlinguística das semiclivadas, sejam elas pseudoclivadas reduzidas (semiclivadas bioracionais) ou semiclivadas monoracionais. Apesar de não termos condições de oferecer, neste momento, uma explicação que dê conta da distribuição das semiclivadas plenamente, consideramos bastante relevante chamar a atenção para esse ponto, já que, até onde sabemos, absolutamente nenhuma outra análise na literatura sequer levanta tal questão. Assim, por exemplo, uma pergunta evidente a se fazer é por que o espanhol ibérico não tem semiclivadas, enquanto o espanhol caribenho tem. Sabemos que para o português, tanto o europeu quanto o brasileiro têm semiclivadas, então, por que só o espanhol do “velho mundo” não apresenta essas construções? Não temos essa resposta, mas gostaríamos de registrar aqui a pergunta para suscitar

²⁷⁹ Diferentemente das línguas românicas em questão e do PB, que não apresentam wh-drop em sentenças separadas no discurso (em perguntas-wh em geral), em línguas germânicas como o alemão e o holandês, isso é possível (cf. dados em (22) acima). Aliás, wh-drop nessas línguas só ocorre em sentenças matrizes, daí ser impossível na oração-wh de pseudoclivadas (do tipo A), dado o estatuto ‘híbrido’ dessa oração interrogativa entre encaixada e matriz (apesar de a oração-wh não ser dominada, ela é um constituinte em *left-branch*); assim, não há possibilidade de pseudoclivadas reduzidas nessas línguas. Den Dikken (2013) defende que wh-drop é um caso de PRO nessas línguas germânicas (e não de ‘pro’, já que elas não são *pro-drop*). Ele mostra, com suporte em dados do holandês, que uma análise de wh-drop como PRO_{wh} dá conta (i) da restrição à sentenças matrizes (sentenças encaixadas exigem o wh realizado), (ii) da restrição à categoria nominal (somente whs nominais admitem ser *dropped*) e (iii) da proibição a objetos indiretos (relacionada também pelo autor à impossibilidade de objetos indiretos nas *tough-movement constructions*; aqui ele faz referência a seu trabalho de 1995, *Particles*, em que oferece uma análise de operadores nulos baseada em PRO para objetos diretos *dropped*). Sendo o wh-drop em holandês e alemão um PRO_{wh}, não há requerimento de licenciamento de conteúdo, logo sua ocorrência em perguntas matrizes simples e não em pseudoclivadas. Apesar das diferenças quanto ao estatuto do wh nulo entre as línguas mencionadas (PRO nas referidas germânicas e ‘pro’ nas referidas românicas), os casos de wh-drop ocorrem sempre em contextos não dominados, isto é, a sentença encabeçada por ele (seja uma interrogativa matriz isolada, seja a interrogativa das pseudoclivadas do tipo A) não é dominada (entendendo que para x dominar y, todos os segmentos de x devem dominar y).

É válido notar ainda que, sendo os casos de wh-drop analisados como PRO em certas línguas e como ‘pro’ em outras, exclui-se a possibilidade de analisá-lo como resultado de elipse (apagamento em PF). Essa exclusão se deve à falta de evidência que prove a ocorrência de elipse nesses casos. Como um exemplo clássico de elipse, podemos mencionar as *sluicing constructions*, em que no TP que sofreu elipse há um vestígio do wh de lá extraído (na análise tradicional, cf. Ross 1969, Merchant 2001), como em (i) abaixo. No exemplo em (i) do alemão (exemplo extraído de Ross 1969: 253), a morfologia de Caso no wh mostra que ele é oriundo de um constituinte sintático plenamente desenvolvido (TP), que foi apagado em PF. Porém, nas pseudoclivadas não há como se obter semelhante evidência para elipse do wh, já que o wh nessas construções é sempre um wh simples, logo é impossível extração de dentro desse constituinte; em outras palavras, não há argumentos possíveis para uma estrutura sintática dentro do elemento elidido. Assim, a hipótese de elipse (apagamento em PF) é descartada e a hipótese mais viável nos parece ser aquela em que o wh-*dropped* é um elemento nulo desde o léxico, um ‘pro’ nas pseudoclivadas reduzidas - o que, como vimos, se ‘encaixa’ com os fatos mostrados neste capítulo (pseudoclivadas reduzidas são só de sujeito, ‘pro’ é restrito a sujeito, necessitando de licenciamento formal e de conteúdo, etc).

(i) Er will jemandem schmeicheln, aber sie wissen nicht, { *wen /wem }.
 he wants to someone(dat.) flatter, but they know not *who(acc.) /who(dat.)
 ‘He wants to flatter someone, but they don’t know who.’

futuras investigações, haja vista que perguntas dessa natureza nunca foram sequer introduzidas nos trabalhos sobre o assunto. Ainda assim, há algumas observações que já podemos oferecer aqui, como por exemplo, com relação ao francês, uma língua românica que não tem semiclivadas. Se nossa análise apresentada acima para as pseudoclivadas reduzidas estiver no caminho certo, entendemos por que o francês não conta com essas estruturas: o francês não pode derivar semiclivadas como pseudoclivadas reduzidas porque não é uma língua pro-drop (em nenhum grau), conseqüentemente pro_{wh} não existe nessa língua. É claro que isso é apenas uma parte da ‘resposta’, já que trata apenas do domínio das pseudoclivadas reduzidas. Com relação às semiclivadas monoracionais, por sua vez, sua ausência no francês pode ser entendida pela restrição dessa língua à Inversão de Predicado, que está limitada à ocorrência com proformas, como em (29):

(29) a. *Le roi est moi.

O rei é eu

b. Le roi c'est moi

O rei pron. é eu (cf. PB: “O rei {[?]é/sou} eu.”)

Como vemos em (29), o francês não tem sentenças copulares especificacionais simples na ordem predicado-sujeito, com o predicado ocupando a posição de sujeito estrutural (como ocorre nas construções com Inversão de Predicado). Ao invés disso, ele desloca à esquerda, para uma posição A-barras, o predicado *le roi* e usa a proforma *ce* na posição de sujeito (que pode também ser analisada como predicado (um predicado-pro resumptivo) que foi invertido com o sujeito da predicação *moi*). Tal restrição a predicados plenos na posição de sujeito estrutural, via Inversão de Predicado, pode explicar, em boa medida, a ausência de semiclivadas monoracionais no francês. Mesmo assim, isso não explica o conjunto completo, uma vez que há semiclivadas monoracionais, cuja derivação não emprega Inversão de Predicado, como quando o foco da sentença recai sobre o predicado, que já se encontra em posição final, no complemento do RELATOR que o relaciona com o seu sujeito (esse é, por exemplo, o caso das semiclivadas com foco em modificadores adverbiais). Portanto, ainda que para as semiclivadas bioracionais (pseudoclivadas reduzidas), nossa análise explique sua ausência no francês de modo completo,

para a ausência das semiclivadas monoracionais nessa língua, temos uma resposta apenas parcial, que toma a distribuição de Inversão de Predicado como um fator relevante.

Contudo, nossa explicação acima para a ausência de pseudoclivadas reduzidas (semiclivadas bioracionais) no francês, não se aplica, por exemplo, para o italiano e o espanhol ibérico, já que ambos são línguas pro-drop e, mesmo assim, não contam com essas construções. Outra limitação da explicação fornecida acima para o francês para a ausência de semiclivadas monoracionais (a saber, pela restrição à Inversão de Predicado) é verificada, por exemplo, para o italiano e o inglês, línguas conhecidas por exibirem Inversão de Predicado, como mostram os exemplos abaixo (cf. Moro 1997) que, no entanto, não apresentam semiclivadas:

- (30) a. Una foto del muro fu la causa della rivolta.
(A picture of the wall was the cause of the riot)
- b. La causa della rivolta fu una foto del muro.
(The cause of the riot was a picture of the wall)

Assim, não há dúvidas de que a distribuição interlinguística das construções semiclivadas é um assunto que requer o merecido estudo, com uma investigação específica, sobretudo entre as línguas românicas, em que já é atestada - o que é previsto em uma possível sequência a este trabalho. Por exemplo, uma vez que as semiclivadas já foram estudadas no espanhol caribenho, é interessante averiguar se o espanhol sul-americano também produz essas construções.²⁸⁰

Para finalizar, gostaríamos de salientar que, se estamos certos em defender a existência de semiclivadas que são pseudoclivadas reduzidas (semiclivadas bioracionais), ao lado das

²⁸⁰ Sem esgotar a discussão da distribuição interlinguística das semiclivadas, mas lançando novas perspectivas para ela, den Dikken, na defesa desta tese, reproduz uma sugestão interessante feita a ele por Cinque (c.p.) referente à restrição da derivação monoracional das semiclivadas justamente só às línguas que apresentam essas construções. Segundo den Dikken, Cinque sugeriu uma relação com a distribuição das construções de elipse nas línguas românicas, cuja sintaxe envolva *VP-fronting* - o que aparentemente não é possível em italiano, francês e espanhol ibérico, precisamente as línguas que não apresentam semiclivadas. Assim, essa (im)possibilidade de *VP-fronting* pelas línguas em questão teria relação com a (im)possibilidade de derivar semiclivadas monoracionais, ainda que só essas (já que as semiclivadas que são pseudoclivadas reduzidas não entram na questão aqui), além de essa possível relação só ser válida para as semiclivadas monoracionais que envolvam fronteamento de VP (como as de sujeito), mas não para todas. Apesar da relação sugerida só cobrir um subgrupo das semiclivadas, assim como as que apontamos acima no corpo do texto, é válido levá-la em consideração e explorar suas potenciais implicações, bem como prosseguir na investigação de outros fatores que podem atuar para que a distribuição interlinguística das semiclivadas seja esta que é.

semiclivadas monoracionais, tal análise se distingue de toda a literatura precedente no assunto, uma vez que as propostas anteriores são sempre homogêneas ao analisar as construções semiclivadas ou como sempre derivadas das pseudoclivadas, ou como sempre derivadas independentemente dessas. Além disso, a defesa da existência de um subgrupo de semiclivadas que são pseudoclivadas reduzidas, que, como vimos, só podem ser reduzidas de um dos tipos de pseudoclivadas, reforça a importância de uma análise que considere dois tipos de pseudoclivadas: um deles, referido como ‘tipo A’, que contém um par pergunta-resposta (uma *self-answering question*) em uma estrutura tópico-comentário e o outro, referido como ‘tipo B’, que contém uma relativa livre como o predicado do foco, este o sujeito da predicação básica em uma sentença copular especificacional.

3.5 Resumo do Capítulo

Neste último capítulo, tratamos de um subgrupo de semiclivadas, todas de sujeito, analisado como pseudoclivadas reduzidas, recebendo, assim como as pseudoclivadas (e diferentemente das semiclivadas verdadeiras), uma análise bioracional. Para tal, foi fundamental examinarmos o paradigma completo da concordância de traços-phi entre verbo lexical, cópula e foco (sujeito) nessas semiclivadas, no qual detectamos padrões diferentes de concordância: um deles, com concordância entre os três itens mencionados, somente derivado pela análise monoracional apresentada no primeiro capítulo e o outro, em que, crucialmente, o verbo lexical não concorda com o foco, mas sim exibe concordância de 3ª pessoa do singular, somente derivado por uma análise bioracional à semelhança das pseudoclivadas (nas quais o verbo lexical sempre concorda com o pronome *wh*, 3ª p.s.).

Essa semelhança com as pseudoclivadas ficou mais evidente quando testamos esses dois grupos de semiclivadas em contextos encaixados em *non-bridge verbs*. Como resultado, as semiclivadas verdadeiras (monoracionais) de sujeito não toleravam tal encaixamento, mas as semiclivadas que são pseudoclivadas reduzidas eram possíveis no mesmo contexto. Essa diferença foi ‘traduzida’ como uma restrição à inversão de predicados não-nominais, alçados a SpecTP em sentenças encaixadas em *non-bridge verbs*. E tal restrição foi explicada com base na composição de traços do núcleo C encaixado, em acordo com a *Feature Inheritance Hypothesis*

(Chomsky 2008) para a relação C-T, da seguinte maneira: (i) propusemos que o núcleo C encaixado em *non-bridge verbs* tem sempre um traço nominal (um traço-D) e (ii) que o EPP é associado a um traço-D sempre que esse traço está presente, então (iii) nos CPs encaixados em *non-bridge verbs*, o EPP é associado ao traço-D de C que, herdado por T, força o SpecTP a ser preenchido por um constituinte nominal. Por isso, só as semiclivadas monoracionais de sujeito, em que houve Inversão de Predicado, no caso, de um predicado não-nominal (o VP, em SpecTP), são banidas no referido contexto. Sendo assim, procuramos mostrar que o EPP não deve ser visto *a priori* como sendo sempre e universalmente sinônimo de um traço-D.

Uma vez mostrada a existência de pseudoclivadas reduzidas como construções diferentes das semiclivadas monoracionais e tendo defendido no capítulo precedente a existência de dois tipos de pseudoclivadas no PB, argumentamos por que elas devem ser reduzidas de pseudoclivadas do tipo A (*self-answering questions*, cuja oração-wh é uma interrogativa) e não do tipo B (uma copular especificacional, formada por uma *small clause*, cuja oração-wh é uma relativa livre, predicado do foco). A esse respeito, nossos argumentos centrais foram: a rigidez da ordem, atestada nas pseudoclivadas reduzidas e igualmente nas plenas do tipo A, mas nunca nas do tipo B, e a possibilidade de omissão do elemento wh ('wh-drop'), possível em interrogativas (ainda que não em PB), mas nunca em relativas livres.

Por fim, sobre a estrutura das pseudoclivadas reduzidas (do tipo A), oferecemos uma análise em que os whs nulos nessas construções são ocorrências de 'pro'. Assim, com os casos de wh-drop analisados como pro_{wh} nessas estruturas, explica-se por que sua distribuição é restrita só aos casos de sujeito, já que 'pro', especificamente no PB, responde apenas por sujeitos. Essa restrição garante que nossa análise não afete os vários contrastes apontados no primeiro capítulo entre pseudoclivadas e semiclivadas - ela não sobregera. O pro_{wh} é plenamente licenciado nas pseudoclivadas reduzidas: ele é formalmente licenciado pelos traços-phi de T e licenciado quanto ao conteúdo pelo foco da sentença, que provê a ele uma identificação no domínio da mesma sentença complexa (em uma única estrutura sintática tópico-comentário). Não há dúvidas da necessidade de pesquisas futuras sobre o assunto, especialmente no que tange à distribuição interlinguística das semiclivadas, tanto as monoracionais quanto as bioracionais (pseudoclivadas reduzidas), para o que fornecemos aqui algumas, ainda que poucas, considerações. Como é sempre o caso nas pesquisas científicas, investigações futuras sobre (eventuais) repercussões que

a análise proposta neste capítulo para os fatos aqui tratados como pseudoclivadas reduzidas possa ter confirmação ou refutação esta análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta tese foi descrever e analisar as construções semiclivadas e pseudoclivadas do português brasileiro, dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa. Como conclusão deste trabalho, gostaríamos de ressaltar algumas contribuições que ele traz e pontos que ficam em aberto para pesquisas futuras. Acreditamos que uma primeira contribuição está na descrição dos fatos, na “limpeza de terreno” feita para precisar as propriedades características dessas construções. Uma outra contribuição é a revisão crítica que fazemos de muitas (arriscaríamos dizer, de quase todas as) análises já propostas na literatura e de que tivemos conhecimento até então, tanto para as construções semiclivadas quanto para as pseudoclivadas. Esse repertório proporciona ao leitor interessado em estudar essas construções uma perspectiva das mudanças no tratamento para os fatos, seja por mudanças nos estágios da teoria, seja por se recorrer a estratégias diferentes dentro de um mesmo estágio da teoria. Ele proporciona também a identificação das motivações centrais de cada análise, o que cada uma enfatiza em seu tratamento, bem como uma avaliação dos seus pontos positivos e negativos e, nesses últimos, suas limitações.

Outra contribuição que o presente trabalho traz é explorar os dados tanto de semiclivadas como de pseudoclivadas no PB, uma língua interessante pela riqueza de variabilidade que traz, que nos levou a reconhecer a necessidade de uma análise dual. Em outras palavras, a heterogeneidade dos dados tanto de semiclivadas, com relação à concordância do verbo lexical, quanto de pseudoclivadas, pela diferença no tipo de sua oração-wh (interrogativa e relativa livre) e nos seus padrões (com oração-wh inicial e final), levou-nos a propor uma análise não homogênea, com a identificação de dois tipos. Assim, para as semiclivadas, defendemos a existência de semiclivadas monoracionais (o grande grupo), ao lado de semiclivadas bioracionais, essas versões reduzidas de pseudoclivadas. Por sua vez, para as pseudoclivadas, defendemos a existência de dois tipos, chamados de tipo A e tipo B, ambos bioracionais.

Quanto às semiclivadas monoracionais, nossa análise utiliza fundamentalmente a relação sintática de predicação *a la* Den Dikken (2006a) e a amplia, oferecendo uma visão larga dessa sintaxe da predicação, estendida também para as relações envolvendo objetos e os verbos que os selecionam, bem como entre os modificadores adverbiais e os constituintes que eles modificam,

realçando, assim, o largo papel da predicação na sintaxe. Segundo nossa análise, as construções semiclivadas se apresentam como uma evidência empírica para a representação do objeto como sujeito de uma predicação, sendo combinado na estrutura de forma similar ao sujeito prototípico, isto é, como o especificador de uma categoria funcional (um RELATOR).²⁸¹ Na visão defendida nesta tese, posições temáticas são especificadores de núcleos funcionais e tudo o que é combinado como complemento de um núcleo é constituinte não-tematicamente marcado por esse núcleo. Sendo assim, há um ganho em uniformidade na maneira de conceber a natureza da posição estrutural de complemento. Sabemos que, na abordagem tradicional que nos é familiar, os complementos de categorias funcionais são diferentes dos de categorias lexicais: só os últimos são tematicamente dependentes da categoria de que são complementos. Como não há muitas categorias lexicais na estrutura, mas, por outro lado, há muitas funcionais, sabemos também que há muito mais complementos não-tematicamente marcados do que tematicamente marcados. Então, sendo a maioria dos complementos uma posição estrutural não-temática, nossa mudança consiste em concebê-los todos nessa condição; com isso, a única posição temática na estrutura fica reservada à posição de especificador. Em outras palavras, ao invés de termos uma teoria em que a posição estrutural de complemento é às vezes uma posição temática e às vezes não-temática, defendemos uma teoria na qual a posição estrutural de complemento seja sempre não-temática e todo e qualquer argumento de um verbo ou de uma categoria lexical, ou melhor, de qualquer predicado em geral, seja sistematicamente introduzido na posição estrutural de especificador - especificador da categoria funcional (um RELATOR) que relaciona predicado a seu sujeito em cada caso.

Quanto às semiclivadas bioracionais, aquelas reduzidas de pseudoclivadas, talvez nossa contribuição mais geral resida nas considerações feitas sobre o EPP, questionando seu atrelamento absoluto a um traço-D. Em resumo, na discussão acerca da distinção entre os dois tipos de semiclivadas (motivada pelos fatos envolvendo a concordância do verbo lexical) quando testadas em contexto encaixado em *non-bridge verbs*, vimos que só as semiclivadas monoracionais de sujeito não toleram tal encaixamento, diferentemente das bioracionais ou pseudoclivadas reduzidas, para as quais o mesmo encaixamento é permitido. Segundo nossa

²⁸¹ Como apontado, esta forma de representar os objetos encontra suporte, maior ou menor, nos trabalhos de Larson (1988), Hale & Keyser (1993), Bowers (1993), Kratzer (1996) e Bowers (2010) (cf. capítulo 1, seção 1.4, para mais detalhes).

análise, as primeiras são derivadas via Inversão de Predicado; como resultado, SpecTP é preenchido pelo VP (o predicado do sujeito). Já nas segundas, em SpecTP há um pro_{wh} , portanto uma categoria nominal. Sendo assim, para dar conta da distinção quanto ao encaixamento no referido contexto, procuramos mostrar que a propriedade EPP nem sempre está associada a um traço-D do sistema C-T. Crucialmente, apenas no C encaixado em *non-bridge verbs*, o EPP é vinculado a um traço-D de C, que herdado por T, força o especificador desse núcleo a ser preenchido por material de natureza nominal - daí que só as pseudoclivadas reduzidas (em cujo SpecTP há um elemento nominal) toleram tal encaixamento. Portanto, além de mostrar que o EPP não deve ser visto *a priori* como sendo sempre e universalmente sinônimo de um traço-D, os fatos discutidos também suportam a *Feature Inheritance Hypothesis* de Chomsky (2008). Se o núcleo C não transmitisse seus traços para T via *Feature Inheritance* (ou se T não tivesse os mesmos traços que C), o fato de que C, quando em contexto encaixado em *non-bridge verbs*, tem um traço-D não deveria ter repercussões diretas na satisfação do EPP em T.

Por fim, com relação às pseudoclivadas, esperamos ter mostrado como orações-wh diferentes estão relacionadas a padrões diferentes, cada qual com uma estrutura sintática particular, bem como algumas decorrências que delas surgem e que contrastam entre si, conforme previsto pela análise de cada tipo. Assim, com base na contribuição dos dados do PB, em sua heterogeneidade, bem como dos de outras línguas em que as pseudoclivadas já foram estudadas e que servem de suporte para uma análise dual, entendemos que as construções pseudoclivadas podem ser representadas de duas formas pela gramática das línguas:²⁸² como uma *self-answering question* (à semelhança dos pares pergunta-resposta), em uma estrutura tópico<comentário e/ou como uma relação de predicação simples, em uma *small clause*, em que a oração-wh é um predicado nominal, logo, uma relativa livre, e o foco da sentença é o sujeito dessa predicação. Mencionamos línguas que podem apresentar ambos os tipos de pseudoclivadas (como defendido aqui para o PB) e línguas que apresentam apenas um deles, por restringirem o tipo de oração-wh (não-ambígua) que as constitui. Acreditamos que apesar de uma análise dual perder à princípio em economia, quando comparada a uma análise homogênea, ela tem a vantagem de uma maior

²⁸² Essa análise segue, em linhas gerais, a proposta dual de DMW (2000), mas faz modificações em sua implementação em relação à análise desses autores (cf. capítulo 2, seção 2.6). É importante salientar que o precursor de um tratamento ‘cindido’ para as pseudoclivadas foi Akmajian (1970), especificamente para as pseudoclivadas do inglês. Depois dele, além de DMW (2000), Rafal (2009) e Barbosa (2013), defenderam tratamento semelhante para as pseudoclivadas do ilocano e do PE, respectivamente, a que o presente trabalho se soma para o PB.

cobertura empírica, de previsões mais acuradas e de maior potencial para alcance interlinguístico. Quanto aos famosos efeitos de conectividade que as pseudoclivadas podem apresentar, mostramos quais merecem tratamento sintático e quais não; bem como quais são determinantes para a defesa de dois tipos. Mostramos, ainda, como nossa análise sintática para as sentenças pseudoclivadas as distingue da sintaxe de sentenças com sequência aparentemente idêntica, mas que não podem ser confundidas com pseudoclivadas.

Especificamente com relação às pseudoclivadas do tipo A, cujo contrapeso consiste em uma resposta sentencial completa, sujeita à elipse preferencial do material repetido, é interessante ressaltar, ainda, que a análise desse tipo oferece suporte à generalização de Merchant (2001) sobre a (im)possibilidade de *P-stranding* nas línguas em construções de *sluicing*, relacionada à mesma (im)possibilidade em movimento wh ordinário. Os fatos relativos à referida (im)possibilidade em pseudoclivadas no PB e em outras línguas se comportam conforme previsto pela generalização de Merchant (2001). Os mesmos fatos se conformam, portanto, à análise de elipse defendida pelo autor, com interessante paralelo com os casos de *fragments*/respostas curtas (Merchant 2004): a favor de elipse de constituinte (contra *string ellipsis*), e via movimento, tal como em *sluicing* e nos *fragments*, com movimento do XP foco (em *sluicing*, do wh) para a periferia esquerda da sentença, seguido de apagamento em PF do TP remanescente.

Finalmente, comentamos sobre as limitações deste trabalho, pontos que não conseguimos resolver, que ficam em aberto para investigações futuras. Um deles diz respeito à distribuição interlinguística das construções semiclivadas. A questão que surge aqui é por que essas construções estão limitadas ao português e ao espanhol e não aparecem nas demais línguas românicas? Mais ainda, por que não aparecem no espanhol ibérico, mas apenas no espanhol caribenho? Apesar de não termos conseguido oferecer, neste trabalho, uma explicação que dê conta da distribuição das semiclivadas plenamente, pois só oferecemos algumas hipóteses com alcance parcial, até onde sabemos, nenhuma outra análise na literatura precedente sequer levanta tal questão, que procuramos, ao menos, deixar destacada aqui para alvo futuro.

Dentre as várias questões em aberto que este trabalho possivelmente deixa, apontamos nessas considerações finais, mais duas, estas referentes às pseudoclivadas. Uma delas é tentar dar conta da harmonia temporal entre a cópula e o verbo da oração-wh nas pseudoclivadas do tipo B. Não nos é evidente como essa harmonia temporal pode ser tratada na estrutura do tipo B. A outra questão em aberto que gostaríamos de retomar é como analisar as possibilidades de concordância

da cópula, ora com o foco (sujeito da predicação), ora com a relativa livre (o predicado nominal) nas pseudoclivadas do tipo B. Nos limites desta tese e, em face dos problemas e limitações que *todas* as análises já propostas para tratar da concordância nas sentenças copulares especificacionais, entre as quais se incluem as pseudoclivadas, têm, até onde conhecemos, conforme procuramos mostrar (cf. capítulo 2, seção 2.6.2), não temos condições de apresentar aqui uma solução (que não seja *ad hoc*) para o problema. Essas questões em aberto servem, assim, como direcionamentos futuros para nós e para quem quiser se dedicar ao estudo desse fenômeno intrigante das línguas naturais.

Como últimas palavras desta tese, gostaríamos de destacar o grande potencial da teoria da sintaxe da predicação (baseada em den Dikken (2006a) e com as extensões feitas aqui), utilizada fundamentalmente neste trabalho para tratar de *todas* as construções analisadas e suas variações, bem como dos fenômenos envolvidos nesse conjunto (entre eles, destacamos a predicação de advérbios, a predicação secundária, o objeto como sujeito, entre outros). Esperamos ter mostrado como o largo emprego dessa teoria da predicação, realizado aqui ao longo de cada capítulo, deixa uma contribuição importante para ressaltar o valor abrangente dessa teoria²⁸³ e seu potencial promissor para outras futuras investigações.

²⁸³ Valor cuja abrangência já foi amplamente demonstrada para várias construções e de um grande número de línguas no trabalho original de den Dikken (2006a), que o presente trabalho oferece sua contribuição para consolidar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKMAJIAN, A. 1970. 336f. *Aspects of the grammar of focus in English*. Doctoral Dissertation, MIT.
- ALBOIU, G. 2002. *The Features of Movement in Romanian*. Bucharest: University of Bucharest Press.
- ALEXIADOU, A. & GIANNAKIDOU, A. 1998. Specificational Pseudoclefts and the Semantics of Lists. In *ZAS Papers in Linguistics*. Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Berlin. p. 1-21.
- ARAÚJO, E. A. 2006. *As construções de tópico do Português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- AVELAR, J. 2009. Inversão Locativa e Sintaxe de Concordância no Português Brasileiro. *Matraga*. Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun.
- AVELAR, J. & CYRINO, S. 2008. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 3.
- BARBOSA, P. 2013. Pseudoclefts: (echo) questions and answers. Handout presented at *Workshop on Portuguese Syntax*, Università Ca' Foscari di Venezia, Italia.
- BARBIERS, S.; KOENEMAN, O. & LEKAKOU, M. 2008. Syntactic Doubling and the Structure of Chains. In: Chang, C.B. & H.J. Haynie (ed.). *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- BELLETTI, A. 2004. Aspects of the low IP area. In L. Rizzi (ed.), *The structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. New York: Oxford University Press.
- BELVIN, R. & DEN DIKKEN, M. 1997. *There, happens, to, be, have*. *Lingua* 101. 151–83.
- BOECKX, C. 2007. Pseudoclefts: a fully derivational account. In *Linguistic theory and South-Asian languages: Essays in honour of K. A. Jayaseelan*. Ed. J. Bayer, T. Bhattacharya, and M. T. H. Babu, 29-40. Amsterdam: John Benjamins.

BOSKOVIC, Z. 1997. Pseudoclefts. In: *Studia Linguistica*. v. 51, n. 3, 253-277.

BOSQUE, I. 1999. On focus vs. wh-movement: the case of Caribbean Spanish. In: *Sophia Linguistica - Working Papers in Linguistics*. n. 44/45, 1-32.

BOWERS, J. 1993. The Syntax of Predication. *Linguistic Inquiry*, vol. 24, 591-656.

_____. 2010. *Arguments as relations*. Cambridge, MA: MIT Press.

BRAGA, M. L.; KATO, M.; MIOTO, C. 2009. As construções-Q no português brasileiro culto falado: relativas, clivadas e interrogativas. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III. Campinas: Editora Unicamp.

CAMACHO, J. 2006. In Situ focus in Caribbean Spanish: Towards a unified account of focus. *Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

CAPONIGRO, I. & HELLER, D. 2007. The Non Concealed Nature of Free Relatives: Implications for Connectivity in Specificational Sentences. In: C. Barker and P. Jacobson (eds.), *Direct Compositionality*, Oxford University Press. p. 237-263.

CHOMSKY, N. [1955] 1975. *The logical structure of linguistic theory*. New York: Plenum Press.

_____. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

_____. 1986. *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press.

_____. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press.

_____. 2000. Minimalist Inquiries: The Framework. In: *Step by step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, Roger Martin, David Michaels & Juan Uriagereka (eds), p. 89-155, Cambridge, MA: The MIT Press.

_____. 2001. Derivation by phase. In Kenstowicz, M. (ed) *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1-52.

_____. 2004. Beyond explanatory adequacy. In Belletti, A. (ed) *Structures and Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 104-131.

_____. 2008. On Phases. In: Freidin R., Otero, C. & Zubizarreta, M-L. (eds.) *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, MA: MIT Press, 133-166.

COOPMANS, P. 1989. Where stylistic and syntactic processes meet: Locative Inversion in English. *Language* 65. 728–51.

COSTA, J. & DUARTE, I. 2001. Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em Português. In C. Nunes Correia e A. Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

CYRINO, S. 1997. *O objeto nulo no Português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico*. Editora da UEL. Londrina.

CYRINO, S. LOPES, R. 2013. The licensing of object ellipsis in Brazilian Portuguese. *Incontro de Grammatica Generativa* 39. University of Modena and Reggio Emilia.

DIKKEN, M. den. 1995. *Particles: On the Syntax of Verb-Particle, Triadic and Causative Constructions*. Oxford: Oxford University Press.

_____. 1998. Appraising “The raising of predicates” (Review of Moro 1997). *Linguistische Berichte* 174: 246–263. *Linguistische Berichte* 174. 246–63.

_____. 2005. Specificational copular sentences and pseudoclefts. In: M. Everaert & H. van Riemsdijk (eds), *The Blackwell Companion to Syntax*. Oxford: Blackwell. Vol. IV, Chapter 61.

_____. 2006a. *Relators and Linkers: the Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

_____. 2006b. *Vacuous movement in focus - On the syntax of highest-subject wh-questions and relative clauses*. Paper presented at 29th GLOW, Universitat Autònoma de Barcelona; ms., CUNY Graduate Center.

_____. 2007. Phase Extension: Contours of a Theory of the Role of Head Movement in Phrasal Extraction. *Theoretical Linguistics* 33. 1-41.

_____. a sair. Why don't small clauses and TPs move as intact constituents? In *The Book of Syntactic Questions*. Ed. Hubert Haider & Henk van Riemsdijk.

_____. 2013. Issues in the syntax of specificational copular sentences and (pseudo)clefts. *SCILLS 3 (Pazmany Summer Course in Linguistics for Linguistics Students)*, Piliscsaba, Hungary.

_____. (a sair). Specificational copular sentences and pseudoclefts. In: M. Everaert & H. van Riemsdijk (eds), *The Blackwell Companion to Syntax*, 2nd edition. Oxford: Blackwell.

DIKKEN, M. den, MEINUNGER, A. & WILDER, C. 2000. Pseudoclefts and ellipsis. *Studia Linguistica* 54, 41–89.

DUARTE, M. E. 1995. *A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP.

ERTESCHIK-SHIR, N. 2007. *Information structure. The syntax-discourse interface*. Oxford: Oxford University Press.

FERNANDES, F. R. 2007. *Ordem, focalização e preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

GUESSER, S. 2011. *La Sintassi delle frasi cleft in Portoghese Brasiliano*. 190f. Tese de Doutorado. Università di Siena.

GROLLA, E. 2003. *Pseudoclefts in American Sign Language*. Ms., University of Connecticut.

GUÉRON, J.; HOEKSTRA, T. 1995. The temporal interpretation of predication. In Anna Cardinaletti & Maria Teresa Guasti (eds), *Small clauses*. San Diego: Academic Press. 77–107.

HAEGEMAN, L.; GUÉRON, J. 1999. *English Grammar – a generative perspective*. Oxford: Blackwell.

HALE, K. & KEYSER, S. J. 1993. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In K. Hale and S. J. Keyser, eds., *The View from Building 20*, 53–109. Cambridge, MA: MIT Press.

HARTMANN, J., HEGEDUS, V. & SURÁNYI, B. 2011. Pseudoclefts in Hungarian and German. Paper presented at *10th International Conference on the Structure of Hungarian (ICSH)*, Lund University.

HANKAMER, J. 1974. On the Non-Cyclic Nature of Wh-Clefting. *Proceedings of CLS 10*, p. 221-233. Chicago, IL: CLS.

- HEDBERG, N. 1993. On the Subject-Predicate Structure of Pseudoclefts. In: M. Eid and G. Iverson, eds. *Principles and Prediction: The Analysis of Natural Language. Papers in Honor of Jerry Sanders*. John Benjamins, 119-134.
- HEGGIE, L. 1988. *The syntax of copular structures*. PhD dissertation. University of Southern California.
- HELLER, D. 1999. *The Syntax and Semantics of Specificational Pseudoclefts in Hebrew*. Masters Thesis, Tel Aviv University.
- HEYCOCK, C. 2012. Specification, equation, and agreement in copular sentences. *Canadian Journal of Linguistics/Revue canadienne de linguistique* 57(2): 209–40.
- HEYCOCK, C. & KROCK, A. 1999. Pseudocleft Connectedness: Implications for the LF Interface Level. In: *Linguistic Inquiry*. v. 30, n° 3, 365-397.
- HIGGINS, J. R. 1973. *The pseudo-cleft construction in English*. 361f. Doctoral Dissertation, MIT. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club.
- HOEKSTRA, T. 1988. Small Clauses Results. In *Lingua* 74, 101-139. North Holland.
- _____. 2004. *Arguments and Structure: Studies on the Architecture of the Sentence*. R. Sybesma et.al, eds. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- HORVATH, J. 2000. Interfaces vs. the computational system in the syntax of focus. In Hans Bennis, Martin Everaert & Eric Reuland (eds), *Interface strategies*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences. 183–207.
- _____. 2005. Is “Focus Movement” Driven by Stress? In: *Approaches to Hungarian*, p. 131-158.
- _____. 2007. Separating "Focus Movement" from Focus. In S. Karimi, V. Samiian and W. Wilkins, eds., *Phrasal and Clausal Architecture*, Amsterdam: John Benjamins Publishers, 108-145.
- IATRIDOU, S. & VARLOKOSTA, S. 1998. *Pseudoclefts Crosslinguistically*. *Natural Language Semantics* 6, 3-28.
- KAMPEN, J. van. 1997. *First steps in wh-movement*. Diss., Utrecht University.

KATO, M. 1996. *VS constructions, cleft sentences and narrow focus in Brazilian Portuguese*. Ms. UNICAMP, 1996.

_____. 2009. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de *foco* no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 38 (1): 375-385.

_____. 2010a. Optional prepositions in Brazilian Portuguese. In: Arregi, K., Fagyal, Z., Montrul, S. A. & Tremblay, A. (eds.). *Romance Linguistics 2008: Interactions in Romance*. Selected papers from the 38th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), Urbana-Champaign, April 2008. John Benjamins, vii.

_____. 2010b. Clivadas sem operador no português brasileiro (Clefts without an operator in Brazilian Portuguese). *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p. 61-77. Disponível em:
<http://estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/188/269>.

KATO, M. & MIOTO, C. 2009. Pseudo-clivadas e os efeitos de conectividade. Trabalho apresentado no *Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística* (ANPOLL). UnB/Brasília.

KATO, M. & MIOTO, C. 2012. *Pseudoclefts and semi-clefts in Portuguese and Caribbean Spanish: An analysis based on Portuguese*. Ms., UNICAMP / UFSC.

KATO, M. & NUNES, J. 2007. A uniform raising analysis for standard and non-standard relative clauses in Brazilian Portuguese. Paper presented at the *Workshop on Generative Syntax of Brazilian Portuguese*. USP.

KATO, M. & RAPOSO, E. 2007. Topicalization in European and Brazilian Portuguese. In: J. Camacho, M.J. Cabrera, L. Sánchez e V. Deprez (eds). *Romance Linguistics: selected papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages* (LSRL) 213-226. Amsterdam: John Benjamins.

KATO, M. A. & RIBEIRO, I. 2005. Cleft sentences and WH-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis. Paper presented at the *35th LSRL (Linguistic Symposium on Romance Languages)*, Austin, Texas.

KAYNE, R. 1994. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

_____. 2002. Pronouns and their antecedents. In: S. Epstein & D. Seely (eds). *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*. Oxford: Blackwell, 133-166.

KISS, K. É. 1998. Identificational focus versus information focus. *Language*, n. 74, p. 245-273.

KRATZER, A. 1996. Severing the external argument from its verb. In: Johan Rooryck and Laurie Zaring, eds. *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 109-137.

LACERDA, R. 2012. *Quantificadores Flutuantes no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LAMBRECHT, K. 2001. A framework for the analysis of cleft constructions. In: *Linguistics*, v. 39, n. 3, 463-516.

LARSON, R. 1988. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19, 335–391.

LIMA, A. 2006. *Post Verbal Subjects and Agreement in Brazilian Portuguese*. Masters Thesis, UCLA.

LOBO, M. 2006. Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, p. 457-473.

LUNGUINHO, M, V. 2011. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

_____. 2011. *O sistema de verbos modais e sua sintaxe*. Ms. Universidade de São Paulo.

MARCHESAN, A. C. 2008. *As relativas livres em português brasileiro e os requerimentos de compatibilidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. 2012. *As Relativas Livres no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MASSAM, D. 2001. On predication and the status of subjects in Niuean. In W. Davies & S. Dubinsky (eds), *Objects and other subjects: Grammatical functions, functional categories, and configurationality*. Dordrecht: Kluwer. 225–246.

MEDEIROS JUNIOR, P. 2005. *Sobre Sintagmas-Qu e Relativas Livres no Português*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.

MEINUNGER, A. 1997. The structure of cleft and pseudo-cleft sentences. *The Syntax and Semantics of Predication* [Texas Linguistic Forum 38], eds R. Blight & M. Moosally, 235-246.

MENDEZ-VALLEJO, D. C. 2012. On the syntax of the focalizing *ser* ('to be') structure in the Spanish of Bucaramanga. In: R. File-Muriel & R. Orozco (eds), *Colombian Varieties of Spanish*, Iberoamericana-Vervuert.

MENUZZI, S. 1999. *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Universidade de Leiden, Holanda.

_____. 2009. Comentários sobre o artigo "Pseudoclivadas e os Efeitos de Conectividade", de Mary Kato e Carlos Miotto. Debate realizado no *Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística* (ANPOLL). UnB/Brasília.

MERCHANT, J. 2001. *The syntax of silence: sluicing, islands, and the theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press.

_____. 2002. Swiping in Germanic. In: C. Jan-Wouter Zwart and Werner Abraham (eds.), *Studies in comparative Germanic syntax*, p. 295-321. John Benjamins: Amsterdam.

_____. 2004. Fragment and ellipsis. *Linguistics and Philosophy* 27: 661–738.

MIKKELSEN, L. 2005. *Copular Clauses Specification, predication and equation*. Amsterdam: John Benjamins.

MIOTTO, C. 2006a. Clivagem no PB. In: *Ciclo de Palestras na USP*. São Paulo: USP.

_____. 2006b. Focus and Clefting. In: *Workshop on Formal Linguistics*. Florianópolis: UFSC.

_____. 2008. Pseudo-clivadas reduzidas em espanhol caribenho e em português brasileiro. Trabalho apresentado no Colóquio România Nova - *ALFAL (Associação de Lingüística e Filologia da América Latina)*. Montevideo.

MIOTTO, C. & NEGRÃO, E. V. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: Castilho, A.T. de; Torres de morais, M. A., Lopes, R.E.V.; Cyrino, S.M.L. (orgs). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP; Campinas, Pontes, 159-183.

MODESTO, M. 2001. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP.

MORO, A. 1997. *The Raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 2000. *Dynamic Antisymmetry*. Cambridge: The MIT Press.

NAKAO, C. YOSHIDA, M & ORTEGA-SANTOS, I. 2012. On the Syntax of Why-Stripping. *Proceedings of the 30th West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. Nathan Arnett and Ryan Bennett, 270-280. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

NEGRÃO, E. V. 1999. *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de livre-docência. Universidade de São Paulo, São Paulo.

NUNES, J. M. 2004. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, MA: MIT Press.

PILATI, E. 2002 *Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

_____. 2006. *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.

PIRES, A. 2007. The Subject, it's here! The varying structural positions of preverbal subjects. *DELTA*, vol. 23, n. spe., p. 113-146.

POLLI, T. C. 2008. *A Periferia à Esquerda da Sentença no Português Brasileiro: Funções Discursivas de seus Constituintes e sua Derivação*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

POLLOCK, J. Y. 1989. Verb movement, Universal Grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, 365-424.

QUAREZEMIN, S. 2009. *Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH, G., SVARTVIK, J. 1972. *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman.

RAFAL, J. 2009. Analysing Ilokano Pseudoclefts. In: *U. Penn Working Papers in Linguistics*, vol. 15.1.

RESENES, M. S. 2009. *Sentenças Pseudoclivadas do Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. 2010. Pseudo-clivadas e duplicação sintática: uma operação de cópia parcial. *Anais do XXV ENANPOLL - Grupo de Trabalho Teoria da Gramática*.

_____. 2011a. Pseudoclefts in Brazilian Portuguese: an analysis in terms of partial copying. Trabalho apresentado no *Brazilian-Italian Comparative Syntax, Semantics and Acquisition Workshop*, Siena.

_____. 2011b. *A sintaxe das sentenças pseudoclivadas do Português Brasileiro*. Relatório de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo.

_____. 2012. *A Sintaxe das Sentenças Pseudoclivadas do Português Brasileiro*. Relatório anual submetido à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

RESENES, M. S. & DEN DIKKEN, M. 2012. Semi-clefts as a window on the syntax of predication, modification, and complementation. *48th Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society* (CLS), Chicago.

RESENES, M. S. & LUNGUINHO, M. 2010. *A contribuição das pseudoclivadas para a distinção controle x alçamento: o caso dos verbos modais*. VII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Universidade Federal do Paraná.

RIBEIRO, I. & CÔRTEZ JÚNIOR, M. 2009. As construções pseudoclivadas e clivadas. In: *O Português Afro-Brasileiro*. Lucchesi, D.; Baxter, A.; Ribeiro, I. (orgs.) Salvador: EDUFBA.

RIZZI, L. 1986. Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 17, 501-557.

_____. 1997. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, p. 281-337.

RODRIGUES, C., NEVINS, A. & VICENTE, L. 2009. Cleaving the interactions between sluicing and preposition stranding. In *Romance Languages and Linguistic Theory: Selected papers from 'Going Romance'*, Amsterdam, December 2006, ed. D. Torck and W. L. Wetzels, 175-198. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing.

ROMERO, M. 2005. Concealed questions and specificational subjects. *Linguistics and Philosophy* 28.6, p. 687-737.

ROSS, J. R. 1969. Guess Who?. In: Robert I. Binnick, Alice Davison, Georgia M. Green, Jerry L. Morgan et. al. (eds.), *Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 252-286, Chicago.

_____. 1992. *That is the Question*. Ms. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. s/d (a). *Inversion and pronominalization in pseudoclefts*. Ms. University of North Texas.

_____. s/d (b). *The architecture of emphasis*. Ms. University of North Texas.

_____. s/d (c). *Inversion and coreference in pseudoclefts*. Ms. University of North Texas.

_____. 2000. The frozenness of pseudoclefts – towards an inequality-based syntax. In Arika Okrent and John P. Boyle (eds.), *Proceedings of the Thirty-Sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago Linguistic Society, University of Chicago, Chicago, Illinois, 385-426.

_____. 2004. The syntax of emphasis – a base camp. In Christian Leclère, Eric Laporte, Mireille Piot et Max Silberztein (eds.), *Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire (Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar): Hommage à Maurice Gross*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 547-559.

_____. 2011. An automodular perspective on the frozenness of pseudoclefts, and vice versa. In Tista Bagchi, Katharine P. Beals and Etsuyo Yuasa (eds.), *Pragmatics and Autolexical Grammar: In Honor of Jerry Sadock*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 243-260.

STAHLKE, H. 1970. Serial verbs. *Studies in African Linguistics* 1. 60–99.

SCHLENKER, P. 2003. Clausal Equations (a note on the connectivity problem). *Natural Language & Linguistic Theory* 21: 157-241.

SELKIRK, E. 1995. Sentence prosody: Intonation, stress, and phrasing. In John Goldsmith, ed., *The Handbook of Phonological Theory*, 550–569. Oxford: Blackwell.

SHARVIT, Y. 1999. Connectivity in Specificational Sentences. *Natural Language Semantics* 7, 299-339. Kluwer Academic Publishers.

SOUZA, L. M., GRITTI, L. & PIRES DE OLIVEIRA, R. 2008. Um estudo sobre os itens de polaridade negativa no PB e seu licenciamento. *Working Papers em Linguística*, v. 9, p. 41-56.

STOWELL, T. 1981. *Origins of phrase structure*. Ph.D. dissertation, MIT.

_____. 1983. Subjects across categories. *The Linguistic Review* 2, 285-312.

TORÍBIO, A. J. 1992. Proper government in Spanish subject relativization. *Probus* 4: 291-304.

_____. 2002. Focus on clefts in Dominican Spanish. In J. Lee, K. Geeslin & C. Clements (eds), *Structure, meaning, and acquisition of Spanish*. Somerville, MA: Cascadilla Press. 130-46.

VIOTTI, E. 1999. *A sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. 2005. O Caso *default* no português do Brasil: revisitando o Caso dos inacusativos. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 53-71, jul./dez.

ZUBIZARRETA, M. L. 1998. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MA: MIT Press.

WHEELER, D. 1982. Portuguese Pseudo-Clefts: Evidence for Free Relatives. *Papers from the 18th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: the University of Chicago, 507-520.

WILLIAMS, E. 1983. Semantic vs. syntactic categories. *Linguistics and Philosophy* 6, 423-446.